



**GRANDES  
CLÁSSICOS  
DA**

**O PRÍNCIPE**

# **ESTRATÉGIA**

**A ARTE DA GUERRA**



  
**EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA**

**O LIVRO DE CINCO ANÉIS**

GRANDES CLÁSSICOS DA ESTRATÉGIA

# A ARTE DA GUERRA

SUN TZU

Tradução de Elvira Vigna  
Prefácio de Gustavo Cerbasi

# O LIVRO DE CINCO ANÉIS

*O guia clássico de estratégia japonesa para os negócios*

MIYAMOTO MUSASHI

Prefácio de Waldez Ludwig  
Tradução de Fernando Barcellos Ximenes

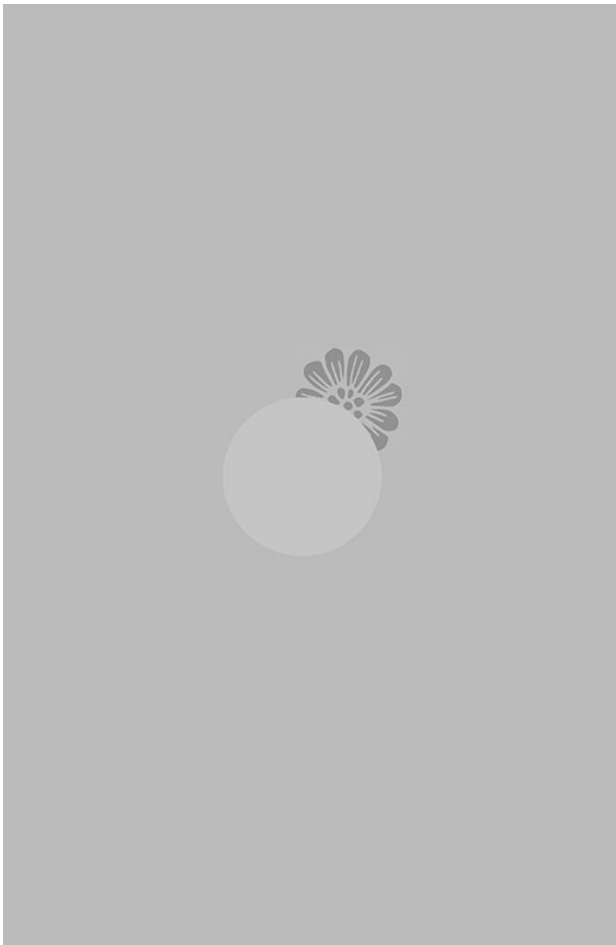
# O PRÍNCIPE

NICOLAU MAQUIAVEL

Tradução, prefácio e notas de Lívio Xavier  
Em apêndice, carta de Nicolau Maquiavel a Francisco Vettori



# A ARTE DA GUERRA



# A ARTE DA GUERRA

SUN TZU

Tradução de Elvira Vigna  
Prefácio de Gustavo Cerbasi



Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T999a

Tzu, Sun

A arte da guerra / Sun Tzu ; tradução Elvira Vigna. - [23. ed.]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

96 p.

Tradução de: The art of war  
Prefácio de Gustavo Cerbasi  
ISBN: 978-85-2093-752-5

1. Ciência militar - Obras anteriores a 1800. I. Vigna, Elvira. II. Título.

16-38427

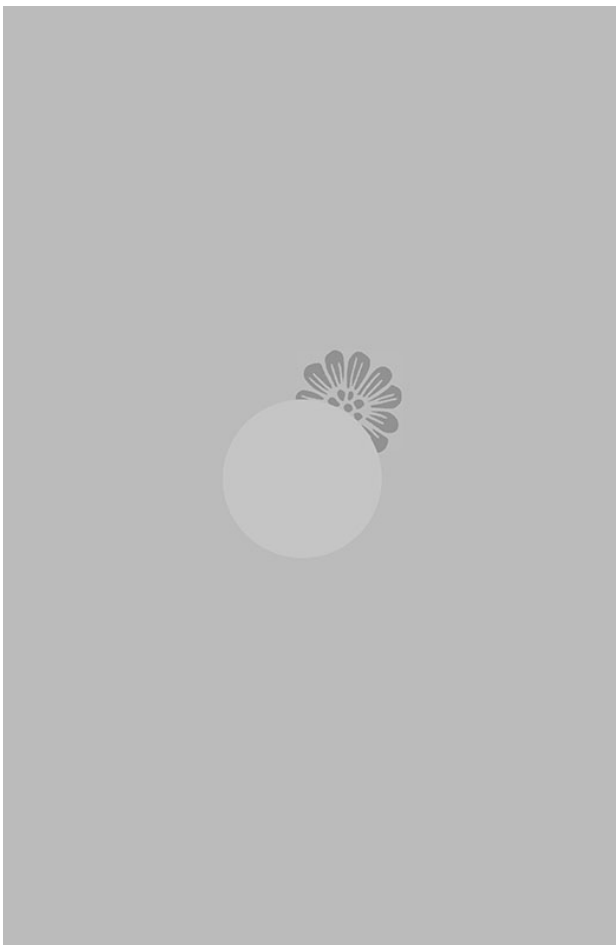
CDD: 355.02

CDU: 355.01

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.  
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8312/8313

“O verdadeiro objetivo da guerra é a paz.”

SUN TZU



# SUMÁRIO

Capa

Livro 1

Folha de rosto

Créditos

Citação

Prefácio

I. Desenvolvendo planos

II. Em meio à guerra

III. O ataque através de estratagemas

IV. Disposições táticas

V. O uso da energia

VI. Pontos fracos e pontos fortes

VII. Manobrando um exército

VIII. Variações das táticas

IX. O exército em marcha

X. Classificação de terreno

XI. Os nove posicionamentos

XII. Ataque por fogo

## XIII. O uso de espiões

### Livro 2

Folha de rosto

Prefácio

Apresentação

O Autor

O Livro de Cinco Anéis - Go Rin No Sho

Introdução

O Livro da Terra

O CAMINHO DA ESTRATÉGIA

COMPARAÇÃO DO CAMINHO DO CARPINTEIRO COM A  
ESTRATÉGIA

O CAMINHO DA ESTRATÉGIA

ESBOÇO DOS CINCO LIVROS DESTE LIVRO DE  
ESTRATÉGIA

O NOME DE ICHI RYU NI TO (UMA ESCOLA — DUAS  
ESPADAS)

A VANTAGEM DOS DOIS CARACTERES QUE SIGNIFICAM  
“ESTRATÉGIA”

AS VANTAGENS DAS ARMAS NA ESTRATÉGIA

A NOÇÃO DE TEMPO NA ESTRATÉGIA

O Livro da Água

A INFLUÊNCIA ESPIRITUAL NA ESTRATÉGIA

A POSTURA DO CORPO NA ESTRATÉGIA

O OLHAR NA ESTRATÉGIA

COMO SEGURAR A ESPADA LONGA

TRABALHO DOS PÉS  
AS CINCO ATITUDES  
O CAMINHO DA ESPADA LONGA  
OS CINCO ENFOQUES  
O ENSINO DA “ATITUDE SEM ATITUDE”  
ATINGIR O INIMIGO “NUM SÓ TEMPO”  
A SINCRONIZAÇÃO DUPLA DO ABDÔMEN  
NENHUM ESQUEMA, NENHUMA IDEIA  
O GOLPE DA ÁGUA CORRENTE  
GOLPE CONTÍNUO  
O GOLPE DE FOGO E PEDRAS  
O GOLPE DAS FOLHAS VERMELHAS  
O CORPO EM LUGAR DA ESPADA LONGA  
GOLPEAR E TALHAR  
CORPO DE MACACO CHINÊS  
CORPO DE COLA E LACA  
LUTAR PELA ALTURA  
A SENSACÃO DE GRUDAR  
O ATAQUE COM O CORPO  
TRÊS MANEIRAS DE BLOQUEAR UM ATAQUE  
APUNHALAR O ROSTO  
APUNHALAR O CORAÇÃO  
REVIDAR “TUT-TUT!”  
O BLOQUEIO DE CHOQUE  
HÁ MUITOS INIMIGOS  
A VANTAGEM NA HORA DA LUTA  
UM GOLPE  
COMUNICAÇÃO DIRETA

## O Livro do Fogo

DEPENDENDO DO LUGAR

TRÊS MÉTODOS PARA SURPREENDER O INIMIGO

O Primeiro — Ken No Sem

O Segundo — Tai No Sem

O Terceiro — Tai Tai No Sem

PRENDER A ALMOFADA

CRUZAR O RIACHO

CONHECER O MOMENTO

PISAR NA ESPADA

CONHECER O “DESABAMENTO”

TORNAR-SE O INIMIGO

SOLTAR QUATRO MÃOS

MOVIMENTAR A SOMBRA

PRENDER A SOMBRA

PASSAR

PROVOCAR A PERDA DE EQUILÍBRIO

AMEDRONTAR

ABSORVER-SE

ATACAR OS CANTOS

LANÇAR CONFUSÃO

OS TRÊS GRITOS

MISTURAR-SE

ESMAGAR

A PASSAGEM DE MONTANHA A MAR

PENETRAR AS PROFUNDEZAS

RENOVAR

CABEÇA DE RATO, PESCOÇO DE BOI

O COMANDANTE CONHECE OS SOLDADOS  
SOLTAR A ESPADA  
O CORPO DA PEDRA

O Livro do Vento

OUTRAS ESCOLAS QUE USAM A ESPADA EXTRALONGA  
O ESPÍRITO FORTE DA ESPADA LONGA EM OUTRAS  
ESCOLAS

O USO DA ESPADA LONGA MAIS CURTA EM OUTRAS  
ESCOLAS

OUTRAS ESCOLAS COM MUITOS MÉTODOS DE USO DA  
ESPADA LONGA

O USO DAS ATITUDES DA ESPADA LONGA EM OUTRAS  
ESCOLAS

FIXAÇÃO DO OLHAR NAS OUTRAS ESCOLAS

O USO DOS PÉS NAS OUTRAS ESCOLAS

A VELOCIDADE EM OUTRAS ESCOLAS

“INTERIOR” E “SUPERFÍCIE” NAS OUTRAS ESCOLAS

O Livro do Nada

Livro 3

Folha de rosto

Prefácio

Nicolau Maquiavel. Ao magnífico Lorenzo, filho de Piero de Médici

Capítulo I. De quantas espécies são os principados e de quantos  
modos se adquirem

Capítulo II. Dos principados hereditários

Capítulo III. Dos principados mistos

Capítulo IV. Por que razão o Reino de Dario, ocupado por Alexandre, não se rebelou contra os sucessores deste

Capítulo V. Da maneira de conservar cidades ou principados que, antes da ocupação, se regiam por leis próprias

Capítulo VI. Dos principados novos que se conquistam pelas armas e nobremente

Capítulo VII. Dos principados novos que se conquistam com armas e virtudes de outrem

Capítulo VIII. Dos que alcançaram o principado pelo crime

Capítulo IX. Do principado civil

Capítulo X. Como se devem medir as forças de todos os principados

Capítulo XI. Os principados eclesiásticos

Capítulo XII. Dos gêneros de milícias e dos soldados mercenários

Capítulo XIII. Das tropas auxiliares, mistas e nativas

Capítulo XIV. Dos deveres do príncipe para com as suas tropas

Capítulo XV. Das razões por que os homens e, especialmente, os príncipes são louvados ou vituperados

Capítulo XVI. Da liberdade e da parcimônia

Capítulo XVII. Da crueldade e da piedade — se é melhor ser amado ou temido

Capítulo XVIII. De que forma os príncipes devem guardar a fé da palavra dada

Capítulo XIX. De como se deve evitar o ser desprezado e odiado

Capítulo XX. Se as fortalezas e muitas outras coisas que dia a dia são feitas pelo príncipe são úteis ou não

Capítulo XXI. O que a um príncipe convém realizar para ser estimado

Capítulo XXII. Dos ministros dos príncipes

Capítulo XXIII. De como se evitam os adutores

Capítulo XXIV. Por que os príncipes de Itália perderam seus estados

Capítulo XXV. De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se deve resistir-lhe

Capítulo XXVI. Exortação ao príncipe para livrar a Itália das mãos dos bárbaros

Apêndice. Carta de Maquiavel a Francesco Vettori

Glossário de nomes

Colofão

## PREFÁCIO

Li *A arte da guerra* pela primeira vez em 2004, quando estava em um momento simbólico de minha vida: acabara de completar trinta anos. Naquele ano, eu voltava ao Brasil após viver alguns meses no exterior, objetivando reordenar minhas escolhas de vida. Foi um sabático precoce, necessário a um profissional que vinha colhendo sucesso em sua carreira, mas que vinha carregando consigo um excesso de funções e sobrecarga de trabalho. Esse desequilíbrio ameaçava minha capacidade criativa e não me permitia refletir adequadamente sobre importantes escolhas. Parar foi necessário para reorganizar as ideias, “zerar” a agenda, fazer planos e voltar a estudar assuntos fora de minha área de atuação. A obra de Sun Tzu foi um desses assuntos.

Como era um momento de reflexão, planos e grandes escolhas, a leitura me influenciou bastante. Mudei a maneira de tomar decisões, de decidir os passos que daria adiante na carreira e de negociar as condições contratuais para cada novo trabalho. Mudei também a maneira de conduzir minhas atividades profissionais, ouvindo menos as pessoas que teriam a ganhar com minha fragilidade e dando mais atenção a quem teria a ganhar com minha força.

Nunca me considerei uma pessoa agressiva, tampouco um bom negociador. Continuo assim. Sempre que preciso tomar uma grande decisão de consumo, levo meu exército comigo — meu pai e minha amada Adriana, esses, sim, bons negociadores. Mas, após a leitura de *A arte da guerra*, passei a encarar de outro modo as situações potencialmente estressantes. Isso contribuiu até para diminuir meu estresse. Certamente, outras leituras que fiz após essa contribuíram bastante para meu planejamento pessoal e de negócios, mas poucas me apresentaram uma filosofia tão direta e simples quanto os ensinamentos de Sun Tzu. A cada “batalha” que enfrento, não tenho como não me lembrar de alguns ensinamentos aqui aprendidos.

Será a vida uma guerra? Talvez você compartilhe dessa ideia, mas eu não consigo ter uma interpretação tão dramática da vida moderna. A vida já foi permeada por verdadeiras guerras, com suas sangrentas batalhas por terras, riquezas e vidas para aumentar tanto exércitos de guerreiros quanto de escravos. Mas o mundo evoluiu, e com ele a tecnologia que nos traz conforto e produtividade. As relações de trabalho se tornaram menos desiguais, e hoje trabalhadores negociam suas condições com empregadores. Não precisamos mais plantar nosso alimento nos fundos de casa. Compramos o que precisamos para alimentar nossos filhos com o dinheiro que ganhamos trabalhando em confortáveis escritórios.

Antes de sermos lançados à “guerra” do mercado de trabalho, somos preparados durante cerca de 18 anos, sob o amparo de cuidados pedagógicos, metodologias que respeitam as limitações da infância e os processos químicos da evolução cerebral, merendas preparadas sob a tutela de cientistas nutricionais. Sem contar que

somos ainda mimados por nossos pais, o que faz com que nossa educação nos insira em uma redoma invisível, que nos ilude para a realidade. Enfim, nosso “preparo para a guerra” é bem diferente do antigo autoritarismo, muitas vezes imposto pelo chicote ou, como prega Sun Tzu, pela decapitação.

A consequência é paradoxal. Apesar da guerra de hoje ser muito mais amena e tranquila do que as guerras do passado, chegamos a ela menos preparados. Somos soldados frouxos participando de uma guerra delicada, que exigiria pouco de um bom guerreiro para ser vencida. As vitórias de hoje não são de um imperador e de seu exército, mas de todos aqueles que seguem caminhos conhecidos que exigem disciplina e algum preparo. Além disso, as vitórias de hoje não pressupõem, necessariamente, que haja derrotados. É possível que a maioria dos que participam do que se convencionou chamar de guerra saiam dela vitoriosos e ilesos.

Apesar desse contexto, a obra de Sun Tzu é de valor inestimável para o trabalhador de hoje, considere-se ele um guerreiro ou não. Não devemos ler os ensinamentos de *A arte da guerra* com a faca nos dentes, imaginando que devemos derrubar nossos concorrentes, passar por cima dos que se opõem a nossas ideias, decapitar a origem dos problemas que nos afligem. As técnicas aqui ensinadas, tão milenares quanto atuais, nos fortalecem como soldados mais bem-preparados para desafios, independentemente de quais sejam. Ajudam a blindar nosso espírito contra atitudes mal-intencionadas, preparam-nos para situações de conflito, convidam-nos a buscar o equilíbrio e valorizam o planejamento como estratégia de diferenciação.

Se você tiver sorte, talvez não se sinta em uma guerra, como muitos profissionais se sentem. Mas, inevitavelmente, em vários

momentos de sua vida você se verá diante de uma situação de negociação. Talvez na hora de negociar uma promoção, talvez no momento de estabelecer as concessões de cada um no relacionamento com quem você ama, talvez durante a negociação de seu próximo financiamento de automóvel. Tanto faz.

Negociar vai muito além de pechinchar e espremer a outra parte para chegar mais perto do que você considera vantajoso para si mesmo. Em uma boa negociação, você sai ganhando e a outra parte não sente que saiu perdendo. Quando isso acontecer, essa outra parte estará propensa a negociar mais vezes com você, dando-lhe mais oportunidades de vencer.

Mais do que um manual de guerra, a obra de Sun Tzu é um precioso compêndio de técnicas para fortalecer seu poder de negociar e vencer com o mínimo de conflitos. Para aproveitar esse compêndio, você deverá lê-lo com a mente aberta, fazendo analogias entre a realidade do período antes de Cristo e os fatos de sua vida presente. Ao longo da leitura, você se surpreenderá com a atualidade dessa teoria milenar.

Sun Tzu nos indica como lidar, por exemplo, com os fenômenos de massificação, teorizando sobre a visão do exército atuando como toras. Como em um numeroso exército, para ser notado e reconhecido você deverá atingir diversas frentes simultaneamente. Ao ensinar a vencer sem a necessidade de lutar, Sun Tzu mostra como negociar sem se rebaixar ao nível de um inimigo menos preparado.

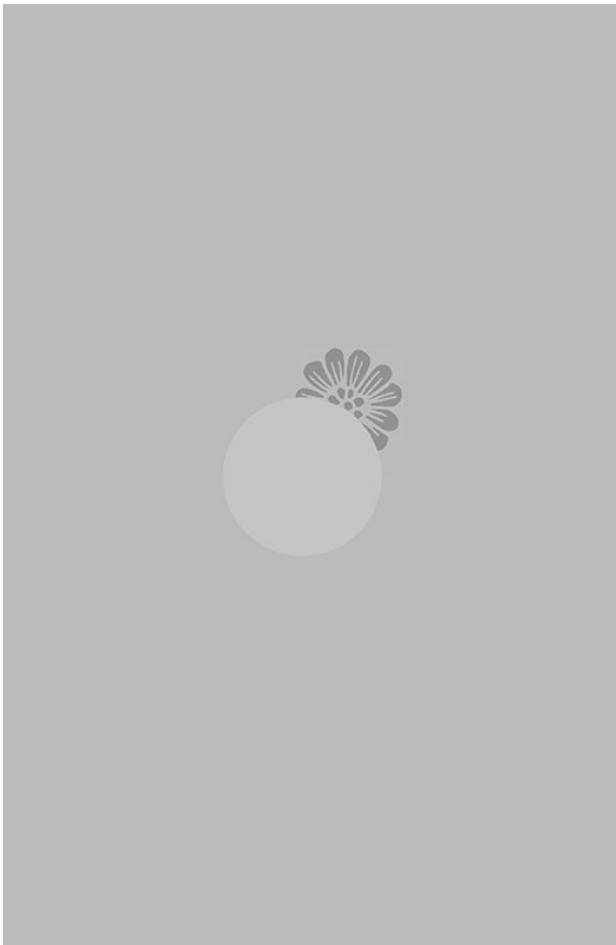
A administração moderna, base para a gestão das grandes empresas da atualidade, fundamenta-se no planejamento das ações para minimizar riscos. Não era diferente na época de Sun Tzu: “Na guerra, um estrategista vitorioso só abre a batalha quando seus

planos indicam ser a vitória uma possibilidade, [...] aquele destinado ao fracasso luta antes de ter planos cuidadosos.” A racionalidade também é recomendada pelo estrategista militar: “Não inicie seu movimento à frente a não ser que haja uma vantagem a ser obtida.” Incrível como esse manual de guerra reúne em pensamentos tão objetivos as principais bases das complexas teorias modernas. Simples e suficiente, para quem se propõe a seguir princípios.

Interessante notar também a visão que Sun Tzu tem de uma vida mais rica, em que é possível vencer o outro sem destruí-lo, seguindo sua orientação de preservar o exército inimigo, conquistando-o por inteiro. Essa é uma das minhas teorias favoritas, que, no meu trabalho, equivale à recomendação de enriquecer honestamente, ou seja, sem empobrecer ninguém.

Enfim, poderia listar inúmeras analogias que podem ser feitas ao longo da leitura deste maravilhoso texto, mas deixarei que você tire suas próprias conclusões. O soldado é você, a guerra — se assim você entende sua vida — é sua, e você tem em mãos ensinamentos preciosos que fizeram de Sun Tzu um best-seller ao longo de séculos. Seguir essas teorias provavelmente não fará de você uma pessoa mais agressiva ou menos humana, mas sim uma pessoa mais preparada para o que der e vier. Provavelmente, como bom general, isto é, consciente das oportunidades e de seus limites, você se preparará para desvencilhar-se com tamanha competência de situações, de modo que a vida jamais venha a se parecer com aquilo que muitos insistem em chamar de guerra diária. Viva mais feliz, mas colha mais frutos de cada escolha do dia a dia. Esta é uma lição valiosa.

*Gustavo Cerbasi*<sup>[1]</sup>



# I DESENVOLVENDO PLANOS

Sun Tzu disse:

*A arte da guerra é de vital importância para o Estado. É uma questão de vida ou morte, dela depende o caminho para a segurança ou para a ruína. Desse modo, trata-se de assunto a ser pesquisado e que não pode, de jeito algum, ser negligenciado.*

A arte da guerra depende de cinco fatores constantes, que devem ser levados em conta durante a fase de deliberações, quando se tenta determinar quais são as condições que o campo oferece.

São eles: Lei Moral, Paraíso, Terra, Comando e Método e Disciplina.

A *Lei Moral* é aquilo que deixa as pessoas em completa consonância com seu líder, a ponto de fazer com que o sigam a despeito da própria sobrevivência, a despeito de qualquer perigo.

*Paraíso* quer dizer o dia e a noite, o frio e o calor, a passagem do tempo e as estações do ano.

*Terra* corresponde a distâncias, ao grande e ao pequeno; ao perigo e à segurança; ao campo aberto e a passagens estreitas; e à aposta na vida ou na morte.

O *Comando* inclui as virtudes da sabedoria, da sinceridade, da benevolência, da coragem e do rigor.

Por *Método e Disciplina* deve ser entendida a organização do exército em suas subdivisões condizentes, as gradações hierárquicas entre oficiais, a manutenção de estradas pelas quais os suprimentos chegarão às tropas e o controle dos gastos militares.

Esses cinco fatores devem ser do conhecimento de todos os generais. Aquele que os conhecer bem será vitorioso; quem não os conhecer fracassará.

#### SETE PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- (1) Entre os dois soberanos em guerra, qual está imbuído da lei moral?
- (2) Entre os dois generais em guerra, qual tem mais capacidade?
- (3) Para que lado pendem as vantagens que nascem do Paraíso e da terra?
- (4) Que lado aplica com mais rigor a disciplina?
- (5) Qual é o exército mais forte?
- (6) De que lado estão os homens e oficiais mais bem-treinados?
- (7) Qual é o exército que tem mais coerência na aplicação de punições e incentivos?

A partir dessas sete perguntas é possível prever a vitória e a derrota.

O general que escutar meus conselhos e agir de acordo com eles será o conquistador. Que ele seja mantido no poder! O general que não escutar meus conselhos ou não agir de acordo com eles sofrerá a derrota. Que ele seja destituído! Enquanto estiver refletindo sobre meus conselhos, não deixe de aproveitar quaisquer circunstâncias

favoráveis que existam além e independentemente das regras comuns. E, se houver tais circunstâncias favoráveis, modifique seus planos, levando-as em consideração.

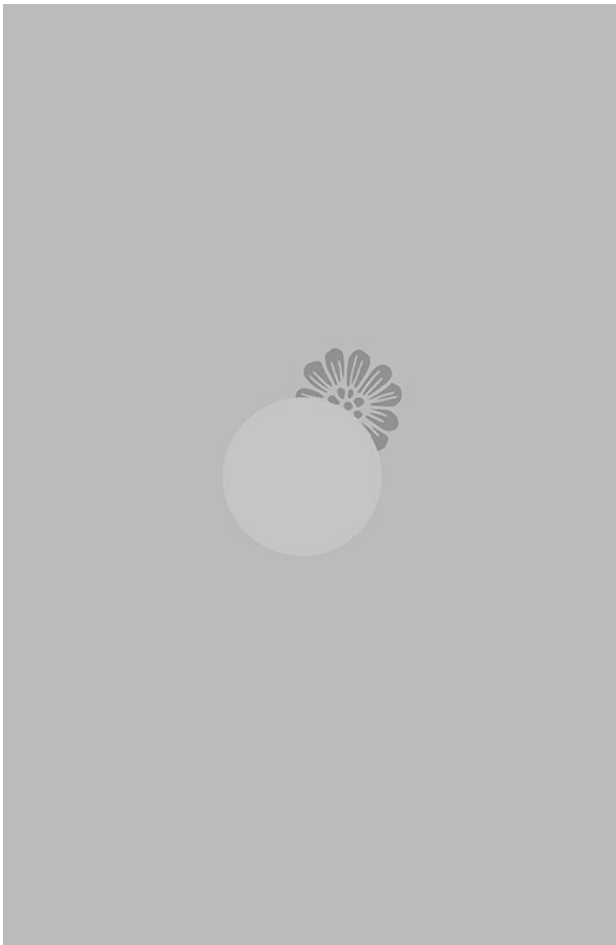
## TÁTICAS ELEMENTARES

Toda luta é baseada em algum truque. Assim, se estamos prontos para o ataque, devemos parecer incapazes; ao usar toda a nossa força, devemos dar a impressão de inatividade; quando estivermos próximos, é preciso que o inimigo pense que estamos longe; quando estivermos longe, ele deverá achar que estamos próximos. Jogue algumas iscas para excitá-lo. Finja desordem e o aniquile.

Se ele estiver com todos os lados blindados, esteja preparado para ele. Se ele for superior em força, use uma estratégia de evasão. Se seu oponente tiver temperamento colérico, procure irritá-lo. Finja ser fraco para que ele cresça em sua arrogância.

Se ele estiver calmo, não lhe dê sossego. Se as forças dele forem coesas, separe-as. Ataque-o quando ele não estiver preparado, surja quando ele menos esperar. As maquinações de guerra que levam à vitória não devem ser divulgadas de antemão.

O general que vence uma batalha é o que gasta muitas horas no templo, em reflexões, antes de a batalha ser encetada. O general que perde uma batalha é aquele que não quer perder tempo em reflexões prévias. Assim, refletir muito leva à vitória e refletir pouco, à derrota. E é fácil ver como a ausência de pensamento leva muito mais rapidamente à derrota! É prestando atenção nesse detalhe que consigo saber quem é o provável vencedor e o provável derrotado.



## II EM MEIO À GUERRA

Sun Tzu disse:

*Nas operações de guerra haverá no campo mil carros leves, outros tantos pesados, cem mil soldados vestidos de malha, com provisões suficientes para avançar mil li <sup>[2]</sup> de distância. Haverá gastos nas vilas e no front, incluindo a hospedagem de visitantes e pequenos itens como cola e tinta, e somas para os carros e as armaduras, o que resultará em um total de milhares de onças de prata por dia. Eis o custo de levantar um exército de cem mil homens.*

Quando já se está em plena luta, se a vitória demora a chegar, as armas dos homens perdem o fio e seu ardor arrefece. Se há o cerco a uma cidade, isso pode exaurir as forças de um exército.

É preciso repetir: se a campanha se estender no tempo, os recursos do Estado não se equivalerão aos gastos.

Agora, quando as armas perdem o fio, quando o ardor cai, quando sua força fica exaurida e os recursos acabam, outros poderes aparecem para tirar vantagem de sua situação extrema. E homem algum, por mais sábio que seja, conseguirá evitar as consequências que se seguirão.

Assim, apesar de já termos escutado algo a respeito de uma urgência estúpida durante uma guerra, nunca houve quem associasse a sabedoria a atrasos. Não há registro de nação que tenha se privilegiado de uma guerra demorada.

#### ATAQUE SURPRESA

Só aquele que está profundamente consciente de todo o mal de uma guerra poderá compreender profundamente a melhor maneira de guerrear. Um militar competente não exige que lhe deem uma segunda leva de impostos nem exige que seus vagões de suprimentos sejam abastecidos várias vezes seguidas. É preciso levar material para a guerra, mas é preciso saber tomá-lo do inimigo. Só assim o exército terá o suficiente para cobrir suas necessidades.

A falta de recursos adequados no tesouro do Estado faz com que um exército dependa de contribuições a distância. E contribuir para a manutenção de um exército a distância provoca pobreza no povo.

Por outro lado, a presença de um exército provoca aumento de preços, e preços altos também provocam pobreza no povo.

Mesmo depois de grande parte de sua subsistência ter sido desviada para o exército, o camponês ainda assim se verá afligido por pesados confiscos.

#### VIVENDO À CUSTA DO INIMIGO

Com a perda da capacidade de subsistência e com a exaustão das forças, as casas do povo estarão desprovidas de tudo, e três décimos daquilo que receberiam serão dissipados; e mais quatro décimos estarão comprometidos com as despesas públicas para substituir carros quebrados, cavalos mortos, peitorais, capacetes,

arcos e flechas, lanças e escudos, malhas de proteção, bois de canga e vagões pesados.

Assim, um general sábio terá como meta obter provisões do inimigo. Uma carroça de provisões tiradas do inimigo corresponde a 21 de seu próprio manancial, assim como um único picul (cerca de 133 libras) de forragem do inimigo é igual a 21 que venham de seu próprio campo.

Para poder matar o inimigo, os homens precisam estar cheios de raiva; e, ainda que se veja vantagem em derrotar o inimigo, é preciso haver, além disso, estímulos.

Assim, na luta de carros, quando dez ou mais carros forem tomados, os que conseguiram o primeiro devem ser recompensados. Nossas próprias bandeiras devem tremular nos carros do inimigo, e todos os carros devem ser usados juntos, sem distinção. Os soldados capturados devem ser tratados com gentileza e feitos prisioneiros. É isso que se chama usar o inimigo conquistado para aumentar a própria força.

Na guerra, então, que seja a vitória o principal objetivo, e não as longas campanhas.

Desse modo, pode-se entender que o líder dos exércitos é o árbitro do destino de um povo, o homem de quem depende a paz da nação ou sua exposição ao perigo.

### III

## O ATAQUE ATRAVÉS DE ESTRATAGEMAS

Sun Tzu disse:

*Na implementação prática da arte da guerra, a melhor coisa a fazer é tomar todo o território inimigo, intacto e completo; dividi-lo em partes e destruí-lo diminuirá seu lucro com a posse. Da mesma maneira, é melhor capturar um exército inteiro do que destruí-lo; capturar um regimento, um destacamento ou uma tropa inteira é melhor do que os aniquilar.*

Assim sendo, lutar todas as batalhas não é um comportamento de excelência; a suprema excelência consiste em quebrar a resistência do inimigo, sem luta.

Logo, a melhor forma de comandar é arruinar os planos do inimigo. A segunda melhor é impedir a integração das forças do inimigo. A terceira é lutar com o inimigo no campo de batalha. E a pior política de todas é sitiar as cidades muradas do inimigo.

### O CERCO COMO GUERRA

A regra é não sitiar cidades muradas do inimigo, se isso puder ser evitado. O preparo dos abrigos individuais, dos abrigos coletivos móveis e dos outros instrumentos de guerra levará três meses

inteiros; a construção de montes de terra que fiquem na altura das muralhas, mais três meses.

O general incapaz de controlar sua impaciência empurrará seus homens para o ataque como se fossem formigas pululando, e o resultado será que um terço deles morrerá enquanto a cidade-alvo continuará intocada. Tais são os resultados prováveis e desastrosos de um cerco.

Ao contrário, um líder capaz conseguirá submeter sem luta as tropas do inimigo; capturará suas cidades sem lhes impor um cerco; conseguirá derrubar o reino inimigo sem precisar de longas operações de campo.

Com suas forças intactas, ele desafiará o poder de um império e, sem perder um único homem, alcançará o triunfo total. É isso que quer dizer atacar usando estratégias.

#### VANTAGEM NUMÉRICA

Existe essa regra na guerra: se suas forças são de dez para um em relação às do inimigo, cerque-o; se são de cinco para um, ataque-o; se suas forças são o dobro das do inimigo, divida seu exército em dois.

De igual para igual, poderá haver uma batalha; se ligeiramente inferiores em número, devemos evitar o confronto; se de todo modo estivermos em uma relação desigual, o melhor será fugir. Porque, apesar de um exército pequeno e obstinado conseguir lutar, ao final ele será capturado pela força superior.

É preciso lembrar que um general é o bastião do Estado: se esse bastião for uma muralha sem brechas, o Estado se manterá forte; se houver falhas, o Estado se tornará fraco.

Há três maneiras pelas quais um líder arriscará atrair a desgraça para seus homens:

Dando ordens para avançar ou retroceder, sem perceber que a obediência a tal coisa é impossível. Eles não sairão do lugar.

Dando ordens a soldados como se fossem civis do reino, sem perceber que as condições militares são diferentes. Eles ficarão insatisfeitos.

Utilizando sem discernimento o potencial dos oficiais, sem perceber que há um princípio na guerra, que é o de adaptar a ação a cada circunstância. Eles ficarão com a confiança abalada.

E, quando um exército está insatisfeito e com a confiança abalada, é certo que haverá problemas com chefes rivais. Agir dessa maneira é o equivalente a trazer a anarquia para dentro do exército e jogar fora a possibilidade de vitória.

Assim, é fácil saber quais são os cinco itens essenciais a uma vitória:

Vencerá aquele que sabe quando lutar e quando não lutar.

Vencerá aquele que sabe como lidar com forças inimigas superiores e com forças inimigas inferiores.

Vencerá aquele cujo exército está integrado em um mesmo espírito, em todos os níveis de sua hierarquia.

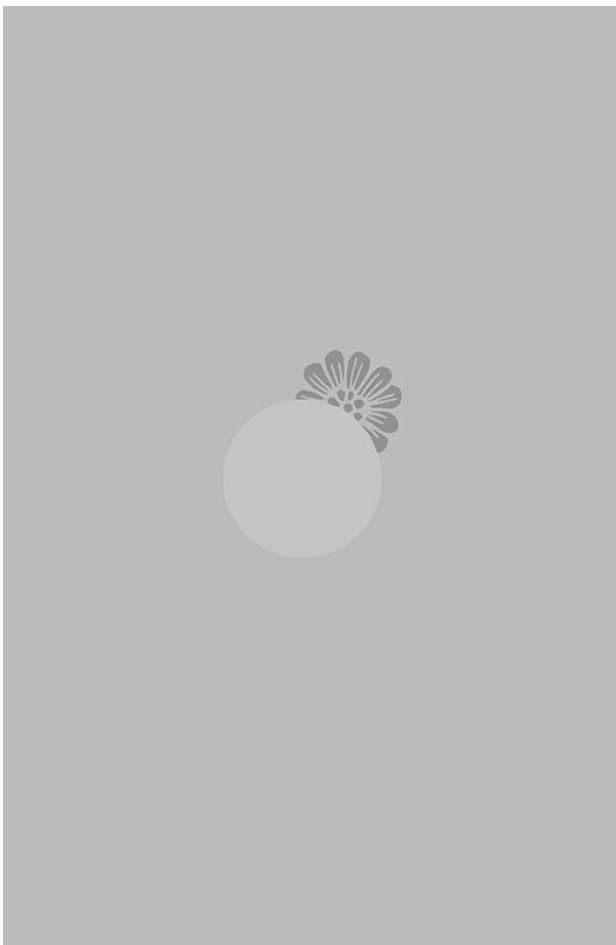
Vencerá aquele que, tendo se preparado, espera para dobrar o inimigo quando ele não estiver preparado.

Vencerá aquele que tem habilidade militar e não sofre interferência do soberano.

A vitória está à espera de quem conhece esses cinco pontos.

É daí que vem o ditado: se conhecer o inimigo e conhecer a si mesmo, você não precisará ter medo do resultado de cem batalhas. Se você conhecer a si mesmo, mas não conhecer o inimigo, para

cada vitória conquistada haverá uma derrota. Se não conhecer o inimigo nem a si mesmo, você irá fracassar em todas as batalhas.



## IV DISPOSIÇÕES TÁTICAS

Sun Tzu disse:

*Os valorosos lutadores de antigamente primeiro se punham em posição de não poder ser derrotados e só aí esperavam uma oportunidade para vencer o inimigo.*

A garantia de não sermos derrotados está em nossas próprias mãos, mas a oportunidade de vitória sobre o inimigo é dada pelo próprio inimigo.

Assim, o bom lutador é capaz de proteger-se contra a derrota, mas não pode tomar como certa a derrota do inimigo.

Vem daí o ditado: uma pessoa pode *saber* do que precisa para obter uma conquista, sem ter os meios de obtê-la.

Garantir-se contra derrotas implica usar táticas defensivas; ter habilidade para derrotar o inimigo significa tomar a ofensiva.

Manter-se na defensiva indica força insuficiente; manter-se no ataque, força em excesso.

Um general hábil na defesa esconde-se em recessos desconhecidos da Terra; um general bom no ataque brilha no pico mais alto do Paraíso. Pois, se de um lado temos a capacidade de

nos proteger, do outro temos a possibilidade de uma vitória completa.

Enxergar uma possibilidade de vitória quando ela está à vista de todo o rebanho não é o cúmulo da excelência. Também não é o cúmulo da excelência obter uma vitória diante da qual todo o império exclama: “Até que enfim!”

Levantar uma folha caída no chão não é sinal de excepcional força física; enxergar o Sol e a Lua não é sinal de uma visão arguta; escutar o barulho do trovão não significa ter um ouvido particularmente aguçado. O que os antigos chamavam de um bom lutador não é aquele que vence, mas aquele que vence com facilidade.

Desse modo, suas vitórias não lhe trazem fama por ter sido muito esperto ou crédito por ter sido muito corajoso. Ele é um vencedor porque não comete erros. Evitar erros é o que determina a vitória, e isso quer dizer conquistar um inimigo que já está derrotado de antemão.

#### PARA EVITAR DERROTAS

Assim sendo, um lutador habilidoso põe-se em posição tal que sua derrota se torna impossível e não perde oportunidades de derrotar o inimigo.

É por isso que, na guerra, um estrategista vitorioso só procura a batalha quando seus planos indicam a possibilidade de uma vitória. E é por isso que aquele destinado ao fracasso luta antes de ter planos cuidadosos, achando que a vitória pode acontecer sem isso.

Um líder consumado cultiva a lei moral e adota sem restrições método e disciplina. Desse modo, ele mantém em seu poder o controle sobre o sucesso.

Em relação ao método da guerra, temos: primeiro, a avaliação; segundo, a estimativa quantitativa; terceiro, o cálculo; quarto, a comparação das oportunidades; quinto, a vitória.

A avaliação existe no âmbito da Terra; a estimativa quantitativa está no âmbito da avaliação; o cálculo integra a estimativa quantitativa; a comparação das oportunidades está no cálculo; e a vitória está na comparação das oportunidades.

Um exército vitorioso, quando comparado ao que será derrotado, é como um peso de chumbo em uma balança que tem um grão de arroz no outro prato. O vagalhão da força conquistadora se compara ao despejar de águas furiosas em um poço de águas paradas. E isso é tudo em relação às disposições táticas.

# V O USO DA ENERGIA

Sun Tzu disse:

*Controlar uma força numerosa não é diferente, em princípio, de controlar poucos homens. É só uma questão de dividir o número total.*

Desse modo, lutar com um grande exército sob seu comando não é diferente de lutar com um pequeno exército. É meramente uma questão de instituir signos e sinais.

Garantir que a totalidade de seus homens suportará o peso do ataque inimigo, mantendo-se incólume, depende de manobras diretas e de manobras indiretas.

Que o impacto de seu exército seja como o de uma lixa passando suavemente sobre a casca de um ovo, guiado por essa ciência que estuda a fricção entre pontos fracos e pontos fortes.

Seja qual for a luta, métodos diretos podem ser usados no calor de uma batalha, mas serão os métodos indiretos os necessários para garantir a vitória.

Táticas indiretas, quando eficientemente aplicadas, são inexauríveis como o Paraíso e a Terra; infindáveis como o fluxo

ininterrupto de rios e correntezas; como o Sol e a Lua, elas terminam seu percurso apenas para recomeçá-lo outra vez; assim como as quatro estações, elas vão e voltam.

Não há mais que cinco notas musicais em nossas melodias, mas as combinações delas dão origem a mais músicas do que será possível ouvir durante toda uma vida. [3] Só há três cores primárias, mas sua combinação produz mais tonalidades do que o olho pode ver. Só há cinco sabores básicos, mas, combinados, são mais sutis do que a capacidade de nossa boca de apreendê-los.

Na guerra, não há mais que dois métodos de ataque — o direto e o indireto. No entanto, a combinação deles é fonte de uma quantidade infinita de manobras. A cada vez um método se impondo como principal sobre o outro. É como se mover em um círculo — nunca se chega ao fim. Quem poderia exaurir as possibilidades de tais combinações?

Tropas, ao se porem em marcha, são como uma torrente que tira do lugar até mesmo as pedras que estão no caminho.

Decisões, ao serem tomadas, são como o mergulho preciso do falcão, que o capacita a apanhar e destruir sua vítima.

Assim, o bom lutador será muito rápido ao se decidir e terrível uma vez em marcha.

## A DECISÃO LIBERA A FORÇA

Energia é o que tensiona o arco; decisão é o que solta a flecha. Em meio à confusão e ao tumulto de uma batalha, pode-se pensar que há desordem ou perceber que não há desordem nenhuma. Em meio à confusão e ao caos, a disposição das tropas pode parecer não ter pé nem cabeça e, ainda assim, elas podem estar blindadas contra a derrota.

Desordem simulada é o disfarce de uma perfeita disciplina; medo simulado é um disfarce da coragem; fraqueza simulada é um disfarce da força.

Esconder a ordem sob o manto da desordem é uma simples questão de manejar subdivisões; disfarçar a coragem sob o teatro da aparente timidez protege uma reserva de energia latente; mascarar a força com a cara da fraqueza é ser eficiente em matéria de disposições táticas.

Assim, aquele que é mestre em manter o inimigo intranquilo é aquele que constrói aparências enganosas, a partir das quais o inimigo é levado a agir.

Ao lançar chamarizes ao inimigo, ele o induz a se movimentar sem descanso; e aí, com um corpo de homens bem-escolhidos, fica à espreita de uma oportunidade.

Um combatente esperto buscará o benefício de energias somadas e não exigirá muito de indivíduos isolados. Daí ser importante saber escolher os homens certos, para poder utilizar a energia conjunta deles.

Quando o bom combatente utiliza a energia somada de seus lutadores, estes se parecem com toras de madeira que despencam juntas sobre o inimigo; ou com pedras rolando sobre ele. Porque é da natureza da tora ou da pedra manter-se imóvel quando está no nível do chão, mas correr no declive; manter-se imóvel se tiver quatro quinas, mas correr solta e rápida se for redonda.

Assim, a energia desenvolvida por bons combatentes é igual à energia de uma pedra sem arestas que se desprende de uma montanha a milhares de metros de altura. E isso é tudo sobre o assunto energia.

## VI PONTOS FRACOS E PONTOS FORTES

Sun Tzu disse:

*Aquele que antecipa sua chegada ao campo de batalha e lá espera pela chegada do inimigo estará descansado para a luta; no entanto, aquele que chega atrasado ao campo de batalha terá de correr para se preparar e ficará exausto.*

Assim sendo, o combatente esperto imporá sua vontade ao inimigo e não permitirá que a vontade do outro lhe seja imposta.

Ao lhe oferecer vantagens falsas, o combatente esperto poderá provocar a aproximação do inimigo a qualquer momento que isso for conveniente; ao contrário, ao lhe fustigar com danos, ele poderá impedir que seu inimigo se aproxime se o momento não for apropriado.

Se o inimigo estiver despreocupado, o combatente esperto poderá provocá-lo com ataques sucessivos; se estiver cheio de suprimentos, poderá fazer com que passe fome; se estiver quieto em seu acampamento, poderá forçá-lo a se mover.

Poderá mostrar sua presença de forma pontual para que o inimigo se veja obrigado a se apressar para se defender; ou surgir em locais

onde não é esperado pelo inimigo.

Não há problema em o exército marchar por longas distâncias se a marcha ocorrer em um território onde o inimigo não está.

Não há dúvidas quanto ao sucesso de ataques feitos contra locais que não estão sendo defendidos. A defesa estará garantida se ocupar posições que não podem ser atacadas.

Assim, um general poderá ser chamado de talentoso no ataque se o oponente não souber o que deve defender; e será talentoso na defesa se seu oponente não souber o que deve atacar.

### SUTILEZA E DISCRIÇÃO

Ó, divina arte da sutileza e da discrição! Através de ti aprendemos a ser invisíveis; através de ti somos inaudíveis; e desse modo temos o destino do inimigo em nossas mãos.

O avanço sobre o inimigo pode ser irresistível se o destino for seus pontos mais fracos; e a retirada pode se dar em segurança e sem perseguições se seus movimentos forem mais rápidos do que os do inimigo.

Se desejarmos a luta, o inimigo poderá ser forçado a sair e nos enfrentar, ainda que esteja em abrigo seguro no alto de uma colina ou no fundo de uma trincheira. Tudo que temos a fazer é atacá-lo em algum ponto que ele se veja obrigado a socorrer.

Se não desejarmos a luta, o inimigo poderá ser impedido de nos confrontar, ainda que tudo que houver para proteger nosso acampamento sejam linhas traçadas na areia. Tudo que temos a fazer é atirar algo incomum ou inesperado em seu caminho.

Ao desvendar as disposições do inimigo enquanto encobrimos as nossas, conseguimos garantir nossa concentração de forças enquanto o inimigo dispersa as dele.

Poderemos, então, nos constituir como um bloco único e sólido enquanto obrigamos o inimigo a se dividir em várias frações. Desse modo, haverá uma frontalidade homogênea atrás da qual nós estamos, oposta às partes separadas do outro; o que quer dizer que seremos muitos em uma massa coesa em relação à rarefação das forças do inimigo, dispersas em suas partes separadas.

E se, desse modo, conseguirmos atacar uma força inferior com nossa força superior, nossos oponentes ficarão em terríveis dificuldades.

#### A DISCRIÇÃO SOBRE O LOCAL DA BATALHA

O local onde planejamos abrir a luta não deve se tornar conhecido; porque, desse modo, o inimigo terá de se preparar contra um possível ataque em vários pontos diferentes; e suas forças terão, portanto, de ser enviadas em várias direções diferentes, com a consequência de que o número que teremos de enfrentar em qualquer desses pontos será sempre proporcionalmente menor que o nosso.

Pois, toda vez que o inimigo precisar fortalecer suas tropas de frente, terá de enfraquecer a retaguarda; se fortalecer a retaguarda, enfraquecerá a frente; fortalecendo-se à esquerda, deixará fraca a direita; fortalecendo-se à direita, deixará desprotegida sua esquerda. Se mandar reforços para todos os lados, todos os lados estarão fracos.

A inferioridade numérica advém dessa necessidade de se preparar contra vários ataques possíveis; a vantagem numérica advém quando induzimos nosso adversário a se preparar assim contra nós.

Se determinarmos o lugar e o momento da próxima batalha, poderemos nos concentrar em meio a um eixo abrangendo grandes

distâncias — e nos preparar para a luta.

Mas, se nem o momento nem o local nos forem conhecidos, a ala esquerda do exército será incapaz de socorrer a direita, a direita ficará igualmente incapaz de socorrer a esquerda, as linhas de frente não poderão ajudar a retaguarda, nem a retaguarda poderá dar apoio a quem está na frente. Muito pior será a situação se a parte mais avançada da armada estiver a centenas de *li* de distância e se mesmo a tropa mais próxima estiver separada de nós por vários *li*.

Se essa for a situação, mesmo se, por exemplo, os soldados de Yüeh excederem os nossos em quantidade, essa vantagem não lhes servirá de nada na hora de obter a vitória. Direi então que podemos vencer.

Quando o inimigo for mais forte em número de homens, poderemos impedi-lo de lutar. Para isso, é preciso achar uma maneira de descobrir seus planos e suas possibilidades de sucesso.

#### BUSCANDO OS PONTOS FRACOS DO INIMIGO

Provoque-o e descubra quais são as características de seus movimentos e de sua inatividade. Force-o a se revelar para descobrir seus pontos vulneráveis.

Compare cuidadosamente o exército inimigo ao seu para saber onde há excesso de força e onde ela é deficiente.

Em matéria de disposições táticas, o melhor lance é escondê-las; mantenha-as em segredo e sua força militar estará a salvo do espião mais sutil, a salvo das maquinações da mente mais arguta.

O que o homem comum parece não compreender é que a vitória pode nascer desse embate de táticas, das nossas e das do inimigo.

O homem comum consegue compreender a importância das táticas que empregamos durante uma conquista; o que ninguém vê é a importância da estratégia anterior, que é de onde surgem as conquistas.

Não repita a tática que já lhe deu a vitória uma vez; ao contrário, permita que seus métodos sigam a variedade infinita das circunstâncias.

### TÁTICAS SÃO FLUIDAS

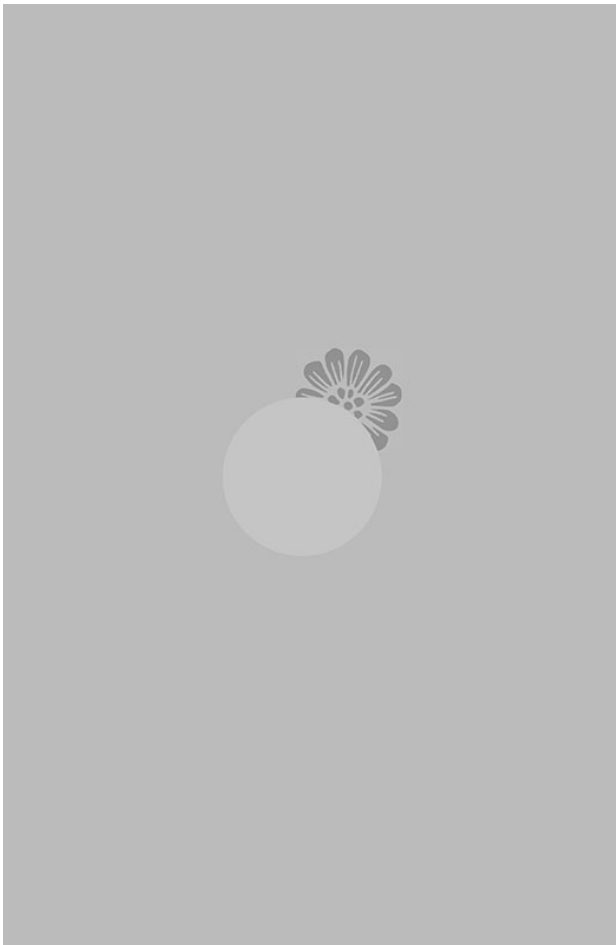
Táticas militares são como um curso d'água, pois a água sempre segue seu caminho, indo de um lugar mais alto para o mais baixo. Da mesma maneira, na guerra, deixa-se o mais forte para depois, começando o ataque pelo ponto mais fraco.

A água adquire a forma do leito onde corre; o soldado molda sua vitória a partir do inimigo que enfrenta.

Assim, da mesma maneira que a água não mantém uma forma sempre igual, na guerra não há condições que sejam sempre iguais.

Aquele que consegue modificar suas táticas a partir de cada oponente que precisa enfrentar, obtendo dessa maneira a vitória, pode ser chamado de um líder filho do Paraíso.

Os cinco elementos naturais (água, fogo, madeira, metal e terra) não se mostram o tempo todo da mesma forma; as quatro estações se sucedem, em sequência. Há dias mais curtos que outros; a Lua tem suas épocas de brilho e de esvaecimentos.



## VII

# MANOBRANDO UM EXÉRCITO

Sun Tzu disse:

*Na guerra, o general recebe ordens de seu soberano.*

Depois de reunir homens suficientes para formar um exército e concentrar suas forças, o general precisa integrar e harmonizar muitos elementos diferentes antes de marchar para o campo de batalha.

Além disso, precisa estabelecer suas manobras táticas, e não há nada mais difícil. A dificuldade das manobras táticas consiste em ver claro o que é dúbio, em ver vantagem onde há desvantagem.

Por exemplo, seguir uma rota longa e circular, depois de ludibriar o inimigo para afastá-lo do caminho, e então, mesmo estando em desvantagem geográfica, correr para atingir a meta antes dele, eis o que demonstra bom conhecimento do artifício do *diversionismo*.

Fazer tais manobras com um exército é muito vantajoso; com uma multidão indisciplinada é muito perigoso.

Se um exército inteiro se põe em marcha, com todos os equipamentos completos, buscando obter uma vantagem sobre o

inimigo, o mais provável é que não o consiga por causa de atrasos. Se apenas uma coluna ágil se põe em marcha com o mesmo propósito, isso significa o sacrifício de seus pertences e bagagens.

Se todos os homens de um exército encetam marcha forçada, sem descanso, dia e noite, cobrindo o dobro da distância usual em cada caminhada, cobrindo uma centena de *li* para obter uma situação vantajosa, os líderes da primeira, segunda e terceira divisões desse exército cairão nas mãos do inimigo.

Os melhores homens estarão sempre à frente, os mais fracos cairão atrás e, assim, apenas um terço de seu exército chegará ao destino.

Se a marcha necessária para obter a situação vantajosa for de cinquenta *li*, seu exército perderá o líder da primeira divisão e apenas metade de seus homens chegará ao destino.

Se a marcha for de trinta *li* para obter o mesmo objetivo, dois terços de seu exército chegarão ao destino.

#### TÁTICAS NÃO AMARRADAS

Podemos chegar à conclusão, então, de que um exército sem seu trem de carga estará perdido; sem suas provisões estará perdido; sem suas bases de suprimento estará perdido.

Não podemos aceitar alianças com nossos vizinhos sem saber quais são os desígnios deles.

Não somos aptos a liderar a marcha de um exército a menos que estejamos familiarizados com a aparência do terreno — suas montanhas e florestas, suas armadilhas.

Não podemos usar as características naturais do terreno em nosso benefício a não ser nos servindo de guias locais.

Precisamos, na guerra, praticar a dissimulação para obter sucesso. E nos mover apenas quando há um benefício real a ser alcançado com tal ação.

Nossa decisão de concentrar ou dividir as tropas vai depender de cada circunstância.

Tenhamos a rapidez do vento, a compactação de uma floresta. Em questão de assaltos e invasões, sejamos como o fogo e, quando parados, como uma montanha.

Mantenhamos nossos planos tão invisíveis e impenetráveis quanto a noite e, quando em movimento, caiamos como um relâmpago sobre o inimigo.

Ao tomar de assalto uma região, devemos permitir que o butim seja dividido entre os homens; quando capturarmos um novo território, dividamo-lo em lotes para o benefício dos soldados.

Precisamos ponderar e deliberar antes de agir.

Aquele que aprender a usar o artifício do diversionismo será um conquistador. Eis a arte de fazer manobras.

## GONGOS, TAMBORES, ESTANDARTES, BANDEIRAS

O *Manual da administração militar* diz: em um campo de batalha, a voz que formula palavras não chega muito longe, daí a necessidade de gongos e tambores. Tampouco objetos de tamanho comum podem ser vistos a distância, daí o uso de estandartes e bandeiras.

Gongos e tambores, estandartes e bandeiras são os meios pelos quais os olhos e ouvidos de uma multidão podem ser direcionados a um alvo específico.

É assim que essa multidão se torna um só corpo, no qual fica impossível aos muito bravos avançar sozinhos ou aos muito

covardes se retirar sozinhos. Essa é a arte de lidar com uma multidão de homens.

Assim sendo, em embates noturnos, é preciso fazer uso extenso de fogos de sinalização e tambores, e, em lutas diurnas, de bandeiras e estandartes, para guiar os homens através de seus ouvidos e olhos.

Um exército inteiro pode se ver privado de seu ânimo; um comandante em chefe pode se ver privado de sua presença de espírito.

O ânimo do soldado estará mais agudo pela manhã; ao meio-dia começará a falhar, e à noite a única coisa que domina o pensamento do soldado é a vontade de voltar para o acampamento.

Um general esperto, então, evitará a batalha quando os homens do inimigo estiverem com o ânimo mais elevado e atacará quando o ânimo deles estiver mais fraco e inclinado a se recolher. Essa é a arte de estudar os estados de espírito.

## AUTODOMÍNIO E FORÇA

Com disciplina e calma, esperar o surgimento da indisciplina e do nervosismo nas tropas inimigas — eis a arte de manter o autodomínio.

Estar próximo da meta da conquista enquanto o inimigo ainda se encontra longe; aguardar relaxadamente enquanto o inimigo faz esforços e se cansa; manter-se bem-alimentado enquanto o inimigo está faminto — essa é a arte de administrar a própria força.

Abster-se de interceptar o inimigo quando os regimentos dele demonstram perfeita ordem; abster-se de atacar o inimigo quando ele demonstra calma e confiança — eis a arte de estudar as circunstâncias.

É um axioma militar não avançar ladeira acima nem se opor a um avanço ladeira abaixo.

Não persiga um inimigo que apenas finge se retirar; não ataque soldados cuja principal característica seja a astúcia.

Não engula a isca jogada pelo inimigo. Não perturbe um exército que faz uma retirada em seu próprio território.

Quando cercar um exército, deixe sempre uma saída livre. Não se deve pressionar em demasia um inimigo desesperado.

Essa é a arte da guerra.

## VIII

### VARIAÇÕES DAS TÁTICAS

Sun Tzu disse:

*Na guerra, o general recebe ordem de seu soberano, reúne um exército e concentra suas forças.*

Para acampar, evite se posicionar em locais difíceis. Posicionamentos em encruzilhadas pedem maior coesão com os aliados. Não prolongue sua estada em posicionamentos isolados e perigosos. Quando em posicionamentos sujeitos a cerco, lance mão de estratagemas. Se seu posicionamento for desesperador, inicie a luta.

Há estradas que não devem ser palmilhadas, exércitos que não devem ser atacados, cidades que não devem ser cercadas, posições que não devem ser desafiadas, ordens do soberano que não devem ser obedecidas.

#### TÁTICAS FLEXÍVEIS

Um general que compreende profundamente a vantagem de variar suas táticas sempre saberá o que fazer com suas tropas.

Um general que não compreende a vantagem de variar suas táticas poderá até estar bem familiarizado com a configuração de um terreno, mas não conseguirá transformar esse saber em benefícios práticos.

O estudioso da arte da guerra que não seja versado na arte de flexibilizar planos, mesmo quando familiarizado com as Cinco Vantagens, fracassará em seu intento de utilizá-las para obter o melhor para seus homens.

Sendo assim, de acordo com o planejamento feito por um líder esclarecido, considerar o que pode ser vantajoso ou não sempre levará em conta um contexto. Se o esforço em descobrir vantagens for feito dessa maneira, poderemos ter sucesso na maior parte de nossos planos.

Por outro lado, se, quando cercados de dificuldades, estivermos atentos ao surgimento de uma oportunidade, poderemos nos livrar da desgraça.

Reduza a atuação de chefes hostis infligindo-lhes perdas constantes; dê-lhes problemas contínuos e faça com que fiquem atarefados sem descanso; crie situações para atraí-los, fazendo com que corram sem parar de um lugar para outro.

## ESTAR PRONTO VALE A PENA

A arte da guerra nos ensina a confiar não na possibilidade de um não enfrentamento, mas em nosso próprio preparo para qualquer enfrentamento; não na possibilidade de que determinado inimigo não nos ataque, mas no fato de que nossas posições são inatacáveis.

Há cinco defeitos perigosos que podem afetar um general: ser descuidado, o que leva à destruição de seu exército; ser covarde, o

que leva à sua captura; ter temperamento impetuoso, o que o faz vulnerável a insultos; demonstrar sensibilidade exacerbada em relação à honra, o que o torna uma presa da vergonha; exercer proteção exagerada em relação a seus homens, o que o leva a afundar em problemas e preocupações. Esses são os cinco pecados desastrosos que podem acometer um general e que são ruinosos para a condução de uma guerra.

Quando ouvimos que um exército foi derrotado e seu líder, morto, a causa certamente estará em um desses cinco defeitos perigosos. Que eles sejam objeto de meditação.

# IX

## O EXÉRCITO EM MARCHA

Sun Tzu disse:

*Agora chegamos ao momento de acampar um exército e, de lá, observar sinais que vêm do inimigo. Passe rapidamente pelas montanhas, fique mais perto dos vales.*

Acampe sempre no alto. Um exército não deve marchar para cima para lutar. E isso é tudo sobre a guerra em montanhas.

Depois de cruzar um rio, afaste-se de suas margens.

Quando uma força invasora inimiga cruzar um rio em sua marcha de conquista, não avance para enfrentá-la no meio da correnteza. O melhor é deixar que todo o exército inimigo atravesse para o outro lado e só então abrir o ataque.

Mesmo quando há ansiedade para iniciar uma luta, não devemos confrontar o invasor perto das margens de um rio que ele pretende cruzar.

Amarre suas embarcações rio acima em relação às do inimigo e faça-o de frente para o sol. Não suba a correnteza de um rio para enfrentar o inimigo. E isso é tudo sobre a guerra em rios.

## TIRANDO VANTAGEM DO TERRENO

Ao cruzar terrenos pantanosos, deve haver uma única preocupação: a de fazê-lo rapidamente, sem delongas.

Se for imperioso lutar em pântanos, é melhor ter a água e as vegetações baixas por perto e as árvores maiores às suas costas. E isso é tudo sobre guerra em pântanos.

Em terreno seco e nivelado, estabeleça sua posição em local de fácil acesso, procurando ter aclives à direita e na retaguarda para que qualquer perigo venha de frente e a retaguarda fique em segurança. E isso é tudo a respeito de terrenos nivelados.

A seguir, os quatro conceitos de sabedoria militar que permitiram ao Imperador Amarelo vencer vários soberanos.

Durante batalhas e manobras, os exércitos devem preferir terrenos altos em detrimento dos baixos e locais ensolarados em detrimento dos sombreados. Se houver cuidados básicos com os homens e o acampamento estiver em terreno firme, o exército ficará livre de doenças, e isso já é o som da vitória.

Quando encontrar uma colina ou banco de areia, ocupe o lado voltado para o sol e deixe a encosta na retaguarda direita. Dessa maneira, há uma dupla vantagem: os benefícios para os soldados e uma configuração natural de terreno que pode ser vantajosa.

Quando, por causa de chuvas pesadas nas cabeceiras, um rio que deverá ser cruzado estiver cheio e coberto de espuma, é preciso esperar que ele baixe. Terrenos onde haja encostas íngremes com torrentes caudalosas ao fundo, precipícios naturais, passagens estreitas, bosques fechados, rachaduras no solo ou depressões encharcadas de lama devem ser abandonados o mais rápido possível, ou nem sequer considerados.

Enquanto tentamos manter distância de tais locais, é preciso atrair o inimigo para lá; enquanto tentamos manter tais locais de dificuldades sempre à nossa frente, é preciso deixar que o inimigo os tenha à retaguarda.

## EMBOSCADAS E ESPIÕES

Se houver, nos arredores do acampamento, um terreno com ondulações naturais, um lago com plantas aquáticas, uma bacia profunda coberta de vegetação ou um bosque com arbustos densos, será preciso palmilhá-lo com muito cuidado; porque é esse tipo de lugar que esconde emboscadas ou espiões à espreita de seus homens.

Quando o inimigo está bem perto, à vista, mas continua quieto, é porque está seguro sobre a força da posição que ocupa.

Quando ele faz muito barulho e tenta provocar o início da batalha, é porque quer que o outro lado avance primeiro.

Se o acampamento dele é de fácil acesso, tal atitude demonstra a possibilidade de uma armadilha.

O movimento das árvores de uma floresta sinaliza o avanço do inimigo. O surgimento de proteções cravadas em meio ao capim alto sinaliza que o inimigo deseja nossa inquietude.

O levantar do voo de aves é sinal de emboscada sendo armada. Animais assustados indicam que um ataque súbito é iminente.

Quando há colunas de poeira formando nuvens altas, é sinal de que há carros avançando; quando a nuvem de poeira é baixa, mas se espalha por uma área extensa, é sinal de que a infantaria está avançando. Quando há pouca poeira em várias direções, é sinal de que equipes foram enviadas para a coleta de lenha. Nuvens

estáveis de poeira significam que o exército inimigo está armando seu acampamento.

O eco longínquo de vozes em tom conciliador, ao mesmo tempo que se percebe uma movimentação crescente do inimigo, é sinal de que seu avanço é iminente. Linguajar mais violento e sinais de movimentação para a frente, com a aparência de um ataque, podem ser sinal de retirada.

### INTELIGÊNCIA DO EXÉRCITO

Quando se vê que há carros leves que tomam posição nas laterais, é sinal de que o inimigo está entrando em formação para a luta.

Propostas de paz que não venham acompanhadas de documento de compromisso indicam uma armadilha.

Quando se veem correrias de um lugar para outro, é sinal de que o momento crítico chegou.

Quando se vê que algumas unidades do inimigo avançam, enquanto outras recuam, é sinal de que ele arma um engodo.

Quando os soldados do inimigo são vistos apoiados em suas espadas, é porque estão quase desmaiando de fome.

Se as equipes enviadas para pegar água bebem no próprio local, antes de encetar a volta, é porque o exército inimigo esgotou sua reserva de água potável.

Se o inimigo se apercebe de uma vantagem ao seu alcance e não se esforça para obtê-la, é porque seus soldados estão exaustos.

Se for possível ver aves concentradas em determinado ponto, é sinal de que não há ninguém por lá. Vociferações durante a noite demonstram nervosismo do inimigo.

### SINAIS SIGNIFICATIVOS

Se a inteligência do seu exército descobriu que há ânimos exaltados no acampamento inimigo, isso é sinal de que a autoridade do comandante em chefe está enfraquecida. Se for possível ver estandartes e bandeiras que mudam sem parar de posição, é porque há uma rebelião. Se os relatórios indicam que os oficiais estão zangados, é porque os homens estão exaustos.

Quando um exército inimigo alimenta os cavalos com cereais e mata os bois para obter carne, quando os soldados não penduram de volta suas panelas sobre as fogueiras, no aguardo da próxima refeição, isso é sinal de que vão lutar até a morte.

A visão de grupos pequenos cochichando entre si ou falando em voz baixa aponta para uma insatisfação entre soldados e oficiais.

Premiações muito frequentes significam que o inimigo está quase sem recursos. Punições muito frequentes significam que ele está sob grande tensão.

Dar início a uma carga de ataque com grande ímpeto e logo depois se recolher em demonstrações de medo significa suprema falta de inteligência.

Quando mensageiros são enviados com cumprimentos da liderança inimiga, é sinal de que há desejo de trégua.

Se as tropas inimigas iniciam a marcha para a frente com grande energia, mas param a pouca distância das suas e lá ficam por longo tempo sem começar a batalha nem executar uma retirada, a situação exige grande atenção e reflexão.

Se suas tropas não são mais numerosas do que as do inimigo, isso é um dado determinante; quer dizer que nenhum ataque direto deverá ser empreendido. O que há para fazer nessa situação é simplesmente manter a concentração de todas as forças disponíveis, ficar de olho no inimigo e pedir reforços.

Aquele que não exercita o pensamento e subestima seus oponentes arrisca-se a ser capturado por eles.

Se seus soldados forem punidos antes de terem a oportunidade de desenvolver um sentimento de lealdade ao líder, não se mostrarão submissos; e, sem se mostrarem submissos, serão praticamente inúteis como soldados. Se depois que desenvolverem lealdade ao líder seus soldados não receberem punição nenhuma, também se tornarão inúteis.

Assim, soldados devem ser tratados primeiro com humanidade, mas sem deixar de ser controlados por uma disciplina férrea. Esse é um dos caminhos seguros que levam à vitória.

Se durante o treinamento dos soldados todas as ordens forem obedecidas normalmente, o exército terá boa disciplina.

Se um general demonstrar confiança em seus homens, sem deixar de averiguar que suas ordens sejam cumpridas, todos se beneficiarão.

# X

## CLASSIFICAÇÃO DE TERRENO

Sun Tzu disse:

*Podemos classificar o terreno de uma batalha em seis tipos: terreno acessível, terreno emaranhado, terreno de temporização, passagens estreitas, aclives altos e íngremes e posições muito afastadas do inimigo.*

*Acessível.* Terreno que pode ser atravessado sem dificuldade tanto na ida quanto na volta. Em relação a terrenos desse tipo, o importante é ocupar, antes do inimigo, as partes mais altas e mais ensolaradas e garantir as linhas de suprimentos. Dessa maneira é possível lutar com vantagem.

*Emaranhado.* Terreno que, uma vez abandonado, é difícil de ser retomado. É possível, a partir de uma posição em terreno desse tipo, avançar contra um inimigo não preparado e derrotá-lo. Mas, se o inimigo estiver preparado e não nos for possível derrotá-lo, voltar à posição inicial será impossível e o desastre se seguirá.

*Temporização.* Quando a posição-alvo tem determinadas características que fazem com que nenhum dos lados se beneficie por iniciar o ataque. Quando há tal situação, mesmo se o inimigo

nos jogar uma isca atraente, é aconselhável não só não ir em frente, mas, ao contrário, fazer uma retirada — o que incitará o inimigo a atacar; assim, quando parte do exército dele já estiver em movimento, poderemos armar nosso ataque com vantagem.

*Passagens estreitas.* Se der para ocupá-las primeiro, guarneça-as bem e espere a vinda do inimigo. Se o inimigo tomar a dianteira e ocupar a passagem, não o persiga caso a passagem esteja bem fortificada; só o faça se estiver fracamente guardada.

*Aclives.* Devemos ocupar pontos elevados e ensolarados e esperar o inimigo. Se o inimigo ocupar esses pontos antes, não o siga, mas arme uma retirada para induzi-lo a uma perseguição que o afastará desses pontos.

*Afastamento.* Se seus homens estiverem muito longe do inimigo e a força dos dois exércitos for equivalente, não será fácil provocar uma batalha e a luta poderá lhe trazer desvantagem.

São esses os seis tipos de terrenos. O general responsável deve estudá-los muito bem.

## CALAMIDADES QUE NASCEM DE ERROS

Qualquer exército está vulnerável a seis tipos de calamidades que não advêm de causas naturais, mas de erros do comandante. São eles: *debandada*, *insubordinação*, *colapso*, *ruína*, *desorganização* e *aniquilamento*.

Quando dois exércitos se veem em confronto, com todas as condições em equivalência, mas um deles é dez vezes maior que o outro, o resultado é a *debandada* daquele que está em desvantagem.

Quando os soldados de um exército são muito fortes e seus oficiais, muito fracos, o resultado é a *insubordinação*. Quando os

oficiais são muito fortes e os soldados, muito fracos, o resultado é o *colapso*.

Quando os oficiais superiores de um exército estão zangados ou são insubordinados, e quando em face do inimigo o enfrentam de forma independente, a partir das próprias ideias ou de um sentimento de ressentimento e antes que o comandante possa dizer se há ou não um posicionamento adequado à luta, o resultado é a *ruína*.

Quando o general é fraco e sem autoridade; quando suas ordens não são claras e bem-entendidas; quando seus oficiais e homens não têm a seu encargo obrigações constantes e diárias; e quando as fileiras se formam aleatoriamente, o resultado é uma grande *desorganização*.

Quando o general, incapaz de avaliar a força do inimigo, permite que uma força inferior lute com uma superior ou designa um destacamento fraco para enfrentar um poderoso; e se ele se esquece de colocar seus melhores soldados nas linhas de frente, o resultado é o *aniquilamento*.

Essas são as seis maneiras de cortejar a derrota e precisam ser cuidadosamente estudadas pelo general no comando ativo e no serviço.

#### TESTES DE UM BOM COMANDO

A formação natural do território é o melhor aliado de um soldado; mas a capacidade de bem avaliar o adversário, de exercer o controle sobre as forças que levam à vitória, de fazer cálculos astutos sobre dificuldades, perigos e distâncias, eis o teste de um grande general.

Aquele que souber fazer tais coisas e, ao lutar, puser em prática tudo aquilo que sabe irá vencer as batalhas. Aquele que não souber será seguramente derrotado.

Se a batalha tem grande possibilidade de resultar em vitória, deve-se lutar, ainda que o soberano o proíba; se a batalha prometer algo diferente da vitória, não se deve lutar, ainda que o soberano o exija.

O general que parte para o ataque sem pensar na fama e faz a retirada sem temer a desgraça, o general que tem como único pensamento proteger seu país e prestar bons serviços a seu soberano é uma joia do reino.

Pense em seus soldados como seus filhos, e eles irão segui-lo para onde for. Cuide deles como se fossem filhos amados, e eles ficarão a seu lado até mesmo na morte.

Se, contudo, o líder for indulgente demais ou inapto na observância de sua autoridade; bondoso, mas incapaz de fazer com que suas ordens sejam cumpridas; e não conseguir, além de tudo, apaziguar desavenças, então seus soldados serão crianças mimadas. E inúteis para qualquer propósito prático.

Se soubermos que nossos homens estão em condições de ataque, mas não soubermos da eventual vulnerabilidade do inimigo a esse ataque, teremos apenas metade das possibilidades de vitória.

Se soubermos que o inimigo está vulnerável a um ataque de nossas tropas, mas não soubermos das condições de nossos homens para exercer esse ataque, teremos apenas metade das possibilidades de vitória.

Se soubermos que o inimigo está vulnerável a um ataque de nossas tropas e que nossos homens estão em condições de executar esse ataque, mas não soubermos da natureza do terreno

em que se dará essa luta, teremos apenas metade das possibilidades de vitória.

Sabendo disso, o soldado experiente, uma vez iniciada sua ação, nunca fica desnortado. Uma vez deixando para trás seu acampamento, não permite que uma surpresa o perca.

Então é por isso que existe o ditado: se você conhecer o inimigo e conhecer a si mesmo, sua vitória será certa; se conhecer o Paraíso e a Terra, sua vitória será total.

# XI

## OS NOVE POSICIONAMENTOS

Sun Tzu disse:

*A arte da guerra reconhece nove posicionamentos geográficos: posicionamento dispersivo, posicionamento facilitado, posicionamento disputado, posicionamento aberto, posicionamento em encruzilhadas, posicionamento profundo, posicionamento de dificuldades, posicionamento sujeito a cerco e posicionamento desesperador.*

*Dispersivo.* Posicionamento em que um chefe luta no próprio território.

*Facilitado.* Posicionamento adquirido após penetração em território inimigo, mas perto da linha divisória, com fácil retirada.

*Disputado.* Posicionamento cuja posse significa grandes vantagens para os dois lados.

*Aberto.* Posicionamento em que os dois lados têm ampla liberdade de movimento.

*Em encruzilhadas.* Posicionamento em que há o encontro de três territórios vizinhos, de modo que aquele que o ocupar primeiro terá a maior parte do império sob seu comando.

*Profundo.* Posicionamento de um exército que penetrou fundo no território inimigo, deixando várias cidades fortificadas para trás.

*De dificuldades.* Posicionamento com florestas montanhosas, escarpas irregulares, pântanos e brejos — todo território que seja difícil de atravessar.

*Sujeito a cerco.* Posicionamento cujos acessos são gargantas estreitas e do qual a retirada depende de trilhas tortuosas, de modo que um pequeno número de soldados inimigos é o suficiente para cercar uma grande formação de nossos homens.

*Desesperador.* Posicionamento em que nossa única chance de escapar da destruição é lutar imediatamente.

#### UTILIZAÇÃO DO TERRENO

Quando em posicionamento dispersivo, não lute.

Quando em posicionamento facilitado, não pare.

Quando em posicionamento disputado, não ataque.

Quando em posicionamento aberto, não tente bloquear o movimento do inimigo.

Quando em posicionamento em encruzilhadas, aproxime-se de seus aliados.

Quando em posicionamento profundo, comece a pilhagem.

Quando em posicionamento sujeito a cerco, lance mão de estratégias.

Quando em posicionamento desesperador, lute.

Aqueles que, em antigas eras, eram chamados de líderes de valor sabiam como se pôr, qual uma cunha, entre as linhas de frente e a retaguarda de um inimigo; como impedir que as divisões menores de um inimigo recebessem a ajuda das divisões maiores; como fazer para que regimentos em bom estado de luta não conseguissem resgatar os que estavam em má situação; e aqueles

líderes de valor sabiam como fazer para impedir que os oficiais inimigos reagrupassem seus soldados.

#### TÁTICAS DE LÍDERES DE VALOR

Quando os homens do inimigo se dispersavam, os líderes de valor impediam sua concentração; e, quando os homens do inimigo estavam concentrados, esses líderes tinham maneiras de mantê-los em confusão.

Quando havia vantagens a serem conquistadas, esses líderes faziam seus movimentos de ataque; do contrário, mantinham-se estáticos.

Se me perguntassem o que fazer frente a uma massa compacta de inimigos formados de maneira concatenada e prestes a iniciar o movimento de ataque, eu diria: “Comece por tomar alguma coisa que tenha muito valor para ele, e ele se mostrará mais flexível.”

A rapidez é a própria essência da guerra. Tire vantagem de um inimigo que se atrasou em seus preparativos, movimente-se por caminhos inesperados e ataque pontos desprotegidos.

Os seguintes tópicos devem ser observados por uma força invasora: quanto mais avançar dentro do território inimigo, mais solidária ela estará e mais difícil ficará a tarefa dos defensores do território.

Faça incursões em vales férteis para poder suprir suas tropas com os alimentos apreendidos.

Observe cuidadosamente o bem-estar de seus homens e não exija em excesso. Concentre sua energia, acumule sua força. Mantenha sua tropa em movimento e arquitete planos surpreendentes. Ponha seus soldados em posicionamentos sem saída, e eles preferirão a morte à fuga. Tanto os oficiais quanto os homens darão tudo de si.

## QUANDO AS TROPAS LUTAM DURAMENTE

Soldados em posicionamentos desesperadores perdem o senso do perigo. Mesmo sem ter local de refúgio, eles se manterão firmes. Mesmo no coração de um país hostil, os soldados se mostrarão em uma frente unida e obstinada. Mesmo sem possibilidade de socorro, lutarão duramente.

Assim, sem esperar o recebimento de ordens, os soldados estarão constantemente em alerta e atentos; sem esperar que lhes peçam, farão a vontade do líder; sem punições, serão fiéis; sem haver troca de palavras, pode-se confiar neles.

Proíba-os de procurar sinais do além e livre a tropa de indecisões supersticiosas. Desse modo, até que a morte sobrevenha, nenhuma calamidade que se pareça com uma predestinação do destino precisará ser temida.

Se nossos soldados não carregam o peso do dinheiro em seus bolsos, não é por repulsa à riqueza; se a vida deles não é excepcionalmente longa, não é porque não tenham inclinação para a longevidade.

No dia em que são mandados para a batalha, seus soldados podem chorar, os que estão de pé molharão suas malhas com as lágrimas, os que estão deitados molharão as faces. Mas uma vez levados para o front demonstrarão a mesma coragem de qualquer um de nossos heróis.

## TÁTICAS DE *SHUAI-JAN*

Um bom especialista em táticas pode ser comparado à *shuai-jan*, a cobra nativa das montanhas Ch'ang. Quem atingir sua cabeça será atacado por sua cauda; quem atingir sua cauda será atacado por

sua cabeça; quem atingir o meio de seu corpo será atacado tanto pela cabeça quanto pela cauda.

Se me perguntarem se um exército pode imitar uma *shuai-jan*, eu responderei que sim. Pois os homens de Wu e os homens de Yüeh são inimigos e, mesmo assim, se ao cruzar um rio estiverem em um mesmo barco e houver uma tempestade, uns e outros se aproximam e se ajudam como uma mão ajuda a outra. Desse modo, não será suficiente, para manter a coesão das tropas, prender firmemente os cavalos ou enterrar na areia as rodas dos carros.

### CORAGEM E DISCRIÇÃO

Há uma regra para facilitar a administração de um exército, que é estabelecer um padrão de coragem a ser atingido por todos, indiscriminadamente. Mas como tirar o melhor dos fracos e dos fortes é uma questão que envolve saber usar as circunstâncias de cada posicionamento.

Assim, um general habilidoso conduz seu exército como se guiasse um único homem, aos poucos, pela mão.

É da natureza da função de um general ser calado e, assim, garantir a discríção; deve ser honrado e justo e, assim, garantir a ordem. Deve ser capaz de enganar seus oficiais e homens através de relatórios falsos e falsas aparências para mantê-los em total ignorância.

Alterando seus arranjos e disposições e mudando seus planos, ele faz com que o inimigo não consiga um conhecimento preciso de quais serão seus movimentos. Ao mudar um acampamento de lugar, ao usar estradas tortuosas e indiretas, ele impede que o inimigo se antecipe a seus propósitos.

Perante o momento crítico, o líder de um exército deve agir como alguém que subiu em um telhado e chutou a escada atrás de si. E primeiro fará incursões profundas com seus homens no território hostil antes de mostrar a eles as cartas que tem na mão.

Ele queima seus navios e quebra suas panelas; como um pastor conduzindo um rebanho de ovelhas, ele conduz seus homens para cá e para lá, e ninguém sabe para onde vai.

Ser o mestre de seu rebanho e levá-lo para onde está o perigo — assim pode ser definido o trabalho de um general.

As diferentes medidas a tomar a partir de cada um dos nove posicionamentos possíveis; a rapidez em táticas defensivas e agressivas; e as leis fundamentais da natureza humana, eis o que realmente precisa ser estudado.

Ao invadir um território hostil, o básico a saber é que todas as incursões profundas provocam coesão nas tropas invasoras; e as incursões superficiais provocam dispersão.

## EM TERRITÓRIO ESTRANGEIRO

Deixar um país para trás e entrar com seu exército em território estrangeiro significa pôr-se em posicionamento crítico. Quando há meios de comunicação e contato por todos os lados, o posicionamento é de encruzilhadas.

Quando se avança muito em um território, é um posicionamento profundo. Quando a incursão é superficial, é um posicionamento facilitado.

Quando o inimigo tem forças consistentes à sua retaguarda e à sua frente há apenas passagens estreitas, é um posicionamento sujeito a cerco. Quando não há onde obter refúgio, é um posicionamento desesperador.

Assim, em posicionamento dispersivo, devo inspirar meus homens para que mantenham a coerência de propósitos. Em posicionamento facilitado, devo garantir que haja uma ligação direta entre todos os meus regimentos.

Em posicionamento disputado, devo apressar as tropas de retaguarda.

Em posicionamento aberto, devo manter minha atenção na defesa. Em encruzilhadas, preciso consolidar minhas alianças. Em posicionamento profundo, devo assegurar um fluxo contínuo de suprimentos.

Em terrenos difíceis, devo manter a pressão na caminhada.

Em posicionamentos sujeitos a cerco, devo impedir qualquer possibilidade de retirada. Em posicionamentos desesperadores, devo declarar aos meus soldados a inutilidade em tentar salvar sua vida. Pois é da disposição de um soldado oferecer resistência obstinada quando cercado, lutar duramente quando sem possibilidade de receber ajuda e obedecer prontamente quando em perigo.

Não podemos aceitar alianças com príncipes vizinhos até termos certeza de seus desígnios. Não estamos aptos a liderar um exército em marcha a menos que estejamos familiarizados com os aspectos do território — montanhas e florestas, cascatas e precipícios, pântanos e lagos. Não poderemos nos aproveitar das vantagens naturais de um terreno a menos que tenhamos guias locais para nosso uso.

#### PRINCÍPIOS DE IMPORTÂNCIA

Ignorar qualquer um dos seguintes princípios não é digno de um príncipe da guerra.

Quando um príncipe da guerra atacar um Estado poderoso, sua destreza de líder se tornará visível ao impedir que o inimigo concentre suas forças. O príncipe intimidará seus oponentes e fará com que os aliados deles fiquem impossibilitados de agregar suas forças contra ele.

Assim, o príncipe não precisa correr para obter alianças com qualquer um, nem com isso promover o poderio de outros principados. Ele leva em frente os próprios e secretos desígnios, mantendo seus antagonistas atemorizados. É assim que ele consegue capturar cidades e derrubar reinos.

Conceda prêmios independentemente de regulamentos, dê ordens independentemente do que foi estabelecido antes, e você será capaz de lidar com um exército.

Apresente a seus soldados somente a descrição da ação em si, nunca informando o propósito dela. Quando as previsões forem positivas, revele-as para eles; mas não diga nada quando os prognósticos forem sombrios.

Ponha seu exército em perigo mortal e ele sobreviverá; afunde-o em posicionamentos desesperadores e ele surgirá a salvo.

Porque é justamente quando a força cai nos braços do perigo que ela se torna capaz de dar um salto para a vitória.

Obter o sucesso na guerra inclui nos acomodarmos, cuidadosamente, aos propósitos do inimigo.

#### ACOMODAR-SE AO INIMIGO

Se ficarmos grudados no inimigo tempo suficiente, acabaremos conseguindo matar seu comandante em chefe. Isso se chama capacidade de obter algo através de pura sagacidade.

No dia em que se assume o comando, é preciso bloquear os passes de fronteira, anular os passaportes dos oficiais e impedir a livre passagem de todos os emissários.

Seja austero nas salas de conselho para manter o controle da situação.

Se o inimigo deixar uma porta aberta, entre.

Desestabilize seu oponente tomando o que lhe é caro, manipule o tempo dele para determinar quando ele chegará ao local da batalha.

Siga o caminho definido pelas regras e acomode-se ao inimigo até o momento da batalha decisiva.

Comece, pois, exibindo a timidez de uma virgem, até que o inimigo abra a guarda; depois, imite a rapidez do cavalo a galope, e será muito tarde para que o inimigo lhe faça oposição.

## XII

### ATAQUE POR FOGO

Sun Tzu disse:

*Há cinco maneiras de atacar com fogo. A primeira é queimar os soldados em seu acampamento; a segunda é queimar seus almoxarifados de suprimentos; a terceira é queimar seus trens de carga; a quarta é queimar os arsenais de armas e munições; a quinta é lançar bolas de fogo em meio ao inimigo.*

Para levar adiante um ataque com fogo, precisamos ter os meios para isso; o material de combustão deve estar sempre disponível.

Há uma estação apropriada para fazer ataques com fogo e dias apropriados para iniciar a conflagração.

A estação apropriada é a de clima muito seco; e os dias apropriados são aqueles em que a Lua está nas constelações de Sagitário, Touro, Leão e Aquário; pois são dias de grande vento.

Em um ataque com fogo, precisamos estar preparados para enfrentar cinco desenvolvimentos possíveis de nossas ações:

Quando o fogo se alastrar no acampamento inimigo, responda imediatamente com um ataque do lado de fora.

Se houver a eclosão de um incêndio, mas os soldados do inimigo se mantiverem quietos, fique quieto também.

Quando a força das chamas estiver em seu ápice, inicie o ataque, caso isso seja possível; do contrário, fique onde está.

Se puder fazer um ataque com fogo sem entrar nele, não espere que ele se espalhe; ao contrário, escolha logo um momento favorável.

Quando iniciar um incêndio, mantenha-se fora da direção do vento. Não ataque contra o vento.

O vento que se levanta durante o dia dura bastante, mas a brisa noturna arrefece logo.

#### O USO DO FOGO E DA ÁGUA

Em qualquer exército, os cinco desenvolvimentos referentes ao ataque com fogo precisam ser conhecidos; os movimentos das estrelas calculados e os dias apropriados devem ser observados.

Assim, aqueles que usam o fogo como aliado em um ataque demonstram inteligência; aqueles que usam a água como aliada em um ataque ascendem a um nível mais alto de força.

Por meio da água, um inimigo pode ser interceptado, mas não será destituído de todos os seus bens.

Infeliz será o destino daquele que tentar vencer suas batalhas e ser bem-sucedido em seus ataques, mas que não cultiva o espírito empreendedor, criador; porque o resultado será a perda de tempo e a estagnação geral.

Daí vem o ditado: um governante esclarecido estabelece planos com grande antecedência; um bom general cultiva e faz crescer seus recursos.

Não comece a se movimentar a não ser que haja uma vantagem a ser obtida; não utilize suas tropas em batalhas a não ser que haja algo a ser ganho; não lute, a não ser que seu posicionamento seja crítico.

Nenhum governante deve pôr suas tropas em campo simplesmente para gratificar seu bom humor; nenhum general deve lutar apenas por causa de seu mau humor.

Se for vantajoso ir em frente, vá em frente; se não for, fique onde está.

Raiva eventualmente se transforma em alegria; tormento, em contentamento.

Mas um reino que for destruído um dia nunca voltará a ser o que era; nem o morto pode voltar à vida.

Assim, o governante esclarecido faz muitas ponderações, e o bom general age com muito cuidado. Essa é a maneira de manter um país em paz e um exército intacto.

## XIII

### O USO DE ESPIÕES

Sun Tzu disse:

*Levantar uma multidão de centenas de milhares de homens e fazê-los marchar por grandes distâncias leva a uma perda grande de vidas e ao esgotamento dos recursos do Estado. Os gastos diários chegarão a milhares de onças de prata. Haverá comoção nas casas e fora delas, e os homens cairão de exaustão pelas estradas. Centenas de milhares de famílias ficarão impedidas de seguir com seus trabalhos.*

Exércitos hostis podem se enfrentar por anos, buscando uma vitória que será decidida em um único dia. Desse modo, ignorar as condições do inimigo só porque alguém deseja o valor de algumas centenas de onças de prata em honrarias e emolumentos é o cúmulo da desumanidade.

Quem age assim não é líder de homens, não está a postos para ajudar seu soberano, não é um mestre em vitórias.

Assim, o que permite que um soberano sábio e um bom general consigam ataques e conquistas, e consigam coisas além do alcance do homem comum, é sua atenção ao *conhecimento prévio*.

Agora, esse conhecimento prévio não pode ser recebido através de espíritos; não pode ser obtido por indução a partir da experiência

nem por cálculos dedutivos.

## TIPOS DE ESPIÕES

O conhecimento das disposições do inimigo só pode ser obtido por contato humano. Daí o uso de espões, que se dividem em cinco classes: locais, de dentro, convertidos, a descoberto, sobreviventes.

Quando os cinco tipos de espões estão ativos, ninguém consegue descobrir todas as ramificações de seu sistema secreto de espionagem. Isso é chamado de “divina manipulação de cordéis”. É a habilidade mais preciosa de um soberano.

*Espões locais* são oriundos da população local.

*Espões de dentro* são oficiais do inimigo.

*Espões convertidos* são os espões do inimigo usados para nossos próprios fins.

*Espões a descoberto* são espões que fazem determinadas ações especialmente para que sejam descobertos, permitindo outras ações dos verdadeiros espões.

*Espões sobreviventes* são aqueles que trazem novidades do campo inimigo.

Daí se dizer que com ninguém, em todo o exército, devemos manter relações mais próximas do que com os espões. Ninguém deverá ser recompensado mais prodigamente. Em nenhuma outra atividade a discrição é tão necessária. Espões não serão úteis se não tiverem certa sagacidade intuitiva.

## MÉTODOS DE ESPIONAGEM

Espões não podem ser tratados adequadamente sem benevolência e franqueza.

Sem lançarmos mão de nossa perspicácia mental, não poderemos ter certeza da verdade de seus relatórios. Tenha sutileza e use espiões em qualquer uma de suas atividades.

Se uma informação for divulgada por um espião antes da hora certa, ele deverá ser executado com a pessoa para a qual contou o segredo.

Seja qual for o assunto — esmagar um exército, atacar uma cidade ou assassinar um indivíduo —, o começo de tudo será sempre descobrir o nome dos assistentes, ajudantes de ordem, porteiros e sentinelas da pessoa no poder.

Os espiões do inimigo que se infiltraram em nosso campo devem ser detectados, corrompidos com propinas, levados para longe e instalados com todo o conforto. Dessa maneira, eles se tornarão espiões convertidos e estarão disponíveis para nosso serviço.

Será através da informação trazida pelos espiões convertidos que cooptaremos e empregaremos espiões oriundos da população local e espiões de dentro do oficialato do inimigo.

Será também a partir da informação obtida pelos espiões do inimigo convertidos a nosso uso que poderemos formar os espiões a descoberto, aqueles que carregarão falsos indícios ao inimigo, de propósito.

E, por fim, será a partir dessa informação que poderemos ter espiões sobreviventes a serem usados em operações pontuais.

## A FINALIDADE E A META DA ESPIONAGEM

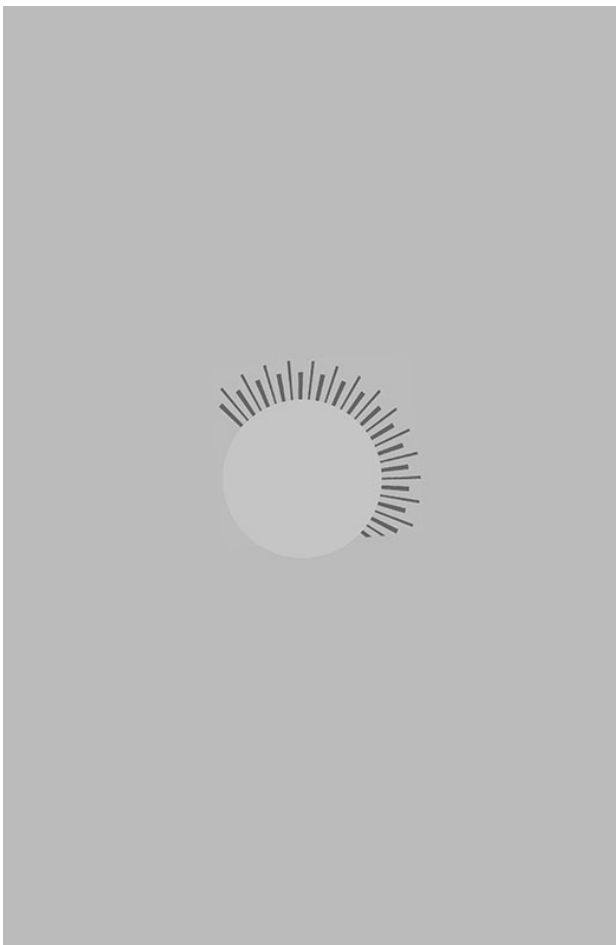
A finalidade da espionagem em todas as cinco categorias é conhecer o inimigo, e esse conhecimento só pode vir, em um primeiro momento, do espião do inimigo convertido a nosso uso.

Assim sendo, é essencial que um espião convertido seja tratado com grande prodigalidade.

Em tempos idos, a ascensão da Dinastia Yin se deu graças a I Chih, que serviu sob o comando de Hsia. Da mesma maneira, a ascensão da Dinastia Chou deveu-se a Lü Ya, que serviu sob o comando de Yin.

Desse modo, somente o governante esclarecido e o general sábio farão o melhor uso da inteligência militar no que se refere à espionagem, obtendo grandes resultados. Espiões constituem um dos elementos mais importantes da guerra, porque deles depende em grande escala a capacidade de ação de um exército.

# O LIVRO DE CINCO ANÉIS



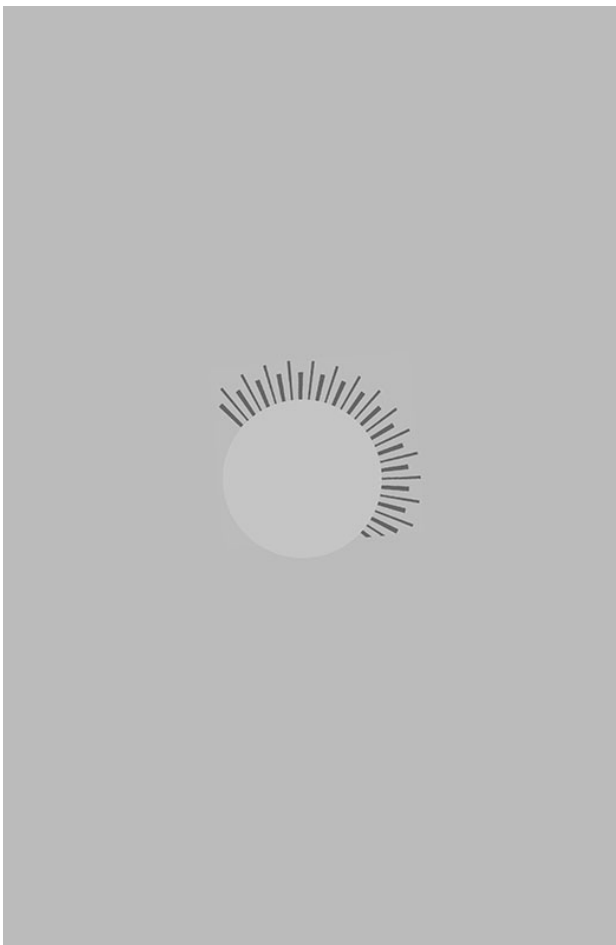
# O LIVRO DE CINCO ANÉIS

*O guia clássico de estratégia  
japonesa para os negócios*

MIYAMOTO MUSASHI

Prefácio de Waldez Ludwig  
Tradução de Fernando Barcellos Ximenes





## PREFÁCIO

Você lerá um guia para a competição e creio que lhe será extremamente útil, já que vivemos tempos de super-hipercompetitividade nos negócios, na vida profissional e, infelizmente, às vezes, na vida pessoal. Portanto, aproveite!

Como esta, as obras que tratam da essência imutável do ser humano tornam-se clássicos, e o tempo, que é implacável com as trivialidades, não as deteriora; ao contrário, as fortalece. Quanto mais a arte submerge nos intrincados e encantadores fundamentos da nossa alma, menos datada ela será e, a cada leitura, de cada leitor, tornar-se-á mais moderna. *O Livro de Cinco Anéis* é uma obra contemporânea e muito bem poderia ter sido criada hoje pela manhã, por você.

Passaram-se quatrocentos anos desde que Musashi recolheu-se para escrevê-lo, e a humanidade transformou-se muito desde lá, para ficar, essencialmente, como sempre foi. Mudaram o regime de poder, as relações comerciais, as motivações para a guerra — as próprias guerras agora são outras —, mas o nosso instinto de sobrevivência pessoal ou empresarial, desde então, não se alterou.

A competitividade não é privilégio ou ameaça deste nosso tempo digital e mundializado. Ser competitivo sempre foi a condição primordial para a sobrevivência humana, desde as mais remotas eras. Se no princípio o adversário era a própria natureza implacável, logo transformou-se na figura humana, e o maior inimigo do homem passou a ser o seu semelhante. Socializados, passamos a nos confrontar em grupos, nações e países, e agora globalizados e interconectados, a luta é corporativa.

Por certo evoluímos, e o interesse na destruição dos outros é eticamente incorreto, mas o desejo de ser sempre melhor e suplantar os concorrentes pela qualidade permanece, seja no esporte, seja nos negócios.

Duas palavras são recorrentes no brilhante texto dos *Cinco Anéis*: estratégia e aprendizado. Justo e não por acaso, as duas palavras mais significativas da chamada nova economia, agora baseada no conhecimento de si e dos competidores, uma economia baseada nas ideias, nas marcas, na criatividade, na inovação e no senso da urgência acelerada pelos negócios turbinados à velocidade da luz.

A estratégia não mudou: é o que fazer e, principalmente, por que fazer. É a definição da razão da sua existência ou do seu empreendimento e a motivação que o leva a tal fim. Estratégia é a percepção do ambiente e a decisão de qual será o melhor método para executar a sua missão. Não se confunde com a tática e muito menos com os aspectos operacionais. Estratégia decide-se à mesa, na mente. Tática treina-se na simulação, e a ação ocorre no campo de batalha.

Lendo *O Livro de Cinco Anéis* aprende-se ou revela-se a lição fundamental de que os inimigos mais perigosos somos nós mesmos. Se há um concorrente conspirando contra nossa empresa,

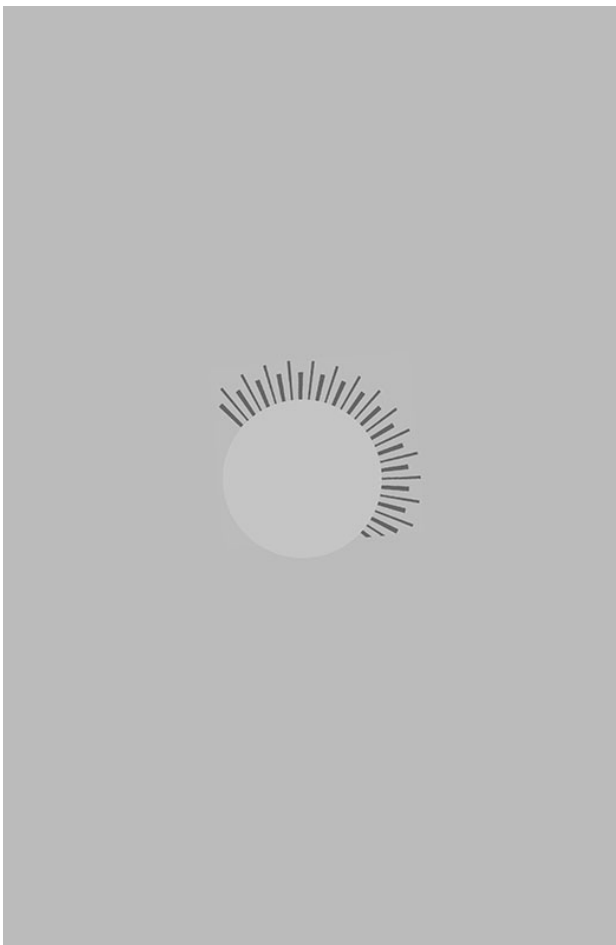
este concorrente é o nosso próprio jeito de ser, nossa cultura empresarial, nossos valores e nossa maneira velha de pensar e agir. Este é o verdadeiro inimigo a ser batido. Cortar a arrogância, a ambição, a ignorância, o individualismo, enfim, suplantar as nossas fraquezas.

O livro trata de cinco anéis, que na verdade são cinco ciclos, cinco livros, interligados e que significam as cinco dimensões da estratégia competitiva. Terra é você, sua empresa, seus processos e sua maneira de administrar. Água são os métodos, os caminhos para se chegar lá. Fogo é a batalha, o embate, o dia a dia, a luta. Vento são as melhores práticas, a comparação, o “benchmarking”. Por fim, o Nada que é a sua real vantagem competitiva, aquilo que não existe sequer nas intenções do competidor. São os novos produtos e serviços que ainda não existem e que serão inventados. Há mais por fazer do que até aqui foi feito.

Se você for um esgrimista, leia este livro nas próprias linhas, se não, leia-o nas entrelinhas, como metáfora.

WALDEZ LUIZ LUDWIG

*Junho de 2000*



## APRESENTAÇÃO

### O JAPÃO À ÉPOCA DE MUSASHI

Miyamoto Musashi nasceu em 1584, enquanto o Japão ainda lutava para se recuperar de mais de quatro séculos de comoções internas. O governo tradicional dos imperadores havia sido derrubado no século XII e, embora os novos imperadores continuassem sendo símbolos do próprio Japão, seu poder era quase nenhum. Desde aquela época, o Japão vinha sendo palco de uma guerra civil ininterrupta entre os senhores provinciais, monges guerreiros e salteadores, uns combatendo os outros em busca de mais terra e poder. Nos séculos XV e XVI, os senhores provinciais, chamados de daimyo, fizeram construir imensos castelos para se protegerem e às suas terras, e logo começaram a surgir em sua volta as primeiras cidades. Naturalmente, essas guerras restringiram o crescimento do comércio e empobreceram todo o país.

Entretanto, em 1573, um homem chamado Oda Nobunaga assumiu a dianteira e tomou as rédeas do país. Ele se tornou o Shogun, ou ditador militar, e por nove anos conseguiu trazer para seu domínio quase todo o Japão. Quando Nobunaga foi assassinado, em 1582, um plebeu ascendeu ao governo. Toyotomi

Hideyoshi prosseguiu o trabalho de unificação do país iniciado por Nobunaga, reprimindo impiedosamente todas as ameaças de insurreição. Ele fez reviver a velha separação entre os guerreiros — ou samurais — e os plebeus, impondo barreiras ao uso de espadas. A “caça às espadas de Hideyoshi”, como passou a ser conhecida, implicou que apenas os samurais tinham permissão para usar duas espadas: a espada curta, que todos poderiam usar, e a espada longa, que distinguia os samurais do restante da população.

Embora Hideyoshi tenha feito muito para pacificar o Japão e aumentar o comércio com outros países, quando de sua morte, em 1598, as lutas internas ainda não haviam sido eliminadas de todo. O verdadeiro isolamento e a unificação do Japão começaram com o grande Tokugawa Ieyasu, antigo companheiro tanto de Hideyoshi quanto de Nobunaga. Em 1603, Tokugawa tornou-se formalmente o Shogun do Japão, depois de derrotar Hideyori, filho de Hideyoshi, na batalha de Seki ga Hara.

Tokugawa estabeleceu seu governo em Edo, onde hoje é Tóquio, local onde era dono de um imenso castelo. Seu período de governo foi estável e pacífico, dando início a uma era da história japonesa que se prolongou até a restauração imperial de 1868, pois embora Ieyasu tivesse falecido em 1616, os membros de sua família se sucederam no comando da nação e o título de Shogun se tornou praticamente hereditário para os Tokugawas.

Ieyasu estava determinado a assegurar a permanência de sua ditadura pessoal e da ditadura de sua família. Para isso, concedeu ao imperador, residente em Kyoto, o mesmo status de mandatário supremo, de valor apenas honorífico, sem quase nenhuma participação nos assuntos de governo. A única ameaça concreta à posição de Ieyasu só poderia partir dos senhores, e o Shogun

limitou eficazmente as oportunidades de revolta senhorial estipulando, por meio de um esquema de leis, que todos os senhores teriam de viver em Edo ano sim, ano não e impondo grandes restrições às viagens. As doações de terra eram feitas em troca de votos de lealdade. Vários castelos provinciais nos arredores de Edo foram entregues a membros de sua família. Sob suas ordens, funcionava uma rede secreta de policiais e assassinos.

O período de Tokugawa marca uma transformação radical na história da sociedade japonesa. A burocracia dos Tokugawas se ramificou por todos os setores. A educação, o direito, o governo e as classes sociais eram controlados por ela, e sua influência chegava até a regulamentação dos costumes e do comportamento de cada classe. A consciência de classe, que é uma característica tradicional dos japoneses, se consolidou ainda mais, formando uma rígida estrutura. Assim, as pessoas se dividiam, essencialmente, em quatro classes sociais: samurais, agricultores, artesãos e comerciantes. Os samurais eram a classe mais elevada — se não em riqueza pelo menos em prestígio —, e dela faziam parte os senhores, os membros mais graduados do governo, os guerreiros, alguns oficiais do exército e os soldados da infantaria. Um degrau abaixo nessa hierarquia vinham os agricultores, não por qualquer característica especial, mas apenas em razão de assegurarem o suprimento de arroz e outras colheitas imprescindíveis à alimentação do povo. Porém, seu fardo era pesado, uma vez que eram obrigados a entregar a maior parte de sua produção aos senhores e não tinham permissão de deixar as fazendas. Em seguida vinham os artesãos e artífices, e no final da linha os comerciantes, que, embora desprezados pelos outros, acabaram por se elevar a uma posição de destaque, como consequência da

grande riqueza que amealharam aos poucos. Muito pouca gente escapava a essa rígida hierarquia.

Musashi pertencia à classe dos samurais. As origens dessa classe estão no sistema do Kondei (“Juventude Leal”), estabelecido em 792 d.C., pelo qual o Exército japonês — até então formado principalmente por uma infantaria armada de lanças — foi revitalizado com o recrutamento de oficiais entre os jovens das famílias de nível mais elevado; esses oficiais passaram a formar um corpo permanente do Exército. Eles andavam a cavalo, usavam armaduras, arco e espada. Em 782, o imperador Kammu iniciou a construção de Kyoto, e lá erigiu uma “academia” de treinamento chamada Butokuden, existente ainda hoje (Butokuden significa “Casa das Virtudes da Guerra”). Poucos anos após a reestruturação do Exército, os temíveis Ainu, habitantes aborígenes do Japão que até aquela data conseguiam resistir às tentativas do Exército de expulsá-los para regiões mais distantes, foram enfim empurrados para a distante ilha setentrional de Hokkaido.

Quando os grandes exércitos provinciais foram gradualmente desmantelados por Hideyoshi e Ieyasu, muitos samurais passaram a vagar pelo país, desempregados pela era de paz que se iniciava. Ainda havia alguns samurais junto aos Tokugawas e aos senhores provinciais, porém em pequena quantidade. As hordas de samurais sem ter o que fazer se viram, de um momento para o outro, numa sociedade regida inteiramente pelas antigas regras de cavalheirismo e fidalguia que lhes eram tão caras, mas onde, ao mesmo tempo, não havia mais lugar para guerreiros. Os samurais tornaram-se, assim, uma classe invertida, mantendo vivos os antigos ideais de conduta pela devoção às artes militares, com um fervor de que só os japoneses são capazes. Foi nessa época que floresceu o Kendo.

Kendo, ou Caminho da Espada, sempre fora sinônimo de nobreza no Japão. Desde a fundação da classe samurai, no século VIII, as artes militares haviam-se tornado a mais alta de todas as formas de estudo, inspiradas pelos ensinamentos do Zen e pelo sentimento xintoísta. As escolas de Kendo, nascidas no início do período Muromachi — aproximadamente de 1390 a 1600 —, passaram incólumes pelos abalos da formação do shogunato Tokugawa, pelo tempo de paz que se seguiu e por tudo o mais que aconteceu ao Japão, sobrevivendo até hoje. A educação dos filhos dos Shoguns Tokugawas se fazia pelo adestramento nos exercícios chineses clássicos e na esgrima. Enquanto os ocidentais diziam que “a pena é mais forte do que a espada”, os japoneses diziam “a pena e a espada em comum acordo”. Hoje ainda, homens de negócios e políticos do maior destaque na sociedade japonesa praticam as velhas tradições das escolas de Kendo, preservando costumes centenários.

*Resumindo:* Musashi era um ronin numa época em que os samurais eram considerados formalmente a elite do país, mas, na realidade, não possuíam meios de sobrevivência, a não ser que fossem proprietários de terras e castelos. Muitos ronins abandonaram a espada e se tornaram artesãos, porém outros, como Musashi, levaram em frente o ideal guerreiro, buscando a iluminação por meio da via perigosa do Kendo.

Duelos de vingança e provas de habilidade eram comuns, e as escolas de esgrima se multiplicaram. Duas dessas escolas em particular — a escola Itto e a escola Yagyu — foram protegidas dos Tokugawas. A escola Itto fez surgir uma linha ininterrupta de

mestres do Kendo, e a escola Yagyu acabou por se constituir no manancial da polícia secreta da burocracia Tokugawa.

## KENDO

Tradicionalmente, as academias de esgrima do Japão, chamadas Dojo, estavam ligadas a santuários e templos, porém, durante o período em que Musashi viveu, várias dessas escolas surgiram nas novas cidades formadas em torno dos castelos. Cada daimyo, ou senhor, mantinha uma escola de Kendo, onde seus servidores podiam ser treinados e seus filhos, educados. A esperança de todo ronin era derrotar os alunos e o mestre de um Dojo em combate, para assim aumentar sua fama e ter seu nome levado aos ouvidos de alguém capaz de empregá-lo também.

Os samurais usavam duas espadas presas à faixa da cintura, com a lâmina para cima. A espada mais longa só era utilizada fora de casa, e a mais curta, em todos os lugares. Nas sessões de treinamento, o mais comum era que se empregassem espadas de madeira e bambu. Duelos e outras provas semelhantes eram comuns, tanto com espadas de treinamento quanto com armas de verdade. Esses combates se realizavam diante de templos ou santuários, nas academias de Kendo, nas ruas e dentro dos muros dos castelos. Os duelos prosseguiam até a morte de um dos combatentes, ou sua invalidez, porém, algumas gerações após a época de Musashi, surgiu o shinai, ou espada flexível de bambu, e posteriormente a armadura acolchoada para a prática da esgrima, de modo que as possibilidades de ferimentos se reduziram muito. Os samurais estudavam todos os tipos de arma: alabardas, bastões, espadas, corrente, foicinha e muito mais. Várias escolas dedicadas

a essas armas sobrevivem ainda hoje no Japão em sua forma tradicional.

Para adestrar-se no Kendo, a pessoa tem de subjugar seu ego, sua individualidade, suportar a dor de exercícios extenuantes e cultivar a paz de espírito diante do perigo. Mas o Caminho da Espada não significa apenas o treinamento no manejo da espada: ele não existiria sem todo um código de honra característico da elite samurai. A guerra era a motivação da vida cotidiana dos samurais, e eles sabiam encarar a morte como se ela fizesse parte da rotina doméstica. O significado da vida e da morte pela espada se refletia na conduta habitual da sociedade feudal japonesa, e todo aquele que atingisse a aceitação resoluto da morte a qualquer momento de sua vida seria considerado um mestre da espada. Foi para alcançar a mesma compreensão da vida que muitos homens, em épocas posteriores, adotaram as antigas tradições dos estilos de esgrima com a espada, e muitos outros, ainda hoje, dedicam suas vidas à prática do Kendo.

## KENDO E ZEN

O Caminho da Espada resume os ensinamentos morais dos samurais, complementado pela filosofia confucionista que ajudou a dar forma ao sistema Tokugawa, ao lado da religião xintoísta, nativa do Japão. Os tribunais guerreiros do Japão do período Kamakura ao período Muromachi incentivavam o estudo austero do Zen pelos samurais, e o Zen andava de braços dados com as artes da guerra. No Zen não há elaborações nem misticismo: ele vai direto à natureza das coisas. Não há cerimônias nem pregações: a promessa do Zen é de caráter exclusivamente pessoal.

A iluminação, no Zen, não implica modificação de comportamento, mas sim a compreensão da natureza da vida comum. Seu objetivo, seu ponto final é o início, e a grande virtude é a simplicidade. Os ensinamentos secretos da escola de Kendo Itto Ryu, o Kiriotoshi, são apenas a primeira de cerca de uma centena de técnicas com esse fim. O princípio básico é o do “Ai Uchi”, significando que se deve cortar o oponente tal como ele nos corta. Isso implica o equilíbrio absoluto... a ausência de raiva. O inimigo deve ser tratado como um convidado de honra. A vida deve ser abandonada, e o medo, descartado.

A primeira técnica é a última, o discípulo e o mestre se comportam da mesma maneira. O conhecimento é um ciclo completo. O título do primeiro capítulo da obra de Musashi é Terra, a base do Kendo e do Zen; o último capítulo se chama Nada, indicando a compreensão que só pode ser expressa pelo vazio. Os ensinamentos do Kendo são semelhantes às violentas agressões verbais a que os aprendizes do Zen se sujeitam. Assolados por dúvidas e infelicidade, sua mente e seu espírito se desorientam, e os aprendizes são levados, paulatinamente, à percepção e à compreensão por seu mestre. O estudante de Kendo pratica furiosamente milhares de golpes da manhã à noite, aprendendo as técnicas ferozes da guerra mais horrível, até que, finalmente, a espada se torne uma “não espada” e a intenção se torne uma “não intenção”; nasce o conhecimento espontâneo de todas as situações. O primeiro ensinamento elementar se transforma no conhecimento supremo, e o mestre continua praticando o treinamento mais simples: sua prece cotidiana.

UM POUCO DA VIDA DE MIYAMOTO MUSASHI

Shinmen Musashi No Kami Fujiwara No Genshin, ou, como é comumente conhecido, Miyamoto Musashi, nasceu no lugarejo chamado Miyamoto, na província de Mimasaka, em 1548. Musashi é o nome de uma região a sudoeste de Tóquio, e as palavras No Kami indicam pessoa nobre na região, enquanto Fujiwara é o nome de uma das importantes famílias nobres do Japão, de mais de um milênio atrás.

Os ancestrais de Musashi formavam um ramo do poderoso clã Harima de Kyushu, a ilha meridional do Japão. Hirada Shokan, seu avô, fora servidor de Shinmen Iga No Kami Sudeshige, senhor do castelo de Takeyama. Hirada Shokan desfrutava de grande estima de seu senhor e chegou mesmo a casar-se com a filha dele.

Quando Musashi tinha sete anos, seu pai, Musisai, morreu ou abandonou o menino. Como sua mãe falecera, Ben No Suke, como Musashi era conhecido durante a infância, foi deixado sob a guarda de um tio materno, um sacerdote. E assim sabemos que Musashi era um órfão durante as campanhas de unificação de Hideyoshi, filho de samurai numa terra violenta e infeliz. Musashi foi um menino exuberante, de porte físico superior aos de sua idade e vontade férrea. Não sabemos se resolveu aderir ao Kendo por decisão própria ou por estímulo do tio, mas está registrado que com treze anos abateu um homem em combate corpo a corpo. Seu adversário fora Arima Kihei, um samurai da escola de artes militares Shinto Ryu, adestrado na lança e na espada. O menino jogou o homem ao chão e golpeou sua cabeça com um bastão sempre que ele tentava se levantar. Kihei morreu vomitando sangue.

O combate seguinte de Musashi aconteceu aos dezesseis anos, quando ele derrotou Tadashima Akiyama. Mais ou menos por essa época, ele saiu de casa e se lançou ao que entrou para a história

como “A Peregrinação Guerreira”, a qual o levou à vitória em numerosíssimos combates e à guerra em pelo menos seis vezes, até que, por fim, aos cinquenta anos de idade, retirou-se para uma vida solitária já tendo atingido o fim de sua busca da razão. É certo que muitos ronin deveriam viajar pelo país em expedições semelhantes; alguns sós, como Musashi, outros com apoio de senhores provinciais, porém nenhum com aparato do famoso espadachim Tsukahar Bokuden, que percorrera o Japão com um séquito de mais de cem homens no século anterior.

Esta parte da existência de Musashi foi vivida longe da sociedade, e nela o guerreiro se dedicou com obstinação feroz à procura da iluminação pelo Caminho da Espada. Preocupado unicamente com o aperfeiçoamento de sua arte, ele viveu como homem algum precisa viver, vagando pela terra com as roupas encharcadas pelas chuvas do inverno, sem cuidar dos cabelos, sem procurar esposa, sem se dedicar a nenhuma profissão a não ser o seu estudo. Conta-se que ele nunca entrara numa banheira a não ser nos raros casos em que fora pego desprevenido e desarmado, e que sua aparência era desleixada e miserável.

Na batalha que levou Ieyasu a suceder Hideyoshi como Shogun do Japão, Seki ga Hara, Musashi uniu-se ao exército de Ashikaga para lutar contra Ieyasu. Ele conseguiu sobreviver aos três dias terríveis em que setenta mil homens morreram, e também à caça e ao massacre dos membros do exército derrotado.

Com vinte e um anos, ele surge em Kyoto, a capital. Kyoto foi o cenário de sua vendeta contra a família Yoshioka. Os Yoshiokas haviam sido instrutores de esgrima da casa dos Ashikagas durante várias gerações. Depois de proibidos de ensinar Kendo pelo senhor Tokugawa, os Yoshiokas se dedicaram à estamperia de tecidos,

profissão que exercem ainda hoje. Munisai, o pai de Musashi, fora convidado anos atrás pelo Shogun Ashikaga Yoshiaka para ir a Kyoto. Munisai era um hábil espadachim e um especialista do jitte, uma espécie de maça de ferro com uma lingueta para aparar golpes de espada. A história conta que Munisai enfrentou três dos Yoshiokas, vencendo dois dos três duelos, e talvez isso tenha alguma relação com o comportamento de Musashi diante daquela família.

Yoshioka Seijiro, o chefe da família, foi o primeiro a lutar com Musashi, no campo em torno da cidade. Seijiro estava armado com uma espada de verdade, e Musashi com uma espada de madeira. Musashi derrubou Seijiro com um ataque feroz e atacou-o inclementemente assim que o inimigo tombou ao chão. Seus serviçais o levaram para casa, onde, envergonhado, ele cortou o nó dos cabelos que caracteriza todo samurai.

Musashi permaneceu na capital, e sua presença acintosa irritou ainda mais os Yoshiokas. O segundo irmão, Denshichiro, desafiou Musashi para um duelo. Como que cumprindo uma estratégia militar, Musashi chegou atrasado no dia marcado para o duelo e, segundos depois do início do combate, partiu o crânio do adversário com sua espada de madeira. Denshichiro estava morto. A casa dos Yoshiokas lançou então mais um desafio, com Hanshichiro, o filho mais novo de Seijiro, como seu representante. Hanshichiro era um menino que nem completara os treze anos. O combate seria realizado junto a um pinheiro, ao lado de um arrozal. Musashi chegou ao local combinado bem antes da hora do duelo e aguardou escondido a chegada de seu inimigo. O garoto chegou vestido formalmente, com trajes de guerra, acompanhado de um grupo de serviçais fortemente armados, com ordens de eliminar Musashi a

qualquer preço. Musashi aguardou algum tempo escondido nas sombras e, tão logo o grupo começou a acreditar que ele pensara melhor e resolvera deixar Kyoto, ele arremeteu veloz e abateu o menino. Em seguida, sacando de ambas as espadas, Musashi abriu caminho a golpes certos, conseguindo fugir incólume.

Depois desse episódio espantoso, o nome de Musashi correu por todo o Japão, e ele se tornou uma lenda viva. Encontramos seu nome mencionado em diários, papéis oficiais, monumentos e contos populares de Tóquio a Kyushu, sempre relacionado a proezas memoráveis. Antes dos vinte e nove anos ele já participara de mais de sessenta combates e vencera todos eles. O primeiro relato desses combates aparece em *Niten Ki*, ou *Crônicas dos Dois Céus*, compilado por seus discípulos uma geração após sua morte.

No ano da disputa com os Yoshiokas, 1605, ele visitou o templo Hozoin, na parte sul da capital, e ali lutou com Oku Hozoin, chefe da seita Nichiren, pupilo do sacerdote Zen Hoin Hinei. O sacerdote usava a lança, mas não era páreo para Musashi, que o derrotou duas vezes com sua espada curta de madeira. Musashi permaneceu no templo durante alguns meses estudando técnicas de luta e palestrando com os sacerdotes. Ainda hoje, os monges de Hozoin praticam uma forma tradicional de luta de lanças. É interessante assinalar que, antigamente, a palavra “Osho”, que significa sacerdote, tinha o sentido de “mestre de lança”. Hoin Hinei era discípulo de Isumi Musashi No Kami, um mestre do Shinto Kendo. O sacerdote usava espadas com lâminas em forma de cruz, guardadas fora do templo, sob as calhas, e utilizadas no combate ao fogo.

Quando Musashi esteve na província de Iga, defrontou-se com um hábil lutador de corrente e foicinha chamado Shishido Baikin.

Enquanto Shishido fazia girar sua corrente, Musashi sacou de um punhal e furou-lhe o peito, acabando com ele em segundos. Os pupilos do lutador abatido atacaram Musashi, porém ele os afugentou aos quatro ventos.

Em Edo, um lutador chamado Muso Gonosuke foi visitar Musashi e desafiá-lo para um duelo. Musashi estava cortando madeira para fazer um arco e, aceitando o desafio de Gonosuke, levantou-se, pretendendo fazer da ripa fina que usava uma espada. Gonosuke atacou logo, e com violência, mas Musashi conseguiu se equilibrar e golpeá-lo na cabeça. Gonosuke foi embora.

Passando pela província de Izumo, Musashi foi visitar o senhor Matsudaira e solicitou permissão para enfrentar o maior especialista de Kendo da região. E eles eram muitos. O escolhido acabou sendo um homem que tinha como arma uma vara de madeira hexagonal de mais de dois metros de comprimento. O combate se realizou nos jardins da biblioteca do senhor. Musashi usou duas espadas de madeira. Ele encurralou o samurai de encontro aos degraus de madeira da varanda da biblioteca, golpeou seu rosto assim que ele chegou ao segundo degrau e atingiu-lhe os dois braços quando ele se encolheu, fugindo da luta. Para surpresa dos servidores ali reunidos, o próprio senhor Matsudaira convidou Musashi para um duelo. Musashi encurralou o senhor como já fizera com o samurai e, quando ele tentou revidar, partindo para um ataque resolutivo com a espada, Musashi atingiu-a com o “Golpe de Fogo e Pedras”, partindo-a em duas. O senhor se curvou, admitindo a derrota, e Musashi permaneceu ali durante algum tempo como seu professor.

O mais famoso de todos os duelos de Musashi aconteceu no décimo sétimo ano de Keicho, 1612, quando ele passava por Ogura, na província de Bunzen. Seu adversário foi Sasaki Kojiro, um jovem

que desenvolvera uma técnica nova e agressiva de esgrima conhecida como Tsubamegaeshi, ou “batida da andorinha”, inspirada no movimento da cauda das andorinhas em voo. Kojiro era contratado do senhor da província, Hosokawa Tadaoki. Musashi solicitou permissão para enfrentar Kojiro por meio dos ofícios de um dos servidores de Hosokawa, que havia sido aluno do pai de Musashi, um homem chamado Nagaoka Sato Okinaza. A permissão foi concedida e o combate, marcado para as oito horas da manhã seguinte; o local escolhido foi uma ilha a alguns quilômetros de Ogura. Naquela noite, Musashi deixou seus alojamentos e se mudou para a casa de Kobayashi Taro Zaemon. Isso deu ocasião ao aparecimento de boatos de que o temor à técnica sutil de Sasaki fizera Musashi desaparecer para sempre. No dia seguinte, às oito horas, Musashi ainda dormia, e foi preciso que um emissário do senhor da região fosse buscá-lo. Ele se levantou, bebeu a água que lhe fora levada para banhar-se e foi diretamente para a praia. Enquanto Sato remava até a ilha, Musashi preparou uma tira de papel para prender as mangas de seu quimono para trás e fez uma espada de madeira aproveitando o remo de reserva. Depois disso, recostou-se para descansar.

O bote se aproximou do local do combate, e Kojiro, junto a todos que aguardavam a chegada de Musashi, se espantou com sua estranha figura: o cabelo amarrado para cima, saltando do bote e ao mesmo tempo brandindo um remo comprido ainda em meio às ondas, correndo para a praia em direção ao inimigo. Kojiro desembainhou sua espada longa, de lâmina fina, preparada por Nagamitsu de Bizen, e jogou longe a bainha. “Você não vai mais precisar dela”, disse Musashi, arremetendo para a frente com a espada ao lado do corpo. Musashi provocou Kojiro a fazer o

primeiro corte (o primeiro golpe) e com um movimento agilíssimo ergueu a espada do adversário, descendo em seguida o remo sobre a cabeça de Kojiro. Quando Kojiro caiu, sua espada, que cortara parte do cabelo da cabeça de Musashi, furou a bainha da saia do seu quimono. Musashi comprovou o fim de Kojiro e, curvando-se às autoridades presentes, voltou correndo a seu bote. Alguns relatos dizem que, depois de matar Kojiro, Musashi jogou o remo ao chão, deu alguns saltos rápidos para trás, sacou ambas as espadas e agitou-as no ar, ao mesmo tempo que soltava um grito em direção ao inimigo morto.

Foi mais ou menos por essa época que Musashi desistiu de usar espadas de verdade em duelos. Ele era invencível, e dali em diante dedicou-se à procura do conhecimento perfeito através do Kendo.

Em 1614, e outra vez, em 1615, ele teve a oportunidade de se envolver em guerras. Ieyasu cercara o castelo de Osaka, onde os defensores da família Ashikaga haviam iniciado uma insurreição. Musashi juntou-se às forças de Tokugawa durante as campanhas de verão e de inverno, agora lutando contra aqueles que defendera quando jovem em Seki ga Hara.

Segundo seus próprios escritos, só com cinquenta ou cinquenta e um anos, em 1634, ele compreendeu a estratégia. Musashi e seu filho adotivo Iori, uma criança abandonada que encontrara na província de Dewa durante suas andanças, se radicaram em Ogura no mesmo ano. Musashi nunca mais sairia da ilha de Kyushu. A casa de Hosokawa recebera o comando da província de Higo, do castelo de Kumamoto, e o novo senhor de Bunzen era um Ogasawara. Iori conseguiu empregar-se com Ogasawara Tadazane, e como capitão do exército de Tadazane enfrentou os cristãos na revolta de Shimawara, em 1638, quando Musashi tinha em torno de

cinquenta e cinco anos. Os senhores das províncias meridionais sempre se opuseram aos Tokugawas e instigaram a inimizade entre os governantes e cristãos japoneses, juntamente com seus aliados estrangeiros. Musashi era membro do comando das tropas do exército japonês de Shimawara, onde os cristãos foram massacrados. Depois disso, Ieyasu fechou os portos do Japão a todos os estrangeiros, que só viriam a ser abertos outra vez mais de dois séculos depois.

Após passar seis anos em Ogura, Musashi foi convidado a morar junto a Churi, o senhor Hosokawa do castelo de Kumamoto, como convidado de honra. Musashi passou alguns anos com o senhor Churi, dedicando seu tempo ao ensino e à pintura. Em 1643, afastou-se para levar uma vida retirada na caverna chamada Reigendo. Ali ele escreveu *Go Rin No Sho*, dirigido a seu pupilo Teruo Nobuyuki, poucas semanas antes de sua morte, no dia 19 de maio de 1645.

Musashi é conhecido pelos japoneses como “Kensei” ou “Santo da Espada”. *Go Rin No Sho* encabeça toda e qualquer bibliografia de Kendo, sendo o único livro sobre artes marciais que trata dos métodos do combate corpo a corpo e da estratégia com o mesmo destaque. O livro não é um manual de estratégia, e sim, nas palavras do próprio Musashi, “uma orientação para os que querem aprender a estratégia”. Como orientação, como guia, ele está sempre um passo adiante da compreensão do estudante. Quanto mais se lê o livro, mais se consegue extrair de suas páginas. Foi a última obra de Musashi, a chave do Caminho que ele percorreu. Quando, aos vinte e oito ou vinte e nove anos, já lutador consagrado, ele não se contentou em lançar raízes e abrir uma escola, foi para se dedicar duplamente a seus estudos. Até seus

últimos dias ele criticava os confortos da vida com o senhor Hosokawa: Musashi passou dois anos sozinho numa caverna nas montanhas imerso em contemplações. O comportamento desse homem cruel e obstinado era, evidentemente, humilde e honesto.

Musashi escreveu: “quando se atinge o Caminho da Estratégia, não haverá mais nada que não se possa compreender” e “se verá o Caminho em tudo”. E, de fato, ele tornou-se mestre de artes e ofícios. Musashi produziu obras-primas de pintura que talvez, ainda no Japão de hoje, gozem de mais renome que as de qualquer outro artista do mesmo meio. Suas obras incluem corvos-marinhos, garças, Hotei — o Deus xintoísta —, dragões, pássaros com flores, um pássaro numa árvore morta, Daruma (Bodhidharma) e outros. Era um excelente calígrafo, o que fica evidenciado por sua peça *Senki* (Espírito da Guerra). Conhece-se dele, ainda, uma pequena escultura em madeira da divindade budista Fudo Myoo, pertencente a particulares. Uma escultura de Kwannon foi perdida recentemente. Trabalhou com metal e fundou uma escola de fabricantes de guardas de espada que se assinavam “Niten” (veja a seguir). Diz-se que escreveu poemas e canções, mas nenhuma dessas obras sobreviveu. Diz-se, ainda, que teria sido contratado pelo Shogun Iemitsu para pintar o sol nascente sobre o castelo de Edo.

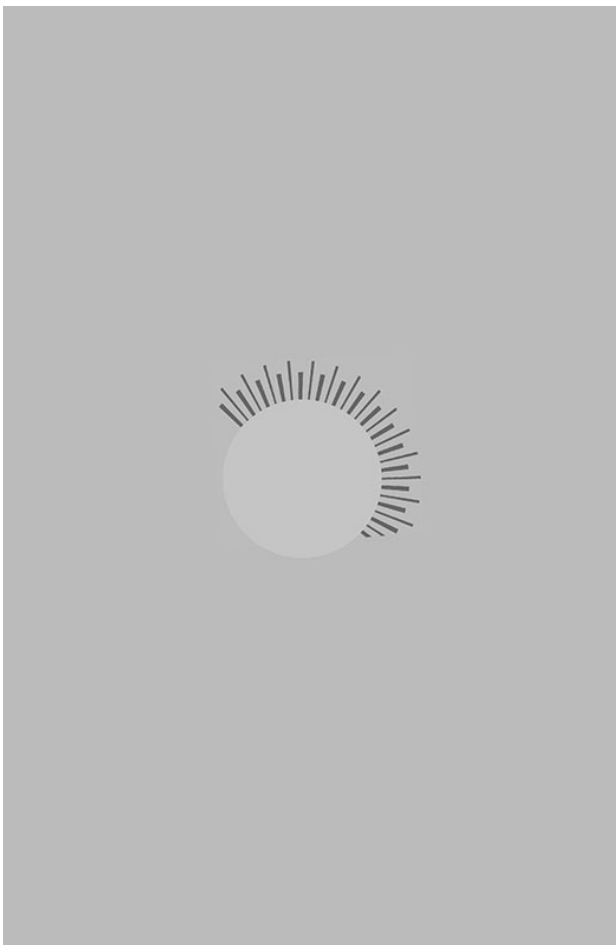
Suas pinturas trazem, às vezes, o timbre “Musashi” ou seu nome artístico “Niten”. Niten significa “Dois Céus”, que alguns consideram uma alusão à sua postura de luta, com uma espada em cada mão segura acima da cabeça. Em certas localidades ele estabeleceu escolas conhecidas como “Niten ryu”, e em outras como “Enmei ryu”, (claro círculo).

Escreveu o *Estudo dos Caminhos de Todas as Profissões*. E é evidente para nós que foi esta a sua opção de vida. Procurou não só

os grandes espadachins, mas também sacerdotes, estrategistas, artistas e artesãos, ansioso por expandir seus conhecimentos.

Musashi escreveu sobre os diversos aspectos do Kendo de uma maneira que torna possível ao iniciante começar pelo nível mais baixo e aos mestres em Kendo estudar aquelas mesmas palavras em um plano mais elevado. E isso não se aplica apenas à estratégia militar: seu método é válido para qualquer situação onde o planejamento e a tática sejam empregados. Homens de negócios do Japão de hoje usam o *Go Rin No Sho* como orientação para a prática comercial, executando campanhas de vendas como se fossem operações militares, usando os mesmos princípios de grande energia física e mental. Da mesma forma que Musashi parece ter sido um homem terrivelmente cruel, sua vida nos mostra que ele perseguia um ideal honesto; também muitos homens de negócios parecem a nós pessoas sem consciência.

O estudo da vida de Musashi tem, assim, tanta importância no século XX como sob a ética medieval de sua época, e se aplica não só à raça japonesa, mas a todas as nações. Tenho a impressão de que sua força poderia ser resumida como “humildade e muito trabalho”.



## O AUTOR

Nascido em 1584, Miyamoto Musashi estava destinado a se tornar um dos mais famosos guerreiros do Japão. Musashi foi um samurai e, com 30 anos de idade, já participara de mais de 60 combates, vencendo todos e matando seus adversários um a um. Certo de sua invencibilidade, Musashi resolveu deixar registrada a sua filosofia, “o Caminho da Espada”. Para isso, escreveu o livro ao qual denominou *O Livro de Cinco Anéis (Go Rin No Sho)* enquanto residiu numa caverna nas montanhas de Kyushu, poucas semanas antes de sua morte, em 1645.

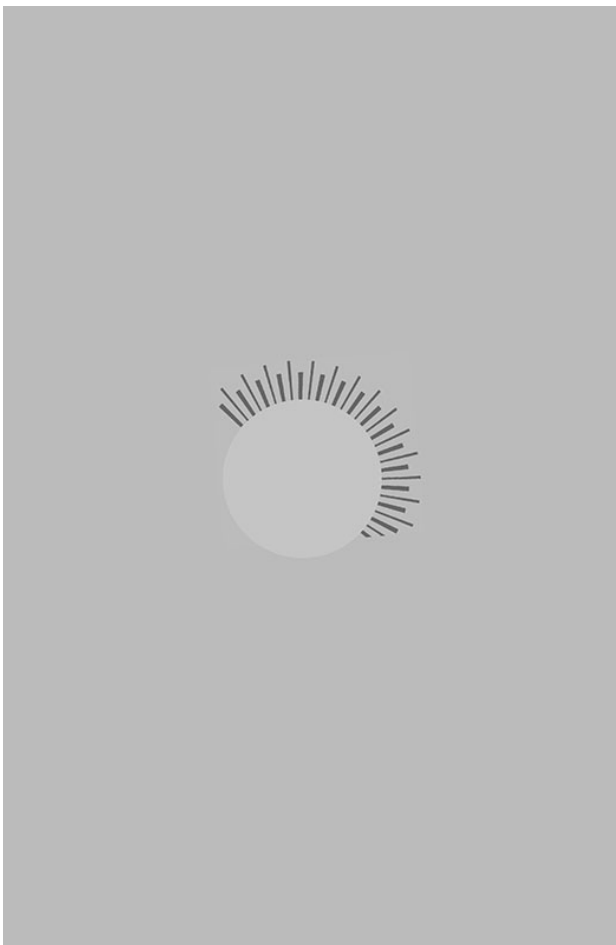
*O Livro de Cinco Anéis* é imprescindível em toda bibliografia de artes marciais, porém a filosofia que o rege, influenciada pelo Zen, pelo xintoísmo e pelo confucionismo, pode ser aplicada a diversos outros setores da vida além das artes marciais. Por exemplo: muitos industriais e homens de negócios do Japão moderno a utilizam em sua vida profissional, inclusive dirigindo campanhas de vendas como se fossem operações militares, com a mesma energia que motivava Musashi.

Musashi é conhecido pelos japoneses como *Kensei*, ou “Santo da Espada”. Embora sua vida possa dar aos ocidentais a impressão de

um homem cruel e impiedoso, Musashi esforçou-se inabalavelmente por atingir um ideal honesto, cuja verdade é transparente em *O Livro de Cinco Anéis*. Seu livro não apresenta uma tese sobre estratégias de luta, e sim, nas suas próprias palavras, “uma orientação para os homens que desejam aprender estratégia”; e como orientação, como guia, seu conteúdo está sempre um pouco adiante da nossa compreensão imediata.

O LIVRO DE CINCO ANÉIS

GO RIN NO SHO



## INTRODUÇÃO

Há muitos anos venho me adestrando no Caminho [4] da Estratégia, [5] chamado Ni Ten Ichi Ryu, e acho que agora posso, pela primeira vez, explicá-lo por escrito. Estamos nos primeiros dez dias do décimo mês do vigésimo ano de Kanei (1645). Subi as montanhas de Iwato de Higo, em Kyushu, para render meu preito ao céu, [6] orar a Kwannon [7] e ajoelhar-me aos pés de Buda. Sou um guerreiro da província de Harima, Shinmen Musashi No Kami Fujiwara No Genshin, idade de sessenta anos.

Desde a juventude, meu coração se inclinou para o Caminho da Estratégia. Meu primeiro duelo aconteceu quando eu tinha treze anos, e abati um estrategista da escola de Xinto chamado Arima Kihei. [8] Com dezesseis anos, derrotei um hábil estrategista, Tadashima Akiyama. Com vinte e um anos, fui à capital e encontrei toda sorte de estrategistas, jamais deixando de vencer uma única vez em todos os meus combates.

Depois disso, corri de província em província duelando com estrategistas de várias escolas e nunca deixei de vencer, embora contasse mais de sessenta encontros. Isso ocorreu entre as idades de treze e vinte e oito ou vinte e nove anos.

Quando cheguei aos trinta anos, observei o meu passado. As vitórias anteriores não eram devidas ao fato de eu ter dominado a estratégia. Talvez fosse minha capacidade natural, ou a ordem do céu, ou o fato de a estratégia das outras escolas ser inferior. Depois disso, dediquei dias e noites à busca do princípio, e acabei por entender o Caminho da Estratégia com cinquenta anos de idade.

Desde então, tenho vivido sem seguir nenhum Caminho em particular. Assim, com a virtude da estratégia, dei meu esforço a muitas artes e habilidades, todas elas sem nenhum mestre.<sup>[9]</sup> Para escrever este livro, não utilizei a lei de Buda, nem os ensinamentos de Confúcio, nem velhas crônicas de guerra ou livros sobre artes marciais. Tomo de minha pena para explicar o verdadeiro espírito<sup>[10]</sup> desta escola Ishi refletida no Caminho do céu e Kwannon. Já é noite alta, é o décimo dia do décimo mês, a hora do tigre<sup>[11]</sup> (três a cinco horas da manhã).

## O LIVRO DA TERRA

A estratégia é o ofício do guerreiro. Os comandantes têm de ordenar o ofício e os soldados têm de saber seguir seu Caminho. Mas não há guerreiro no mundo de hoje que compreenda verdadeiramente o Caminho da Estratégia.

Há vários Caminhos. Há o Caminho da salvação pela lei de Buda, o Caminho de Confúcio, que governa o Caminho da aprendizagem, o Caminho da cura como médico, como o poeta ensinando o Caminho de Waka, [\[12\]](#) o do chá, [\[13\]](#) o do arco e flecha [\[14\]](#) e muitas outras artes e habilidades. Cada homem faz aquilo para que se inclina.

Diz-se que cabe ao guerreiro o Caminho duplo da pena e da espada, [\[15\]](#) e que deve ter gosto por ambos os caminhos. Mesmo que um homem não possua qualquer habilidade natural, ele pode ser um guerreiro, desde que se atenha ardorosamente a ambas as divisões do Caminho. No geral, o Caminho do guerreiro é a aceitação resoluta da morte. [\[16\]](#) Embora se saiba que não só guerreiros, mas também sacerdotes, mulheres, camponeses e pessoas de classe mais baixa às vezes morram decididos pela causa da obrigação, sem se humilharem, a situação deles é

diferente. O guerreiro é único a este respeito, pois o estudo do Caminho da Estratégia é o estudo de como vencer o homem. Através da vitória alcançada, cruzando espadas com outra pessoa ou enfrentando batalhas repletas de gente, conseguimos alcançar fama para nós próprios e para nossos senhores.<sup>[17]</sup> Esta é a virtude da estratégia.

## O CAMINHO DA ESTRATÉGIA

Na China e no Japão, os praticantes do Caminho são conhecidos como “mestres da estratégia”. Os guerreiros têm de aprender este Caminho.

Recentemente, algumas pessoas vêm se passando por estrategistas para o mundo quando, na maioria dos casos, não passam de lutadores de espada. Os visitantes dos santuários de Kashima Kantori, <sup>[18]</sup> na província de Hitachi, receberam instruções dos deuses e criaram escolas baseadas nesses ensinamentos, viajando de país em país para ensiná-los aos homens. Este é o significado recente da estratégia.

No passado, a estratégia era considerada uma das Dez Habilidades e Sete Artes, e portanto vista como uma prática benéfica. Não há dúvida quanto à estratégia ser arte, mas, como prática benéfica, ela não se limita à esgrima. O verdadeiro valor da esgrima não pode ser encontrado dentro do âmbito da técnica da esgrima.

Se olharmos para o mundo, veremos artes à venda. O homem usa equipamentos para vender seu próprio eu. Como se, pondo-se lado a lado a noz e a flor, a noz fosse menos importante que a flor. Nesse tipo de Caminho da Estratégia, tanto os que ensinam quanto os que aprendem o Caminho se preocupam em colorir e exhibir sua técnica, tentando apressar o florescimento. Eles falam “Deste Dojo” e “Daquele Dojo”. <sup>[19]</sup> Eles buscam o lucro. Alguém já disse que “A estratégia imatura é causa de dor”; o ditado é verdadeiro.

São quatro os Caminhos <sup>[20]</sup> pelos quais os homens podem percorrer a vida: guerreiros, agricultores, artesãos e comerciantes.

O Caminho do agricultor: usando implementos agrícolas, ele vê as primaveras se transformarem em outonos, sempre atento às mudanças de estação.

O segundo é o Caminho do comerciante. O fabricante de vinhos obtém os ingredientes, mistura-os e usa-os para ganhar a vida. O Caminho do comerciante é sempre viver por meio do lucro.

O terceiro é o Caminho do guerreiro, transportando os armamentos de seu Caminho. O Caminho do guerreiro é dominar a virtude de suas armas. Se um guerreiro não aprecia a estratégia, ele será incapaz de apreciar as vantagens de suas armas, então ele não precisaria apreciá-la ao menos um pouco?

O quarto é o Caminho do artesão. O Caminho do carpinteiro <sup>[21]</sup> é adquirir o domínio do uso de suas ferramentas, traçando primeiro o plano com medidas certas e depois executando-o com perfeição. E assim ele passa pela vida.

Estes são os quatro Caminhos: guerreiro, agricultor, artesão e comerciante.

## COMPARAÇÃO DO CAMINHO DO CARPINTEIRO COM A ESTRATÉGIA

A comparação com a carpintaria é feita por analogia às casas. As da nobreza, as dos guerreiros, as Quatro Casas, [22] as casas em ruínas, o erguimento das casas, o estilo das casas, a tradição das casas e o nome das casas. O carpinteiro usa uma planta do prédio, e o Caminho da Estratégia se assemelha ao Caminho do carpinteiro na medida que também usa um plano de campanha. Se você quiser aprender o ofício da guerra, estude este livro. O mestre é uma agulha, o discípulo, a linha. É preciso praticar constantemente.

Como o carpinteiro-chefe, o comandante precisa conhecer todas as leis naturais, os regulamentos das casas. Este é o Caminho do carpinteiro-chefe.

O carpinteiro-chefe precisa conhecer a teoria arquitetônica das torres e templos, as plantas dos palácios, e precisa contratar homens que ergam as casas. O Caminho do carpinteiro-chefe é igual ao Caminho do comandante de uma casa guerreira. [23]

Na construção das casas, tem-se que fazer a escolha da madeira. Toras retas, sem nós, de boa aparência, são usadas nas colunas externas; toras retas com pequenos defeitos, nas colunas internas. A madeira de melhor aparência, ainda que um pouco mais fraca, é empregada em soleiras, lintéis, portas fixas e portas corrediças, [24] e assim por diante. Madeira boa e forte, ainda que cheia de nós e retorcida, sempre pode ser usada discretamente nas construções. Madeiras fracas ou completamente cobertas de nós podem ser usadas na construção de andaimes e depois como lenha.

O carpinteiro-chefe entrega tarefas a seus homens de acordo com a habilidade de cada um. Colocadores de piso, construtores de portas corrediças, soleiras, lintéis, tetos e assim por diante. Os que têm menos habilidade cuidam das tábuas do piso, e os de menor habilidade ainda chanfram a madeira ou preparam cunhas, ou se encarregam de pequenos trabalhos diversos. Se o carpinteiro-chefe conhecer bem os homens sob seu comando e designá-los para tarefas compatíveis, conseguirá fazer um bom trabalho.

O carpinteiro-chefe precisa levar em consideração a capacidade e as limitações de seus subordinados, circulando entre eles e nunca exigindo o que não for razoável. Deve conhecer o ânimo e o estado de espírito de cada um e incentivá-los, quando necessário. O mesmo vale como princípio da estratégia.

## O CAMINHO DA ESTRATÉGIA

Tal como o soldado, o carpinteiro afia suas ferramentas, seus instrumentos de trabalho. [25] Ele carrega as ferramentas numa caixa própria e trabalha sob a direção do carpinteiro-chefe. Faz colunas e vigas com o machado, dá forma a tábuas corridas e prateleiras com a plaina, faz entalhes e abre desenhos na madeira com toda a precisão, conseguindo um acabamento tão excelente quanto sua habilidade permitir. Este é o ofício dos carpinteiros. Quando o carpinteiro domina seu ofício e compreende as medidas, ele pode se tornar um carpinteiro-chefe.

A função do carpinteiro é, dispondo de ferramentas que cortem bem, fazer pequenos santuários, [26] prateleiras e estantes de escrever, mesas, lanternas de papel, tábuas de bater carne e tampas de panelas. Estas são as especialidades do carpinteiro. A vida do soldado é semelhante. Você deve pensar suficientemente nisso.

A satisfação do carpinteiro é ver que seu trabalho não está empenado, que as juntas estão bem alinhadas, que o plano de trabalho foi bem elaborado e tudo se encaixa, e que o acabamento não está limitado a algumas seções. Isto é essencial.

Se você quiser aprender este Caminho, pense profundamente nas coisas aqui escritas, uma de cada vez. Será preciso estudar bastante antes de tomar qualquer decisão.

## ESBOÇO DOS CINCO LIVROS DESTE LIVRO DE ESTRATÉGIA

O Caminho está indicado em cinco livros, [27] cada um tratando de um aspecto diferente. São eles: Terra, Água, Fogo, Tradição (Vento) [28] e Nada. [29]

O corpo do Caminho da Estratégia sob o ponto de vista da minha escola Ichi está explicado no Livro da Terra. É muito difícil que se chegue a compreender o verdadeiro Caminho apenas por meio da esgrima. Estude as menores coisas e as maiores coisas, as coisas mais superficiais e as coisas mais profundas. Como se parece com uma estrada riscada no chão, o primeiro livro se chama Livro da Terra.

O segundo é o Livro da Água. Tendo a água por base, o espírito se torna semelhante à água. A água adota a forma do recipiente que a contém, às vezes goteja e às vezes é mar bravio. A água tem a cor azul-clara. Por meio da clareza, os princípios da escola Ichi são ensinados neste livro.

Se você dominar os princípios da esgrima, assim que conseguir derrotar livremente um homem, você estará em condições de derrotar qualquer homem no mundo. O espírito de se derrotar um homem é o mesmo para se abater dez milhões de homens. O estrategista transforma coisas pequenas em grandes coisas, como a construção de um grande Buda a partir de um modelo de trinta centímetros. Não posso escrever detalhadamente sobre como isso é conseguido. O princípio da estratégia é, tendo-se uma coisa, conhecerem-se dez mil coisas. E as coisas da escola Ichi estão escritas neste Livro da Água.

O terceiro é o Livro do Fogo. Este livro fala da luta. O espírito do fogo é feroz, seja ele pequeno ou grande; o mesmo acontece com as batalhas. O Caminho das batalhas é o mesmo tanto em lutas de dois homens quanto em batalhas com dez mil de cada lado. Você precisa aceitar que esse espírito se torne pequeno ou grande. O que é grande percebe-se com facilidade; o que é pequeno, nem tanto, nem sempre. Resumindo: é difícil que grandes grupos de homens troquem de posição, e por isso seus movimentos podem ser percebidos sem problema. Já uma pessoa sozinha pode mudar de opinião num segundo, e assim seus movimentos não são fáceis de prever. É preciso aceitar isso. A essência deste livro é a de que o guerreiro tem de treinar dia e noite a fim de tomar decisões rápidas. Na estratégia, é importante tratar o treinamento como parte da vida normal, sem qualquer mudança de espírito. Por isso, o combate é descrito no Livro do Fogo.

Em quarto lugar vem o Livro do Vento. Este livro não se relaciona com a minha escola Ichi, e sim com outras escolas de estratégia. Por Vento refiro-me a tradições antigas, tradições atuais e tradições familiares de estratégias do mundo. Isso é tradição. É difícil que uma pessoa se conheça se não conhecer os outros. A todos os Caminhos há vias secundárias. Se você estudar um Caminho diariamente, e se seu espírito divergir, pode ser que você acredite estar seguindo um bom Caminho quando na realidade seu espírito diverge dele. Se você estiver seguindo um bom Caminho e divergir um pouco, é possível que mais tarde surja uma grande divergência. É preciso compreender isso. Outras estratégias acabaram por ser consideradas meras técnicas de esgrima, o que não chega a surpreender. A vantagem da minha estratégia está em que, embora inclua a esgrima, ela possui um princípio distinto. Explico, portanto,

o que se entende comumente por estratégia nas outras escolas neste Livro do Vento (Tradição).

Em quinto lugar, o Livro do Nada. Por Nada entendo o que não tem princípio e não tem fim. Atingir este princípio significa não atingir o princípio. O Caminho da Estratégia é o Caminho da Natureza. Quando se consegue apreender a força da natureza, conhecer o ritmo de qualquer situação, consegue-se atacar o inimigo naturalmente e golpear naturalmente. Tudo isso é o Caminho do Nada. No Livro do Nada, pretendo mostrar como seguir o Caminho verdadeiro segundo a Natureza.

## O NOME DE ICHI RYU NI TO (UMA ESCOLA — DUAS ESPADAS)

Os guerreiros, sejam comandantes ou soldados, carregam duas espadas <sup>[30]</sup> à cintura. Antigamente, elas eram chamadas de espada longa e espada curta; hoje, elas são conhecidas como a espada e a espada companheira. Basta dizer, porém, que em nossa terra, sejam quais forem os motivos, o guerreiro carrega duas espadas à cintura. Este é o Caminho do guerreiro.

“Nito Ichi Ryu” mostra as vantagens de se usarem duas espadas.

A lança e a alabarda <sup>[31]</sup> são armas que se usam fora de casa.

Os estudantes do Caminho da Estratégia pela escola Ichi devem treinar desde o início com a espada curta e a espada longa, uma em cada mão. Esta é a verdade: quando se sacrifica a vida, é imprescindível que se usem ao máximo os armamentos de que se dispõem. Não é direito deixar de agir assim, como não é direito morrer com uma arma ainda não sacada.

Segurando uma mesma espada com as duas mãos, você terá dificuldades para fazê-la girar livremente para a esquerda e para a direita, por isso meu método é usar uma espada em cada mão. Isso não se aplica a armas grandes como a lança ou alabarda, mas as espadas e as espadas companheiras podem ser levadas numa só mão. Seria confuso levar uma espada em ambas as mãos, quando se está a cavalo, quando se corre por estrada de piso desigual, ou em campos enlameados, ou em campos alagados de arroz, ou em terrenos de pedra, ou em meio a agrupamentos de pessoas. Segurar a espada longa com ambas as mãos não é o verdadeiro Caminho, pois se você carrega um arco ou uma lança ou outras armas na mão esquerda, você só terá uma das mãos livres para a

espada longa. Entretanto, nos casos em que for difícil abater um inimigo com uma das mãos, a única saída será segurar a espada com as duas. Não é difícil manejar uma espada com uma das mãos; o Caminho do aprendizado desta técnica é treinar com duas espadas longas, uma em cada mão. A princípio tudo parecerá difícil, mas a princípio tudo é difícil. É difícil apanhar e apontar o arco e a flecha, é difícil manejar a alabarda; à medida que você se acostumar com o arco, sua força e sua firmeza crescerão. Quando você se acostumar ao manejo da espada longa, você adquirirá a força do Caminho e a manejará bem.

Como explico no segundo livro, o Livro da Água, não há atalho no aprendizado do manejo da espada longa. A espada longa deve ser manejada com movimentos largos, a espada curta deve ser manejada com movimentos mais rentes ao corpo. Este é o primeiro detalhe que se precisa compreender.

De acordo com a escola Ichi, pode-se vencer com uma espada longa e pode-se vencer também com uma espada curta. Em resumo: o Caminho da escola Ichi é o espírito da vitória, seja qual for a arma e seja qual for o tamanho da arma.

É preferível usar duas espadas a usar uma, quando se enfrenta um grupo de pessoas, e principalmente quando se quer fazer um prisioneiro.

Coisas assim não podem ser explicadas detalhadamente. De uma coisa, aprenda mil coisas. Quando você alcançar o Caminho da Estratégia, não haverá coisa alguma que não consiga ver. Você precisa estudar muito.

## A VANTAGEM DOS DOIS CARACTERES QUE SIGNIFICAM “ESTRATÉGIA”

Os mestres da espada longa são chamados de estrategistas. Quanto às outras artes militares, os que dominam o arco são chamados de arqueiros, os que dominam a lança, de lanceiros, os que dominam o canhão<sup>[32]</sup>, de atiradores, os que dominam a alabarda, de alabardistas ou alabardeiros. Mas não chamamos os mestres do Caminho da espada longa de “espadachins da espada longa” ou mesmo “espadachins”, como não falamos também em “espadachins da espada companheira”. Porque arcos, canhões, lanças e alabardas são todos equipamentos de guerreiros e com toda a certeza fazem parte da estratégia. Dominar a virtude da espada longa, por outro lado, é dirigir ao mundo e a si mesmo, e portanto a espada longa é a base da estratégia. O princípio é a “estratégia por meio da espada longa”. Alcançando a virtude da espada longa, um só homem é capaz de vencer dez homens. Da mesma maneira que um homem pode derrotar dez, cem homens podem derrotar mil e mil podem derrotar dez mil. Na minha estratégia, um homem é o mesmo que dez mil homens, e portanto esta estratégia é o ofício completo do guerreiro.

O Caminho do guerreiro não inclui outros caminhos, como o confucionismo, o budismo, certas tradições, realizações artísticas e a dança.<sup>[33]</sup> Mas, mesmo que eles não façam parte do Caminho, se conhecer o Caminho a fundo, você o verá em tudo. O homem tem de dar polimento ao Caminho que escolheu.

## AS VANTAGENS DAS ARMAS NA ESTRATÉGIA

Há hora e lugar para o uso das armas.

A melhor utilização da espada companheira se dá em locais confinados, ou quando se enfrenta um oponente quase corpo a corpo. A espada longa pode ser usada com eficácia em todas as situações.

A alabarda é inferior à lança no campo de batalha. Com a lança pode-se tomar a iniciativa; a alabarda é defensiva. Nas mãos de um homem de mais habilidade, a lança tem sempre mais força. A lança e a alabarda têm ambas sua utilidade, mas de nada servem num espaço confinado. Elas não podem ser usadas para se fazer um prisioneiro, por exemplo. Elas são essencialmente armas de campo.

De qualquer forma, se aprender apenas as técnicas de “recinto fechado”, <sup>[34]</sup> você correrá o risco de estreitar o pensamento e esquecer o verdadeiro Caminho. Por isso você enfrentará dificuldades ao combater de fato.

O arco é taticamente forte no início das batalhas, e em particular nas batalhas em campos abertos ou com vegetação rasteira, já que permite arremessos ligeiros por entre os companheiros armados de lanças. Entretanto, nos cercos, ele é insatisfatório, o mesmo acontecendo quando o inimigo se encontra a mais de quarenta metros de distância. Por este motivo, são poucas as escolas tradicionais de arqueiros que ainda sobrevivem. Há pouca utilidade, em nossos dias, para esse tipo de habilidade.

Usado dentro de fortificações, o canhão não tem rival entre todas as armas. É a arma suprema dos campos de batalha antes do

choque de homem contra homem, porém depois que se cruzam espadas ele se torna inútil.

Uma das vantagens do arco é que se podem ver as flechas em voo e corrigir a mira de acordo com sua trajetória, enquanto as balas de canhão não podem ser vistas. Você precisa compreender bem a importância deste fato.

Da mesma maneira que um cavalo precisa ter resistência e nenhum defeito, assim devem ser todas as armas. Os cavalos devem marchar com força, as espadas longas e as espadas companheiras têm que golpear com força. As lanças e alabardas precisam suportar o uso pesado; os arcos e os canhões precisam ter grande resistência. Todas as armas têm que ser eficazes e duradouras, antes de serem decorativas.

Você não deve ter uma arma preferida. O hábito exagerado do uso de uma arma qualquer é tão prejudicial quanto o conhecimento inadequado dela. Você não deve copiar os outros, e sim utilizar as armas que consegue manejar com propriedade. Comandantes e soldados não podem sentir preferências ou antipatias por armamentos. Estes são fatos que você deve aprender a fundo.

## A NOÇÃO DE TEMPO NA ESTRATÉGIA

Há sincronia em tudo. A noção de tempo na estratégia não pode ser dominada sem uma prática das mais intensas.

A noção de tempo é importante na dança, na música das flautas e na música das cordas, pois só se tocará dentro do ritmo se a sincronia for perfeita. A sincronia e o ritmo também se manifestam nas artes militares, no arremesso das flechas e nas cavalgadas. Em todos os conhecimentos e habilidades há sincronia.

Também há sincronia no Nada.

Há sincronia em toda a vida do guerreiro, na sua ascensão e no seu declínio, na sua harmonia e na sua discórdia. Da mesma forma, há sincronia no Caminho do comerciante, na ascensão e no declínio do capital. Todas as coisas existem dentro de um movimento de ascensão e declínio. E isto você precisa aprender a distinguir. Na estratégia, a noção de tempo exige diversas considerações. Desde o princípio, você precisa conhecer a sincronia necessária a cada situação e a sincronia desfavorável a ela e, em meio às coisas grandes e pequenas, aos ritmos lentos e rápidos, encontrar a sincronia relevante, observando primeiro a sincronia da distância e a sincronia do fundo. Este é o aspecto mais importante da estratégia. A sincronia do fundo reveste-se de uma importância especial, caso contrário, sua estratégia será incerta e instável.

Ganham-se batalhas com a sincronia do Nada, nascida da sincronia da sagacidade, apreendendo-se a sincronia dos inimigos e, em seguida, utilizando-se uma sincronia que o inimigo não espera.

Todos os cinco livros tratam, antes de mais nada, da sincronia, da noção de tempo. Para compreender bem o que isto significa, você tem de treinar e praticar bastante.

Se você praticar dia e noite a estratégia da escola Ichi, seu espírito se alargará naturalmente. É assim que a estratégia das batalhas em grande escala e a estratégia dos combates corpo a corpo se propagam no mundo. E pela primeira vez isso é registrado nos cinco livros: da Terra, da Água, do Fogo, da Tradição (Vento) e do Nada. É este o Caminho para os homens que desejam aprender a minha estratégia.

- 1. Não pense com desonestidade.*
- 2. O Caminho está no treinamento.*
- 3. Trave contato com todas as artes.*
- 4. Conheça o Caminho de todas as profissões.*
- 5. Aprenda a distinguir ganho de perda nos assuntos materiais.*
- 6. Desenvolva o julgamento intuitivo e a compreensão de tudo.*
- 7. Perceba as coisas que não podem ser vistas.*
- 8. Preste atenção até ao que não tem importância.*
- 9. Não faça nada que de nada sirva.*

É importante começar guardando estes princípios gerais em sua mente e treinando o Caminho da Estratégia. Se você não conseguir ver as coisas em escala maior, será difícil dominar a estratégia. Se aprender e dominar a estratégia que ensino, você nunca perderá, mesmo que enfrente vinte ou trinta inimigos. Mais do que tudo, neste começo, é preciso que você volte seu coração para a estratégia e se atenha fielmente ao Caminho. Você se tornará capaz de vencer os homens na luta, e capaz de vencer com os olhos. Além disso, com o treinamento, você se tornará capaz de controlar

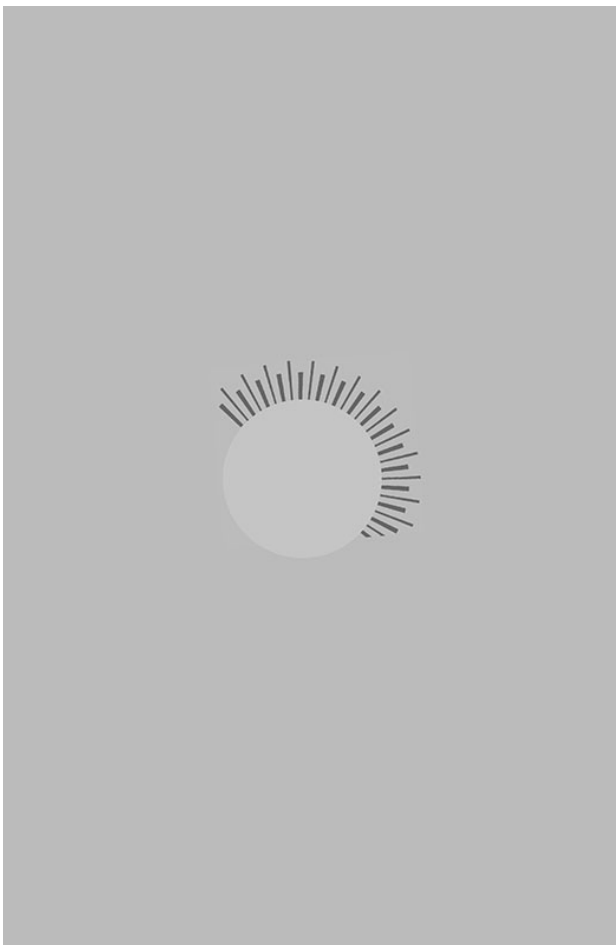
livremente o seu próprio corpo, derrotar os homens com o seu corpo e, desde que faça um treinamento suficiente, de derrotar dez homens com seu espírito. Quando tiver alcançado este ponto, você será invencível!

Além do mais, na estratégia em grande escala, o homem em posição de mando saberá controlar diversos subordinados com destreza, portar-se corretamente, dirigir o país e estimular as pessoas, preservando dessa forma a disciplina. Se há um Caminho do espírito de não ser derrotado, de se desenvolver e de alcançar honras, ele é o Caminho da Estratégia.

Décimo segundo dia, do quinto mês, segundo ano de Shoho (1645).

Teruo Magonojo. [\[35\]](#)

SHINMEN MUSASHI



## O LIVRO DA ÁGUA

O espírito da escola de estratégia Ni Ten Ichi se baseia na água, e este Livro da Água explica os métodos de vitória na forma da espada longa da escola Ichi. A palavra não consegue explicar o Caminho em todos os seus detalhes, mas eles podem ser apreendidos intuitivamente. Estude este livro: leia uma palavra e pondere. Se interpretar seu significado superficialmente, você confundirá o Caminho.

Os princípios da estratégia estão analisados aqui em termos de luta homem a homem, mas você tem de pensar em nível amplo para chegar a compreender as batalhas em que dez mil homens formam de cada lado.

A estratégia é diferente das outras coisas na medida que, se você confundir o Caminho, um pouco que seja, o resultado será a desorientação completa e a aquisição de maus hábitos.

Apenas lendo este livro você não atingirá o Caminho da Estratégia. Absorva o que está escrito aqui. Não se limite a ler, memorizar ou imitar, mas, para penetrar no princípio e tê-lo gravado em seu coração, estude, estude muito.

## A INFLUÊNCIA ESPIRITUAL NA ESTRATÉGIA

A estratégia não exige nenhuma postura espiritual diferente da normalidade. Tanto na luta quanto na vida cotidiana você deve mostrar determinação aliada à calma. Enfrente a situação relaxado, mas sem precipitações, com o espírito calmo, mas não preconcebido. E lembre-se, também, de que o relaxamento da mente não implica o relaxamento do corpo; e nem a mente pode se relaxar a ponto de se tornar entorpecida. Não permita que seu espírito seja influenciado por seu corpo, e nem que seu corpo seja influenciado por seu espírito. Não deixe que seu espírito se eleve demais; não deixe que ele se abata demais. Um espírito elevado é um espírito fraco; um espírito abatido é um espírito fraco. Não permita que o inimigo perceba seu espírito. As pessoas pequenas têm de se familiarizar completamente com o espírito das pessoas grandes, e as pessoas grandes, com o espírito das pessoas pequenas. Seja qual for o seu tamanho, não se permita iludir com as reações do seu próprio corpo. Com o espírito aberto e livre, encare as coisas de um ponto de vista alto. É imprescindível cultivar a sabedoria e o espírito. Refine sua sabedoria: adquira mais conhecimentos sobre a justiça pública, aprenda a distinguir entre o bem e o mal, estude os caminhos das diferentes artes, uma a uma. Quando não mais puder ser iludido pelos homens, você terá atingido a sabedoria da estratégia.

A sabedoria da estratégia é diferente de tudo o mais. No campo de batalha, mesmo nas situações mais difíceis, aprofunde-se incessantemente nos princípios da estratégia para que seu espírito se torne cada vez mais firme.

## A POSTURA DO CORPO NA ESTRATÉGIA

Adote uma postura de cabeça erguida, nem curvada para a frente nem voltada para o céu, nem virada para qualquer um dos lados. Sua testa e o espaço entre seus olhos não devem ficar franzidos. Não gire os olhos nem permita que pisquem; apenas estreite-os ligeiramente. Com as feições compostas, mantenha a linha do nariz reta, com uma leve sensação de narinas dilatadas. Mantenha reta, também, a linha da nuca; instile vigor na linha de implantação dos cabelos, assim como do ombro para baixo, por todo o corpo. Encolha ambos os ombros e, sem permitir que as nádegas se projetem para fora, dê força às pernas, dos joelhos até a ponta dos dedos dos pés. Prenda o abdômen, para que seu corpo não se dobre nos quadris. Enfie a espada companheira na faixa da cintura de encontro ao abdômen, para que a faixa não afrouxe.

Em todas as formas de estratégia, é indispensável que se mantenha a postura de combate na vida cotidiana e que se faça da postura diária a sua postura de combate. Isto precisa ser bem estudado.

## O OLHAR NA ESTRATÉGIA

O olhar deve ser aberto e amplo. Este é o olhar duplo de “Percepção e Visão”. A percepção é forte e a vista é fraca.

Na estratégia, é importante ver coisas distantes das coisas próximas e ter uma visão distanciada das coisas próximas. É importante, na estratégia, conhecer a espada do inimigo e não se deixar distrair por movimentos insignificantes dela. Este detalhe precisa ser estudado. O olhar é o mesmo no combate individual e na estratégia de grande escala.

É necessário, na estratégia, ver ambos os lados sem movimentar os olhos. E esta habilidade não pode ser adquirida com rapidez. Aprenda o que aqui está escrito: use este olhar na vida diária, e não o modifique, aconteça o que acontecer.

## COMO SEGURAR A ESPADA LONGA

Segure a espada longa entre o polegar e o indicador, de modo que ela produza uma sensação flutuante, com o dedo médio nem muito apertado nem muito folgado, e com os dois últimos dedos apertados. Não é conveniente que haja folga na mão.

Quando pegar uma espada, é indispensável que você sinta necessidade e vontade de abater o inimigo. E, ao golpeá-lo, você não poderá alterar sua pegada; suas mãos não podem hesitar. Quando golpear a espada do inimigo para um dos lados, ou interromper o seu golpe, ou forçá-la para baixo, a sensação entre o polegar e o indicador deverá mudar ligeiramente. Mas, acima de tudo, você precisa estar decidido a abater o inimigo a partir do modo pelo qual segura a espada.

A pegada para combate e para teste de espada <sup>[36]</sup> é a mesma. Não há o que alguns chamam de “pegada de luta”.

Em geral, desaprovo a rigidez tanto da espada longa quanto das mãos. A rigidez significa que as mãos ficam “mortas”. A flexibilidade dá vida às mãos. Você não pode se esquecer disso.

## TRABALHO DOS PÉS [37]

Com as pontas dos dedos dos pés mais ou menos flutuantes, fixe os calcanhares firmemente no chão.

Quer você se movimente depressa ou devagar, com passadas largas ou curtas, seus pés deverão ter sempre a sensação do andar normal. Não gosto dos três métodos de caminhada chamados “pé saltador”, “pé flutuante” e “pé fixo”.

O chamado “pé Yin-Yang” é importante no meu Caminho. Pé Yin-Yang significa nunca movimentar apenas um pé, mas sim os pés da esquerda para a direita e os da direita para a esquerda, ao golpear, recuar ou desviar um ataque. Nenhum dos pés deve ter a preferência do movimento.

## AS CINCO ATITUDES

As cinco atitudes são: superior, média, inferior, direita e esquerda. Embora a atitude tenha estas cinco divisões, a finalidade precípua de todas elas é golpear o inimigo. Não há outra atitude além destas cinco.

Seja qual for a atitude em que você estiver, não tome consciência dela: pense apenas em golpear.

Sua atitude será aberta ou contraída conforme a situação. As atitudes superior, inferior e média são decisivas. As atitudes esquerda e direita são fluidas. As atitudes esquerda e direita devem ser usadas quando há uma obstrução na altura do local ou de um dos dois lados. A decisão de se adotar a atitude esquerda ou direita dependerá, portanto, do local do combate.

A essência do Caminho é esta. Para compreender a atitude, em geral, é preciso que você entenda profundamente a atitude média. A atitude média é o núcleo de todas as atitudes. Se virmos a estratégia em uma escala ampla, a atitude média será a posição do comandante, com as outras quatro atitudes obedecendo a seu comando. Você deve estudar isto muito bem.

## O CAMINHO DA ESPADA LONGA

Conhecer o Caminho da espada longa [38] significa poder manejar com dois dedos a espada que normalmente se carrega. Se conhecermos bem o trajeto da espada, poderemos manejá-la com facilidade.

Se você tentar manejar a espada longa com pressa, acabará por confundir o Caminho. Para aprender a manejá-la, é preciso que você tenha calma. Tentando manejá-la com pressa, como um leque [39] ou uma espada curta, você cometerá um erro que chamo de “golpe da espada curta”. Não se pode abater um homem com a espada longa utilizando este método.

Depois de golpear para baixo com a espada longa, erga-a reta; quando tiver golpeado para um dos lados, traga a espada de volta com uma trajetória lateral. A espada tem de voltar sempre de maneira racional, sempre com um movimento amplo que estique ao máximo os cotovelos. Maneje a espada com força. Este é o Caminho da espada longa.

Se aprender a utilizar os cinco enfoques da minha estratégia, você conseguirá manejar bem a espada. É preciso treinar constantemente.

## OS CINCO ENFOQUES [\[40\]](#)

1. O primeiro enfoque é a atitude média. Enfrente o inimigo com a ponta de sua espada contra o rosto dele. Quando ele atacar, jogue a espada dele para a direita e “monte” sobre ele. Ou, quando o inimigo atacar, desvie a ponta da espada dele golpeando-a para baixo; mantenha a sua espada longa onde está, e assim que o inimigo renovar o ataque golpeie os braços dele de baixo para cima. Este é o primeiro método.

Os cinco enfoques são assim. Você tem de treinar repetidamente, usando uma espada longa, a fim de aprendê-los. Quando chegar a dominar o meu Caminho da espada longa, você estará em condições de controlar qualquer ataque que o inimigo faça. Posso assegurar a você que não há outras atitudes além das cinco atitudes da espada longa de NiTo.

2. No segundo enfoque com a espada longa, partindo da atitude superior, golpeie o inimigo no momento em que ele atacar. Se o inimigo conseguir evitar o golpe, mantenha sua espada onde estiver e, com um movimento de concha de baixo para cima, golpeie-o assim que renovar o ataque. Se for preciso, será possível repetir o golpe desta nova posição.

Neste método, ocorrem diversas alterações de tempo e espírito. Você entenderá melhor este aspecto na medida em que treinar mais dentro da escola Ichi. Você ganhará sempre com os cinco métodos da espada longa; mas precisa treinar repetidamente.

3. No terceiro enfoque, adote a atitude inferior, antecipando o movimento de concha para cima. Quando o inimigo atacar, golpeie as mãos dele por baixo. Nesse momento, é possível que ele tente

golpear sua espada para baixo. Se for o caso, golpeie a região superior do(s) braço(s) dele horizontalmente, cruzando a espada. Isto significa que, partindo da atitude inferior, você pode atingir o inimigo no exato instante em que ele atacar.

Você encontrará uso para este método com frequência, tanto como iniciante quanto nas etapas mais profundas da estratégia. Você precisa praticar a maneira de segurar a espada longa.

4. Neste quarto enfoque, adote a atitude de esquerda. Quando o inimigo atacar, golpeie as mãos dele de baixo para cima. Se, quando você golpear as mãos dele, ele tentar jogar a sua espada para baixo, sinta a impressão firme de estar *atingindo as mãos dele*, parta decidido para *golpear as mãos dele* e corte a trajetória da espada longa do inimigo, lançando um golpe cruzado partindo de uma posição mais elevada que seus ombros.

Esse é o Caminho da espada longa. Com esse método, você vence cortando a linha do ataque do inimigo. Você precisa estudar atentamente esse ensinamento.

5. No quinto enfoque, a espada está numa atitude de direita. Conforme o ataque do inimigo, cruze sua espada longa partindo de baixo e de um dos lados e chegando a uma atitude superior. Depois, lance um golpe direto de cima para baixo.

Este método é essencial para se conhecer bem o Caminho da espada longa. Se você dominar este método, não haverá nenhuma dificuldade no manejo de uma espada longa pesada.

Não tenho como descrever detalhadamente o emprego destes cinco enfoques. Você precisa se familiarizar muito bem com o que pretendo dizer com “em harmonia com a espada longa”. Este é o Caminho. Aprenda a sincronia em grande escala, estude a espada

longa do inimigo e acostume-se aos cinco enfoques, desde o primeiro instante da sua formação. Você vencerá sempre utilizando estes cinco métodos, lembrando-se também das considerações de sincronia, tempo e ritmo para discernir o espírito do inimigo. Você precisa analisar com muita atenção tudo isso que digo.

## O ENSINO DA “ATITUDE SEM ATITUDE”

“Atitude sem Atitude” significa que não há necessidade do que se costuma chamar de atitude da espada longa.

Ainda assim, as atitudes existem; elas são as cinco maneiras de se segurar a espada longa. Mas, seja qual for a sua maneira de segurá-la, é indispensável que fique fácil golpear o inimigo com eficácia de acordo com a situação, o lugar e a sua posição diante dele. Partindo de uma atitude superior, quando seu espírito se atenuar um pouco, você pode adotar a atitude média, e da atitude média você pode escolher uma técnica de espada ligeiramente mais alta, passando para uma atitude superior. Da atitude inferior é possível erguer a espada um pouco até chegar à atitude média, conforme a ocasião exigir. Dependendo da situação, se você girar a espada do lado esquerdo ou do lado direito para o centro, o resultado será a adoção da atitude média ou inferior.

O princípio de tudo isso que acabo de explicar se chama “Atitude Existente — Atitude Não Existente” .

A primeira coisa, a coisa mais importante quando se toma uma espada nas mãos, é a intenção de atacar o inimigo, seja qual for o significado dessa intenção. Quer você corte a trajetória de um golpe, arremeta, salte, rebata ou desvie a espada do inimigo, será preciso atingir o inimigo no mesmo movimento. É essencial que isso fique claro. Se pensar apenas em cortar, arremeter, saltar, rebater ou desviar, você não terá condições de atingi-lo de verdade. Acima de tudo, é fundamental pensar em prosseguir com o movimento até sua conclusão, até ver o inimigo atingido. Você deve estudar profundamente este ensinamento.

A atitude na estratégia dos combates em grande escala chama-se “Formação de Batalha”. Essas atitudes têm por finalidade vencer todas as batalhas. A formação fixa é inadequada. Estude bem isso.

## ATINGIR O INIMIGO “NUM SÓ TEMPO”

“Num Só Tempo” significa que, depois de “fechar” sobre o inimigo, você o golpeará com máxima rapidez e objetividade, sem movimentar mais o corpo nem aplacar o espírito, ao mesmo tempo que perceber a indecisão momentânea do adversário. A sincronização do golpe, lançado sempre antes de o inimigo ter-se decidido por recuar, cortar o golpe da sua espada ou fazer um ataque direto, é o que chamo de “Num Só Tempo”.

Você precisa treinar bastante até alcançar essa sincronização, até ser capaz de usá-la numa fração de segundo para o golpe decisivo.

## A SINCRONIZAÇÃO DUPLA DO ABDÔMEN

Quando atacar e o inimigo recuar rapidamente, percebendo-o tenso, você deve fingir um golpe. Quando você interromper o golpe e ele relaxar, siga em frente e atinja-o. Esta é a “Sincronização Dupla do Abdômen”.

É difícil que você a aprenda apenas lendo este livro, mas com algumas instruções práticas ela não oferecerá dificuldade.

## NENHUM ESQUEMA, NENHUMA IDEIA [\[41\]](#)

Neste método, quando o inimigo atacar e você resolver atacar também, golpeie com o corpo, golpeie com o espírito e golpeie do Nada com suas mãos, acelerando violentamente. Este é o golpe sem “Nenhum Esquema, Nenhuma Ideia”.

É o mais importante de todos os métodos de ataque. Ele é usado com frequência. Você precisa treinar duro para compreendê-lo.

## O GOLPE DA ÁGUA CORRENTE

O golpe da “Água Corrente” é usado quando se luta lâmina com o inimigo. Quando ele interromper o ataque e recuar rapidamente na tentativa de arremeter em seguida com a espada longa, abra seu corpo e seu espírito e golpeie-o tão lentamente quanto for possível com sua espada longa, acompanhando seu corpo como a água corrente. Aprendendo isso, você poderá golpear com certeza. É importante discernir o nível do inimigo.

## GOLPE CONTÍNUO

Quando você atacar e o inimigo atacar também, e quando as duas espadas arremeterem juntas, golpeie de uma só vez a cabeça, as mãos e as pernas dele. Você executa o “Golpe Contínuo” atingindo várias partes do corpo com um só movimento da espada longa. Este golpe precisa ser muito praticado, já que é usado com frequência. Com um treinamento bem orientado, você saberá entendê-lo.

## O GOLPE DE FOGO E PEDRAS

O golpe de “Fogo e Pedras” significa que, quando a espada longa do inimigo e a sua espada longa se chocam, você deve golpear com toda a força possível, sem elevar a espada o mínimo que seja. Para isso, será preciso golpear rapidamente com suas mãos, o corpo e as pernas — todos com violência. Se treinar bastante, você será capaz de atacar com violência.

## O GOLPE DAS FOLHAS VERMELHAS

O golpe das “Folhas Vermelhas”<sup>[42]</sup> exige que se rebata a espada do inimigo para baixo. Quando o inimigo adota uma atitude de espada longa à sua frente e demonstra intenção de golpear, arremeter e bloquear, você deve golpear violentamente a espada dele com o golpe das “Folhas Vermelhas”, talvez no espírito de “Nenhum Esquema, Nenhuma Ideia”. Se você rebater a ponta da espada dele para baixo como se quisesse grudá-la ao chão, ele será obrigado a largá-la. Treinando este golpe, você não terá dificuldade em fazer com que o inimigo largue a espada. É preciso treinar repetidamente.

## O CORPO EM LUGAR DA ESPADA LONGA

Lembro-me também do “Corpo em Lugar da Espada Longa”. Em geral, ao golpear o inimigo, movimentamos o corpo e a espada ao mesmo tempo. Entretanto, dependendo do estilo de ataque do adversário, podemos arremeter para ele primeiro com o corpo, golpeando-o em seguida com a espada. Se o corpo dele ficar imóvel, você pode golpear logo com a espada longa, porém o mais comum é que você ataque primeiro com o corpo e só então use a espada longa. Você precisa estudar bem este aspecto e treinar os golpes.

## GOLPEAR E TALHAR

Golpear (ou cortar) e talhar são duas coisas diferentes. Seja qual for o método de golpe (ou corte) adotado, ele é sempre decidido, resoluto. O talho não é mais do que tocar o inimigo. Mesmo que você talhe com força, e mesmo que o inimigo morra instantaneamente, você ainda assim estará talhando. Quando se golpeia, o espírito está resoluto. Pense bem nisso. Se você talhar primeiro as mãos ou pernas do inimigo, complemente o ataque golpeando (cortando) com força. O espírito de talhar é o de tocar. Compreendendo isso, você não mais distinguirá talhar de tocar. Aprenda bem este detalhe.

## CORPO DE MACACO CHINÊS [\[43\]](#)

O “Corpo de Macaco Chinês” é o espírito de não esticar os braços. O espírito correto é o de fechar a guarda rapidamente, sem a menor extensão dos braços, antes que o inimigo golpeie. Concentrando-se em não esticar os braços, você atingirá o máximo de eficácia, e o espírito se fechará juntamente com o corpo inteiro. Assim que o inimigo estiver ao alcance de seus braços, será fácil avançar com o corpo. Você deve estudar bem este aspecto.

## CORPO DE COLA E LACA

O espírito do “Corpo de Cola e Laca”<sup>[44]</sup> é o de grudar no inimigo e não se separar dele. Quando se aproximar do seu adversário, “grude” nele firme com a cabeça, o corpo e as pernas. As pessoas costumam avançar a cabeça e as pernas depressa demais, deixando o corpo atrasado. E é imprescindível que não haja o menor espaço entre o corpo do inimigo e o seu corpo. Estude muito bem este princípio.

## LUTAR PELA ALTURA

Por “Lutar pela Altura” refiro-me a que, quando arremeter sobre o inimigo, você precisa se esforçar para ter uma altura superior, sem se encolher. Estique as pernas, os quadris e o pescoço face a face com ele. Quando se pensa que a vitória é certa, e quando se está mais alto, o golpe sai mais forte; é este o momento do ataque. Você precisa aprender isso.

## A SENSACÃO DE GRUDAR

Quando você e o inimigo atacarem com a espada longa, aprenda a perceber a sensação de grudar, colando sua espada longa à do inimigo ao aparar o golpe dele. O espírito de grudar no inimigo não pede que se golpeie de maneira que as espadas não possam se separar facilmente. É melhor ter um enfoque bem calmo, o mais calmo possível, ao atingir a espada longa do inimigo com esse espírito de “grudar”. A diferença entre “grudar” e “terçar” está em que espadas grudadas ficam firmes e espadas terçadas ficam instáveis. Você precisa entender bem isso.

## O ATAQUE COM O CORPO

Atacar com o corpo significa avançar para o inimigo aproveitando uma brecha em sua guarda. O espírito é o de golpeá-lo com o corpo inteiro. Vire o rosto um pouco para o lado e golpeie o peito com o ombro esquerdo projetado para a esquerda. Avance com o espírito de arremessá-lo para longe, usando de toda força possível, sincronizando o impacto com a sua respiração. Se dominar este método de ataque ao inimigo, você será capaz de atirá-lo a três ou seis metros de distância. É possível golpear o inimigo até que ele morra. Estude bem isso.

## TRÊS MANEIRAS DE BLOQUEAR UM ATAQUE

São três as maneiras de se bloquear um golpe:

A primeira, desviando a espada longa do inimigo para sua direita, como se quisesse arremeter contra os olhos dele, assim que ele desfechar o ataque.

Ou então bloquear o golpe rebatendo a espada longa do inimigo contra o olho direito dele próprio, com a sensação de decepar seu pescoço.

Ou ainda, se você tiver uma espada longa “curta”, deixando de se preocupar com o bloqueio da espada longa do inimigo, avançando rapidamente e atacando o rosto dele com a mão esquerda.

São estes os três métodos de bloqueio. E não se esqueça de que é sempre possível cerrar o punho e atacar o rosto do inimigo com a mão esquerda. Mas para isso é necessário treinar bastante.

## APUNHALAR O ROSTO

Apunhalar o rosto significa que, ao se defrontar com um inimigo, seu espírito deverá estar voltado para apunhalar o rosto dele, acompanhando a linha das lâminas com a ponta da sua espada longa. Concentrando-se em apunhalar o seu rosto, será possível deixar-lhe vulneráveis o rosto e o corpo. E, quando o inimigo se torna vulnerável, crescem muito as oportunidades de vitória. É preciso que você se concentre nisso. Quando o corpo do inimigo se torna vulnerável durante a luta, se expõe, fica como se você pudesse “montá-lo”, a vitória se torna fácil, e por isso você não deve se esquecer de apunhalar o rosto dele. O valor desta técnica só pode ser aproveitado com o treinamento.

## APUNHALAR O CORAÇÃO

Apunhalar o coração significa que, quando surgirem obstruções em cima ou dos lados, durante a luta, ou quando ficar difícil golpear, você deve arremeter em linha reta contra o inimigo. Apunhale o peito do inimigo sem permitir que a ponta de sua espada longa trema, entrando com o fio da lâmina sobre o corpo dele, com o espírito de desviar a espada do inimigo. O espírito deste princípio costuma ser muito útil quando você se cansa ou por algum motivo sua espada longa não consegue golpear (cortar). É importante que você entenda a aplicação deste método.

## REVIDAR “TUT-TUT!”

Revidar significa que, quando o inimigo tenta o contra-ataque, depois de atacado, você também contra-ataca de baixo para cima, como se arremettesse contra ele, tentando mantê-lo sob seu controle. Você golpeia com um ritmo muito rápido, revidando. Erga a espada com agilidade, “Tut”, e golpeie “TUT!”. Esta sincronização aparecerá repetidas vezes na troca de golpes. O segredo do revide “Tut-TUT!” é fazer com que o golpe seja simultâneo à elevação da espada longa, como se você arremettesse em linha reta contra o inimigo (como numa estocada, como num ataque frontal). Você precisa aprender bem esta técnica praticando constantemente.

## O BLOQUEIO DE CHOQUE

Por “Bloqueio de Choque” quero dizer que ao enfrentar um inimigo armado de espada você deve receber o golpe dele com sua espada longa, num ritmo ti-dum, ti-dum, provocando o choque de espadas e depois golpeando-o. O espírito do bloqueio de choque não é o bloqueio nem o choque, e sim o choque de sua espada contra a do inimigo, com a intenção precípua de golpeá-lo. Compreendendo a sincronia do choque, por mais violenta que seja a pancada, a ponta de sua espada não recuará nem um milímetro. Você precisa estudar muito para compreender isso.

## HÁ MUITOS INIMIGOS

“Há Muitos Inimigos” [\[45\]](#) é uma técnica que se aplica aos combates contra muita gente. Saque tanto a espada longa quanto a espada companheira e assuma uma posição bem aberta para a esquerda e para a direita. O espírito deve ser enfrentar os inimigos em todas as direções, pois eles podem vir de todos os lados. Observe a sua ordem de ataque, e enfrente primeiro quem atacar primeiro. Gire os olhos para não deixar um só detalhe passar despercebido e examine atentamente a ordem de ataque, golpeando à esquerda e à direita alternadamente com suas espadas. Esperar seria um erro. Reassuma rapidamente sua atitude em ambos os lados e abata os inimigos à medida que avançarem, atacando cada adversário na mesma direção em que ele o atacar. Em quaisquer circunstâncias, você tem de forçar os inimigos a se agruparem, como se amarrasse uma feira de peixes e, assim que estiverem amontoados, golpeie-os impiedosamente, sem lhes dar espaço para se movimentarem.

## A VANTAGEM NA HORA DA LUTA

Você pode aprender como vencer por meio da estratégia da espada longa, mas isso não pode ser explicado apenas por escrito. Será preciso praticar muito, a fim de saber como vencer.

Tradição oral: [\[46\]](#) “O verdadeiro Caminho da Estratégia é revelado na espada longa.”

## UM GOLPE

Você poderá ter a certeza da vitória com o espírito de “Um Golpe”.

[47] É difícil atingir esse nível, porém, quando a estratégia não é bem aprendida. Se você treinar suficientemente neste Caminho, a estratégia sairá do seu coração e você terá condições de vencer à vontade. Mas é preciso treinar com esforço.

## COMUNICAÇÃO DIRETA

O espírito da “Comunicação Direta” é o meio pelo qual o verdadeiro Caminho da escola NiTo Ichi é recebido e transmitido.

Tradição oral: “Ensine a estratégia ao seu corpo.”

Registrarei no livro que aqui se acaba um esboço da escola de esgrima Ichi.

Para aprender a vencer com a espada longa, dentro dos princípios da estratégia, aprenda primeiro os cinco enfoques e as cinco atitudes e absorva naturalmente o Caminho da espada longa com o seu corpo. Você terá de compreender o espírito e a sincronização (noção de tempo), manejar a espada longa com naturalidade e movimentar o corpo e as pernas em harmonia com seu espírito. Quer enfrentando um ou dois homens, você compreenderá o valor que tem a estratégia.

Estude o que foi escrito neste livro, uma coisa de cada vez, e por meio de combates diretos com seus inimigos você penetrará gradualmente no princípio do Caminho.

Deliberadamente, com espírito paciente, absorva a virtude de tudo o que foi ensinado, e de vez em quando erga suas mãos em combate. Mantenha este espírito, sempre que cruzar espadas com um inimigo.

Passo a passo se atravessa uma estrada de mil quilômetros.

Estude a estratégia ano após ano e adquira o espírito do guerreiro. Hoje você vencerá quem foi ontem; amanhã você vencerá homens mais habilidosos, mas para tanto terá de treinar de acordo com este livro, não permitindo que seu coração se desvie do Caminho.

Mesmo que você mate um inimigo, se a morte não resultar do que você aprendeu, ela não representará o verdadeiro Caminho.

Se você alcançar o Caminho da vitória, será possível derrotar dezenas de homens. O resto é apenas destreza na esgrima, que pode ser conseguida com batalhas e duelos.

O décimo segundo dia do quinto mês, segundo ano de Shoho (1645).

Teruo Magnojo.

SHINMEN MUSASHI

## O LIVRO DO FOGO

Neste Livro do Fogo da escola de estratégia NiTo Ichi descrevo a luta como se fosse fogo.

Em primeiro lugar, saiba que as pessoas pensam de maneira estreita sobre as vantagens da estratégia. Usando apenas as pontas dos dedos das mãos, elas só conhecem a utilidade de sete dos doze centímetros do pulso. Eles permitem que um embate seja decidido à moda de um leque, pela simples envergadura de seus antebraços. Elas se especializam na questão menor da destreza, aprendendo trivialidades como o movimento das mãos e das pernas. Com a espada de treinamento, feita de bambu. [48]

Na minha estratégia, o treinamento para matar os inimigos se faz por meio de muitas lutas — a luta pela sobrevivência, a descoberta do significado da vida e da morte, o aprendizado do Caminho da Espada, a avaliação da força dos ataques e a compreensão do caminho da “lâmina e do sulco” da espada.

Essas técnicas menores não trazem qualquer proveito, principalmente quando se usam armaduras completas. [49] Meu Caminho da Estratégia é o método seguro para a vitória, quando se luta pela vida contra cinco ou dez homens. Não há nada de errado

com o princípio de que “um homem pode derrotar dez, e portanto mil homens podem derrotar dez mil”. Você tem de estudar isso. É evidente que não se pode juntar mil ou dez mil homens para treinamento diário. Mas você pode tornar-se um mestre da estratégia treinando sozinho, com uma espada, a fim de entender as artimanhas dos inimigos, sua técnica e seus pontos fortes, e dessa maneira avaliar de que modo a estratégia pode ser aplicada para derrotar dez mil homens.

Qualquer pessoa que queira dominar a essência da minha estratégia terá de estudar com grande esforço, treinar de manhã a noite. Só assim conseguirá dar polimento em sua habilidade, tornar-se liberta do eu e alcançar uma perícia extraordinária. Seu poder será miraculoso.

Este é o resultado prático da estratégia.

## DEPENDENDO DO LUGAR

Examine o ambiente.

Ponha-se no caminho do sol; isto é, assuma uma posição com o sol pelas costas. Caso isso seja impraticável, pelo menos procure manter o sol de seu lado direito. Num recinto fechado, poste-se com a entrada às suas costas ou do seu lado direito. É imprescindível que haja espaço de sobra para trás, sem obstruções, e espaço livre à sua esquerda; o seu lado direito estará ocupado com a atitude da espada. À noite, se o inimigo puder ser visto, fique de costas para o fogo ou com a entrada à sua direita, e no restante a atitude será a mesma já descrita antes. É importante que você veja o inimigo de cima para baixo e assuma uma posição um pouco mais elevada que a dele. Por exemplo: Kamiza, <sup>[50]</sup> numa casa, é considerado um local elevado.

Quando chegar a hora da luta, esforce-se sempre por empurrar o inimigo para o seu lado esquerdo. Encurrele-o de encontro a lugares desconfortáveis e faça o possível para mantê-lo de costas para obstáculos incômodos. Quando o inimigo for forçado a assumir uma posição inconveniente, não permita que ele olhe em volta; persiga-o e deixe-o sem ação. Em recintos fechados, empurre-o de encontro a soleiras, lintéis, portas, varandas, colunas e assim por diante, sem lhe dar tempo de avaliar a situação.

Esforce-se sempre para colocar o inimigo em posições nas quais ele não encontre bom apoio para os pés, com obstáculos dos lados etc., utilizando as peculiaridades do lugar para assumir o predomínio da luta. Você precisa estudar e treinar muito este aspecto.

## TRÊS MÉTODOS PARA SURPREENDER O INIMIGO [51]

O primeiro método de surpresa é o ataque, chamado *Ken No Sem* (acuar).

Outro método é o da interceptação do ataque do inimigo, chamado *Tai Non Sem* (aguardar para tomar a iniciativa).

O terceiro se usa quando você e seu adversário atacam juntos. Ele tem o nome de *Tai Tai No Sem* (acompanhar o inimigo e antecipar-se a ele).

Não há outros métodos para se assumir o controle da luta além destes três. Como depois de assumido o controle a vitória se torna rápida, este é um dos aspectos mais importantes da estratégia. São muitos os fatores que precisam ser considerados a respeito da iniciativa. Você tem de se aproveitar ao máximo da situação, penetrando no espírito do inimigo de modo a desvendar a estratégia dele e derrotá-lo. Não há como explicar isso melhor por escrito.

## *O Primeiro — Ken No Sem*

Quando você se decidir pelo ataque, mantenha a calma e golpeie com rapidez, surpreendendo o inimigo. Ou então avance com aparente violência mas com o espírito reservado, surpreendendo-o com a reserva.

Uma alternativa seria avançar com o espírito mais forte possível e, quando chegar ao inimigo, movimentar os pés um pouco mais depressa que o normal, desequilibrando-o e golpeando-o profundamente.

Ou, com o espírito calmo, atacar como se esmagasse lentamente o inimigo. O espírito é o de vencer até as entranhas do inimigo.

Tudo isso é *Ken No Sem*.

## O Segundo — *Tai No Sem*

Quando o inimigo atacar, permaneça imperturbável, mas finja fraqueza. Assim que ele chegar suficientemente perto, faça um movimento súbito de fuga, indicando que pretende recuar para um dos lados, e depois desfeche um ataque fulminante assim que perceber o inimigo relaxar.

Ou, quando o inimigo atacar, ataque com mais força ainda, aproveitando-se da má sincronia que ele demonstra na vontade de vencer.

Este é o princípio *Tai No Sem*.

## *O Terceiro — Tai Tai No Sem*

Quando o inimigo fizer um ataque rápido, você terá de atacar com força e com calma, visando ao ponto fraco que surgir quando ele se aproximar, e assim derrotá-lo inapelavelmente.

Ou, se o inimigo atacar com calma, observe seus movimentos e, com o corpo solto, flutuante, entre no mesmo ritmo à medida que ele se aproximar. Aja com rapidez e golpeie com força.

*Este é o Tai Tai No Sem.*

Tudo isso não pode ser explicado em palavras. Você terá de estudar na prática o que está escrito aqui. Você tem de avaliar a situação. Nem sempre vale ser o primeiro a atacar; mas, se o inimigo atacar primeiro, você pode inverter a situação. Na estratégia, ganha quem surpreende o inimigo, e portanto você precisa praticar muito bem tudo isso.

## PRENDER A ALMOFADA

“Prender a Almofada” [52] significa não permitir que a cabeça do inimigo se levante.

Nos combates de estratégia, é um erro ser controlado pelo inimigo. Você tem sempre de controlá-lo, levá-lo para onde deseja. Obviamente, o inimigo estará pensando a mesma coisa, mas você poderá surpreendê-lo se não permitir que faça o que pretende. Na estratégia, é necessário perturbar o inimigo no momento em que ele se prepara para golpear; você deve desviar a espada dele para baixo e arrancá-la da mão quando tentar firmar a pegada. Este é o significado de “Prender a Almofada”. Depois de dominado este princípio, sejam quais forem os recursos utilizados pelo inimigo, você estará em condições de prevê-los e reprimi-los. O espírito correto é o de interromper o ataque dele na sílaba “a-”, interromper a arremetida dele na sílaba “ar-” e interromper o golpe dele na sílaba “gol-”.

O mais importante, na estratégia, é bloquear as ações úteis do inimigo e permitir que ele execute à vontade as ações inúteis. Entretanto, limitando-se a isso, você fica na defensiva. Primeiro, é preciso agir de acordo com o Caminho, impedindo o desenvolvimento das técnicas do inimigo, atrapalhando seus planos e, em seguida, controlando-o diretamente. Quando conseguir realizar isso, você terá se transformado num mestre da estratégia. Treine tanto quanto possível e estude muito bem como “Prender a Almofada”.

## CRUZAR O RIACHO

“Cruzar o Riacho” significa, por exemplo, cruzar o oceano num estreito, ou atravessar centenas de quilômetros de mar num local propício à travessia. Acredito que esse “cruzamento do riacho” acontece com frequência na vida do homem. Ele pode significar o içamento das velas, embora todos os nossos amigos permaneçam no porto; significa conhecer a rota, a resistência do barco e as condições do dia. Quando tudo estiver de acordo, e quando houver talvez um vento favorável, ou um vento de popa, enfunde as velas. Se o vento mudar a alguns quilômetros do destino, esteja preparado para remar o quanto for preciso sem as velas.

Se você alcançar este espírito, ele terá aplicação em sua vida cotidiana.

Pense sempre em “cruzar o riacho” e cruzá-lo no ponto mais propício. Também na estratégia é importante “cruzar o riacho”. Avalie a capacidade do inimigo e, consciente dos seus próprios pontos fortes, “cruze o riacho” num ponto favorável, da mesma maneira que um navegador experiente sabe escolher a melhor rota. Conseguindo sucesso nessa travessia, o resto fica tranquilo. Cruzar o riacho significa atacar o ponto vulnerável do adversário e colocar-se em posição vantajosa. É assim que se vence na estratégia em grande escala. O espírito de cruzar o riacho é importante, porém, tanto na estratégia em grande escala quanto na estratégia em pequena escala.

Você deve estudar bem esse ponto.

## CONHECER O MOMENTO

“Conhecer o Momento” significa conhecer a disposição do inimigo em enfrentar a batalha. Ela está ascendente ou descendente?

Observando o espírito dos homens do inimigo e colocando-se na melhor posição, você terá meios de determinar qual é a disposição real deles e movimentar seus próprios homens de acordo com ela. Com este princípio da estratégia, você poderá vencer sempre, lutando de uma posição vantajosa.

No caso de um duelo, é preciso surpreender o inimigo e atacar tão logo seja possível reconhecer sua escola de estratégia, perceber suas qualidades e estimar seus pontos fracos e fortes. Ataque de modo sub-reptício, conhecendo a medida e a modulação do inimigo e adotando a sincronia adequada.

“Conhecer o momento” significa, desde que sua habilidade seja grande, ver as coisas como são. Se você estiver tranquilo quanto à estratégia, não haverá dificuldades para reconhecer as intenções do inimigo e assim dispor de muitas oportunidades de vitória. Estude isto, estude muito isso.

## PISAR NA ESPADA

“Pisar na Espada” é um princípio usado com muita frequência na estratégia. Primeiro, na estratégia em grande escala, quando o inimigo dispara flechas e tiros e em seguida ataca, é difícil para nós atacarmos quando estamos preocupados em colocar pólvora nos canhões ou preparando a ponta de nossas flechas. Por isso, o espírito correto é o de ataque rápido ao tempo em que o inimigo ainda está disparando flechas e tiros de canhão. O espírito é o de vitória pelos pés, o de pisotear o inimigo assim que ele inicia o ataque.

No combate corpo a corpo, não há como se conseguir uma vitória decisiva com um só golpe, com o sentimento de “ti-dum ti-dum” depois que a espada longa do inimigo já desfechou o ataque. Temos de derrotá-lo no início do ataque, com espírito de pisoteá-lo, a fim de que o ataque não possa mais ser reencetado.

“Pisotear” não significa apenas pisar com os pés. Pisotear com o corpo, pisotear com o espírito e, evidentemente, pisotear e golpear com a espada longa. É importante adquirir o espírito de não permitir ao adversário uma segunda oportunidade de ataque. Este é o espírito da surpresa em seu significado mais amplo. Quando estiver atacando o inimigo, não pense apenas em abatê-lo, mas em não o largar, mesmo depois do ataque. Você deve estudar isso profundamente.

## CONHECER O “DESABAMENTO”

Tudo pode desabar: casas, corpos e inimigos desabam quando seu ritmo se torna caótico.

Na estratégia em grande escala, quando o inimigo começa a desabar você tem de persegui-lo sem lhe dar chance sequer para respirar. Não se aproveitando do desabamento do inimigo, você lhe dá uma oportunidade de recuperação.

No combate individual, o inimigo às vezes perde a sincronização e desaba. Se você deixar que esta chance de destruí-lo escape, pode ser que ele se recupere e não seja tão negligente depois. Fixe o olhar no desabamento do inimigo e persiga-o, atacando-o de maneira a não deixar margem para recuperação. Isso é indispensável. E o ataque de perseguição é feito com o espírito forte. É preciso arrasar o inimigo de uma forma tal que não haja possibilidade de ele recuperar sua posição. E você precisa saber como arrasar o inimigo completamente.

## TORNAR-SE O INIMIGO

“Tornar-se o Inimigo” significa ver-se com os olhos do inimigo. As pessoas costumam pensar no ladrão encurralado dentro de uma casa como um inimigo fortalecido. Entretanto, se nos “tornamos o inimigo”, veremos que o mundo inteiro está contra nós e que não há saída. Quem está trancado e cercado é o faisão. Quem entra é a águia. Não deixe de pensar sobre isso.

Na estratégia em grande escala, as pessoas estão sempre imaginando que o inimigo é forte, e portanto se mostram cautelosas demais. Porém, se você conta com bons soldados, conhece os princípios da estratégia e sabe como derrotar os inimigos, não há motivo para temores.

Também no combate individual você deve se colocar na posição do inimigo. Se pensar que “estou adiante de um mestre do Caminho, que conhece todos os princípios da estratégia”, você estará derrotado de antemão. Pense profundamente nisso.

## SOLTAR QUATRO MÃOS

“Soltar Quatro Mãos” [\[53\]](#) é uma técnica usada quando você e o inimigo lutam com o mesmo espírito e a luta não pode ser decidida. Abandone este espírito e vença recorrendo a uma alternativa.

Numa estratégia em grande escala, quando há um espírito de “quatro mãos”, você não deve desistir: é a existência do homem. Descarte-se desse espírito imediatamente e vença com uma técnica que o inimigo não espera.

Também em combate individual, se chegar a um impasse de “quatro mãos”, derrote o inimigo mudando de espírito e aplicando uma técnica mais adequada à ocasião. Você precisa aprender a avaliar essas situações.

## MOVIMENTAR A SOMBRA

A técnica de “Movimentar a Sombra” é usada quando não conseguimos discernir o espírito do inimigo.

Na estratégia em grande escala, quando não se consegue ver a posição do inimigo, dá-se a entender um ataque feroz para descobrir seus recursos. Depois de descobertos esses recursos, fica fácil vencê-los com um método diferente.

No combate individual, se o inimigo assumir uma posição traseira ou lateral da espada longa de modo que você não possa perceber a intenção dele, finja um ataque e ele terá de mostrar a espada pensando que consegue perceber o seu espírito. Aproveitando-se do que vier, você terá condições de vencer com tranquilidade. Mas, se for negligente, você se arrisca a perder a sincronia e a noção de tempo. Estude bem isso.

## PRENDER A SOMBRA

“Prender a Sombra” é a técnica mais indicada quando se consegue determinar o espírito de ataque do inimigo.

Na estratégia em grande escala, quando o inimigo se lança ao ataque, dando demonstrações de que está preparado para revidar com violência, você fará com que ele mude de opinião. Depois, alterando seu espírito, derrote-o, surpreendendo-o com o espírito do Nada.

Ou, no combate corpo a corpo (individual), reaja à intenção forte do inimigo por meio de uma sincronia adequada e derrote-o, surpreendendo-o com essa mesma simetria. Estude bem isso.

## PASSAR

Diz-se que muitas coisas passam. O sono passa, os bocejos passam e o tempo também passa.

Na estratégia em grande escala, quando o inimigo está agitado e demonstra uma inclinação a se apressar, não se preocupe. Deixe evidente sua calma completa; o inimigo se surpreenderá com ela e relaxará. Quando perceber que o espírito feroz dele também passou, aniquile-o atacando violentamente com um espírito do Nada.

No combate individual, você pode vencer relaxando o corpo e o espírito para, em seguida, aproveitar-se do momento em que o inimigo relaxar também e atacá-lo com força e rapidez, surpreendendo-o.

O que se chama de “deixar embriagado” é uma técnica parecida. É a capacidade de instilar no inimigo um espírito entediado, descuidado ou fraco. Estude bem esse aspecto.

## PROVOCAR A PERDA DE EQUILÍBRIO

São muitos os fatores capazes de provocar uma perda de equilíbrio. Um deles é o perigo, outro é o esforço exagerado, e outro mais é a surpresa. Estude bem isso.

Na estratégia em grande escala, é importante provocar a perda de equilíbrio. Ataque sem aviso num ponto em que o inimigo não espera e, enquanto o espírito dele ainda estiver desprevenido, dê seguimento ao ataque, assumindo o controle e derrotando-o.

Ou, no combate individual, comece dando a impressão de ser lento e, em seguida, desfira um ataque fulminante. Sem lhe dar espaço para respirar e para se recuperar da flutuação do espírito, aproveite a oportunidade e aniquile-o. Aprenda a sentir essas flutuações.

## AMEDRONTAR

O medo se manifesta com frequência e é decorrente do inesperado.

Na estratégia em grande escala, é possível amedrontar o inimigo não apenas com o que se põe diante dos olhos dele, mas também com gritos, com técnicas que fazem uma força pequena parecer enorme, ou com a ameaça de um flanqueamento sem aviso. Tudo isso amedronta. Você poderá, então, vencer aproveitando-se do ritmo amedrontado do inimigo.

No combate individual, também, as vantagens da surpresa devem ser aproveitadas: amedronte o adversário com seu corpo, com sua espada longa ou com sua voz, para derrotá-lo. Estude bem isso.

## ABSORVER-SE

Num combate próximo, em que você e o inimigo lutam cara a cara, e no qual você percebe a impossibilidade de avançar, “absorva-se” no inimigo e torne-se indistinto dele. Aplicando a técnica adequada, você não terá dificuldades para vencer a partir dessa situação.

Nas batalhas que abarcam grande número de pessoas e também em combates mais restritos, quem sabe como “absorver-se” no inimigo geralmente consegue uma vantagem decisiva; o afastamento apenas faria diminuir as possibilidades de vitória. Estude bem isso.

## ATACAR OS CANTOS

É difícil movimentar objetos pesados empurrando-os frontalmente, e portanto você deve “atacar os cantos”.

Na estratégia em grande escala, é vantajoso atacar as extremidades das forças inimigas. Se as extremidades, os flancos, forem derrotados, o espírito das forças inimigas será derrotado também. Mas para isso você precisa dar seguimento ao ataque quando os flancos cederem.

No combate individual, é fácil vencer quando o inimigo desaba. Isso acontece quando você “ataca os cantos” do corpo dele, e assim o enfraquece. É importante saber como fazer isso, e portanto você deve estudar muito bem esse aspecto.

## LANÇAR CONFUSÃO

Isso significa que você deve fazer o inimigo perder a firmeza.

Na estratégia em grande escala, podemos usar nossas tropas para confundir o inimigo no campo. Observando o espírito do inimigo, podemos fazê-lo pensar: “Aqui? Ali? Assim? Assado? Depressa? Devagar?” A vitória torna-se líquida e certa quando o inimigo se vê como presa de um ritmo que confunda o seu espírito.

No combate individual, podemos confundir o inimigo atacando com técnicas variadas sempre que surgir uma oportunidade. Finja um golpe ou uma arremetida (ou estocada), ou faça o inimigo supor que você vai entrar em sua guarda; depois que ele se confundir, você poderá vencer sem problemas.

Essa é a essência do combate. Estude-a a fundo.

## OS TRÊS GRITOS

Os três gritos estão divididos assim: antes, durante e depois. Grite de acordo com a situação. A voz é parte da vida. Gritamos contra incêndios, contra o vento e contra as ondas. A voz revela energia.

Na estratégia em grande escala, no início da batalha gritamos o mais alto possível. Durante a luta, a voz tem um timbre mais baixo; durante o ataque, outra vez forte. Depois da luta, devemos gritar em honra à vitória. São esses os três gritos.

No combate individual, fingimos um golpe e gritamos “Ei!” ao mesmo tempo para perturbar o inimigo, e acompanhando o grito e a perturbação do inimigo damos início ao golpe da espada longa. Gritamos também depois de termos golpeado o inimigo — já agora para anunciar a vitória. Chama-se a isto “*sem go no koe*” (voz de antes e depois). Nunca gritamos simultaneamente com os floreios da espada longa. Gritamos durante a luta para entrar no ritmo. Estude profundamente esse detalhe.

## MISTURAR-SE

Nas batalhas em que exércitos se defrontam, ataque o inimigo nos pontos mais fortes dele e, ao perceber que ele recua derrotado, separe suas forças e ataque outro ponto forte na periferia das forças inimigas. O espírito deste tipo de ataque é como um caminho tortuoso de montanha.

Este método de luta é utilíssimo, também, para um homem que enfrente sozinho vários inimigos. Agrida-os num setor, ou faça-os recuar, e em seguida capte o ritmo, atacando outros pontos fortes à direita e à esquerda, como se percorresse um caminho tortuoso de montanha, sopesando a disposição dos inimigos. Depois que souber por certo o nível deles, ataque com toda a força, sem nenhum sinal de espírito de retirada.

Também no combate individual, utilize esse espírito para confrontar-se com os pontos fortes do inimigo.

O significado de “Misturar-se” é o do espírito de avançar e combater o inimigo, sem recuar um passo sequer. É preciso que você compreenda isso.

## ESMAGAR

Esmagar o inimigo é destruí-lo, sabendo de suas fraquezas.

Na estratégia em grande escala, quando percebemos que o inimigo tem poucos homens, ou que conta com muitos homens, porém com espírito fraco e desorganizado, partimos para esmagá-lo decisivamente. Se o esmagarmos com fraqueza, ele poderá se recuperar. Você precisa entender o espírito do esmagamento, que é como um aperto de mão.

No combate individual, se o inimigo for menos habilidoso do que nós, se seu ritmo for desordenado, ou se tiver recorrido a atitudes de evasão ou retirada, devemos esmagá-lo de imediato, sem respeito por sua presença e sem lhe conceder espaço para respirar. É imprescindível esmagá-lo de uma vez por todas. O fundamental é não permitir que ele recupere posições, por ínfimas que sejam. Estude muito bem este detalhe.

## A PASSAGEM DE MONTANHA A MAR

O espírito de “Montanha a Mar” significa que é um erro repetir a mesma coisa várias vezes, ao enfrentar o inimigo. Talvez não haja alternativa quanto à repetição da mesma técnica uma ou duas vezes, mas empregá-la uma terceira vez seria um grande equívoco. Se você fizer um ataque e fracassar, serão poucas as chances de sucesso com a repetição do mesmo enfoque. Se você empregar uma técnica já utilizada antes sem resultado e tornar a não conseguir nada, não haverá alternativa além de mudar o método de ataque.

Se o inimigo estiver pensando nas montanhas, ataque como o mar; se ele estiver pensando no mar, ataque como as montanhas. Estude isso; estude muito bem.

## PENETRAR AS PROFUNDEZAS

Quando estamos nos defrontando com um inimigo, mesmo que saibamos da possibilidade de vitória na superfície com o recurso ao Caminho, se o espírito dele não for aniquilado, ele poderá ser atingido superficialmente e ainda assim continuar incólume por dentro. Com este princípio de “Penetrar as Profundezas”, podemos destruir o espírito do inimigo profundamente, desmoralizando-o pela transformação rápida do nosso espírito. Isso acontece com frequência.

Penetrar as profundezas significa penetrar com a espada longa, penetrar com o corpo e penetrar com o espírito. Nada disso pode ser entendido com generalizações.

Depois que tivermos esmagado o inimigo até as profundezas de seu espírito, não haverá necessidade de permanecermos com o espírito excitado. Mas, excluindo-se este caso, em todas as demais circunstâncias não devemos permitir que nosso espírito se dilua. Se o inimigo permanecer com o espírito vivo, porém, será muito difícil derrotá-lo. É preciso que você treine para penetrar tão fundo quanto possível, tanto na estratégia em grande escala quanto no combate individual.

## RENOVAR

“Renovar” diz respeito a momentos em que estamos enfrentando um inimigo e surge um espírito de impasse, sem solução possível. Temos de abandonar nossos esforços, pensar na situação com novo espírito e depois vencer com novo ritmo. Para renovar nosso espírito quando enfrentamos um impasse, não podemos alterar nossas circunstâncias, mas precisamos adquirir outro espírito e vencer utilizando uma técnica diferente.

É preciso pensar, ainda, de que maneira essa renovação se aplica à estratégia em grande escala. Estude bem.

## CABEÇA DE RATO, PESCOÇO DE BOI

“Cabeça de Rato, Pescoço de Boi” significa que, quando estamos enfrentando um inimigo e ambos estamos preocupados com pequenos detalhes, com o espírito emaranhado, não temos alternativa senão pensar no Caminho da Estratégia como sendo tanto a cabeça de rato quanto o pescoço de boi. Sempre que ficamos presos a pequenos detalhes, temos de passar subitamente a um espírito mais amplo.

Esta é uma das essências da estratégia. É preciso que o guerreiro pense dentro desse espírito também em sua vida cotidiana. Não se afaste dele nem na batalha nem no combate individual.

## O COMANDANTE CONHECE OS SOLDADOS

“O Comandante Conhece os Soldados” é uma técnica que se aplica a todos os aspectos do meu Caminho da Estratégia.

Usando a sabedoria da estratégia, pense no inimigo como se ele fosse seus próprios soldados. Pensando nele dessa forma, você saberá levá-lo para onde quiser e persegui-lo até o fim. Você se torna o general, e o inimigo se transforma nos seus soldados. Domine essa técnica sem vacilar.

## SOLTAR A ESPADA

São vários os tipos de espírito que se encaixam na categoria de soltar a espada.

Há também o espírito de vencer sem a espada. Ou o espírito de se contar com uma espada longa e não vencer. Mas esses métodos não podem ser explicados por escrito. Treine, treine muito.

## O CORPO DA PEDRA [\[54\]](#)

Depois de dominar o Caminho da Estratégia, você estará em condições de transformar seu corpo de um momento para o outro em pedra, e nem dez mil coisas serão capazes de tocá-lo. Este é o corpo da pedra.

Tradição oral: “Ninguém o empurrará.”

O que está escrito acima é o que percorre sempre meus pensamentos a respeito da escola Ichi de esgrima, anotado conforme surgiu na consciência. Esta é a primeira vez que escrevo a respeito da minha técnica, e a organização do assunto não está muito boa. É difícil exprimir estes ensinamentos com clareza.

Este livro é um guia espiritual para o homem que deseja dominar o Caminho.

Meu coração se inclinou para o Caminho da Estratégia, desde a juventude. Devotei minha vida ao treinamento da mão, à educação do corpo e à obtenção das muitas atitudes espirituais da esgrima. Se observarmos homens de outras escolas discutindo teoria e se concentrando nas técnicas das mãos, mesmo que pareçam sábios a nossos ouvidos, falta-lhes por inteiro o espírito de verdade.

É evidente que os homens que com eles estudam pensam estar treinando o corpo e o espírito, mas há um obstáculo ao verdadeiro Caminho, e suas influências maléficas permanecem para sempre. É por isso que o verdadeiro Caminho da Estratégia está se tornando decadente e desaparecendo.

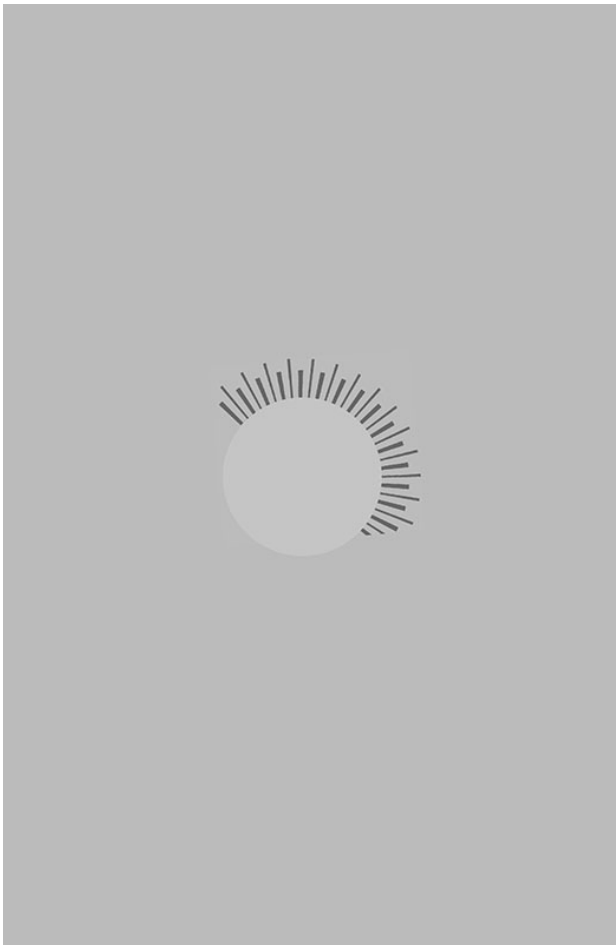
O verdadeiro Caminho da esgrima é o ofício de derrotar o inimigo na luta, e nada mais do que isso. Estudando, aprendendo,

dominando e obedecendo à sabedoria da minha estratégia, você não precisará nunca ter dúvidas da vitória.

Décimo segundo dia do quinto mês, segundo ano de Shoho (1645).

Teruo Magonojo.

SHINMEN MUSASHI



## O LIVRO DO VENTO

Na estratégia, você precisa conhecer os caminhos das outras escolas, e portanto escrevi sobre diversas outras tradições de estratégia neste Livro do Vento.

Sem o conhecimento dos caminhos das outras escolas, será difícil conhecer a essência da minha escola Ichi. Observando as outras escolas, encontramos algumas que se especializam em técnicas de força por meio do uso de espadas extralongas. Algumas escolas estudam o caminho da espada curta, conhecido como *kodachi*. Outras ainda ensinam uma grande diversidade de técnicas de espada, considerando atitudes da espada a “superfície” e o Caminho, o “interior”.

Mostro com clareza que nenhuma dessas escolas ensina o verdadeiro Caminho; neste livro, falo de seus vícios e virtudes, erros e acertos. Minha escola Ichi é diferente. Outras escolas fazem de certas tarefas seu meio de sobrevivência: plantando flores ou adornando objetos para vendê-las. Com toda a certeza este não é o Caminho da Estratégia.

Alguns dos estrategistas se preocupam apenas com a esgrima, e limitam seu treinamento ao manejo da espada longa e à postura do

corpo. Porém, será que basta a destreza para vencer? Esta não é a essência do Caminho.

Neste livro, registrei um a um os pontos insatisfatórios das outras escolas. Estude-os profundamente para que possa apreciar as vantagens da minha escola.

## OUTRAS ESCOLAS QUE USAM A ESPADA EXTRALONGA

Certas escolas demonstram preferência pelo uso de espadas extralongas. Sob o ponto de vista da minha estratégia, elas não podem deixar de ser vistas como escolas fracas. Isso acontece porque elas não compreendem a importância de se golpear o inimigo com todos os meios disponíveis, sejam eles quais forem. Seu instrumento único é a espada extralonga e, confiando na virtude de seu comprimento, elas supõem ser possível derrotar o inimigo a distância.

Neste mundo se diz: “Uma polegada representa vantagem para a mão”, porém estas são as palavras vãs de quem não conhece estratégia. Elas revelam a estratégia inferior do espírito fraco que imagina ser possível os homens dependerem do comprimento de sua espada, lutando a distância sem recorrerem à estratégia.

Creio que algum motivo forte haverá para as escolas em questão preferirem espadas extralongas como parte de suas doutrinas, porém, se compararmos este fato com a vida real, sua irracionalidade fica evidenciada. Será que estaríamos derrotados de antemão por não possuímos uma espada extralonga e termos de nos contentar com uma espada curta?

É difícil para os adeptos da espada extralonga golpear o inimigo em combate próximo em razão do próprio comprimento de sua espada. A trajetória da lâmina é tão larga e ampla que a espada se torna um estorvo, e eles se colocam em desvantagem até diante de um homem armado de espada companheira curta.

Desde a Antiguidade se diz: “Grande e pequeno andam juntos.” Por isso não rejeite de antemão a espada extralonga, o que seria

um erro também. O que me incomoda é a exigência do uso exclusivo da espada maior. Se considerarmos a estratégia em grande escala, podemos imaginar grandes forças em termos de espadas longas e pequenas forças em termos de espadas curtas. Será que poucos homens não podem dar combate a muitos? São numerosos os casos em que um pequeno grupo derrota forças muito maiores.

Sua estratégia de nada valerá se, quando solicitado a lutar num espaço restrito, seu coração se inclinar para a espada de maior comprimento (seja longa ou extralonga), ou se você estiver numa casa armado exclusivamente com a sua espada companheira. Além disso, alguns homens são mais fracos que outros.

Na minha doutrina, rejeito o espírito estreito e preconceituoso. Estude bem isso.

## O ESPÍRITO FORTE DA ESPADA LONGA EM OUTRAS ESCOLAS

Você deve raciocinar a respeito de espadas longas fortes e fracas. Manejando sua espada longa com espírito forte — e é isso o que importa — e usando-a com determinação, a vitória virá sem dificuldade.

Se você estiver preocupado com a força da sua espada, é possível que tente golpear com força exagerada, e acabará não conseguindo sequer golpear. Também não é recomendável golpear com força quando se está testando uma espada.

Sempre que cruzar espadas com um inimigo, não pense em golpeá-lo forte ou fracamente, pense apenas em golpeá-lo e matá-lo. Tenha todo o seu pensamento voltado para matar o inimigo. Não tente golpear com força e, obviamente, jamais pense em golpear sem força. Sua única preocupação deve ser matar o inimigo.

Se você confiar na força, quando atingir a espada do inimigo você inevitavelmente a atingirá com força demais. E nesse caso sua própria espada será levada junto com a dele. Por isso o ditado “A mão mais forte vence sempre” não faz sentido.

Na estratégia em grande escala, se você contar com um exército forte e estiver confiando na força para vencer, e se o inimigo também possuir um exército forte, a luta será feroz. O mesmo se aplica aos dois lados.

Sem a utilização do princípio correto, a luta não poderá ser vencida.

O espírito da minha estratégia é vencer por meio da sabedoria da estratégia, sem prestar atenção ao que é insignificante. Estude bem isso.

## O USO DA ESPADA LONGA MAIS CURTA EM OUTRAS ESCOLAS

O uso da espada longa mais curta não é o verdadeiro Caminho para a vitória.

Antigamente, *tachi* e *katana* significavam espada longa e espada curta, respectivamente. Homens de força superior são capazes de manejar uma espada longa com leveza, e portanto nada há que justifique a preferência por uma espada mais curta. Há também quem ache importante contar com lanças e alabardas mais curtas ou mais longas. Alguns espadachins usam a espada longa mais curta com a intenção de entrarem logo na guarda do inimigo e o apunhalarem enquanto ele ainda floreia sua espada. Esta inclinação é perigosa.

Esperar por um descuido do inimigo é atitude puramente defensiva e indesejável quando o combate se trava a curta distância. Além do mais, não se pode usar o método de penetrar na guarda do inimigo quando se tem pela frente diversos homens — ainda mais contando-se com uma espada curta. Alguns guerreiros acreditam que, se enfrentarem diversos inimigos, contando com uma espada longa mais curta, será possível esgueirarem-se por entre as linhas adversárias brandindo a espada em movimentos largos sem encontrar qualquer obstrução. Esquecem-se, porém, da necessidade de aparar uma infinidade de golpes; o resultado é que acabam presos no combate com o inimigo. Isso não está de acordo com o verdadeiro Caminho da Estratégia.

O Caminho seguro para a vitória em situações desse tipo é afugentar o inimigo e confundir sua formação, forçando-o a saltar para os lados, e mantendo o corpo sempre firme e ereto. O mesmo

princípio se aplica à estratégia em grande escala. A essência da estratégia é cair sobre o inimigo em grande número e provocar sua derrota rápida. Em razão do estudo que fazem da estratégia, as pessoas se acostumam a defender-se, fugir e recuar como se isso fosse normal. O hábito cria raízes e pode ser facilmente aproveitado pelo inimigo. O Caminho da Estratégia é direto e seguro. Você tem de colocar o inimigo em fuga e fazer com que obedeça ao seu espírito.

## OUTRAS ESCOLAS COM MUITOS MÉTODOS DE USO DA ESPADA LONGA

Creio que outras escolas afirmam haver muitos métodos para se manejar a espada longa; elas dizem isso apenas para granjear a admiração dos iniciantes. Isso equivale a vender o Caminho. É a vileza no rumo da estratégia.

O motivo do erro está em que deliberar sobre as muitas maneiras de se golpear um homem não faz sentido. Para começar, matar não é o Caminho da humanidade. Matar é a mesma coisa para pessoas que sabem lutar e para as que não sabem. É a mesma coisa para mulheres ou crianças, e não há muitos métodos diferentes. Podemos falar em táticas diferentes, como apunhalar, baleiar etc., mas só isso.

De qualquer forma, golpear o inimigo é o Caminho da Estratégia, e não há necessidade de cercá-lo de refinamentos.

Ainda assim, dependendo do lugar, sua espada longa pode enfrentar obstruções acima ou dos lados, de maneira que você se veja forçado a segurá-la de outro modo a fim de que possa ser usada. São cinco os métodos, em cinco direções. Métodos outros que não estes cinco — torção da mão, curvatura do corpo, salto e assim por diante — não representam o verdadeiro Caminho da Estratégia. A fim de golpear o inimigo, você não precisa recorrer a torções e curvaturas. Tudo isso é absolutamente inútil. Na minha estratégia, faço questão de manter o espírito e o corpo retos, fazendo com que o inimigo se torça e se curve. O espírito correto é o de vencer atacando o inimigo quando o seu espírito está distorcido. É preciso estudar bem esse princípio.

## O USO DAS ATITUDES DA ESPADA LONGA EM OUTRAS ESCOLAS

Atribuir uma grande importância às atitudes da espada longa é pensar de maneira equivocada. O que é conhecido vulgarmente como “atitude” só se aplica quando não há inimigo. O motivo está em que se criou um precedente desde a Antiguidade, e não faz sentido falar-se na “maneira moderna” de fazer isso ou aquilo durante os duelos. Importante mesmo é colocar o inimigo em posições desvantajosas.

As atitudes dizem respeito a situações nas quais você não pode ser deslocado. Ou seja: cerco a castelos, formações de batalha e outras mais, revelando uma determinação inamovível mesmo diante do ataque mais forte. No Caminho dos duelos, entretanto, você tem de estar sempre atento à necessidade de tomar a iniciativa e atacar. A atitude é o espírito de aguardar pelo ataque. Pense bem nisso.

Nos duelos de estratégia, você tem de modificar a atitude do inimigo. Ataque quando o espírito dele estiver desguarnecido, confunda-o, irrite-o e atemorize-o. Aproveite-se do ritmo indeciso do inimigo quando ele estiver perturbado, e sua vitória estará assegurada.

Não gosto do espírito defensivo que se costuma rotular de “Atitude”. É por isso que no meu Caminho há uma coisa chamada “Atitude sem Atitude”.

Na estratégia em grande escala, posicionamos nossas tropas para a batalha, considerando a força de que dispomos, observando a força do inimigo e aproveitando detalhes do campo de batalha. Este é o início.

O espírito de ser o primeiro a atacar é completamente diferente do espírito de aguardar pelo ataque do adversário. Suportar bem um ataque, com uma atitude forte, e defender-se bem do ataque do inimigo é como construir uma muralha de lanças e alabardas. Quando se ataca o inimigo, por outro lado, o espírito deve ir até o ponto de se arrancarem as estacas das paredes para usá-las como alabardas e lanças. Estude bem isso.

## FIXAÇÃO DO OLHAR NAS OUTRAS ESCOLAS

Algumas escolas afirmam que os olhos devem ficar fixos na longa espada do inimigo. Algumas escolas fixam os olhos nas mãos. Outras no rosto, outras ainda nos pés, e assim por diante. Se você fixar os olhos nesses locais, seu espírito ficará confuso e sua estratégia sairá prejudicada.

Explicarei este aspecto em detalhes. Os futebolistas <sup>[55]</sup> não fixam os olhos na bola, mas por uma boa estratégia de campo sabem desempenhar-se bem. Quando você se acostuma a fazer algo, nada o obriga a ficar limitado ao uso dos olhos. Os melhores músicos têm a partitura diante do nariz, por assim dizer; para dominarem o Caminho, os guerreiros floreiam a espada como bem entendem, mas isto não significa que tenham de fixar os olhos nestes pontos específicos, ou que façam movimentos inúteis com a espada. Isto significa apenas que eles aprenderam a ver naturalmente.

No Caminho da Estratégia, depois de lutar muitas vezes, você terá condições de avaliar facilmente a velocidade e a posição da espada do inimigo e, depois de ter dominado o Caminho, perceberá o peso do seu espírito. Na estratégia, fixar os olhos significa desvendar o coração do homem.

Na estratégia em grande escala, o que deve ser observada é a força do inimigo. “Percepção” e “visão” são duas maneiras de ver. A percepção implica uma concentração intensa no espírito do adversário, a observação das condições do campo de batalha, a fixação aguda do olhar, acompanhamento do desenrolar da luta e as alterações do combate. Este é o caminho mais seguro para a vitória.

No combate individual, você não tem a obrigação de fixar o olhar em detalhes. Como já disse antes, se você fixar o olhar em detalhes e descuidar de coisas importantes, seu espírito se confundirá e a vitória escapará de suas mãos. Estude muito bem esse princípio e treine com dedicação.

## O USO DOS PÉS NAS OUTRAS ESCOLAS

São vários os métodos de movimentação dos pés: pé flutuante, pé saltador, pé calcado, pé de corvo e outros mais. Sob o ponto de vista da minha estratégia, todos eles são insatisfatórios.

Não gosto do pé flutuante porque os pés tendem a flutuar demais durante a luta. O Caminho tem de ser trilhado com firmeza.

Não gosto também do pé saltador, porque incentiva o hábito de saltar e o espírito fica agitado. Não há justificativa real para os saltos; portanto, saltar é um erro.

O pé saltitante cria um espírito saltitante, e por isso indeciso.

O pé calcado é um método de “espera”, razão pela qual o condeno particularmente.

Fora estes métodos, há vários outros para se andar rápido como o pé de corvo etc.

Algumas vezes, entretanto, você travará combate em alagados, pântanos, várzeas, terrenos pedregosos ou estradas estreitas, em situações nas quais não poderá saltar nem movimentar os pés com rapidez.

Na minha estratégia, o trabalho com os pés é inalterável. Ando sempre da mesma maneira como ando na rua. Você não pode nunca perder o controle dos pés. De acordo com o ritmo do inimigo, movimente-se mais rápido ou mais devagar, sem ajustar seu corpo demais nem de menos.

A movimentação dos pés também é importante na estratégia em grande escala. Isso acontece porque, se você atacar apressadamente, impensadamente, sem conhecer o espírito do inimigo, seu ritmo se esfacelará e você não terá como vencer. Ou

então, se você avançar com lentidão excessiva, não será possível aproveitar a desorganização do inimigo e a oportunidade de vitória escapará; você não terá condições de encerrar a luta rapidamente. O Caminho da vitória é aproveitar a desordem e o tumulto do inimigo, não lhe dando a mínima chance de recuperação. Treine bem isso.

## A VELOCIDADE EM OUTRAS ESCOLAS

A velocidade não faz parte do verdadeiro Caminho da Estratégia. A velocidade implica que as coisas parecem rápidas ou lentas, dependendo de estarem ou não dentro do ritmo. Seja qual for o seu Caminho, um mestre da estratégia não dará a impressão de ser rápido.

Algumas pessoas conseguem cobrir até 190 quilômetros em um dia, mas isso não significa que corram sem parar da manhã à noite. Corredores sem prática podem dar a impressão de estarem correndo o dia inteiro, mas seu desempenho é fraco.

No Caminho da dança, artistas de talento conseguem cantar dançando, porém, quando iniciantes tentam fazer o mesmo, retardam os movimentos e seu espírito se torna confuso. A melodia do *Velho Pinheiro* <sup>[56]</sup> tocada num tambor de couro é tranquila, mas quando iniciantes tentam fazer o mesmo eles retardam o movimento e seu espírito se torna confuso. Pessoas muito habilidosas conseguem enfrentar ritmos rápidos, porém, bater com pressa não é a mesma coisa; bater com pressa é um erro. Se você tentar bater depressa demais, o ritmo se perderá. Evidentemente, a lentidão é um erro também. Pessoas verdadeiramente habilidosas nunca perdem o ritmo, nunca saem do tempo e são sempre decididas, nunca se permitindo ficar confusas. Por meio desse exemplo, o princípio fica claro.

O que se chama normalmente de velocidade não tem lugar no Caminho da Estratégia. O motivo desta afirmação está em que, dependendo do lugar (campo, ou pântano, e assim por diante), talvez não seja possível movimentar o corpo e as pernas juntos e

com rapidez. Muito menos será possível golpear com rapidez nessas circunstâncias, se a arma é uma espada longa. Se você tentar golpear com rapidez, como se tivesse nas mãos um leque ou uma espada curta, o resultado será a impossibilidade de golpear. Não se esqueça disso.

Também na estratégia em grande escala, um espírito rápido e confuso é indesejável. O espírito tem de ser o de “Prender a Almofada”, quando então você não se atrasará nem um pouco.

Quando seu adversário estiver dando mostras de pressa evidente, acompanhada de imprudência, faça exatamente o contrário e mantenha a calma. Não se deixe influenciar por seu adversário. Treine com toda a dedicação para atingir esse espírito.

## “INTERIOR” E “SUPERFÍCIE” NAS OUTRAS ESCOLAS

Não há “interior” nem “superfície” na estratégia.

As realizações artísticas costumam reivindicar um significado interior e uma tradição secreta, e um “portal”;<sup>[57]</sup> mas no combate não há sentido em falar-se de luta na superfície ou golpe com o interior. Quando ensino o meu Caminho, começo pelas técnicas que o aluno é capaz de entender com facilidade, com uma doutrina mais acessível. Pouco a pouco, esforço-me para explicar o princípio profundo, pontos de compreensão quase impossível, de acordo com o progresso do aluno. Mas nunca, sob hipótese alguma, já que o caminho da compreensão é o caminho da experiência, falo em “interior” e “portal”.

Neste mundo, se você for para as montanhas e decidir-se a penetrar cada vez mais fundo, acabará emergindo no portal, na entrada. Seja qual for o Caminho, ele tem um interior, e algumas vezes é conveniente indicar o portal. Na estratégia, porém, não podemos apontar o que está oculto e o que está visível.

Pelo mesmo motivo, não gosto de transmitir meu Caminho por meio de juramentos e regras escritas. Percebendo a habilidade de cada aluno, ensino o Caminho direto, elimino as más influências de outras escolas e gradualmente os introduzo no verdadeiro Caminho do guerreiro.

Meu método de ensinar é apenas o uso da fidelidade do espírito. É imprescindível treinar com esforço.

Tentei registrar aqui um esboço da estratégia das outras escolas, em nove seções de texto. Eu poderia prosseguir agora fazendo um relato específico de cada uma delas, do “portal” ao “interior”, mas

intencionalmente deixei de dar nome a essas escolas ou de identificar seus principais aspectos. O motivo está em que ramificações diferentes dessas mesmas escolas dão interpretações diferentes das doutrinas a que obedecem. Assim como as opiniões dos homens diferem, o mesmo assunto permite pontos de vista diferentes. Por isso a concepção de homem algum é válida para representar uma escola.

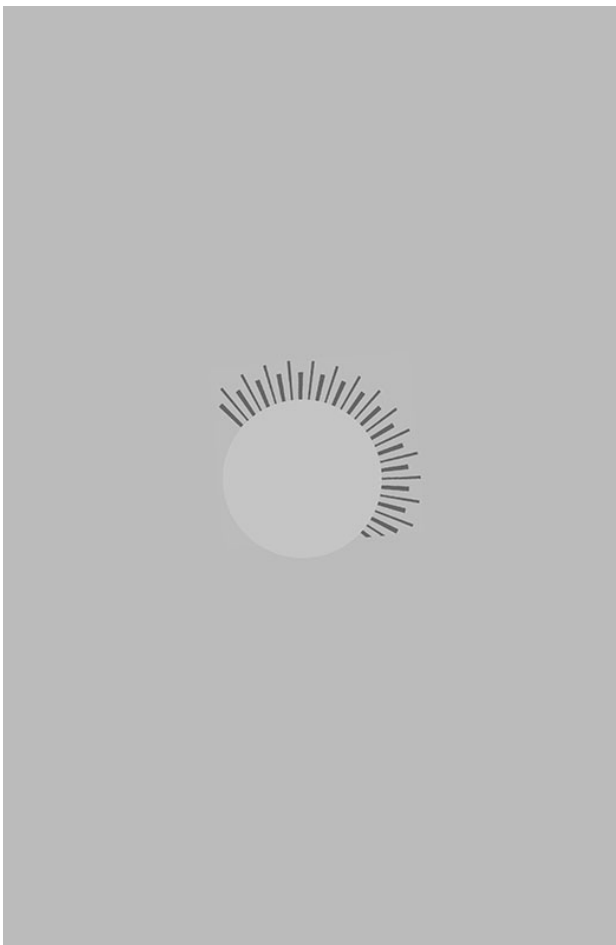
Mostrei tendências gerais das outras escolas em nove pontos. Se as encararmos sob um ponto de vista honesto, veremos que as pessoas tendem a preferir espadas longas ou espadas curtas e a se preocupar com a força tanto em questões pequenas quanto grandes. Você perceberá, então, por que não me ocupo aqui dos “portais” das outras escolas.

Na minha escola Ichi da espada longa, não há portal nem interior. Não há significados ocultos nas atitudes das espadas. Basta manter o espírito verdadeiro para alcançar a virtude da estratégia.

Décimo segundo dia do quinto mês, segundo ano de Shoho (1645).

Teruo Magonojo.

SHINMEN MUSASHI



## O LIVRO DO NADA

O Caminho Ni To Ichi da Estratégia está registrado neste Livro do Nada.

O que se chama espírito do nada é o que não é nada, é onde não há nada. Evidentemente, o nada é o vazio. Conhecendo as coisas que existem, você pode conhecer as que não existem. Isto é o nada.

As pessoas deste mundo veem as coisas equivocadamente, e pensam que o que não compreendem deve ser o nada. Mas esse não é o nada verdadeiro. É apenas confusão.

Também no Caminho da Estratégia, os que estudam como guerreiros pensam que tudo o que não podem compreender em seu ofício é o nada. Esse não é o nada verdadeiro.

Para alcançar o Caminho da Estratégia como guerreiro, você terá de estudar a fundo outras artes marciais e não se desviar nem um pouco do Caminho do guerreiro. Com o espírito tranquilo, acumule experiência dia a dia, hora a hora. Dê polimento à mente e ao coração, e aprofunde o olhar de percepção e visão. Quando seu espírito estiver isento de toda turvação, quando as nuvens da desordem se dissiparem, você conhecerá o verdadeiro Nada.

Até compreender o Caminho verdadeiro, seja no budismo ou no bom senso, você talvez pense que as coisas estão corretas e ordenadas. Entretanto, se olharmos para as coisas com objetividade, sob o ponto de vista das leis do mundo, veremos diversas doutrinas que se afastam do Caminho verdadeiro. Conheça bem este espírito, com a retidão como base e o espírito verdadeiro como Caminho. Aplique a estratégia com amplitude, correção e discernimento.

E então você começará a pensar nas coisas sob um ângulo mais aberto, e a entender o Nada como o Caminho, e verá o Caminho como o Nada.

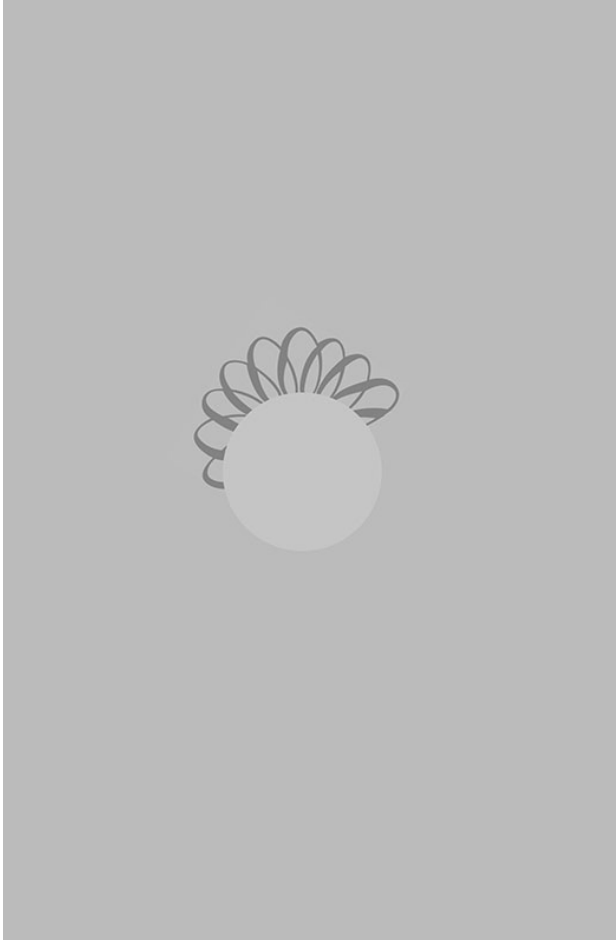
No Nada está a virtude, e nenhum mal. A sabedoria tem existência, o princípio tem existência, o Caminho tem existência, o espírito é o vazio.

Décimo segundo dia do quinto mês, segundo ano de Shoho (1645).

Teruo Magonojo.

SHINMEN MUSASHI

# O PRÍNCIPE

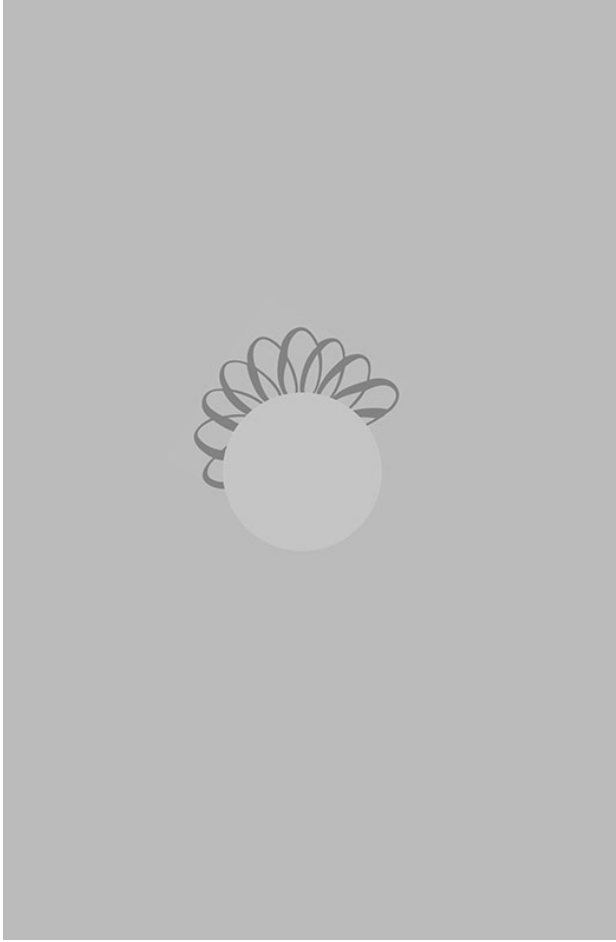


# O PRÍNCIPE

NICOLAU MAQUIAVEL

Tradução, prefácio e notas de Lívio Xavier  
Em apêndice, carta de Nicolau Maquiavel a Francisco Vettori





## PREFÁCIO

Até o século XV, desenvolve-se, com a derrocada da economia feudal, o processo da ascensão do capitalismo. Surgem na Europa ocidental os novos Estados nacionais. As soberanias locais vão sendo absorvidas pelo fortalecimento das monarquias e pela centralização progressiva das instituições políticas — reflexo da força expansiva do regime econômico em ascensão. Já desde os fins do século XIII, os príncipes vinham enfeixando nas suas mãos prerrogativas cada vez maiores. O Estado absolutista firma-se apoiado sobre as classes médias e tende a controlar a economia, sujeitando a feudalidade e a Igreja à sua autoridade, o que não significa que o absolutismo seja revolucionário: o Estado monárquico, preservando os privilégios essenciais das classes superiores, preserva-se a si mesmo, mantendo a autoridade do poder central sobre a burguesia urbana, o proletariado nascente e as massas rurais. As forças progressivas do desenvolvimento, o capitalismo, a navegação, a circulação geral expandem-se livremente. Nesse sentido, pode-se dizer que o novo regime econômico restitui generosamente ao Estado a força que havia recebido dele (W. Sombart), isto é, os interesses capitalistas

coincidem com os do Estado nacional na sua oposição às forças descentralizadoras da economia urbana.

Mas, se na França e na Inglaterra o poder monárquico desde o início pôde dominar as tendências centrípetas, pelo contrário, as florescentes cidades italianas atingiram uma independência completa, e assim a Itália, ainda no século XV, não tinha conseguido a sua unificação nacional. A sua unidade política esfacelara-se de encontro ao particularismo das cidades. Conglomerado de pequenos Estados rivais, a península, cuja posse assegurava o domínio do Mediterrâneo e dos empórios comerciais com o Oriente, apresentava-se como presa fácil à monarquia francesa. Depois do tratado de Lodi, que pôs termo à guerra de Milão e Florença contra Veneza (1453), tornara-se impossível a unificação sob a hegemonia de qualquer dos três mais importantes Estados italianos. O papa, a Alemanha, a França e a Espanha disputavam a supremacia política na península.

Na atmosfera inquieta do Renascimento, a obra de Maquiavel é dominada pela ideia da unidade italiana. O “secretário florentino” procura os meios próprios de formá-la e discute as formas de governo mais apropriadas à sua preservação. Este pequeno e famoso livro, *O príncipe*, tão exaltado quanto denegrido, considerado sibilino nos seus fins, apesar da transparência da forma em que é vazado, nada mais é que uma espécie de manual do absolutismo. É mesmo o sentido em que, no século XVII, Bayle emprega pela primeira vez o termo maquiavelismo, dando aliás ao livro um poder maligno que ele está longe de conter: “Os mais inocentes aprenderão o crime pela prática das máximas de Maquiavel no exercício da realeza: maquiavelismo e a arte de reinar tiranicamente são termos sinônimos”. A interpretação de *O príncipe*,

a contradição existente entre as suas máximas e o pensamento expresso por Maquiavel em outras obras suas, e mesmo as ideias políticas que defendeu como partidário dos republicanos em Florença, foi erigida em transcendente problema de literatura política. Já 22 anos depois da morte de Maquiavel, G.B. Busini escrevia a Benedetto Varchi que, embora fosse verdade que ele “tivesse amado extraordinarissimamente a liberdade, era fato que todos o odiavam”. [58] Desde então, têm-se extenuado em exegeses, mais ou menos arbitrárias, críticos e historiadores, e foi-se criando o mito do maquiavelismo. Nesta disputa irrisória que dura mais de quatro séculos, tem sido exagerado o vulto de Maquiavel. Sem ser obra de gênio precursor, *O príncipe* reflete as condições da época na qual e para a qual foi escrito, a reforma política, o livre exame dos fatos históricos, o ataque às tradições medievais, a instituição do êxito como única medida do poder do príncipe, enfim, a ruptura do temporal com o espiritual. Reflete-as antes pela agudeza com que observa os fatos atuais do que discerne as linhas fundamentais do desenvolvimento histórico ulterior. Obcecado pela ideia da unidade italiana, preocupado em ligar por uma monarquia acima do direito divino as anarquizadas tiranias locais, Maquiavel guarda, porém, certa estreiteza provinciana e esgota na intriga a imaginação política. A sua grandeza e originalidade consistem, ainda assim, em ter alargado o campo da ciência na política, distinguindo os interesses políticos primários das classes, mas confundindo-os, ao mesmo tempo, em uma monstruosa razão de Estado pela qual o povo é apenas matéria plástica nas mãos do príncipe.

Confundem-se o mito do maquiavelismo e o da razão de Estado.

*Lívio Xavier*

## NICOLAU MAQUIAVEL

### AO MAGNÍFICO LORENZO, FILHO DE PIERO DE MÉDICI

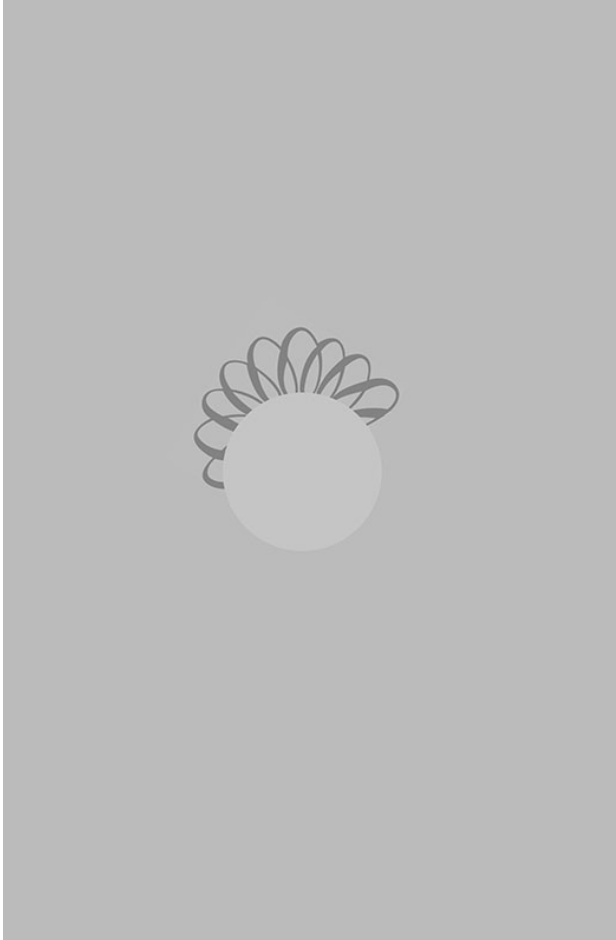
As mais das vezes, costumam aqueles que desejam granjear as graças de um príncipe trazer-lhe os objetos que lhes são mais caros, ou com os quais o veem deleitar-se; assim, muitas vezes, eles são presenteados com cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas e outros ornamentos dignos de sua grandeza. Desejando eu oferecer a Vossa Magnificência um testemunho qualquer de minha obrigação, não achei, entre os meus cabedais, coisa que me seja mais cara ou que tanto estime, quanto o conhecimento das ações dos grandes homens apreendido por uma longa experiência das coisas modernas e uma contínua lição das antigas; as quais, tendo eu, com grande diligência, longamente cogitado, examinando-as, agora mando a Vossa Magnificência, reduzidas a um pequeno volume. E conquanto julgue indigna esta obra da Presença de Vossa Magnificência, não confio menos em que, por humanidade desta, deva ser aceita, considerado que não lhe posso fazer maior presente que lhe dar a faculdade de poder em tempo muito breve aprender tudo aquilo que, em tantos anos e à custa de tantos

incômodos e perigos, hei conhecido. Não ornei esta obra nem a enchi de períodos sonoros ou de palavras empoladas e floreios ou de qualquer outra lisonja ou ornamento extrínseco com que muitos costumam descrever ou ornar as próprias obras; porque não quis que coisa alguma seja seu ornato e a faça agradável senão a variedade da matéria e a gravidade do assunto. Nem quero que se repute presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado discorrer e regular sobre o governo dos príncipes; pois os que desenham os contornos dos países se colocam na planície para considerar a natureza dos montes, e, para considerar a das planícies, ascendem aos montes, assim também para conhecer bem a natureza dos povos é necessário ser príncipe, e para conhecer a dos príncipes é necessário ser do povo. Tome, pois, Vossa Magnificência, este pequeno presente com a intenção com que eu o mando. Se esta obra for diligentemente considerada e lida, Vossa Magnificência conhecerá o meu extremo desejo que alcance aquela grandeza que a Fortuna e outras qualidades lhe prometem. E, se Vossa Magnificência, do ápice da sua altura, alguma vez volver os olhos para baixo, saberá quão sem razão suporte uma grande e contínua má sorte.

## CAPÍTULO I

### DE QUANTAS ESPÉCIES SÃO OS PRINCIPADOS E DE QUANTOS MODOS SE ADQUIREM

Todos os Estados, todos os domínios que têm havido e que há sobre os homens, foram e são repúblicas ou principados. Os principados ou são hereditários, cujo senhor é príncipe pelo sangue, por longo tempo, ou são novos. Os novos são totalmente novos, como Milão com Francesco Sforza, ou são como membros acrescentados a um Estado que um príncipe adquire por herança, como o reino de Nápoles ao rei da Espanha. Estes domínios assim adquiridos são, ou acostumados à sujeição a um príncipe, ou são livres, e são adquiridos com tropas de outrem ou próprias, pela fortuna ou pelo mérito.



## CAPÍTULO II

### DOS PRINCIPADOS HEREDITÁRIOS

Não tratarei das repúblicas, pois em outros lugares falei a respeito delas. <sup>[59]</sup> Irei me referir somente aos principados, e procurarei discutir e mostrar como esses principados hereditários podem ser governados e mantidos. Digo, assim, que nesta espécie de Estado, afeiçoados à família de seu príncipe, são muito menores as dificuldades de mantê-los, pois basta somente que não seja abandonada a praxe dos antecessores, e depois se contemporize com as situações particulares, de modo que, se tal príncipe é de engenho ordinário, sempre se manterá no seu Estado, se não houver uma força extraordinária e excessiva que o prive deste; e, mesmo que assim seja, o readquire, por pior que seja o ocupante.

Temos na Itália, por exemplo, o duque de Ferrara, <sup>[60]</sup> o qual resistiu ao ataque dos venezianos em 1484, e aos do papa Júlio em 1510, somente por ser antigo o domínio da sua família. Porque o príncipe natural do país tem menores ocasiões e menor necessidade de ofender. É claro, pois, que seja mais querido. Se extraordinários defeitos não o fazem odiado, é razoável que seja

naturalmente benquisto da sua gente. E na antiguidade e continuação do domínio, gastam-se a memória e as causas das inovações, pois uma transformação poderá ser sempre acompanhada da edificação de outra.

## CAPÍTULO III

### DOS PRINCIPADOS MISTOS

Mas a dificuldade consiste nos principados novos. Primeiro, se não se trata de principado inteiramente novo, mas sim de membro ajuntado a um Estado hereditário (caso em que este pode chamar-se um principado misto), as suas variações nascem principalmente de uma dificuldade comum a todos os principados novos, a saber, que os homens mudam de boa vontade de senhor, supondo melhorar, e esta crença os faz tomar armas contra o senhor atual. De fato, enganam-se e veem por experiência própria haverem piorado. Isso depende de outra necessidade natural e ordinária, que faz com que um novo príncipe careça ofender os novos súditos com a sua tropa e por meio de infindas injúrias, que acarreta uma recente conquista.

Assim, são teus inimigos todos aqueles que se sentem ofendidos pelo fato de ocupares o principado; e também não podes conservar como amigos aqueles que te puseram ali, pois estes não podem ser satisfeitos como pensavam. Não poderás usar contra eles remédios fortes, obrigado que estás para com eles, pois mesmo que sejas

fortíssimo nos exércitos, necessitas do favor dos habitantes para entrar numa província. Por isso, Luís XII, rei da França, ocupou Milão rapidamente e rapidamente a perdeu, bastando para isso as forças de Ludovico Sforza, pois a população que havia aberto as portas ao rei da França, caindo em si do seu engano quanto ao bem que esperava daquele príncipe, não o pôde suportar. É bem verdade que, sendo conquistados a segunda vez, os países rebelados se perdem com mais dificuldade: o príncipe, tendo por pretexto a rebelião, hesita menos no assegurar a punição dos revoltosos, esclarecer as suspeitas, prover às suas próprias fraquezas. Assim, para que a França perdesse Milão, foi bastante, a primeira vez, que o duque Ludovico ameaçasse as fronteiras, mas a segunda vez foi necessário que toda a gente fosse inimiga e que os exércitos franceses fossem aniquilados ou expulsos da Itália. Decorre isso das referidas razões. Não obstante, foi-lhe tomada primeira e segunda vezes. As razões gerais da primeira estão expostas; resta discorrer sobre as da segunda e ver que remédios houvera a França de empregar para manter melhor a conquista.

Estes Estados conquistados e anexados a um Estado antigo, se são da mesma província e da mesma língua, são facilmente sujeitos, máxime quando não estão acostumados a viver livres. Basta, para que se assegure a posse desses Estados, fazer desaparecer a linha do príncipe que o dominava, pois mantendo-se nas outras coisas a condição antiga, e não havendo disparidade de costumes, os homens vivem calmamente. Assim se viu na França, no caso da Borgonha, Bretanha, Gasconha e Normandia <sup>[61]</sup> e, ainda que haja alguma dissemelhança na língua, os costumes são idênticos, de sorte que esses Estados podem viver juntos muito facilmente. O conquistador, para mantê-los, deve ter duas regras:

primeiro, fazer extinguir o sangue do antigo príncipe; segundo, não alterar as leis nem os impostos. De tal modo, num prazo muito breve, terá feito a união ao antigo Estado.

Mas, quando se conquista uma província de língua, costumes e leis diferentes, começam então as dificuldades, sendo necessárias uma grande habilidade e boa sorte para poder conservá-la. Um dos meios mais eficazes é ir o príncipe habitá-la. Se se está presente, veem-se nascer as desordens, e pode-se remediá-las com presteza; no caso contrário, só se terá notícia delas quando não houver mais remédio. Além disso, a província conquistada não será espoliada pelos lugares-tenentes. Os súditos ficarão satisfeitos com o mais fácil recurso ao príncipe: assim, terão maiores razões de amá-lo, se é o caso, ou de temê-lo. Os ataques externos serão mais custosos e o príncipe só muito dificilmente perderá essa província.

Outro remédio eficaz é organizar colônias, em um ou dois lugares, as quais serão uma espécie de grilhões postos à província, pois é necessário fazer isso, ou ter lá muita força armada. Com as colônias não se gasta muito, e sem grande despesa podem ser feitas e mantidas. Os únicos prejudicados com elas serão aqueles a quem se tomam os campos e as casas, para dá-los aos novos habitantes. Mas os prejudicados sendo minoria na população do Estado, e dispersos e reduzidos à pobreza, não poderão causar dano ao príncipe, e os outros que não foram prejudicados deverão por isso aquietar-se, por medo de que lhes aconteça o mesmo. Enfim, acho que essas colônias nada custam e são fiéis; ofendem menos, e também os ofendidos não podem ser nocivos ao príncipe, como se explicou acima. Deve-se notar que os homens devem ser mimados ou exterminados, pois, se se vingam de ofensas leves, das graves já

não podem fazê-lo. Assim, a injúria que se faz deve ser tal que não se tema a vingança.

Mas conservando, em vez de colônias, força armada, gasta-se muito mais, e tem de ser despendida nela toda a receita da província. A conquista torna-se, pois, perda e ofende muito mais, porque prejudica todo o Estado com as mudanças de alojamento das tropas. Estes incômodos, todos os sentem, e todos por fim se tornam inimigos que podem fazer mal, ainda batidos na própria casa. Por todas as razões, pois, é inútil conservar força armada, ao contrário de manter colônias.

Também numa província diferente por sua língua, costumes e leis, faça-se o príncipe de chefe e defensor dos mais fracos, e trate de enfraquecer os poderosos da própria província, além de guardar-se de que entre por acaso um estrangeiro tão poderoso quanto ele.

Pois acontecerá sempre que os habitantes da província, movidos pela ambição ou pelo temor, chamem estrangeiros poderosos. Assim, os etólios chamaram à Grécia os romanos, que sempre foram chamados pelos naturais das províncias conquistadas.

E a ordem das coisas é que, quando um estrangeiro poderoso chegue a uma província, todos aqueles que se acham enfraquecidos lhe deem adesão, movidos pela inveja do que lhes é senhor. Por isso mesmo, não custa trabalho algum lhes alcançar o apoio; e de boa vontade farão bloco depois com o Estado conquistado. Há o perigo de ficarem eles muito fortes e com demasiada autoridade; facilmente, então, ficariam árbitros da província, abatendo os poderosos com as próprias forças do conquistador. Aquele que não se dirigir bem a este respeito perderá depressa a sua conquista e, enquanto não a perder, terá infindas dificuldades e dissabores.

Os romanos, nas províncias que conquistaram, observaram boa política a respeito. Fizeram colônias, fomentaram os menos poderosos sem aumentar a força destes, abateram os mais poderosos e não deixaram que os estrangeiros poderosos tomassem força. Sirva-me de exemplo a província da Grécia. Roma sustentou os aqueus e os etólios, abateu o reino dos macedônios, expulsou Antíoco. Mas nem os méritos dos primeiros e dos segundos permitiram-lhes aumentar os seus domínios; também Filipe<sup>[62]</sup> não persuadiu os romanos de que deviam ser seus amigos, nem a Antíoco deixaram conservar domínio algum. Porque os romanos nestes casos fizeram o que todo príncipe prudente deve fazer: não só remediar o presente, mas prever os casos futuros e preveni-los com toda a perícia, de forma que se lhes possa facilmente levar corretivo, e não deixar que se aproximem os acontecimentos, pois deste modo o remédio não chega a tempo, tendo-se tornado incurável a moléstia. Da tísica, dizem os médicos que, a princípio, é fácil de curar e difícil de conhecer, mas, com o correr dos tempos, se não foi reconhecida e medicada, torna-se fácil de conhecer e difícil de curar. Assim se dá com as coisas do Estado: conhecendo-se os males com antecedência, o que não é dado senão aos homens prudentes, rapidamente são curados: mas, quando por se terem ignorado, se têm deixado aumentar, a ponto de serem conhecidos de todos, não haverá mais remédio àqueles males.

Os romanos, vendo de longe as perturbações, sempre as remediaram e nunca as deixaram seguir o seu curso, para evitar guerras, pois sabiam que a guerra não se evita, mas, se é protelada, redonda sempre em proveito de outros. Assim, empreenderam a guerra contra Filipe e Antíoco, na Grécia, para não ter de fazê-la na

Itália; podiam tê-la evitado, mas não o quiseram. Não lhes agradava fiar-se no tempo para resolver as questões, como aos sábios da nossa época, mas só se louvavam na própria virtude e prudência, porque o tempo leva por diante todas as coisas, e pode mudar o bem em mal e transformar o mal em bem.

Mas voltemos à França e examinemos como procedeu ela em situações semelhantes. Falarei de Luís [63] e não de Carlos, [64] pois aquele conservou por mais tempo possessões na Itália, e se viu melhor a medida dos seus progressos. Vereis que ele fez o contrário do que se deve fazer para conservar a conquista de um Estado diferente. O rei Luís foi levado à Itália pela ambição dos venezianos que quiseram, por esse meio, ganhar o Estado da Lombardia. Não quero censurar o partido tomado pelo rei. Quando tomou pé na Itália, e não tendo amigos nesta província, e antes pelo contrário, pelos precedentes do rei Carlos, sendo-lhe trancadas todas as portas, foi ele forçado a ter as amizades que podia. E seria bem-sucedido na decisão tomada, se em outros manejos não tivesse praticado algum erro. Conquistada pois a Lombardia, o rei recuperou a reputação que Carlos perdera; Gênova cedeu, os florentinos tornaram-se seus amigos, o marquês de Mântua, o duque de Ferrara, Bentivoglio, a senhora de Forli, o senhor de Faenza, de Pescaro, de Rimini, de Camerino, de Piombino, os luqueses, os pisões e sieneses, todos foram ao encontro da sua amizade. Os venezianos puderam então considerar a temeridade da própria resolução, pois para adquirir dois tratos de terra, na Lombardia, fizeram o rei senhor de dois terços da Itália. Veja-se agora quanto era fácil ao rei manter na Itália a sua reputação, se, tendo observado as regras referidas, tivesse assegurado a defesa de todos aqueles amigos seus, os quais, sendo numerosos,

careciam todos de estar com ele. Por meio de tais aliados, o rei Luís poderia facilmente assegurar-se contra aqueles que se tinham conservado fortes.

Mas, logo que se achou em Milão, fez justamente o contrário, ajudando o papa Alexandre a ocupar a Romanha. Nem pensou que, com essa deliberação, enfraquecia a si próprio, pois afastava dele os amigos e aqueles que se lhe tinham lançado ao seio, e fortificava a Igreja, ajuntando ao poder espiritual, que já lhe dá tanta autoridade, uma tão grande cópia de poder temporal. Cometido o primeiro erro, foi compelido a continuar praticando outros, a ponto de, para pôr termo à ambição de Alexandre, e para que este não se tornasse senhor da Toscana, ser obrigado a vir pessoalmente à Itália. Não lhe bastou fazer forte a Igreja e perder os próprios amigos; por querer o reino de Nápoles, dividiu-o com o rei da Espanha. <sup>[65]</sup> E, de árbitro da Itália como dantes, para aí levou um sócio ao qual os descontentes e ambiciosos recorressem contra ele próprio. E, em vez de deixar naquele reino um rei que lhe fosse sujeito, tirou-o para colocar um que o podia expulsar dali.

O desejo de conquistar é coisa verdadeiramente natural e ordinária, e os homens que podem fazê-lo serão sempre louvados e não censurados. Mas se não podem e querem fazê-lo, de qualquer modo, é que estão em erro e são merecedores de censura. Se a França tinha forças para assaltar Nápoles, devia fazê-lo; se não podia, não devia dividi-la. E se a divisão que fez da Lombardia com os venezianos mereceu ser desculpada, pois com ela pôs pé na Itália, a divisão de Nápoles merece censura, porque não tem a escusa da necessidade.

O rei Luís cometera estes cinco erros: tinha abatido os menos poderosos, aumentado a potência de um poderoso na Itália, trazido

um estrangeiro poderosíssimo, não tinha vindo habitar a Itália e não mandou colônias para ali. Estes erros, em vida sua, podiam não prejudicá-la, se não tivesse cometido o sexto — o de se apoderar de territórios dos venezianos, pois, mesmo que não houvesse fortificado a Igreja e não houvesse intrometido a Espanha nas coisas da Itália, era razoável diminuí-los. Mas, tendo tomado essas deliberações, não devia o rei consentir na ruína deles, pois mantinham a distância os que queriam conquistar a Lombardia. E isso porque, enquanto os venezianos tivessem força, não teriam consentido em que outros senão eles próprios tivessem o domínio da província, e os outros não queriam tirá-la da França para dá-la aos venezianos. E se alguém dissesse: o rei Luís cedeu a Romanha a Alexandre e um reino à Espanha, para evitar uma guerra, respondo que não se deve consentir em um mal para evitar uma guerra, pois não se evita esta e sim apenas se adia, para própria desvantagem. Se alguns outros alegassem a palavra que o rei deu ao papa de empreender aquela conquista em troca da dissolução do seu matrimônio e do chapéu cardinalício ao arcebispo de Ruão, respondo mais adiante como, na minha opinião, se deve guardar a palavra dos príncipes. Assim pois, o rei Luís perdeu a Lombardia por não haver observado nenhum dos princípios observados pelos outros que conquistaram províncias e as conservaram. Não é milagre isso, mas em Nantes ao arcebispo de Ruão,<sup>[66]</sup> quando Valentino — nome popular de César Bórgia, filho do papa Alexandre — ocupava a Romanha, dizendo-me ele que os italianos não entendiam de guerra, expliquei-lhe que os franceses não entendiam do Estado, pois se entendessem não teriam consentido à Igreja tanta grandeza. E por experiência, viu-se que a grandeza, na Itália,

da Igreja e da Espanha, foi obra da França. E a ruína desta foi causada por ambas.

Conclui-se daí uma regra geral, que nunca ou muito raramente falha: quando alguém é causa do poder de outrem, arruína-se, pois aquele poder vem de astúcia ou força, e qualquer destas é suspeita ao novo poderoso.

## CAPÍTULO IV

### POR QUE RAZÃO O REINO DE DARIO, OCUPADO POR ALEXANDRE, NÃO SE REBELOU CONTRA OS SUCESSORES DESTE

Consideradas as dificuldades com que se há de contar para conservar um Estado recém-conquistado, poderia parecer razão de espanto o fato de que, tendo Alexandre Magno ficado, em poucos anos, senhor da Ásia e morrido logo depois de ocupar aqueles Estados, estes não se tenham rebelado, como seria razoável. Os sucessores de Alexandre, contudo, se mantiveram e não tiveram para isso outra dificuldade senão a que entre eles surgiu da própria ambição. Replicarei que os principados, cuja memória se conserva, foram governados de dois modos diversos: ou por um príncipe ajudado por ministros que, no governo, não são senão servos que o exercem somente por graça e concessão do senhor ou por um príncipe e barões, os quais, não por graça daquele, mas por antiguidade de sangue, têm essa qualidade.

Estes barões possuem o domínio e súditos próprios, os quais os reconhecem como senhores e lhes votam natural afeição. Naqueles

Estados que são governados por um príncipe com seus servidores, o senhor tem mais autoridade, porque em toda a sua província não há quem seja reconhecido como superior a ele. E, se obedecem a outrem, fazem-no por força dos cargos que exerce e não lhe dedicam a menor estima.

Os exemplos destas duas espécies de governo são, em nossos tempos, o Grão-Turco e o reinado da França. O governo turco é exercido por um senhor que, dividindo o seu reino em *sandjaks*, dispõe de servidores que muda e desloca como bem lhe parece. O rei da França está colocado em meio de uma multidão de senhores cujo domínio é tradicional e que são, em seus distritos, reconhecidos e amados por seus súditos. São poderosos e o rei não pode privá-los de suas regalias, sem grave perigo para ele próprio. Quem considera, pois, estas duas situações encontrará dificuldade em conquistar o Estado turco. Sem embargo, uma vez vencedor, será muito fácil conservá-lo. A causa das dificuldades de ocupá-lo está em que não é possível ser chamado por príncipes daquele reino, nem esperar que se possa facilitar a empresa com a rebelião daqueles que lhes estão ao redor. E isso, em virtude das razões já apontadas. É que, sendo todos escravos, mais dificilmente podem ser corrompidos e, quando se corrompessem, poucas vantagens se poderiam obter, uma vez que eles não poderiam arrastar a massa popular, o que se explica também pelas razões enunciadas. Conclui-se daí que quem se puser em marcha contra a Turquia precisa preocupar-se com encontrá-la unida, convindo-lhe mais confiar nas próprias forças do que nas desordens dos outros. Mas, vencida e desorganizada na luta, de modo que não lhe fosse possível refazer os exércitos, não seria necessário preocupar-se senão com o sangue do príncipe. Extinto este, não restaria mais a quem temer,

pois os outros não têm domínio sobre o povo. E, assim como vencedor, antes da vitória, nada podia esperar dele, não deve temê-lo depois da conquista.

Acontece o contrário nos reinos governados como a França. É possível entrar-se com facilidade, conseguindo aliança com algum barão do reino, pois sempre se encontram descontentes, ou gente desejosa de fazer inovações. Tais elementos poderiam, pelos motivos expostos, abrir-te caminho naquele reino e facilitar-te a vitória. Mas, depois, para te manteres, aparecem inúmeras dificuldades criadas não só pelos que oprimiste, como também pelos que de início auxiliaram a tua empresa. Não é suficiente extinguir o sangue do príncipe. Permanecem aqueles senhores, barões poderosos, que se tornam cabeças de novas rebeliões. E, não sendo possível nem contentá-los nem fazê-los desaparecer, perderás o Estado na primeira oportunidade que se lhes apresente.

Agora, se considerarmos a natureza do governo de Dario, iremos encontrar semelhança com a do sultão da Turquia. Se a Alexandre foi necessário desbaratar o inimigo em bloco depois da vitória, morto Dario, teve o Estado seguro, de acordo com as considerações que anteriormente expendi. E os sucessores de Alexandre, se houvessem se mantido unidos, poderiam gozar ociosos aquele reino; não houve aí outros tumultos senão os que eles próprios suscitaram. Quanto aos Estados organizados como o da França, é impossível conquistá-los com tanta facilidade. Explicam-se dessa forma as frequentes rebeliões da Espanha, da França e da Grécia quando conquistadas pelos romanos. Existiam aí numerosos principados e, enquanto perdurou a lembrança deles, os romanos nunca puderam estar absolutamente seguros da posse; apagada, porém, a memória daqueles principados, em vista da potência e

duração do Império, surgiu a segurança completa dos possuidores. Conseguiram também os romanos, quando mais tarde lutaram entre si, arrastar parte daquelas províncias, segundo a autoridade que cada um havia conseguido impor. E as províncias, pela razão muito simples de que fora extinto o sangue de seus antigos senhores, reconheciam apenas os romanos. Consideradas, pois, estas coisas todas, não se espantará ninguém da facilidade que Alexandre teve em consolidar sua vitória na Ásia e das dificuldades com que outros esbarraram para conservar os reinos conquistados, como aconteceu a Pirro. São contingências originadas não do valor ou desvalor do vencedor, mas da diversidade dos povos vencidos.

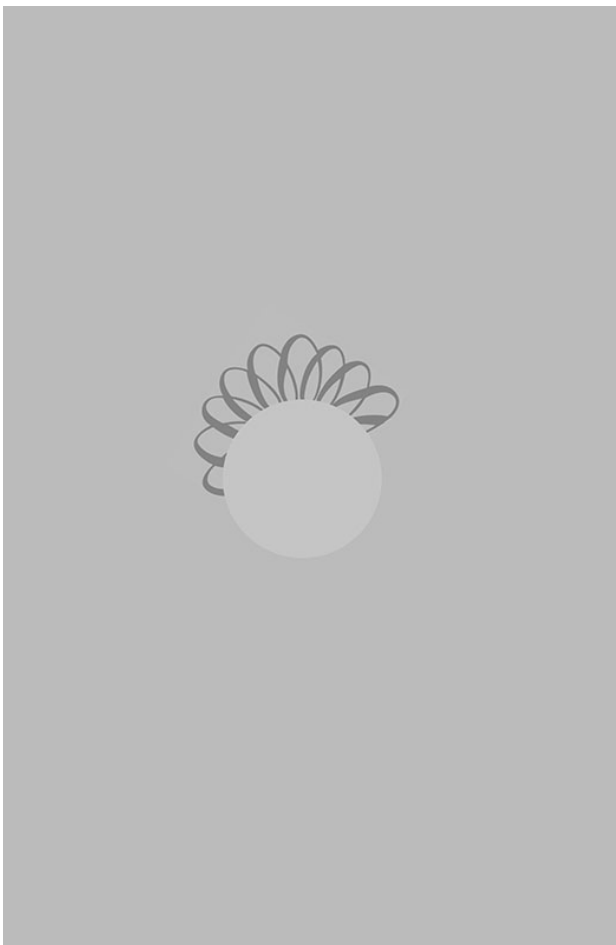
## CAPÍTULO V

### DA MANEIRA DE CONSERVAR CIDADES OU PRINCIPADOS QUE, ANTES DA OCUPAÇÃO, SE REGIAM POR LEIS PRÓPRIAS

Quando se conquistam Estados habituados a reger-se por leis próprias e em liberdade, há três modos de manter-se a sua posse: primeiro — arruiná-los; segundo — ir habitá-los; terceiro — deixá-los viver com suas leis, arrecadando um tributo e criando um governo de poucos, que se conservem amigos. Tendo sido esse governo criado por aquele príncipe, sabe que não poderá viver sem a sua amizade e o seu poder e, naturalmente, tudo fará para mantê-la. Por intermédio dos seus próprios cidadãos, muito mais facilmente se conservará o governo dum cidade acostumada à liberdade do que de qualquer outra forma. Sirva-nos de exemplo a história dos espartanos e dos romanos. Os primeiros criaram em Atenas e Tebas um governo oligárquico: perderam-nas novamente.<sup>[67]</sup> Os romanos, para manter-se na posse de Cápua, Cartago e Numância, destruíram-nas.<sup>[68]</sup> E não as perderam. Mas quiseram governar a Grécia como os espartanos, tornando-a livre e mantendo-lhe as

suas leis. Não o conseguiram e foram obrigados a destruir muitas cidades para conservar-se no poder. É que, em verdade, não há garantia de posse mais segura do que a ruína. Quem se torna senhor de uma cidade tradicionalmente livre e não a destrói será destruído por ela. Tais cidades têm sempre por bandeira, nas rebeliões, a liberdade e suas antigas leis, que não esquecem nunca, nem com o correr do tempo, nem por influência dos benefícios recebidos. Por muito que se faça, quaisquer que sejam as precauções tomadas, se não se promovem o dissídio e a desagregação dos habitantes, não deixam eles de se lembrar daqueles princípios e, em toda oportunidade, em qualquer situação, a eles recorrem, como fez Pisa, cem anos depois de estar sob o jugo dos florentinos. <sup>[69]</sup> Mas, quando as cidades ou as províncias estão habituadas a viver sob o domínio de um príncipe, extinta a sua geração — como estejam acostumados a obedecer e, ao faltar-lhes o príncipe antigo, não atinam em eleger, entre eles mesmos, um novo príncipe —, não sabem viver livres. São, assim, pouco afeitos a tomar das armas e, nessas condições, com mais facilidade pode-se ganhar a estima do povo e assegurar-se sua fidelidade. Nas repúblicas, há mais vida, o ódio é mais poderoso, maior é o desejo de vingança. Não deixam nem podem deixar repousar a memória da antiga liberdade.

Assim, para conservar uma república conquistada, o caminho mais seguro é destruí-la ou habitá-la pessoalmente.



## CAPÍTULO VI

### DOS PRINCIPADOS NOVOS QUE SE CONQUISTAM PELAS ARMAS E NOBREMENTE

Não deve causar estranheza a ninguém o fato de eu citar longos exemplos, muitas vezes a respeito dos príncipes e dos Estados, durante a exposição que passo a fazer dos principados absolutamente novos. Os homens trilham quase sempre estradas já percorridas. Um homem prudente deve assim escolher os caminhos já percorridos pelos grandes homens e imitá-los; assim, mesmo que não seja possível seguir fielmente esse caminho, nem pela imitação alcançar totalmente as virtudes dos grandes, sempre se aproveita muita coisa. Deve proceder como os seteiros prudentes que, querendo atingir um ponto muito distante, e conhecendo a capacidade do arco, fazem a mira em altura superior à do ponto visado. Não o fazem, evidentemente, para que a flecha atinja tal altura: valem-se da mira elevada apenas para ferir com segurança o lugar designado muito mais abaixo.

Nos principados novos, governados por príncipes novos, na luta pela conservação da posse, as dificuldades estão na razão direta da

capacidade de quem os conquistou. E porque o fato de elevar-se alguém a príncipe pressupõe valor ou boa sorte, evidentemente qualquer destas razões tem a propriedade de mitigar muitas dificuldades. Todavia, é comum observar que muitos que foram menos afortunados se mantiveram mais tempo no poder. Traz muitas facilidades, ainda, o fato de o príncipe novo ser obrigado a habitar o Estado conquistado por não ter outros domínios. E para exemplo dos que foram príncipes pelo seu valor e não por boa sorte, cito como maiores Moisés, Ciro, Rômulo, Teseu. E se bem que Moisés não deva ser mencionado por ter sido um mero executor das ordens de Deus, deve, contudo, ser admirado unicamente pela graça que o fazia digno de falar ao Criador. Consideremos, porém, Ciro e outros que adquiriram e fundaram reinos. Haveis de achá-los todos admiráveis. E se se considerarem os seus atos e ordens particulares, eles não são discrepantes daqueles de Moisés, que teve tão alto preceptor. E examinando-lhes a vida e as ações, conclui-se que eles não receberam da fortuna mais do que a ocasião de poder amoldar as coisas como melhor lhes aprouveram. Sem aquela ocasião, suas qualidades pessoais se teriam apagado e, sem essas virtudes, a ocasião lhes teria sido vã. Portanto, era necessário a Moisés encontrar o povo de Israel, no Egito, escravizado e oprimido pelos egípcios, a fim de que estes, para se libertarem da escravidão, se dispusessem a segui-lo. Convinha que Rômulo não encontrasse refúgio em Alba e tivesse sido exposto ao nascer, para que se tornasse rei de Roma e fundador de uma pátria.

Era necessário que Ciro encontrasse os persas descontentes do império dos medas e os medas muito efeminados e amolecidos por uma longa paz. Teseu não teria podido revelar suas virtudes se não tivesse encontrado os atenienses dispersos. Tais oportunidades,

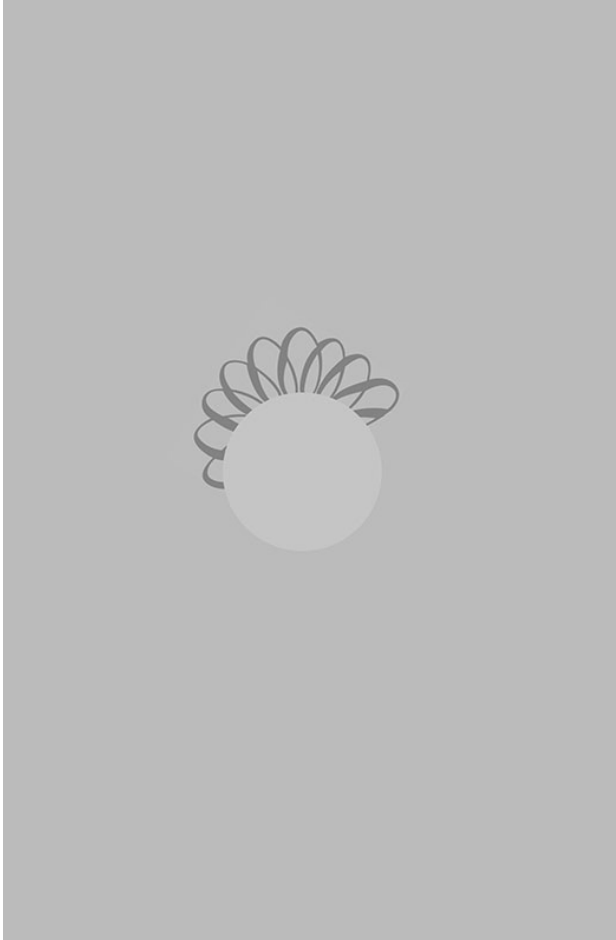
portanto, tornaram felizes a esses homens; e foram as suas virtudes que lhes deram o conhecimento daquelas oportunidades. Graças a isso, a sua pátria se honrou e se tornou feliz.

Aqueles que, por suas virtudes, semelhantemente a estes, se tornam príncipes, conquistam o principado com dificuldade, mas se mantêm facilmente. As dificuldades que encontram na conquista do principado nascem, em parte, da nova ordem legal e costumes que são forçados a introduzir para a fundação do seu Estado e da sua própria segurança. Deve-se considerar aqui que não há coisa mais difícil, nem de êxito mais duvidoso, nem mais perigosa, do que o estabelecimento de novas leis. O novo legislador terá por inimigos todos aqueles a quem as leis antigas beneficiavam e terá tímidos defensores nos que forem beneficiados pelo novo estado de coisas. Essa fraqueza nasce, parte por medo dos adversários, parte da incredulidade dos homens, que não acreditam na verdade das coisas novas senão depois de uma firme experiência. Daí resulta que os adversários, quando têm ocasião de assaltar, o fazem fervorosamente, como setários, e os outros o defendem sem entusiasmo e periclita a defesa do príncipe.

É necessário, pois, querendo expor bem claramente esta parte, examinar se esses inovadores agem por si próprios, firmemente, ou se dependem de outrem, isto é, se para conduzir sua obra precisam de rogar ou se, verdadeiramente, podem forçar. No primeiro caso, são sempre malsucedidos e não conseguem coisa alguma. Mas, quando não dependem de ninguém, contam apenas consigo mesmos e podem forçar, raramente deixam de alcançar êxito. Destarte, todos os profetas armados venceram e os desarmados fracassaram. Porque, além do que já se disse, a natureza dos povos é vária, sendo difícil firmá-los na persuasão. Convém, pois,

providenciar para que, quando não acreditarem mais, se possa fazê-los crer à força. Moisés, Ciro, Teseu e Rômulo não teriam conseguido fazer observar por muito tempo suas constituições se estivessem desarmados. É o que, nos tempos que correm, aconteceu a frei Girolano Savonarola, o qual fracassou na sua tentativa de reforma quando o povo começou a não lhe dar crédito. E ele não tinha meios para manter firmes aqueles que haviam acreditado, nem para fazer com que os incrédulos acreditassem. Pessoas nessas condições lutam com grandes dificuldades para conduzir-se, estando no seu caminho pela coragem. Vencidas as dificuldades, começam a ser venerados e, exterminados os que invejavam suas qualidades, tornam-se potentes, seguros, honrados, felizes. A tão altos exemplos, quero juntar outro menor, mas que tem relação com aqueles e bastará para todos os semelhantes. É o de Hierão de Siracusa. Tornando-se príncipe de Siracusa, está entre os que, da sorte, não tiveram mais do que a ocasião. Estando os siracusanos oprimidos, elegeram-no para seu capitão. Nesse posto mereceu tornar-se príncipe. E foi de tanta virtude, mesmo na vida privada, que dele se disse: "*quod nihil illi deerat ad regnandum praeter regnum*". [70]

Extinguiu a antiga milícia, organizou a nova, deixou as amizades antigas, conquistou outras e, como tivesse amizades e soldados seus, pôde, sobre tais alicerces, edificar as obras que quis, tanto que teve muito trabalho para conquistar, mas pouco para manter-se.



## CAPÍTULO VII

### DOS PRINCIPADOS NOVOS QUE SE CONQUISTAM COM ARMAS E VIRTUDES DE OUTREM

Aqueles que somente por fortuna se tornam príncipes pouco trabalho têm para isso, é claro, mas se mantêm muito penosamente. Não têm nenhuma dificuldade em alcançar o posto, porque para aí voam; surge, porém, toda sorte de dificuldades depois da chegada. É o que acontece quando o Estado foi concedido ao príncipe, ou por dinheiro, ou por graça de quem o concede. Assim foi na Grécia, nas cidades da Lônia e do Helesponto, onde houve príncipes feitos por Dario para manterem sua glória e segurança. É ainda como se faziam aqueles imperadores que, de simples cidadãos, subiam ao trono pela corrupção dos soldados. Tais príncipes estão na dependência exclusiva da vontade e boa fortuna de quem lhes concedeu o Estado, isto é, de duas coisas extremamente volúveis e instáveis. E não sabem ou não podem manter o principado: não sabem porque, se não são homens de grande engenho e virtude, não é razoável que, tendo vivido sempre em condições diferentes, saibam comandar; não podem, porque não contam com forças que

lhes sejam amigas e fiéis. Além disso, os Estados que surgem de súbito, como todas as outras coisas da natureza que se desenvolvem muito depressa, não podem ter raízes ou membros proporcionados, e, ao primeiro golpe de adversidade, aniquilam-se; a não ser que aqueles príncipes, como já se disse, saibam preparar-se para conservar aquilo que a sorte lhes pôs no regaço e estabeleçam solidamente as bases fundadas anteriormente por outros.

Destes dois meios de se tornar príncipe — pelo valor ou pela fortuna —, quero apresentar dois exemplos atuais: Francesco Sforza e César Bórgia. Francesco, pelos meios devidos, e por grande valor, de simples particular se tornou duque de Milão e pôde manter facilmente aquilo que havia conquistado à custa de afanosos trabalhos. Por outro lado, César Bórgia, chamado pelo povo Duque Valentino, adquiriu o Estado com a fortuna do pai e sem esta o perdeu, não obstante houvesse feito tudo quanto devia fazer um homem prudente e valoroso a fim de que criasse raízes nos Estados que as armas e a fortuna de outrem lhe haviam concedido.

É que, como já se disse acima, quem não prepara as bases antes poderá fazer depois esse trabalho, se tem grande capacidade, ainda que com aborrecimento para o arquiteto e perigo para o edifício. Se considerarmos, então, todos os progressos do Duque, veremos que ele traçou grandes alicerces para a sua futura potência. Não julgo que seja supérfluo discorrer a respeito, porque eu não saberia regras melhores para oferecer a um príncipe novo do que o exemplo das ações do Duque. E se seu modo de agir não lhe aproveitou, não foi sua culpa e sim por força de extremos reveses da sorte. Alexandre VI encontrou grandes dificuldades imediatas e remotas para o engrandecimento do filho. Primeiro, não encontrava meio de

poder torná-lo senhor de algum Estado que não fosse Estado da Igreja e sabia que, se tentasse apoderar-se de um destes, o duque de Milão e os venezianos não lho consentiriam, uma vez que Faenza e Rimini estavam já sob a proteção dos venezianos. Via, além disso, as tropas da Itália e especialmente aquelas de que se teria podido servir estarem em mãos de quem devia temer a grandeza do papa; e nelas não podia fiar-se, pertencendo todas aos Orsini e Colonna e seus partidários. Era necessário, portanto, que se perturbasse aquela ordem e fossem desorganizados os Estados destes para se tornar possível a conquista de um deles. Isto não lhe foi difícil, pois os venezianos, movidos por outras razões, se decidiram a facilitar a volta dos franceses à Itália, a que não fez oposição e até tornou mais fácil com a dissolução do primeiro matrimônio do rei Luís. O rei entrou, portanto, na Itália com o auxílio dos venezianos e consentimento de Alexandre. Logo que o rei chegou a Milão, o papa teve tropa para a conquista da Romanha, empresa tornada possível só pela fama do rei. Tendo o Duque conquistado a Romanha e batido os Colonna, querendo manter aquela e prosseguir, encontrava dois impedimentos: um, as suas tropas que não lhe pareciam fiéis, e o outro, a vontade da França. Temia o Duque que lhe faltassem as tropas dos Orsini, das quais se valera, e não só o impedissem de conquistar como lhe arrancassem a terra já conquistada e, além disso, que o rei não lhe fizesse o mesmo. Dos Orsini, confirmaram-se as suas suspeitas quando, depois de ter entrado em Faenza, assaltou Bolonha e notou a sua frieza naquele assalto. Relativamente às intenções do rei, conheceu-as quando, conquistado o ducado de Urbino, assaltou a Toscana: o rei fez com que desistisse dessa empresa. Por isso, o Duque deliberou não depender mais das armas e fortuna de outrem.

E a primeira coisa que fez foi enfraquecer as facções dos Orsini e Colonna em Roma. De todos os aderentes destes, que fossem gentis-homens, procurou o apoio, tornando-os gentis-homens seus e lhes dando grandes pensões em dinheiro, e honrou-os, segundo suas qualidades, com postos de comando e de governo, de modo que, em poucos meses, a afeição que nutriam pelos partidos se extinguiu totalmente, passando toda para o Duque. Depois, esperou a ocasião de extinguir os chefes dos Orsini, estando já dispersos os da casa de Colonna. Não tardou a se apresentar tal oportunidade e o Duque soube bem aproveitar-se dela. Com efeito, os Orsini, tendo-se apercebido tarde demais que o poder do Duque e o da Igreja trariam a sua ruína, realizaram um conselho em Magione, no Perugino. Daí surgiram a rebelião de Urbino e os tumultos da Romanha, com inúmeros perigos para o Duque, que a todos superou com o auxílio dos franceses.

Tendo readquirido com isso sua reputação, e não se fiando mais da França nem de outros agentes externos, para não ter de crescer-lhe as forças, recorreu à astúcia. E tão bem soube dissimular as suas intenções que os Orsini se reconciliaram com ele, por intermédio do Signor Pagolo.<sup>[71]</sup> Para assegurar-se melhor deste, o Duque não omitiu nenhuma prova de amizade, dando-lhe dinheiro, roupas e cavalos; tanto assim que a ingenuidade dos Orsini levou-os a Sinigalia, à discrição do Duque. Extintos, pois, esses chefes, e reduzidos os seus correligionários a amigos do Duque, havia este conseguido muito bons alicerces para o seu poder, conquistando toda a Romanha com o ducado de Urbino, parecendo-lhe, além disso, ter ganho a amizade da Romanha e todos aqueles povos, que haviam começado a gozar de prosperidade.

Como esta parte da ação do Duque é digna de registro e de imitação, não quero silenciar a respeito. Logo que se apoderou da Romanha, tendo-a encontrado, em geral, sujeita a fracos senhores, que mais espoliavam do que governavam os seus súditos, dando-lhes apenas motivo de desunião (tanto que aquela província estava cheia de latrocínios, de tumultos e de toda sorte de violências), julgou o Duque que era necessário, para torná-la pacífica e obediente ao braço régio, dar-lhe bom governo. E ali colocou, então, Ramiro de Orco, homem cruel e expedito, ao qual outorgou plenos poderes. Este, em pouco tempo, conseguiu fazer com que a Romanha se tornasse pacífica e unida, tendo alcançado ele mesmo grande reputação. O Duque julgou depois que já não era necessária tanta autoridade, pois temia que se tornasse odiosa. E constituiu um júízo civil no centro da província, com um presidente ilustre e benquisto, e no qual cada cidade estava representada. Sabendo que os rigores passados haviam criado ódios contra ele próprio, para apagá-los do ânimo daqueles povos e conquistá-los a todos, definitivamente, em tudo, quis demonstrar que, se haviam sido cometidas crueldades, não procediam dele e sim da dureza de caráter do ministro. E, em vista disso, tendo ocasião, mandou exibi-lo certa manhã, em Cesena, em praça pública, cortado em dois pedaços, tendo ao lado um pedaço de pau e uma faca ensanguentada. A ferocidade desse espetáculo fez com que o povo ficasse a um tempo satisfeito e espantado.

Voltemos, porém, ao ponto de partida. Encontrando-se o Duque bastante poderoso e a coberto, em parte, de perigos presentes, por já terem tropas suas extinguido em grande parte as forças vizinhas que o poderiam incomodar, restava-lhe, querendo prosseguir nas conquistas, o temor ao rei da França. Sabia que os seus progressos

não seriam suportados pelo rei, o qual se apercebera tarde do seu erro. Começou, por isso, a procurar amizades novas e a tergiversar com a França, na incursão que os franceses levaram a efeito no reino de Nápoles contra os espanhóis que assediavam Gaeta. Queria assegurar-se contra a França, o que lhe teria sido fácil conseguir se Alexandre vivesse. Esta foi a sua política quanto às coisas presentes. Mas, com relação ao futuro, tinha a temer, primeiro, que o novo papa lhe fosse hostil e procurasse tirar-lhe o que Alexandre lhe dera. Pensou agir de quatro modos: primeiro — extinguir a linha de todos aqueles senhores que despojara, para evitar protestos de intervenção do papa; segundo — conquistar todos os gentis-homens de Roma, como foi dito, para poder, com seu auxílio, enfrentar o papa; terceiro — aumentar o mais possível a própria influência no Sacro Colégio; quarto — conquistar a maior soma de poder antes da morte do papa, a fim de poder resistir por si mesmo a um primeiro ataque. Dessas quatro coisas, já realizara três, por ocasião da morte de Alexandre. A quarta estava quase terminada. Dos senhores espoliados, matou quantos pôde alcançar e foram pouquíssimos os que se salvaram; havia alcançado o apoio dos gentis-homens romanos e, no Sacro Colégio, tinha formado um grande partido. Quanto à nova conquista, havia designado tornar-se senhor da Toscana e já possuía Perugia e Piombino e tomara a proteção de Pisa. E logo que não o preocupasse mais o temor da França (por terem sido já expulsos os franceses do reino de Nápoles pelos espanhóis, de modo que a ambos era necessário procurar sua amizade), o Duque se precipitaria sobre Pisa. Depois disso, Luca e Siena cederiam logo, em parte movidos pelo ódio aos florentinos, em parte pelo medo. Os florentinos, então, não teriam recurso algum. Se tivesse conseguido isso (o que se daria no ano

mesmo em que Alexandre morreu), conquistava o Duque tanta força e reputação que por si mesmo se teria mantido e não dependeria mais da fortuna e da força de outrem e sim da sua própria força e capacidade. Mas Alexandre morreu cinco anos depois que César desembainhara a espada. Deixou-o apenas com o Estado da Romanha consolidado, e todos os outros no ar, sob a pressão de dois poderosíssimos exércitos inimigos, e doente de morte. Havia, porém, no Duque tão grande energia e valor, bem sabendo ele que os homens se conquistam ou se exterminam, e eram tão sólidos os alicerces construídos para o seu poderio que, se não fora a pressão daqueles exércitos, ou se ele estivesse são, teria vencido qualquer dificuldade. De que as bases que preparara eram boas, teve as provas: a Romanha esperou-o fielmente mais de um mês; em Roma, ainda que meio morto, esteve a salvo; e, se bem que os Baglioni, os Vitelli e os Orsini para aí tivessem acorrido, não puderam organizar partido contra ele; e, se não pôde fazer com que fosse eleito papa um partidário seu, pôde pelo menos impedir que o fosse um inimigo. Se não estivesse doente quando Alexandre morreu, tudo lhe teria sido fácil. Disse-me ele, quando da eleição de Júlio II, que pensara em tudo que podia acontecer com a morte do pai e para tudo encontrara remédio. Só não previra, naquela ocasião, que ele próprio estivesse para morrer.

Nas ações do Duque, das quais escolhi as que expus acima, não encontro motivo de censura; parece-me, pelo contrário, que se deve propô-lo como exemplo a todos os que, por fortuna e com as armas de outrem, ascenderem ao poder. Pois, sendo ele de ânimo forte e de alta ambição, não podia governar de outra forma. Aos seus desígnios, se opuseram apenas a brevidade da vida de Alexandre e a sua própria moléstia. Portanto, se julgas necessário, num

principado novo, assegurar-te contra os inimigos, conquistar amigos, vencer ou pela força ou pela astúcia, fazer-te amado e temido do povo, ser seguido e respeitado pelos soldados, extinguir os que podem ou devem ofender, renovar as antigas instituições por novas leis, ser severo e grato, magnânimo e liberal, dissolver a milícia infiel, criar uma nova, manter amizades dos reis e dos príncipes, de modo que te sejam solícitos no benefício e tementes de ofender-te, repito que não encontrarás melhores exemplos que nas ações do Duque. Só é possível acusá-lo quanto à criação de Júlio pontífice, cuja escolha foi má, pois, como se disse, não podendo fazer papa a quem queria, podia evitar que o fosse quem não quisesse. Não deveria ele ter consentido jamais no papado de um dos cardeais a quem tivesse ofendido ou que, feito pontífice, tivesse de temê-lo. Pois os homens ofendem ou por medo, ou por ódio. Aqueles a quem ele ofendera eram, entre outros, os cardeais de San Pietro ad Vincula, Colonna, San Giorgio, Ascânio.<sup>[72]</sup> Todos os outros, se se tornassem papas, tinham por que temê-lo, exceto o de Ruão e os espanhóis; estes por força de aliança e obrigação, aquele pela força do rei da França. O Duque devia, portanto, fazer com que fosse eleito papa um espanhol; não o podendo, devia consentir em que o papa fosse o cardeal de Ruão e não de San Pietro ad Vincula. Engana-se quem acreditar que nas grandes personagens os novos benefícios fazem esquecer as antigas injúrias. O Duque errou, pois, nessa eleição, e foi ele mesmo o causador de sua ruína definitiva.

## CAPÍTULO VIII

### DOS QUE ALCANÇARAM O PRINCIPADO PELO CRIME

Há duas maneiras de tornar-se príncipe, e que não se podem atribuir totalmente à fortuna ou ao mérito. Não me parece bom, portanto, deixar de falar nestes casos, se bem que deles se pudesse falar mais detidamente onde se trata das repúblicas. Estas maneiras são: chegar ao principado pela maldade, por vias celeradas, contrárias a todas as leis humanas e divinas; e tornar-se príncipe por mercê do favor de seus conterrâneos. Para nos referirmos ao primeiro destes modos, apresentarei dois exemplos, um antigo e outro moderno, sem entrar, contudo, no mérito desta parte, pois julgo que bastaria a alguém imitá-los se estivesse em condição de devê-lo fazer.

Agátocles Siciliano tornou-se rei de Siracusa, sendo não só de impura mas também de abjeta condição. Filho de um oleiro, teve sempre vida criminosa na sua mocidade. Acompanhava as suas maldades de tanto vigor de ânimo e de corpo que, ingressando na milícia, chegou a ser pretor de Siracusa, por força daquela maldade. Neste posto, deliberou tornar-se príncipe e manter, pela violência e

sem favor de outros, aquele poder que lhe fora concedido por acordo entre todos.

Acerca deste seu desígnio, entendeu-se com Amílcar, cartaginês, que estava com seus exércitos na Sicília, e, certa manhã, reuniu o povo e o Senado de Siracusa, como se ele tivesse de consultá-lo sobre os negócios públicos. E a um sinal combinado, fez que seus soldados matassem todos os senadores e os homens mais ricos da cidade. Mortos estes, apoderou-se do governo daquela cidade e o conservou sem nenhuma hostilidade por parte dos cidadãos. E apesar de os cartagineses haverem rompido com ele duas vezes e, por fim, assediado a cidade, pôde não só defendê-la, como, deixando parte de sua gente para garanti-lo contra os inimigos, com outra parte assaltar a África; em breve tempo libertou Siracusa do assédio e reduziu os cartagineses a uma condição miserável. Foram estes coagidos a entrar em acordo com Agátocles, deixando-lhe a Sicília e contentando-se com a posse da África. Considerados, pois, suas ações e méritos, não se encontrará coisa, ou, se não, muito pouca, que se possa atribuir à fortuna. Como acima foi dito, não por favor de quem quer que fosse, mas passando por todos os postos conquistados na milícia através de inúmeros dissabores e perigos, é que alcançou o principado que manteve depois, à força de tantas decisões audazes e cheias de perigos. Ainda que não se possa considerar ação meritória a matança de seus concidadãos, trair os amigos, não ter fé, não ter piedade nem religião, com isso pode-se conquistar o mando, mas não a glória. Mas, considerada a habilidade de Agátocles no entrar e sair dos perigos, e sua fortaleza de ânimo no suportar e superar as coisas adversas, não há por que julgá-lo inferior a qualquer dos mais ilustres capitães. Todavia, a sua bárbara crueldade e desumanidade e os seus inúmeros crimes não

permitem que seja celebrado entre os mais ilustres homens da história. Não se pode, pois, atribuir à fortuna ou valor aquilo que ele conseguiu sem uma e sem outro.

Em nossos tempos, sob o reinado de Alexandre VI, Oliverotto de Fermo, que ficara órfão alguns anos antes, fora criado por um tio materno chamado Giovanni Fogliani. Nos primeiros tempos de sua juventude, dedicou-se à vida militar, sob a direção de Paulo Vitelli, a fim de que, afeito àquela disciplina, alcançasse algum alto posto na milícia. Morto Paulo, esteve sob o comando de Vitellozzo, seu irmão. E dentro de pouco tempo, como fosse engenhoso, forte e valoroso, tornou-se o primeiro homem de sua corporação. Pareceu-lhe, porém, coisa abjeta continuar a servir com outros, e auxiliado de alguns cidadãos de Fermo, que preferiram a servidão à liberdade de sua pátria, e com a ajuda de Vitellozzo, quis ocupar aquela cidade. E escreveu a Giovanni Fogliani dizendo que, como estivera muitos anos fora de casa, desejava ir visitá-lo e à sua cidade para conhecer o seu patrimônio; e como não trabalhara senão para conseguir honras, a fim de que seus concidadãos vissem que não perdera o tempo em vão, queria ir em grande pompa e acompanhado de cem cavaleiros seus amigos e servidores. Rogava ao tio que se servisse de ordenar aos cidadãos de Fermo que o recebessem com homenagens; isso representaria uma honra para o tio que o tinha educado. Giovanni não deixou de atender na menor coisa ao seu sobrinho. Recebeu-o com grandes festas, alojou-o e à sua comitiva, na própria casa. Passados alguns dias, estando tudo pronto para que ordenasse o necessário à sua futura perfídia, organizou um banquete soleníssimo, para o qual convidou Giovanni Fogliani e todos os homens de maior destaque da cidade de Fermo. Terminado o banquete e os divertimentos da praxe, Oliverotto,

propositadamente, encetou uma conversa a respeito de assuntos graves, da grandeza do papa Alexandre e de César, seu filho, e dos seus empreendimentos.

Tendo Giovanni e os outros expendido também considerações a respeito, ele, a um dado momento, levantou-se e disse que aquilo era coisa que se devia discutir em lugar mais reservado, dirigindo-se a seguir para um aposento ao lado. Todos os outros o seguiram. Logo que se assentaram, saíram de esconderijos soldados que mataram Giovanni e todos os outros. Depois desse homicídio coletivo, Oliverotto montou a cavalo e percorreu a cidade e assediou o supremo magistrado em seu palácio. Aterrorizados, foram obrigados a obedecê-lo e a formar um governo do qual ele era o chefe. E, mortos todos os que por descontentes poderiam prejudicá-lo, reforçou-se por novas leis civis e militares, de modo que, durante o ano que governou a província, não só conseguira assegurar-se da cidade de Fermo, mas também tornar-se temido por todos os seus vizinhos. E seria difícil tomar-lhe a cidade, como aconteceu com Agátocles, se não se tivesse deixado enganar por César Bórgia, quando este, em Sinigalia, como se disse antes, aprisionou os Orsini e os Vitelli. Assim, um ano depois de haver cometido o parricídio, foi estrangulado juntamente com Vitellozzo, que fora o mestre de suas virtudes e ignomínias.

Poderia alguém surpreender-se pelo fato de que Agátocles e semelhantes, depois de tantas traições e crueldades, pudessem viver tranquilamente e a salvo em sua pátria, e defender-se dos inimigos externos e de que os cidadãos não conspirassem contra eles — considerando-se tanto mais que muitos outros não puderam, por sua crueldade, conservar o mando, nem nos tempos de paz, nem nos tempos duvidosos de guerra. Creio que isto seja

consequência de serem as crueldades mal ou bem-praticadas. Bem usadas se podem chamar aquelas (se é que se pode dizer bem do mal) que são feitas, de uma só vez, pela necessidade de prover alguém à própria segurança, e depois são postas à margem, transformando-se o mais possível em vantagem para os súditos. Mal usadas são as que, ainda que a princípio sejam poucas, em vez de extinguir, crescem com o tempo. Os que observam a primeira destas linhas de conduta podem, com a ajuda de Deus e dos homens, encontrar remédio às suas consequências, como aconteceu com Agátocles. Aos outros é impossível manter-se. É de notar-se, aqui, que, ao apoderar-se dum Estado, o conquistador deve determinar as injúrias que precisa levar a efeito e executá-las todas de uma só vez, para não ter que renová-las dia a dia. Deste modo, poderá incutir confiança nos homens e conquistar-lhes o apoio beneficiando-os. Quem age por outra forma, ou por timidez ou por força de maus conselhos, tem sempre necessidade de estar com a faca na mão e não poderá nunca confiar em seus súditos, porque estes, por sua vez, não se podem fiar nele, mercê das suas recentes e contínuas injúrias. As injúrias devem ser feitas todas de uma vez, a fim de que, tomando-se-lhes menos o gosto, ofendam menos. E os benefícios devem ser realizados pouco a pouco, para que sejam mais bem saboreados. Sobretudo, um príncipe deve viver com seus súditos de modo que nenhum acidente, bom ou mau, o faça variar, porque, vindo, com tempos adversos, as necessidades, não terás tempo de fazer o mal; e o bem que fazes não te beneficia, pois julga-se forçado, e ninguém te agradecerá a sua prática.

## CAPÍTULO IX

### DO PRINCIPADO CIVIL

Mas, analisando outro caso, quando um cidadão, não por suas crueldades ou outra qualquer intolerável violência, e sim pelo favor dos concidadãos, se torna príncipe de sua pátria — o que se pode chamar principado civil (e para chegar a isso não é necessário ter grandes méritos nem muita sorte, mas antes uma astúcia feliz) —, digo que se chega a esse principado ou pelo favor do povo ou pelo favor dos poderosos. É que em todas as cidades se encontram estas duas tendências diversas e isto nasce do fato de que o povo não deseja ser governado nem oprimido pelos grandes e estes desejam governar e oprimir o povo. Destes dois apetites diferentes, nasce nas cidades um destes três efeitos: principado, liberdade, desordem.

O principado é estabelecido pelo povo ou pelos grandes, segundo a oportunidade que tiver uma destas partes; percebendo os grandes que não podem resistir ao povo, começam a dar reputação a um dos seus elementos e o fazem príncipe, para poder, sob sua sombra, satisfazer seus apetites. O povo também, vendo que não

pode resistir aos grandes, dá reputação a um cidadão e o elege príncipe para estar defendido com a sua autoridade. O que ascende ao principado com a ajuda dos poderosos se mantém com mais dificuldade do que aquele que é eleito pelo próprio povo; encontra-se aquele com muita gente ao redor, que lhe parece sua igual e, por isso, não a pode comandar nem manejar como entender. Mas o que alcança o principado pelo favor popular encontra-se sozinho e, ao redor, ou não tem ninguém, ou muito poucos que não estejam preparados para obedecê-lo. Além disso, não se pode honestamente satisfazer aos grandes sem injúria para os outros, mas o povo pode ser satisfeito. Porque o objetivo do povo é mais honesto do que o dos poderosos; estes querem oprimir e aquele, não ser oprimido. Contra a hostilidade do povo, o príncipe não se pode assegurar nunca, porque são muitos; com relação aos grandes, é possível porque são poucos. O pior que um príncipe pode esperar do povo hostil é ser abandonado por ele.

Mas, da inimizade dos grandes, não deve temer só que o abandonem, como também que o ataquem, pois têm estes maior alcance de vistas e maior astúcia, e têm sempre tempo de salvar-se, procurando aproximar-se dos prováveis vitoriosos. Precisa ainda o príncipe viver sempre com o povo, mas pode prescindir perfeitamente dos grandes, pois pode fazer e desfazer, cada dia, e dar-lhes ou fazer perder influência, à sua vontade.

E, para esclarecer melhor esta parte, direi dos dois grupos principais em que se podem classificar os grandes: os que procedem de tal modo que se ligam em tudo à tua fortuna, ou os que agem diversamente. Aqueles que se obrigam para contigo e não são rapaces devem ser respeitados e amados. Os que não se obrigam daquela forma devem ser examinados sob dois aspectos;

se agem assim por pusilanimidade e defeito natural de caráter, deverás servir-te deles, especialmente se podem dar-te bons conselhos, porque em tempos felizes isso te honrará e nos adversos nada terás que temer. Mas quando não se obrigam para contigo, deliberadamente e por ambição, é sinal de que pensam mais em si próprios do que em ti. O príncipe deve, então, manter-se em guarda e temê-los como se fossem inimigos descobertos, porque sempre, na adversidade, ajudarão a arruinar-te.

Quem se torna príncipe mediante o favor do povo deve manter-se seu amigo, o que é muito fácil, uma vez que este deseja apenas não ser oprimido. Mas quem se torna príncipe contra a opinião popular, por favor dos grandes, deve, antes de mais nada, procurar conquistar o povo.

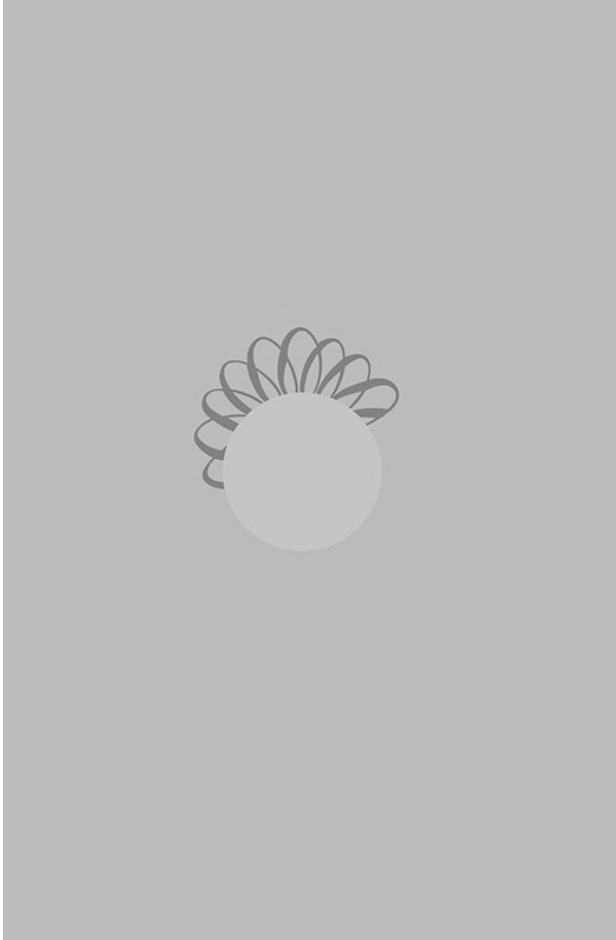
Isso lhe será fácil, uma vez que se tenha ocupado em protegê-lo. E como os homens, quando recebem benefícios de quem só esperavam mal, se obrigam mais para com o benfeitor, torna-se o povo logo mais seu amigo do que se o príncipe houvesse sido levado ao poder por favor seu. Isso pode ser conseguido pelo príncipe de muitas maneiras, das quais não se pode traçar uma regra certa porque elas variam conforme as circunstâncias. Irei deixá-la de parte, por isso. Concluirei somente que é necessário a um príncipe que o povo lhe vote amizade; do contrário, fracassará nas adversidades. Nábis, príncipe dos espartanos, suportou o longo assédio de toda a Grécia e de um exército romano poderosíssimo e contra eles defendeu a pátria e o Estado. Bastou-lhe apenas, quando o perigo sobreveio, assegurar-se de poucos; não lhe bastaria isso, se o povo fosse seu inimigo. E a quem estiver contra esta minha opinião, baseado naquele velho provérbio que diz que quem se apoia no povo tem alicerces de barro, direi que isso é

verdade quando um cidadão acredita que o povo o liberte quando estiver, por acaso, oprimido pelos inimigos ou pelos magistrados. Nesse caso, são frequentes os enganos, como os Gracos em Roma e Messer Giorgio Scali em Florença. Tratando-se, porém, dum príncipe que saiba comandar e seja homem de coragem, que não se abata nas adversidades, não se esqueça das outras precauções e tenha com seu próprio valor e conduta incutido confiança no povo, jamais será enganado por este e verá que reforçou os seus alicerces.

Principados dessa espécie correm perigo quando estão a pique de mudar de um governo civil para um absoluto; porque esses príncipes ou governam por si próprios ou por intermédio de magistrados.

Neste último caso, a sua estabilidade é precária e incerta porque dependem completamente da vontade dos cidadãos prepostos nas magistraturas, os quais, máxime em tempos adversos, podem lhe arrebatá-lo o Estado com grande facilidade, movendo-lhe guerra ou não lhe prestando obediência. E o príncipe já não poderá, nos perigos, reconquistar a autoridade absoluta, porque os cidadãos e os súditos, habituados a seguir as ordens dos magistrados, não estão, naquela emergência, para obedecer à sua. E o príncipe, nos tempos incertos, quase não terá gente em que se possa fiar, não podendo basear-se no que observa em ocasiões normais, quando os cidadãos têm necessidade do Estado. Então, todos correm ao seu encontro, todos prometem, e não há quem não queira morrer por ele, quando a morte está longe; mas, na adversidade, quando o Estado necessita dos cidadãos, encontram-se poucos. E essa experiência é tanto mais perigosa quando é certo que não é possível fazê-la senão uma vez. Conclui-se daí que um príncipe

prudente deve cogitar da maneira de fazer-se sempre necessário aos seus súditos e de precisarem estes do Estado; depois, estes lhe serão sempre fiéis.



## CAPÍTULO X

### COMO SE DEVEM MEDIR AS FORÇAS DE TODOS OS PRINCIPADOS

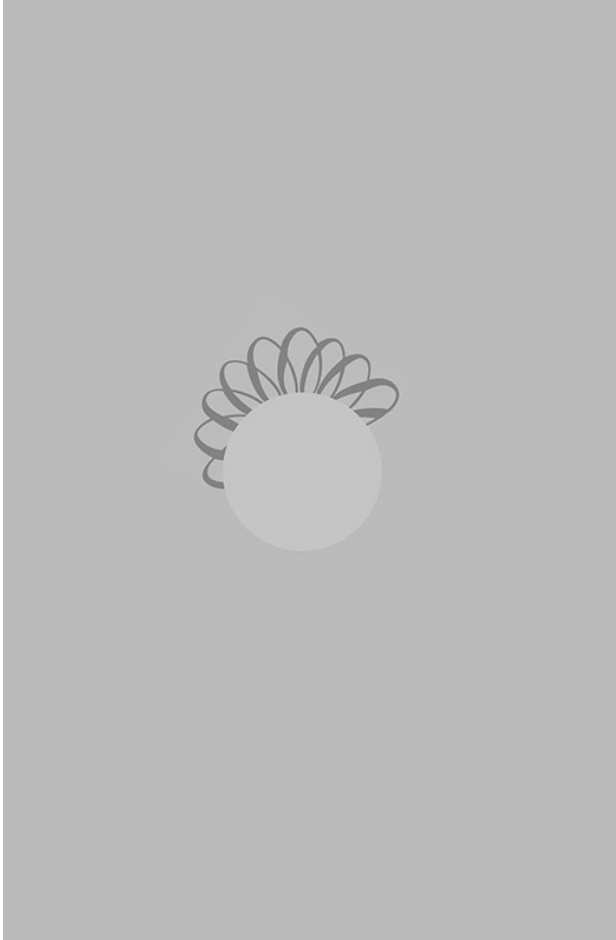
Convém fazer, ao se examinarem as qualidades destes principados, uma outra consideração: se um príncipe possui tanta força em seu Estado que se possa manter por si mesmo em caso de necessidade, ou se precisa do auxílio de terceiros. Para bem esclarecer esta parte, direi que julgo capazes de se manter por si os príncipes que podem, em vista de ter abundância de homens ou de dinheiro, formar um exército forte e fazer frente a qualquer assaltante, e que também julgo terem sempre necessidade de outrem os que não podem enfrentar o inimigo em campo aberto, precisando refugiar-se por detrás dos muros da cidade para poder defendê-la. Já se falou do primeiro caso, e mais adiante ajuntaremos o que é necessário. No segundo caso, não se pode fazer mais do que exortar esses príncipes a fortificar e municiar o próprio Estado sem se preocupar com o resto. E quem estiver bem fortificado e se tenha conduzido com relação aos governados como acima se expôs — e se falará ainda — sempre será atacado com

hesitação. Os homens são sempre contrários aos empreendimentos em que existe dificuldade; e não se pode ver facilidade no assalto a quem possui um Estado forte e não é odiado pelo povo.

As cidades da Alemanha são extremamente livres, têm pouco território e obedecem ao imperador quando querem, e não temem nem a ele nem a qualquer outro poderoso que lhes esteja ao redor, pois estão fortificadas de forma que obriga a refletir em que expugná-las deve ser tarefa aborrecida e difícil. Todas possuem ao redor valas e muros adequados, possuem boa artilharia e têm sempre nos celeiros públicos o que comer e beber e combustível para um ano. Além disso, para que a plebe nunca sofra fome, têm sempre, em comum, por um ano, trabalho para lhe dar naquelas atividades que sejam o nervo e a vida da cidade e indústrias das quais a plebe se sustente. Mais ainda: estimam grandemente os exercícios militares que são regidos por boas leis.

Assim, um príncipe que tenha uma cidade forte e não se torne odiado não pode ser atacado e, mesmo que o fosse, o atacante regressaria de cabeça baixa. Porque as coisas do mundo são assim tão variadas que seria impossível que alguém permanecesse ociosamente um ano a assediá-lo. A quem replicasse que, se o povo tem suas propriedades fora da cidade e as visse arder, não haveria paciência capaz de resistir e que o longo assédio e o próprio egoísmo dos súditos fariam com que se esquecessem do príncipe, responderia eu que um príncipe corajoso e forte superará sempre todas aquelas dificuldades, ora dando aos súditos a esperança de que o mal não se prolongará, ora incutindo-lhes o temor da crueldade do inimigo e assegurando-se com destreza dos que lhe parecessem muito temerários. Além disso, é razoável considerar que o inimigo deverá incendiar e arruinar o país logo depois de sua

chegada, quando o ânimo do povo está ainda aquecido e decidido à defesa; por isso, o príncipe deve ter tanto menos dúvida, porque depois de alguns dias os ânimos se arrefecem, os danos já são uma realidade e não há mais remédio; então o povo vem unir-se mais ao príncipe, parecendo-lhe que este lhe deve uma obrigação, pois arderam as casas e arruinaram-se as propriedades em benefício dele. E a natureza dos homens faz com que se obriguem tanto pelos benefícios feitos como pelos recebidos. Em conclusão, considerando-se bem tudo, não será difícil a um príncipe prudente assegurar-se do seu povo, durante um cerco, quer antes, quer depois deste, uma vez que não lhe faltem víveres nem meios de defesa.



## CAPÍTULO XI

### OS PRINCIPADOS ECLESIAÍSTICOS

Resta-nos somente, agora, falar dos principados eclesiásticos. Diante destes, surge toda sorte de dificuldades, antes de que se possuam, porque são conquistados pelo mérito ou por fortuna. Mantêm-se, porém, sem qualquer das duas, porque são sustentados pela rotina da religião. As suas instituições tornam-se tão fortes e de tal natureza que sustentam os seus príncipes no poder, vivam e procedam eles como bem entenderem. Só estes possuem Estados e não os defendem; só estes possuem súditos que não governam. E os seus Estados, apesar de indefesos, não lhes são arrebatados; os súditos, embora não sejam governados, não cuidam de alijar o príncipe nem o podem fazer. Somente esses principados, portanto, são por natureza seguros e felizes. E sendo eles regidos por poderes superiores, os quais a razão humana não atinge, deixarei de falar a respeito; estabelecidos e mantidos por Deus tais Estados, seria de homem presunçoso e temerário agir de outra forma. Contudo, se alguém me perguntasse dos motivos por que a Igreja alcançou tanta grandeza no poder temporal, diria que,

antes de Alexandre, os potentados italianos (e não somente potentados, mas qualquer barão ou senhor, apesar de insignificante) pouca importância davam ao poder temporal da Igreja. E agora até um rei da França o receia e foi expulso da Itália pelo papa, que conseguiu ainda arruinar os venezianos, o que, apesar de conhecido, não é inoportuno lembrar.

Antes que Carlos, rei da França, invadisse a Itália, esta província estava sob o império do papa, venezianos, rei de Nápoles, duque de Milão e florentinos. Estes governos deviam ter dois cuidados principais: um — que o estrangeiro não entrasse na Itália com tropas; outro — que nenhum deles estendesse os seus domínios. Aqueles que mais se deviam vigiar eram o papa e os venezianos. E para deter a estes era necessária a união de todos os outros, como aconteceu na defesa de Ferrara; e para pôr em xeque o poder do papa, haveriam de servir os barões de Roma, os quais por estarem divididos em duas facções — Orsini e Colonna — viviam em constante disputa. E estando sempre de armas na mão, aos olhos do próprio pontífice, tornavam o papado fraco e inseguro. E se bem que às vezes surgisse um papa animoso, como foi Xisto, a sua fortuna e o seu saber não bastavam para livrá-lo dessa dificuldade. A brevidade dos pontificados é a razão disso, pois nos dez anos que, em média, um papa reinava, conseguia, embora à custa de grande trabalho, rebaixar uma das facções. Não obstante, se um deles havia conseguido quase que extinguir os Colonna, por exemplo, seguia-se um outro papa, inimigo dos Orsini, que favorecia a volta dos Colonna e não tinha tempo também de destruir os Orsini. Por isso o poder temporal do papa foi pouco estimado na Itália. Surgiu, depois, Alexandre VI, o qual, de todos os pontífices que já existiram, demonstrou como um papa se podia fazer valer pelo

dinheiro e pela força, e valendo-se do Duque Valentino como instrumento, e quando da vinda dos franceses, fez tudo quanto já referi acima a respeito da ação do Duque. E apesar do seu intento não ser o de tornar a Igreja poderosa, o Duque tudo quanto realizou foi pela grandeza desta, a qual, depois da morte de Alexandre e morto também o Duque foi a herdeira dos trabalhos que este realizara. Veio depois o papa Júlio e encontrou a Igreja forte, na posse de toda a Romanha, sendo que, pelas investidas de Alexandre, haviam sido extintos os barões de Roma e anuladas as facções referidas. Encontrou ainda o caminho aberto para acumular dinheiro, o que nunca fora feito antes de Alexandre. Júlio não só prosseguiu em tais trabalhos, como ainda os acresceu. E pensou em conquistar Bolonha, liquidar os venezianos e expulsar os franceses da Itália. Alcançou êxito em todas essas empresas, e é tão mais digno de louvor quando se sabe que fez tudo isso com a preocupação de engrandecer a Igreja e não um determinado indivíduo. Manteve ainda os dois partidos dos Orsini e dos Colonna, nas mesmas condições em que os encontrou; e apesar de que entre eles houvesse alguns chefes capazes de provocar alterações, nada fizeram; duas coisas os mantiveram inativos: o poder da Igreja, que os abatia, e o fato de não terem eles partidários no Sacro Colégio, pois os cardeais são origem dos tumultos entre as facções. Não haverá paz entre estas se tiverem cardeais, porque estes, tanto em Roma como fora da cidade, fomentam os partidos e os barões são forçados a defendê-los. Assim, da ambição dos prelados, nascem as discórdias e os tumultos entre os barões. Sua Santidade, o papa Leão, encontrou, pois, o pontificado poderosíssimo. E espera-se que, se alguns tornaram o papado poderoso pelas armas, o atual

pontífice, pela sua bondade e inúmeras outras virtudes, o torne ainda mais forte e venerado.

## CAPÍTULO XII

### DOS GÊNEROS DE MILÍCIAS E DOS SOLDADOS MERCENÁRIOS

Tendo eu falado com pormenor de todas as causas da boa ou má sorte dos principados, e considerado as causas da sua boa ou má sorte, demonstrando os meios por que se puderam conquistar e manter, resta-me agora falar a respeito dos meios ofensivos e defensivos que neles se podem achar necessários. Dissemos acima que é necessário a um príncipe estabelecer sólidos fundamentos; sem isso, é certa a sua ruína. E as principais bases que os Estados têm, sejam novos, velhos ou mistos, são boas leis e boas normas. E como não podem existir boas leis onde não há armas boas, e onde há boas armas convém que existam boas leis, irei me referir apenas às armas. Direi, pois, que as forças com que um príncipe mantém o seu Estado são próprias ou mercenárias, auxiliares ou mistas. As mercenárias e auxiliares são inúteis e perigosas. Se alguém tiver o seu Estado apoiado em tal classe de forças, não estará nunca seguro; não são unidas aos príncipes, são ambiciosas, indisciplinadas, infiéis, insolentes para com os amigos, mas

covardes perante os inimigos, não temem a Deus, nem dão fé aos homens, e o príncipe só adia a própria ruína na medida em que adia o ataque. Assim, o Estado é espoliado por elas na paz e, na guerra, pelos inimigos. A razão disso é que não têm outro amor nem outra força que as mantenha em campo, senão uma pequena paga, o que não basta para fazer com que queiram morrer por ti. Querem muito ser teus soldados enquanto não fazes a guerra, mas, se esta vier, fogem ou se despedem. Não me será muito difícil explicá-lo, pois a atual ruína da Itália não é causada por outra coisa senão por isso — que durante muitos anos esteve apoiada em armas mercenárias. Estas chegaram a fazer algo em benefício de alguns e pareciam valorosas quando combatiam umas às outras, mas, chegado o estrangeiro, logo mostraram o que eram. Facilímo foi, por isso, a Carlos, rei da França, conquistar a giz a Itália inteira;<sup>[73]</sup> dizia a verdade quem dizia que a culpa toda era nossa, mas não a que pensava e sim a de que foram causa os erros expostos acima. E como eram culpados os príncipes, foram eles que sofreram a pena.

Quero, contudo, demonstrar mais claramente a má qualidade destas tropas. Os capitães mercenários ou são grandes militares ou não são nada; se o forem, não te poderás fiar neles, porque aspirarão sempre à própria glória, ou abatendo a ti, que és o seu patrão, ou oprimindo a outrem contra a tua vontade. Se não forem grandes capitães, irão te arruinar por isso mesmo. E se alguém responder que, mercenário ou não, quem estiver com a força agirá sempre da mesma forma, replicarei que as tropas devem ser usadas por um príncipe ou por uma república. O príncipe em pessoa é quem deve constituir-se capitão, a República deve mandar para esse posto um de seus cidadãos e, quando for infeliz na escolha, deve logo substituí-lo. E, se se revelar um homem de valor no seu

posto, deve a República assegurar-se, mediante leis, contra o capitão, para que não exorbite ele das suas funções. A experiência ensina que os príncipes, agindo por si mesmos, e as repúblicas armadas alcançam grandes progressos, ao passo que as armas mercenárias só causam danos. Mais dificilmente um cidadão de uma república que tenha tropa própria alcança o poder absoluto do que no caso da república apoiada em tropa mercenária. Roma e Esparta estiveram durante muitos séculos armadas e livres. Os suíços são armadíssimos e libérrimos. Exemplo das forças mercenárias antigas são os cartagineses, que quase foram abatidos pelos seus mercenários, quando terminou a primeira guerra com os romanos, conquanto os exércitos cartagineses tivessem por chefes cidadãos de Cartago. Filipe da Macedônia foi feito pelos tebanos capitão da sua gente, depois da morte de Epaminondas; e depois da vitória tirou-lhes a liberdade. Os milaneses, morto o duque Filipe, assalariaram Francesco Sforza para que atacasse os venezianos; e, vencido o inimigo em Caravaggio, Sforza juntou-se aos inimigos para oprimir os milaneses, seus patrões. Já Muzio Sforza, seu pai, servindo à rainha Joana de Nápoles, deixou-a, em certo momento, sem exército. Para não perder o reino, foi ela obrigada a lançar-se aos braços do rei de Aragão. E se os venezianos e florentinos, pelo contrário, alargaram seu império com tropas mercenárias, seus capitães não se tornaram príncipes e se os defenderam sempre tem-se que os florentinos, neste caso, foram favorecidos pela sorte, pois, dos capitães de valor a quem podiam temer, alguns não venceram, outros tiveram de lutar contra rivais, outros ainda dirigiram a ambição em outros rumos. O que não venceu foi Giovanni Aucut,<sup>[74]</sup> do qual, por não ter vencido, não se pôde conhecer a fidelidade, mas ninguém deixará de reconhecer que, se

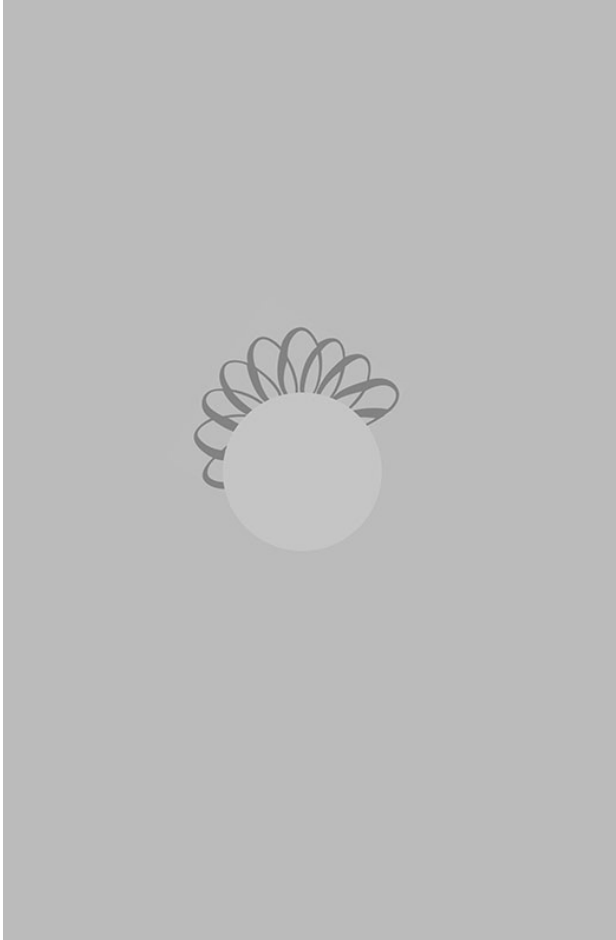
vencesse, os florentinos estariam à sua mercê. Sforza teve sempre contra si os partidários de Braccio, vigiando-se eles mutuamente. Francesco voltou sua ambição para a Lombardia; Braccio, contra a Igreja e o reino de Nápoles.

Vejam, porém, o que aconteceu há pouco tempo. Os florentinos fizeram Paulo Vitelli seu capitão, homem muito prudente e que, de simples particular, alcançara altíssima reputação. Se este conquistasse Pisa, não haverá quem negue que ele teria oprimido os florentinos; porque, se tivesse ficado servindo aos seus inimigos, aqueles não teriam remédio contra isso; e, se o mantivessem, teriam de obedecer-lhe. Se considerarmos os progressos dos venezianos, veremos que operaram segura e gloriosamente, enquanto eles mesmos fizeram a guerra, o que se deu antes da sua atenção voltar-se para as conquistas em terra firme. Aí, com o auxílio dos gentis-homens e com a plebe armada, operaram valorosamente, mas, quando começaram a combater em terra, deixaram essa excelente regra e seguiram os costumes de guerra da Itália. E no princípio de sua ação em terra, por não terem muito Estado e por terem grande reputação, não tinham muito que temer de seus capitães. Ampliando os seus domínios sob a direção de Carmignola, tiveram a prova desse erro. Pois que, tendo-o como grande capitão, quando venceram sob o seu comando o duque de Milão, e vendo depois que estava arrefecendo nas coisas de guerra, julgaram que sob o seu comando não mais poderiam ter vitórias, pois lhe faltava a vontade de vencer; e como não pudessem dispensá-lo, para não perder o que haviam conquistado, tiveram de matá-lo para assegurar-se contra ele. Tiveram depois, por capitães, Bartolomeu de Bergamo, Roberto de S. Severino, Conde de Pitigliano e outros que tais; quanto a estes só tinham que temer as

suas derrotas, não suas conquistas, como aconteceu depois em Vailá, onde, em um só dia, perderam o que, em oitocentos anos, à custa de tantos trabalhos, haviam conquistado. Essas tropas dão apenas lentas, tardias e precárias conquistas, mas rápidas e espantosas perdas. E como citei estes exemplos da Itália, que foi governada muitos anos com armas mercenárias, continuarei a discutir o assunto sob um aspecto mais geral, a fim de que, conhecendo-se as suas origens e o seu desenvolvimento, seja possível corrigir melhor o erro de usar essas tropas. Deveis saber então que, começando nestes últimos tempos o império a ser repellido da Itália, e tendo o papa maior autoridade no poder temporal, o país foi retalhado em mais Estados; porque muitas das maiores cidades tomaram armas contra a nobreza que as tinha subjogado, ajudada pelo imperador. Ao passo que a Igreja favorecia as cidades para aumentar o seu poder temporal. Assim, em muitas cidades, simples particulares se tornaram príncipes. O resultado é que, tendo a Itália ficado, quase toda, em poder da Igreja e de algumas repúblicas, e os padres e os cidadãos destas não estando habituados a manejar armas, começaram a aliciar mercenários estrangeiros para o serviço militar. O primeiro que granjeou fama no comando dessa espécie de tropa foi Alberico da Conio, romanholo. Braccio e Sforza, que, em seus tempos, foram árbitros da Itália, foram saídos, como muitos, da escola daquele. Depois vieram todos os outros que têm comandado estas milícias até nossos tempos. E como consequência disso, a Itália foi invadida por Carlos, depredada por Luís, atacada por Fernando e infamada pelos suíços. A primeira coisa que fizeram os “condottieri” foi procurar anular a importância da infantaria, para realçar a importância própria. Agiram assim porque, não tendo Estado próprio e dependendo sempre da

sua profissão, se tivessem pouca infantaria, não conseguiriam fama, e, se muita, não poderiam sustentá-la. Reduziram-se portanto quase exclusivamente à cavalaria, pois, com pequeno número de cavaleiros, achavam apoio e honras, sem grandes encargos. Isso chegou a tal ponto que, num exército de vinte mil homens, não havia dois mil infantes.

Empregavam, ademais, os capitães todos os meios para afastar, de si e dos soldados, o medo e o trabalho, poupando-se nos combates e fazendo-se prender uns aos outros sem resgate. Não atacavam as cidades de noite e os que defendiam as cidades não atacavam os sitiantes, e nem queriam combater no inverno. Tudo isso lhes era permitido pelo seu código militar, que, como se disse, tinha o objetivo de evitar trabalhos e perigos. E assim escravizaram e infamaram a Itália.



## CAPÍTULO XIII

### DAS TROPAS AUXILIARES, MISTAS E NATIVAS

As tropas auxiliares, que não são mais do que armas inúteis, são as que manda em teu auxílio algum poderoso, como fez em tempos não muito remotos o papa Júlio; tendo ele tido, na expedição contra Ferrara, triste prova dos exércitos mercenários, voltou-se para as tropas auxiliares, combinando com Fernando, rei de Espanha, que os infantes e cavaleiros deste fossem ajudá-lo. Tais tropas podem ser úteis e boas por si próprias, mas quase sempre acarretam prejuízos ao que as solicita pois, se perderem, estará anulado, se vencerem, estará seu prisioneiro. E, muito embora a história antiga esteja cheia destes exemplos, eu não quero sair deste, ainda recente, do papa Júlio II, cuja decisão de abandonar-se nas mãos de um estrangeiro, só pela vontade de conquistar Ferrara, não se pode considerar uma boa deliberação. Mas a boa fortuna do papa originou um terceiro acontecimento, a fim de que ele não colhesse os frutos da sua má escolha; é que, tendo sido as forças auxiliares desbaratadas em Ravena, e surgindo os suíços que expulsaram os vencedores, excedendo qualquer expectativa do papa e de outros,

não ficou ele preso pelos inimigos, que haviam fugido, nem pelos aliados, tendo vencido com outras forças que não as próprias. Os florentinos, que estavam desarmados, levaram dez mil franceses a Pisa, para expugná-la: e nisso encontraram mais perigo do que em quaisquer de seus próprios trabalhos, em todos os tempos. O imperador de Constantinopla, para opor-se aos seus vizinhos, pôs dez mil turcos na Grécia, os quais, terminada a guerra, não mais quiseram partir, o que foi o começo da servidão da Grécia aos infiéis. [75] Valha-se, portanto, destas tropas quem não quiser vencer, porque são muito mais perigosas do que as mercenárias.

Com aquelas, a ruína é certa; são unidas e votadas inteiramente à obediência a outros. Quanto às forças mercenárias, depois da vitória, precisam de mais tempo e de melhor oportunidade de prejudicar-te, pois não constituem um corpo perfeitamente unido e, além disso, foram organizadas e são pagas por ti; nestas, se constituíres chefe a um terceiro, não poderá este ter desde logo tanta autoridade que te possa ofender gravemente. Em resumo, nas tropas mercenárias, o que é perigoso é a covardia; nas auxiliares, o valor.

Os príncipes prudentes repeliram sempre tais forças, para valer-se das suas próprias, preferindo antes perder com estas a vencer com auxílio das outras, considerando falsa a vitória conquistada com forças alheias. Não deixarei nunca de ter em mente o exemplo de César Bórgia e suas ações. Este duque entrou na Romanha à custa de armas auxiliares, conduzindo tropas francesas, com as quais tomou Imola e Forli. Depois, como essas tropas não lhe inspirassem confiança, voltou-se às mercenárias, que, julgou, eram menos perigosas. E tomou a seu serviço os Orsini e Vitelli. Quando, tendo usado as destes últimos, julgou-as dúbias e infiéis, extinguiu-as,

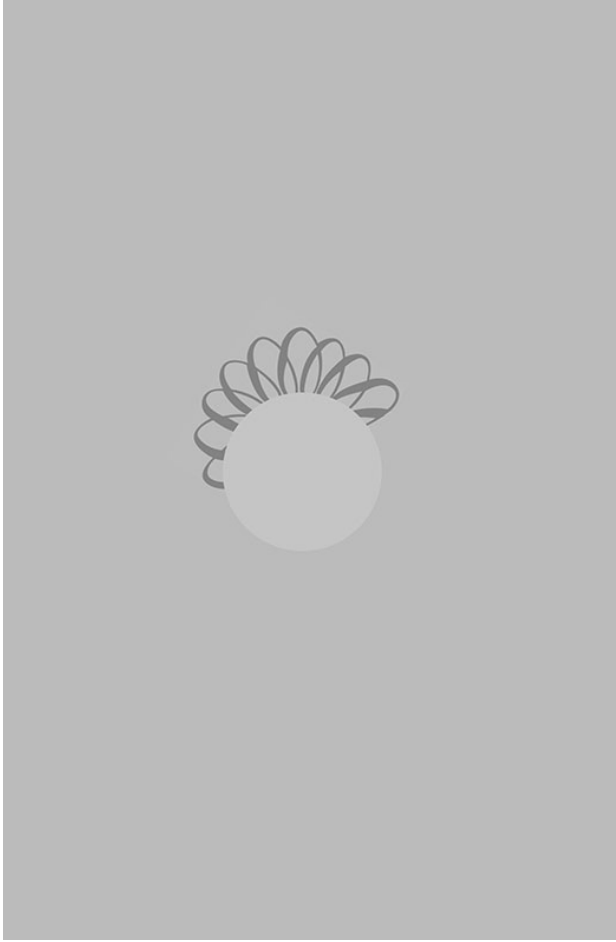
dedicando-se às que eram verdadeiramente suas. Pode-se daí concluir facilmente a diferença entre umas e outras, considerada a transformação na fama do duque, de quando tinha apenas os franceses, para quando empregava os Orsini e Vitelli, e quando afinal ficou com soldados seus e sob seu próprio comando. Veremos que sua fama foi aumentando sempre e nunca foi tão estimado como quando se viu que ele era senhor absoluto de suas tropas. Eu não queria senão citar exemplos italianos ou recentes; apesar disso, não quero deixar de falar de Hierão Siracusano, já acima referido. Este, como disse, investido das funções de chefe dos exércitos siracusanos, percebeu logo que a milícia mercenária não era boa, por serem os chefes semelhantes aos nossos, italianos. Parecendo-lhe que não podia mantê-los nem desfazer-se deles, cortou-os em pedaços. Assim, pôde fazer guerra, depois, com tropas próprias. Quero ainda recordar uma passagem do Antigo Testamento referente a este assunto. Oferecendo-se Davi a Saul, para ir combater contra Golias, grande provocador filisteu, Saul, para animá-lo, quis que ele fosse com a armadura real. Davi, logo que a pôs sobre si, repeliu-a, dizendo que não poderia usar bem da sua própria força, pois queria encontrar-se com o inimigo valendo-se apenas da funda e da faca para combatê-lo. Enfim, as armas de outrem, ou te caem pelas costas, ou pesam sobre ti, ou ainda te sufocam. Carlos VII, pai do rei Luís XI, tendo, com a sua boa sorte e valor, livrado a França do jugo dos ingleses, conheceu a necessidade de se armar com forças que fossem suas, realmente, e tornou obrigatório, no seu reino, o serviço militar. O rei Luís extinguiu, depois, a arma de infantaria e começou a ter suíços a soldo. Esse erro, seguido de outros, foi, como se vê agora, o motivo dos perigos daquele reino. Tendo dado reputação aos suíços, aviltou

as próprias tropas, porque desapareceu a infantaria e a sua cavalaria foi subordinada à tropa estrangeira e, acostumando-se ela a militar com suíços, não lhes parece possível vencer sem eles. Daí não bastarem os franceses contra os suíços, e, sem os suíços, contra outros, não conseguiram vencer. Os exércitos da França, pois, têm sido mistos, compostos de mercenários e soldados próprios. São eles muito melhores que as simples tropas auxiliares ou mercenárias e muito inferiores aos exércitos próprios.

Basta o exemplo dado, porque o reino da França seria invencível se se tivesse desenvolvido ou pelo menos conservado o regulamento militar de Carlos. Mas a pouca prudência dos homens não descobre o veneno que está escondido nas coisas que bem lhes parecem ao princípio, conforme disse acima, a respeito das febres éticas.

Portanto, aquele que, num principado, não conhecer os males na sua origem não é verdadeiramente sábio, o que é dado a poucos. Se considerarmos o começo da decadência do império romano, acharemos que foi motivada somente por ter começado a ter a soldo mercenários godos. Desde então, começaram a declinar as forças do império e todo o valor dele lhes era levado à conta. Concluo, pois, que, sem possuir armas próprias, nenhum principado está seguro, antes, está à mercê da sorte, não existindo virtude que o defenda nas adversidades. Foi sempre opinião e sentença dos homens sábios — *“quod nihil sit tam infirmum aut instabile quam fama potentiae non sua vi mixta”*.<sup>[76]</sup> E as forças próprias são aquelas compostas de súditos ou de cidadãos, ou de servos teus; todas as outras são mercenárias ou auxiliares. E o modo de regulamentar os exércitos próprios será fácil de encontrar-se se se analisarem os regulamentos dos quatro a quem me referi, e se se

considerar como Filipe, pai de Alexandre Magno, e muitas repúblicas e príncipes se armaram e regeram: e é a essas ordens que me reporto inteiramente, durante esta exposição.



## CAPÍTULO XIV

### DOS DEVERES DO PRÍNCIPE PARA COM AS SUAS TROPAS

Deve, pois, um príncipe não ter outro objetivo nem outro pensamento, nem ter qualquer outra coisa como prática, a não ser a guerra, o seu regulamento e sua disciplina, porque essa é a única arte que se espera de quem comanda. É ela de tanto poder que não só mantém aqueles que nasceram príncipes, mas muitas vezes faz com que cidadãos de condição particular ascendam àquela qualidade. Ao contrário, vê-se que perderam os seus Estados os príncipes que se preocuparam mais com os luxos da vida do que com as armas. A primeira causa que te fará perder o governo é descurar desta arte e a razão de poderes conquistá-lo é o professá-la. Francesco Sforza de simples particular tornou-se duque de Milão, pelo fato de ter-se armado; ao passo que os seus filhos, por fugir aos deveres das armas, de duques passaram a simples cidadãos. Porque entre as outras razões que te acarretam males, o estar desarmado te obriga a ser submisso, e isso é uma das infâmias de que um príncipe se deve guardar, como adiante se dirá. Não há proporção alguma entre um príncipe armado e um desarmado, e

não é razoável que quem está armado obedeça com gosto a quem não está, e que o príncipe desarmado viva seguro entre servidores em armas. Havendo desdém, por parte de um, e suspeita, de outro lado, não é possível que ajam de acordo. Um príncipe que não entenda de milícia, além de outras infelicidades, como se disse, não pode ser estimado pelos seus soldados nem ter confiança neles.

Um príncipe deve, pois, não deixar nunca de se preocupar com a arte da guerra e praticá-la na paz ainda mais mesmo que na guerra, e isto pode ser conseguido por duas formas: pela ação ou apenas pelo pensamento. Quanto à ação, além de manter os soldados disciplinados e constantemente em exercício, deve estar sempre em grandes caçadas em que deverá habituar o corpo aos incômodos naturais da vida em campanha e aprender a natureza dos lugares, saber como surgem os montes, como afundam os vales, como jazem as planícies, e saber da natureza dos rios e dos pântanos, empregando nesse trabalho os melhores cuidados. Esses conhecimentos são úteis sob dois aspectos principais: primeiro, aprende o príncipe a conhecer bem o seu país e ficará conhecendo melhor os seus meios de defesa; segundo — pelo conhecimento e prática daqueles sítios, conhecerá facilmente qualquer outro novo que lhe seja necessário especular, pois que os montes, os vales, as planícies, os rios e os pântanos que existem na Toscana, por exemplo, apresentam certas semelhanças com os de outras províncias. Assim, pelo conhecimento da geografia de uma província, pode-se facilmente chegar ao conhecimento de outra. E o príncipe que falha nesse particular falha na primeira qualidade que deve ter um capitão, porque é esta que ensina a entrar em contato com o inimigo, acampar, conduzir os exércitos, traçar os planos de batalha e assediar ou acampar com vantagem. Filopémenes,

príncipe dos aqueus, entre as outras qualidades que lhe deram os escritores, tinha esta de, nos tempos de paz, não deixar de pensar nunca em coisa de guerra. Quando passeava no campo, com os amigos, parava às vezes e os interrogava: “Se os inimigos estivessem sobre aquele monte, e nós estivéssemos aqui, com nossos exércitos, quem teria maiores vantagens? Como se poderia ir ao seu encontro, observando a nossa formação? Se nos quiséssemos retirar, como deveríamos fazer? Se eles se retirassem, como faríamos para segui-los?” Enfim, formulava todas as hipóteses que podem ocorrer em campanha, ouvia-lhes a opinião, dava a sua, corroborava-as com razões e exemplos, de modo que, mercê dessas contínuas cogitações, quando estava à frente dos exércitos, nunca surgia um acidente que ele já não tivesse previsto e para o qual, portanto, não tivesse remédio.

Agora, quanto ao exercício do pensamento, o príncipe deve ler histórias de países e considerar as ações dos grandes homens, observar como se conduziram nas guerras, examinar as razões de suas vitórias e derrotas, para poder fugir destas e imitar aquelas; sobretudo, deve fazer como teriam feito em tempos idos, certos grandes homens, que imitavam os que antes deles haviam sido glorificados por suas ações, como consta que Alexandre Magno imitava a Aquiles, César a Alexandre, Cipião a Ciro. E quem ler a vida de Ciro, escrita por Xenofonte, reconhecerá, depois, na vida de Cipião, quanto lhe foi valiosa aquela imitação e quanto se assemelhava ele, na abstinência, afabilidade, humanidade, liberalidade, ao que Xenofonte disse de Ciro. Um príncipe sábio deve observar estas coisas e nunca ficar ocioso nos tempos de paz; deve, sim, inteligentemente, ir formando cabedal de que se possa valer nas adversidades, para estar sempre preparado a resistir-lhes.

## CAPÍTULO XV

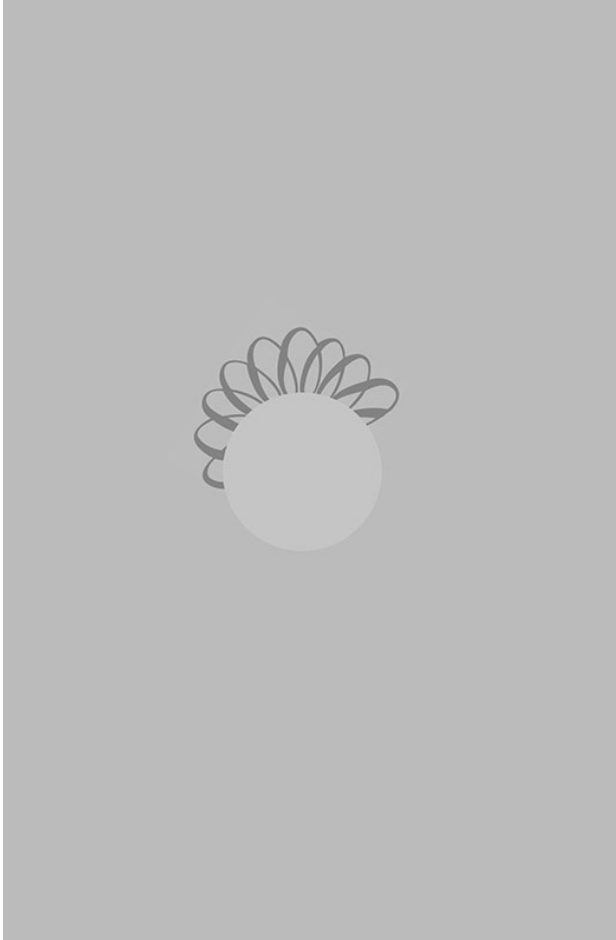
### DAS RAZÕES POR QUE OS HOMENS E, ESPECIALMENTE, OS PRÍNCIPES SÃO LOUVADOS OU VITUPERADOS

Resta examinar agora como deve um príncipe comportar-se com os seus súditos e seus amigos. Como sei que muita gente já escreveu a respeito desta matéria, duvido que não seja considerado presunçoso propondo-me examiná-la também, tanto mais quanto, ao tratar deste assunto, não me afastarei grandemente dos princípios estabelecidos pelos outros. Todavia, como é meu intento escrever coisa útil para os que se interessarem, pareceu-me mais conveniente procurar a verdade pelo efeito das coisas, do que pelo que delas se possa imaginar. E muita gente imaginou repúblicas e principados que nunca se viram nem jamais foram reconhecidos como verdadeiros. Vai tanta diferença entre o como se vive e o modo por que se deveria viver, que quem se preocupar com o que se deveria fazer em vez do que se faz aprende antes a ruína própria, do que o modo de se preservar; e um homem que quiser fazer profissão de bondade é natural que se arruíne entre tantos que são maus.

Assim, é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se disso segundo a necessidade.

Deixando de parte, pois, as coisas ignoradas relativamente aos príncipes e falando a respeito das que são reais, digo que todos os homens, máxime os príncipes, por estarem mais no alto, se fazem notar através das qualidades que lhes acarretam reprovação ou louvor. Isto é, alguns são tidos como liberais, outros como miseráveis (usando o termo toscano *mísero*, porque *avaro*, em nossa língua, é ainda aquele que deseja possuir pela rapinagem, e *miseri* chamamos aos que se abstêm muito de usar o que possuem); alguns são tidos como pródigos, outros como rapaces; alguns são cruéis e outros piedosos; perjuros ou leais; efeminados e pusilânimes ou truculentos e animosos; humanitários ou soberbos; lascivos ou castos; estúpidos ou astutos; enérgicos ou indecisos; graves ou levianos; religiosos ou incrédulos, e assim por diante. E eu sei que cada qual reconhecerá que seria muito de louvar que um príncipe possuísse, entre todas as qualidades referidas, as que são tidas como boas; mas a condição humana é tal que não consente a posse completa de todas elas, nem ao menos a sua prática consistente: é necessário que o príncipe seja tão prudente que saiba evitar os defeitos que lhe arrebatariam o governo e praticar as qualidades próprias para lhe assegurar a posse deste, se lhe é possível; mas, não podendo, com menor preocupação, pode-se deixar que as coisas sigam seu curso natural. E ainda não lhe importe incorrer na fama de ter certos defeitos, defeitos estes sem os quais dificilmente poderia salvar o governo, pois que, se considerarmos bem tudo, encontraremos coisas que parecem virtudes e que, se fossem praticadas, lhe acarretariam a ruína e

outras que poderão parecer vícios e que, sendo seguidas, trazem a segurança e o bem-estar do governante.



## CAPÍTULO XVI

### DA LIBERDADE E DA PARCIMÔNIA

Começando, portanto, pela primeira das qualidades enumeradas, direi em que condições o ser julgado liberal é um bem. A liberalidade usada para que gozes da fama de liberal não é uma virtude; se é ela praticada virtuosamente e como devido, será ignorada e não te livrarás da má fama do seu contrário. Assim, se se quiser manter entre os homens a fama de liberal é necessário não omitir nenhuma demonstração de suntuosidade, de tal modo que, nessas condições, consumirá sempre um príncipe, em semelhantes obras, todas as suas rendas. E, no fim, se quiser manter aquela fama, precisará gravar o povo extraordinariamente, proceder cruelmente no fisco e fazer tudo o que se pode fazer para ter dinheiro. Isso começará a torná-lo odioso aos olhos dos súditos, e uma vez empobrecido, cairá na desestima dos outros; de forma que, tendo a sua liberalidade acarretado prejuízo a muitos e beneficiado a outros, começa o príncipe a sentir os primeiros reveses e periga em qualquer circunstância que ocorra. Percebendo isso, e querendo retrair-se, o príncipe é logo tachado de avaro. Assim, pois, não

podendo usar dessa virtude sem dano próprio, de modo que seja conhecida, deve ele, se é prudente, desprezar a pecha de avarento, porque, com o tempo, poderá demonstrar que é cada vez mais liberal, pois o povo verá que a parcimônia do príncipe faz com que a sua receita lhe baste, podendo ele defender-se de quem lhe move guerra, e também lançar-se em empreendimentos sem gravar o povo, e assim está sendo liberal para todos aqueles de quem nada tira, os quais são inúmeros, e miserável para aqueles a quem não dá nada, que são muito poucos. Em nossos tempos, não vimos que fizessem grandes coisas senão os que foram considerados miseráveis; os outros arruinaram-se. O papa Júlio II, como se houvesse servido da fama de liberal para chegar ao papado, não pensou depois em mantê-la, e isso para poder fazer guerra contra o rei da França; entrou em muitas campanhas sem onerar os seus com qualquer taxa extraordinária, porque, para atender às despesas supérfluas, bastou-lhe a sua grande parcimônia. O atual rei da Espanha, se fosse considerado liberal, não teria começado nem vencido tantos empreendimentos.

Portanto, um príncipe deve gastar pouco para não ser obrigado a roubar seus súditos; para poder defender-se; para não se empobrecer, tornando-se desprezível; para não ser forçado a tornar-se rapace; e pouco cuidado lhe dê a pecha de miserável; pois esse é um dos defeitos que lhe dão a possibilidade de bem-reinar. E se alguém disser que César, com sua liberalidade, ascendeu ao império, e muitos outros, por serem considerados liberais, alcançaram altos postos, responderei que, ou já és príncipe ou estás no caminho de o ser. No primeiro caso, esta liberalidade é prejudicial; no segundo caso, é necessário ser considerado liberal. E César era um dos que queriam alcançar o poder em Roma, mas se,

depois que o alcançou, tivesse vivido mais tempo e prosseguido naquelas despesas e não as tivesse reduzido, teria destruído o império. Se alguém replicasse que houve muitos príncipes que fizeram grandes coisas com os seus exércitos e têm fama de liberais, responderia eu que, ou o príncipe gasta o que é seu, ou dos seus súditos, ou o que é de outrem. No primeiro caso, deve ser sóbrio; no outro, não deve esquecer nenhuma liberalidade. E ao príncipe que marcha com seus exércitos e que vive à custa de presas de guerra, de saques e de reféns, e maneja o que é dos outros, é necessária essa liberalidade, porque de outra forma não seria seguido pelos seus soldados. E é possível seres muito mais pródigo com aquilo que te não pertence nem aos teus súditos, como fizeram Ciro, César e Alexandre, pois gastar o que é de outrem não rebaixa, pelo contrário, eleva a reputação. Gastar o que é seu mesmo, isso sim, é nocivo. E não há coisa que se destrua por si própria como a liberalidade, pois com seu uso continuado vais perdendo a faculdade de usá-la e te tornas ou pobre e necessitado, ou, para fugir da pobreza, rapace e odioso. E dentre as coisas de que um príncipe se deve guardar estão o ser necessitado ou odioso. E a liberalidade conduz a uma ou outra coisa. Assim pois, é mais prudente ter fama de miserável, o que acarreta má fama sem ódio, do que, para conseguir a fama de liberal, ser obrigado a incorrer também na de rapace, o que constitui uma infâmia odiosa.

## CAPÍTULO XVII

### DA CRUELDADE E DA PIEDADE — SE É MELHOR SER AMADO OU TEMIDO

Continuando na exposição das qualidades acima referidas, tenho a dizer que cada príncipe deve desejar ser tido como piedoso e não como cruel: apesar disso, deve cuidar de empregar convenientemente essa piedade. César Bórgia era considerado cruel, e, contudo, sua crueldade havia reerguido a Romanha e conseguido uni-la e conduzi-la à paz e à fé. O que, bem considerado, mostrará que ele foi muito mais piedoso do que o povo florentino, o qual, para evitar a pecha de cruel, deixou que Pistoia fosse destruída.<sup>[77]</sup> Não deve, portanto, importar ao príncipe a qualificação de cruel para manter os seus súditos unidos e com fé, porque, com raras exceções, é ele mais piedoso do que aqueles que por muita clemência deixam acontecer desordens, das quais podem nascer assassínios ou rapinagem. É que estas consequências prejudicam todo um povo, e as execuções que provêm do príncipe ofendem apenas um indivíduo. E, entre todos os príncipes, os novos são os que menos podem fugir à fama de

cruéis, pois os Estados novos são cheios de perigo. Diz Virgílio, pela boca de Dido: “*Res dura, et regni novitas me talia cogunt oliri, et late fines custode tueri.*” [78]

Não deve ser, portanto, crédulo o príncipe nem precipitado e não deve amedrontar-se a si próprio, e proceder equilibradamente, com prudência e humanidade, de modo que a confiança demasiada não o torne incauto e a desconfiança excessiva não o faça intolerável.

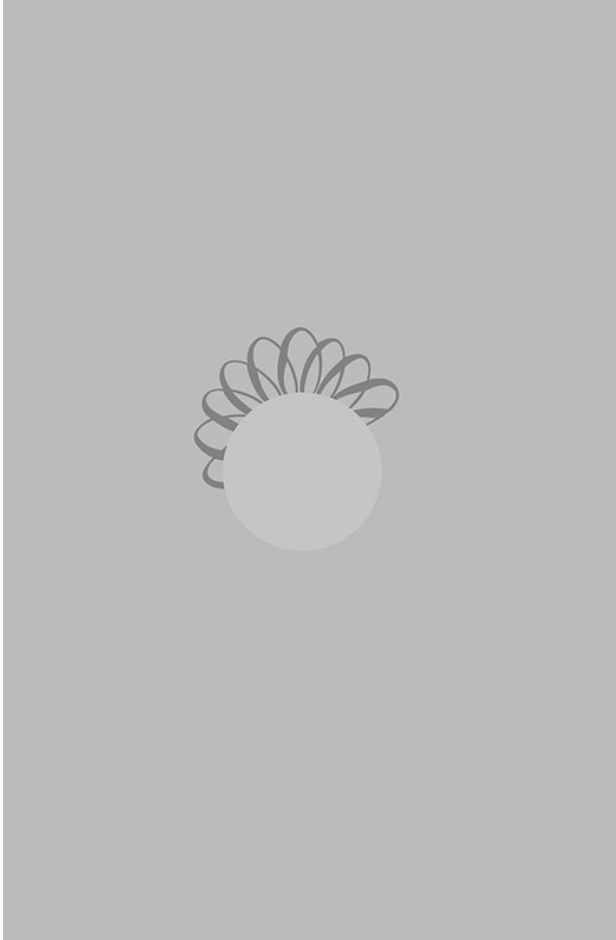
Nasce daí esta questão debatida: se será melhor ser amado que temido ou vice-versa. Pode-se responder que se desejaria ser uma e outra coisa; mas como é difícil reunir ao mesmo tempo as qualidades que dão aqueles resultados, é muito mais seguro ser temido que amado, quando se tenha que falhar numa das duas. É que os homens geralmente são ingratos, volúveis, simuladores, covardes e ambiciosos de dinheiro, e, enquanto lhes fizeres bem, todos estão contigo, oferecem-te sangue, bens, vida, filhos, como disse acima, desde que a necessidade esteja longe de ti. Mas, quando ela se avizinha, voltam-se para outra parte. E o príncipe, se confiou plenamente em palavras e não tomou outras precauções, está arruinado. Pois as amizades conquistadas por interesse, e não por grandeza e nobreza de caráter, são compradas, mas não se pode contar com elas no momento necessário. E os homens hesitam menos em ofender aos que se fazem amar do que aos que se fazem temer, porque o amor é mantido por um vínculo de obrigação, o qual devido a serem os homens pérfidos é rompido sempre que lhes aprouver, ao passo que o temor que se infunde é alimentado pelo receio de castigo, que é um sentimento que não se abandona nunca. Deve, portanto, o príncipe fazer-se temer de maneira que, se não se fizer amado, pelo menos evite o ódio, pois é fácil ser ao mesmo tempo temido e odiado, o que sucederá uma vez

que se abstenha de se apoderar dos bens e das mulheres dos seus cidadãos e dos seus súditos, e, mesmo sendo obrigado a derramar o sangue de alguém, se poderá fazê-lo quando houver justificativa conveniente e causa manifesta. Deve, sobretudo, abster-se de se aproveitar dos bens dos outros, porque os homens esquecem mais depressa a morte do pai do que a perda de seu patrimônio. Além disso, não faltam nunca ocasiões para pilhar o que é dos outros, e aquele que começa a viver de rapinagem sempre as encontra, o que já não sucede quanto às ocasiões de derramar sangue.

Mas, quando o príncipe está em campanha e tem sob seu comando grande cópia de soldados, então é absolutamente necessário não se importar com a fama de cruel, porque, sem ela, não se conseguirá nunca manter um exército unido e disposto a qualquer ação. Entre as admiráveis ações de Aníbal, enumera-se esta: tendo um exército muito numeroso, composto de homens de todas as idades e nacionalidades e militando em terras alheias, não surgiu nunca desinteligência alguma no seu seio, nem com relação ao príncipe, tanto nos bons como nos tempos adversos. Isso não se pode atribuir senão à sua desumana crueldade, a qual, juntamente com infinitas virtudes, o tornou sempre venerando e terrível no conceito de seus soldados. E estas virtudes, por si sós, não bastariam para produzir aquele efeito, se não fora aquela desumana crueldade. E entre escritores pouco comedidos, alguns se contentam com admirar e louvar esta sua qualidade, outros atribuem a ela todos os triunfos que conquistou. E para provar que as outras virtudes, por si sós, não bastariam, pode-se tomar como exemplo Cipião, homem excepcional, não somente nos seus tempos, mas também na memória dos fatos que a história conserva, cujos exércitos se revoltaram quando na Espanha; e este fato tem a

explicação na sua demasiada bondade, que havia concedido aos soldados mais liberdade do que a que convinha à disciplina militar. Foi, por isso, admoestado severamente no Senado por Fábio Máximo, que o chamou de corruptor da milícia romana. Os locrenses, tendo sido barbaramente abatidos por um legado de Cipião, não foram vingados pelo chefe romano, nem a insolência daquele legado foi castigada, fatos esses que nasciam do caráter bondoso de Cipião. E, querendo alguém desculpá-lo no Senado, disse haver muitos homens que sabiam mais não errar do que corrigir os erros dos outros. Esse traço de caráter teria, com o tempo, destruído a fama e a glória de Cipião se ele tivesse continuado no comando, mas, vivendo sob a direção do Senado, esta sua qualidade prejudicial não somente foi anulada, mas se lhe tornou benéfica.

Concluo, pois (voltando ao assunto sobre se é melhor ser temido ou amado), que um príncipe sábio, amando os homens como eles querem e sendo por eles temido como ele quer, deve basear-se sobre o que é seu e não sobre o que é dos outros. Enfim, deve somente procurar evitar ser odiado, como foi dito.



## CAPÍTULO XVIII

### DE QUE FORMA OS PRÍNCIPES DEVEM GUARDAR A FÉ DA PALAVRA DADA

Quanto seja louvável a um príncipe manter a fé e viver com integridade, não com astúcia, todos o compreendem; contudo, observa-se, pela experiência, em nossos tempos, que houve príncipes que fizeram grandes coisas, mas em pouca conta tiveram a palavra dada, e souberam, pela astúcia, transtornar a cabeça dos homens, superando, enfim, os que foram leais.

Deveis saber, portanto, que existem duas formas de se combater: uma, pelas leis; outra, pela força. A primeira é própria do homem; a segunda, dos animais. Como, porém, muitas vezes, a primeira não seja suficiente, é preciso recorrer à segunda. Ao príncipe, torna-se necessário, porém, saber empregar convenientemente o animal e o homem. Isto foi ensinado à socapa aos príncipes pelos antigos escritores, que relatam o que aconteceu com Aquiles e outros príncipes antigos, entregues aos cuidados do centauro Quíron, que os educou. É que isso (ter um preceptor metade animal e metade homem) significa que o príncipe sabe empregar uma e outra

natureza. E uma sem a outra é a origem da instabilidade. Sendo, portanto, um príncipe obrigado a bem servir-se da natureza da besta deve dela tirar as qualidades da raposa e do leão, pois este não tem defesa alguma contra os laços, e a raposa, contra os lobos. Precisa, pois, ser raposa para conhecer os laços e leão para aterrorizar os lobos. Os que se fizerem unicamente de leões não serão bem-sucedidos. Por isso, um príncipe prudente não pode nem deve guardar a palavra dada quando isso se lhe torne prejudicial e quando as causas que o determinaram cessem de existir. Se os homens todos fossem bons, este preceito seria mau. Mas, dado que são pérfidos e que não a observariam a teu respeito, também não és obrigado a cumpri-la para com eles. Jamais faltaram aos príncipes razões para dissimular quebra da fé jurada. Disto poderíamos citar inúmeros exemplos modernos, mostrando quantas convenções e quantas promessas se tornaram írritas e vãs pela infidelidade dos príncipes. E, dentre estes, o que melhor soube valer-se das qualidades da raposa saiu-se melhor. Mas é necessário disfarçar muito bem esta qualidade e ser bom simulador e dissimulador. E tão simples são os homens, e obedecem tanto às necessidades presentes, que aquele que engana sempre encontrará quem se deixe enganar. Não quero deixar de falar pelo menos de um dos exemplos novos. Alexandre VI não pensou e não fez outra coisa senão enganar os homens, tendo sempre encontrado ocasião para assim proceder. Jamais existiu homem que possuísse maior segurança em asseverar e que afirmasse com juramentos mais solenes o que, depois, não observaria. No entanto, os enganos sempre lhe correram à medida dos seus desejos, pois ele conhecia muito bem este lado da natureza humana. [79]

Contudo, o príncipe não precisa possuir todas as qualidades acima citadas, bastando que aparente possuí-las. Antes, teria eu a audácia de afirmar que, possuindo-as e usando-as todas, essas qualidades seriam prejudiciais, ao passo que, aparentando possuí-las, são benéficas; por exemplo: de um lado, parecer e ser efetivamente piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso, e, de outro, ter o ânimo de, sendo obrigado pelas circunstâncias a não o ser, tornar-se o contrário. E há de se entender o seguinte: que um príncipe, e especialmente um príncipe novo, não pode observar todas as coisas a que são obrigados os homens considerados bons, sendo frequentemente forçado, para manter o governo, a agir contra a caridade, a fé, a humanidade, a religião. É necessário, por isso, que possua ânimo disposto a voltar-se para a direção a que os ventos e as variações da sorte o impelirem, e, como disse mais acima, não partir do bem, mas, podendo, saber entrar para o mal, se a isso estiver obrigado. O príncipe deve, no entanto, ter muito cuidado em não deixar escapar da boca expressões que não revelem as cinco qualidades acima mencionadas, devendo aparentar, à vista e ao ouvido, ser todo piedade, fé, integridade, humanidade, religião. Não há qualidade de que mais se careça do que esta última.

É que os homens, em geral, julgam mais pelos olhos do que pelas mãos, pois todos podem ver, mas poucos são os que sabem sentir. Todos veem o que tu pareces, mas poucos, o que és realmente, e estes poucos não têm a audácia de contrariar a opinião dos que têm por si a majestade do Estado. Nas ações de todos os homens, máxime dos príncipes, onde não há tribunal para que recorrer, o que importa é o êxito bom ou mau. Procure, pois, um príncipe vencer e conservar o Estado. Os meios que empregar serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo é levado pelas

aparências e pelos resultados dos fatos consumados, e o mundo é constituído pelo vulgo, e não haverá lugar para a minoria se a maioria não tem no que se apoiar. Um príncipe de nossos tempos, cujo nome não convém declarar, prega incessantemente a paz e a fé, sendo, no entanto, inimigo obstinado de uma e de outra.<sup>[80]</sup> E qualquer delas, se ele efetivamente a observasse, teria lhe arrebatado, mais de uma vez, a reputação ou o Estado.

## CAPÍTULO XIX

### DE COMO SE DEVE EVITAR O SER DESPREZADO E ODIADO

Uma vez que me referi às mais importantes das qualidades acima mencionadas, das outras quero falar ligeiramente, de um modo geral. O príncipe procure evitar, como foi dito anteriormente, o que o torne odioso ou desprezível e, sempre que assim agir, terá cumprido o seu dever e não encontrará nenhum perigo nos outros defeitos. O que principalmente o torna odioso, como disse antes, é o ser rapace e usurpador dos bens e das mulheres dos seus súditos. Desde que não se tirem aos homens os bens e a honra, vivem estes satisfeitos e só se deverá combater a ambição de poucos, a qual se pode sofrer de muitos modos e com facilidade. Torna-se desprezível o ser considerado volúvel, leviano, efeminado, pusilânime, irresoluto. E essas são coisas que devem ser evitadas pelo príncipe como o nauta evita um rochedo. Deve ele procurar que em suas ações se reconheçam grandeza, coragem, gravidade e fortaleza, e quanto às ações privadas de seus súditos, deve fazer com que a sua sentença

seja irrevogável, conduzindo-se de tal forma que a ninguém passe pela mente enganá-lo ou fazê-lo mudar de ideia.

O príncipe que conseguir formar tal opinião de si adquire grande reputação; e contra quem é reputado dificilmente se conspira e dificilmente é atacado enquanto for tido como excelente e reverenciado pelos seus. Um príncipe deve ter duas razões de receio: uma de ordem interna, por parte de seus súditos, outra de ordem externa, por parte dos poderosos de fora. Irá se defender destes com boas armas e com bons aliados; e se tiver armas terá sempre bons amigos. As coisas internas, por sua vez, estarão sempre estabilizadas, se estabilizadas estiverem as de fora, salvo se aquelas já estiverem perturbadas por uma conspiração. Mesmo quando as de fora se agitassem, se o príncipe tivesse agido e vivido como escrevi, e não desalentasse, resistiria sempre a qualquer ataque, como narrei acima, relativamente ao espartano Nábis. A respeito dos súditos, porém, quando as questões externas estão em calma deve sempre recear que conspirem secretamente, perigo de que o príncipe se afasta se não se tornou odiado ou desprezado e se tiver feito com que o povo esteja satisfeito com ele: e isso é necessário conseguir pelas formas a que acima se fez longa referência. Ora, um dos remédios mais eficazes que um príncipe possui contra as conspirações é não se tornar odiado pela população, pois quem conspira julga sempre que vai satisfazer os desejos do povo com a morte do príncipe; se julgar, porém, que com isso ofenderá o povo, não terá coragem de tomar tal partido, porque as dificuldades com que os conspiradores teriam que lutar seriam infinitas. Vê-se, pela experiência, que muitas têm sido as conspirações, mas que poucas delas tiveram êxito, pois quem conspira não pode estar só, nem pode ter como companheiros

senão aqueles que estiverem desgostosos. E logo que revelas as tuas intenções a um descontente, ofereces a ele motivo de contentamento, pois ele pode esperar qualquer vantagem de traição do segredo, e de forma que, vendo deste lado só ganhos certos, e, de outro, só vendo dúvidas e muitos perigos, somente um amigo, como raros, ou um inimigo implacável do príncipe se conservará fiel à conspiração. Em suma, direi que, por parte do conspirador, não há senão medo, inveja e a suspeita da punição, que o atormenta; por parte do príncipe existe a majestade do principado, as leis, a defesa dos amigos e do Estado, que o resguardam: tanto que, acrescentando a tudo isso a estima popular, é impossível que exista alguém tão temerário que se abalance a conspirar. Ordinariamente, o que um conspirador receia antes de levar a efeito o mal deverá recear também depois, tendo o povo por inimigo, depois do fato consumado, e não poderá por isso esperar qualquer refúgio.

Poderia eu citar numerosos exemplos desta matéria: irei me limitar, porém, a um só, que nos foi legado pela recordação de nossos pais. Tendo sido assassinado pelos Canneschi o senhor de Bolonha, “messer” Aníbal Bentivoglio, avô do atual “messer” Aníbal, não ficando da família senão “messer” Giovanni, criança de colo, o povo, logo depois do homicídio, sublevou-se e matou todos os Canneschi. Isso foi devido à benevolência popular com a qual a casa dos Bentivoglio contava naquela época, benquerença essa tão grande que, não tendo restado em Bolonha um só membro daquela família que pudesse, morto Aníbal, governar o Estado e, havendo indício de que havia em Florença um jovem pertencente àquela família e tido, até então, como filho de um ferreiro, os bolonheses ali foram procurá-lo e lhe entregaram o governo da cidade, que foi governada

por ele até que “messer” Giovanni alcançasse idade suficiente para reinar.

Concluo, portanto, afirmando que a um príncipe pouco devem importar as conspirações se é amado pelo povo, mas quando este é seu inimigo e o odeia, deve temer tudo e a todos. Os Estados bem organizados e os príncipes prudentes preocuparam-se sempre em não reduzir os grandes ao desespero e satisfazer e contentar o povo, porque essa é uma das questões mais importantes que um príncipe deve ter em mente. Em nossos tempos, entre os reinos bem organizados e governados, deve-se enumerar o da França. Encontram-se nele numerosas boas instituições, das quais dependem a liberdade e a segurança do rei. A primeira delas é o Parlamento e a autoridade que possui, pois o homem que organizou aquele reino, conhecendo, de um lado, a ambição e a insolência dos poderosos, e julgando necessário pôr-lhes um freio à boca para corrigi-los, e, de outro, conhecendo o ódio do povo contra os grandes, motivado pelo medo, e querendo protegê-los, não permitiu que essa tarefa ficasse a cargo do rei, para desculpá-lo da acusação dos grandes quando favorecesse o povo e do povo, quando favorecesse os poderosos. Por isso, constitui um terceiro juízo que fosse aquele que, sem responsabilidade do rei, deprimisse os grandes e favorecesse os menores. Essa organização não podia ser melhor nem mais prudente, nem se pode negar que seja a melhor causa de segurança do rei e do reino. Pode-se daí tirar outra notável instituição: os príncipes devem encarregar a outrem da imposição de penas, e os atos de graça, pelo contrário, só a eles mesmos, em pessoa, devem estar afetos. Concluo novamente que um príncipe deve estimar os grandes, mas não se tornar odiado pelo povo.

Poderia parecer a muitos, considerando-se a vida e morte de certos imperadores romanos, que constituíssem exemplos contrários a esta minha opinião, sendo que alguns deles, apesar de terem vivido sempre exemplarmente e demonstrado possuir grandes virtudes, perderam o poder ou foram mortos pelos seus, que contra eles conspiraram. Desejando responder a estas objeções, narrarei as causas da sua ruína, que são diferentes das que apresentei, procurando tomar particularmente em consideração aquelas que parecem notáveis a quem lê as ações daqueles tempos. Basta-me citar todos os imperadores que se sucederam no governo, desde o filósofo Marco Aurélio até Maximino, os quais foram Marco, seu filho Cômodo, Pertinax, Juliano, Severo, o filho deste — Antonino, Caracala, Macrino, Heliogábalo, Alexandre e Maximino. Deve-se primeiramente atentar em que, enquanto nos outros principados é necessário lutar apenas contra a ambição dos grandes e a insolência do povo, os imperadores romanos tinham pela frente uma terceira dificuldade, que era a de ter que suportar a crueldade e a rapacidade dos soldados. Esta dificuldade era tão grande que se tornou a causa da ruína de muitos, pois é difícil satisfazer a um tempo aos soldados e ao povo, pois que este, amante da paz, amava, conseqüentemente, os príncipes modestos, e os soldados estimavam o príncipe que possuísse ânimo guerreiro e que fosse insolente, cruel e rapace. Queriam que ele usasse dessas qualidades contra o povo para poder ganhar soldo dobrado e dar largas à sua rapacidade e crueldade. Isso fez com que os imperadores que, por natureza ou por habilidade, não tinham reputação suficiente para refrear os soldados nem o povo sempre se arruinassem. E a maior parte deles, especialmente os novos que conquistavam o principado, ao conhecer a dificuldade desses dois

elementos procurava satisfazer aos soldados, não dando importância às ofensas ao povo; era necessário tomar esse partido, pois não sendo possível aos príncipes deixar de serem odiados por alguém, deviam eles esforçar-se antes de mais nada por não serem odiados pela maioria. E quando não o podem conseguir, devem procurar, com muita habilidade, fugir ao ódio das maiorias mais poderosas. Por isso, os imperadores que, por serem novos, precisavam de favores extraordinários aderiram aos soldados antes de aderirem ao povo, o que se lhes tornava útil ou não, conforme esse príncipe soubesse manter a reputação entre eles. Por estas causas referidas é que Marco, Pertinax e Alexandre, homens de vida modesta, amantes da justiça, inimigos da crueldade, humanos e benignos, todos, com exceção de Marco, tiveram triste fim. Só este viveu e morreu honradíssimo porque chegou ao poder *jure hereditario*.<sup>[81]</sup> E não lhe era necessário fazer reconhecer o seu poder, nem pelo povo, nem pelos soldados. Ademais, sendo portador de muitas virtudes, que o tornavam venerando, enquanto viveu, sempre manteve a ambos, povo e exército, em ordem, nos seus justos termos, e nunca foi odiado nem desprezado. Pertinax, porém, foi feito imperador contra a vontade dos soldados, os quais, tendo sido habituados a viver licenciosamente, sob o domínio de Cômodo, não puderam suportar a vida honesta que Pertinax tencionava impor-lhes. Por isso, tendo ele despertado ódio, e tendo-se ao ódio juntado o desprezo, pelo fato de ser velho, Pertinax arruinou-se logo nos princípios de sua administração. E é de notar-se aqui que o ódio se adquire, quer pelas boas, quer pelas más ações. Por isso, um príncipe, querendo manter o Estado como disse mais acima, é frequentemente obrigado a não ser bom, porque quando aquela maioria, povo, soldados ou grandes que sejam, de

que tu julgas ter necessidade para te manteres no poder é corrompida, convém que sigas o seu pendor para satisfazê-la e, nesse caso, as boas ações são prejudiciais. Mas falemos de Alexandre, que foi tão bondoso que entre os louvores que se lhe atribuem está o de não ter, durante os catorze anos que manteve o império, mandado executar quem quer que fosse sem prévio julgamento. Apesar disso, sendo considerado efeminado e homem que se deixava dominar pela mãe e tendo por isso caído no desprezo, o exército conspirou e ele foi assassinado.

Falando, agora, de outro lado, das qualidades de Cômodo, Severo, Antonino, Caracala e Maximino, vereis que foram extremamente cruéis e rapaces. Para satisfazer os soldados, não deixaram de cometer nenhuma daquelas injúrias que se pudessem cometer contra o povo, e todos, excetuando-se Severo, tiveram triste fim. É que Severo foi tão valoroso que, mantendo a amizade dos soldados, embora oprimindo o povo, pôde sempre reinar com felicidade, porque aquelas suas virtudes o tornavam tão admirável no conceito dos soldados e do povo, que este ficava, de certa forma, atônito, e aqueles — reverentes e satisfeitos. Conhecendo Severo a ignávia do imperador Juliano, persuadiu o exército, do qual era capitão na Ilíria, de que era oportuno ir a Roma, para vingar a morte de Pertinax, assassinado pelos pretorianos, e, sob esse pretexto, sem aparentar que aspirava ao poder, conduziu o seu exército contra Roma e chegou à Itália antes mesmo da notícia da sua partida. Chegando a Roma, foi ele, pela pressão do medo, eleito imperador pelo Senado, e assassinado Juliano. Depois disso, restavam ainda duas dificuldades a Severo para se assenhorear de todo o Estado: uma, na Ásia, onde Pescênio Negro, chefe dos exércitos asiáticos, se proclamara imperador; e outra no Ocidente, onde Albino também

queria subir ao império. E como julgasse perigoso declarar-se inimigo dos dois, deliberou atacar Pescênio Negro e enganar Albino. A este escreveu que, tendo sido eleito imperador pelo Senado, queria dividir com ele aquela honra; mandou-lhe o título de César e, por deliberação do Senado, tornou-o seu colega. Albino julgou que tais coisas fossem verdade, mas Severo, depois de ter vencido e matado Pescênio Negro e pacificado o Oriente, voltou a Roma e se queixou no Senado de que Albino, esquecido dos benefícios dele recebidos, tentara matá-lo traiçoeiramente e, por isso, era obrigado a ir punir a ingratição. Depois, foi ao seu encontro, nas Gálias, e lhe tirou o governo e a vida. Quem examinar cuidadosamente as ações deste homem acabará por julgá-lo um ferocíssimo leão e uma astutíssima raposa e verá que foi temido e reverenciado por todos e não odiado pelo exército, e não se admirará se ele — homem novo — pôde manter tão grande poder: é que a sua alta reputação o defendeu sempre daquele ódio que o povo lhe poderia ter votado, em virtude das suas rapinagens. E Antonino, seu filho, foi também homem que tinha excelente proceder, que o tornava maravilhoso no conceito do povo e benquisto pelos soldados, porque era militar, suportava otimamente qualquer fadiga e desprezava os manjares delicados e quaisquer outros elementos de conforto: isso era o suficiente para fazer com que se tornasse estimado por todos os exércitos. Não obstante, sua ferocidade e crueldade foram tão grandes e inauditas que mandou matar grande número de particulares e assim sacrificou grande parte do povo de Roma e todo o de Alexandria, de tal modo que se tornou muitíssimo odiado por todos e começou a ser temido também por aqueles que com ele privaram e, afinal, foi assassinado por um centurião, em meio de seu exército. É de notar-se neste ponto que tais assassínios,

deliberados por homens obstinados, são impossíveis de evitar pelos príncipes, pois que todo aquele que não temer a morte poderá executá-los. Não deve, porém, o príncipe temerizar-se, porque são muito raros. Deve apenas guardar-se de não injuriar gravemente alguma das pessoas de que se serve e que ele tem junto a si, a serviço do seu principado, como fez Antonino. Havia este assassinado indignamente um irmão daquele centurião e ainda ameaçava este todo dia; mas, apesar disso, conservou-o na sua guarda, o que vinha a ser coisa temerária e capaz de arruiná-lo, como aconteceu.

Passemos agora a Cômodo, a quem teria sido fácil manter o poder, por tê-lo alcançado *jure hereditario*, sendo filho de Marco, e lhe bastava apenas seguir as pegadas do pai para contentar o exército e o povo. Mas, como era de índole cruel e bestial, para poder usar da sua rapacidade contra o povo, pôs-se a favorecer os soldados e os tornou licenciosos; por outra parte, não se preocupando com a dignidade, descendo frequentemente às arenas para combater com os gladiadores e fazendo outras coisas vis, pouco dignas da majestade imperial, tornou-se desprezível no conceito dos soldados. Tendo-se tornado, dessa forma, odiado por uns e desprezado por outros, conspirou-se contra ele e foi assassinado. Resta-nos narrar as qualidades de Maximino. Este foi homem extraordinariamente belicoso e, estando os exércitos enfastiados com a passividade de Alexandre, de que falei antes, morto este, elegeram-no para o governo. Maximino, porém, não reinou por muito tempo porque duas coisas o tornaram odiado e desprezado: primeiro, ser de baixa extração, pois já fora pastor na Trácia (fato que era conhecido por todos e o rebaixava muito no conceito de toda a gente); segundo, tendo, quando da sua elevação ao império, adiado a sua ida a

Roma para entrar na posse da dignidade imperial, dera de si fama de ser muito cruel, pois por intermédio dos seus prefeitos, em Roma e em toda parte, perpetrara numerosas perversidades. Assim, movido todo o mundo pelo desprezo de sua baixa ascendência e cheio de ódio pelo temor da sua ferocidade, surgiram as conspirações. Revoltou-se primeiramente a África; depois, o Senado e todo o povo romano, e, mais tarde, toda a Itália esteve contra ele. Juntou-se a esse movimento o seu próprio exército, o qual estava em campanha, sitiando Aquileia e, tendo encontrado dificuldade para isso, enraivecido pela crueldade do príncipe, suprimiu-o, pois o viu cercado de inimigos e já não o temia.

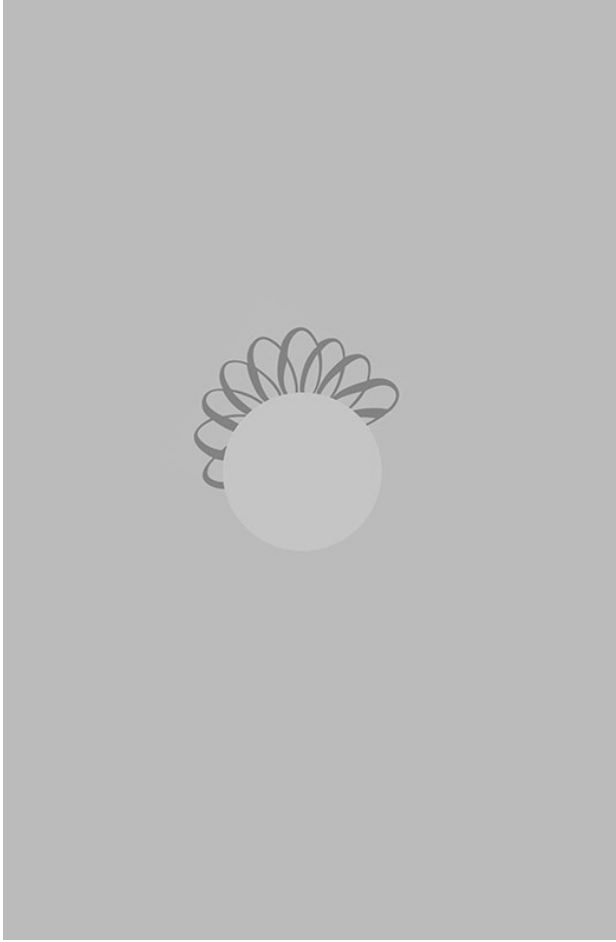
Não quero falar de Heliogábalo, nem de Macrino, nem de Juliano, os quais, por terem sido inteiramente menosprezados, extinguiram-se logo; não quero falar destes, dizia, e sim passar à conclusão deste assunto. Assim, digo que os príncipes dos nossos tempos no seu governo não têm esta dificuldade de dar satisfações exorbitantes aos soldados, pois, não obstante se deva ter para com aqueles certa consideração, rapidamente resolve-se a situação, por não ter nenhum desses príncipes um exército que se tenha desenvolvido com os governos e administrações das províncias, como era nos exércitos do império romano. E, se naquela época era necessário satisfazer mais aos soldados do que ao povo, agora é mais necessário a todos os príncipes — exceto ao grão-turco e ao sultão do Egito — satisfazer mais ao povo do que ao exército, porque este é menos poderoso do que aquele. Excetuo o grão-turco pelo fato de conservar este em torno de si 12 mil infantes e 15 mil soldados de cavalaria, sendo que disso dependem a segurança e o poder do seu reino. É necessário, portanto, que, em lugar de qualquer outra consideração para com outrem, aquele seja amigo

dos exércitos. A mesma coisa sucede ao reino do sultão do Egito; estando tudo nas mãos dos soldados, convém também a ele mantê-los como seus amigos, sem se preocupar com o povo.

E deve-se notar que este reinado do sultão é diferente de todos os outros principados porque é semelhante ao papado, o qual não se pode classificar nem como principado hereditário, nem como principado novo, posto que não são os filhos do príncipe antigo que se tornam herdeiros e ficam senhores, mas sim aqueles que são elevados a esse posto por aqueles que têm autoridade. E, como isso seja uma antiga instituição, não se pode chamar de principado novo; e também porque naqueles não existem as dificuldades existentes nestes, pois, embora o príncipe seja novo, a organização do Estado é velha. E os governantes são obrigados a recebê-lo como se fossem senhores hereditários.

Voltemos, porém, ao nosso assunto. Direi que quem considerar o que acima referi verá como o ódio ou o desprezo foram causas da ruína dos imperadores mencionados e conhecerá também os motivos por que, parte daqueles procedendo de uma forma, e outros, de maneira contrária, alguns deles terminaram bem e outros tiveram triste fim; e também por que a Pertinax e Alexandre, por serem príncipes novos, foi inútil e danoso querer imitar Marco, que no principado estava *jure hereditario*. Igualmente, por que a Caracala, Cômodo e Maximino foi pernicioso imitar a Severo, por não terem possuído tanta virtude que bastasse para que pudessem seguir-lhe o caminho. Um príncipe novo, num principado novo, não pode, portanto, imitar as ações de Marco, nem, da mesma forma, é necessário imitar as de Severo. Deve, sim, aproveitar de Severo as qualidades que forem necessárias para fundar o seu Estado e, de

Marco, aproveitar as que sejam gloriosas e convenham para manter um Estado que já esteja estabelecido e firme.



## CAPÍTULO XX

### SE AS FORTALEZAS E MUITAS OUTRAS COISAS QUE DIA A DIA SÃO FEITAS PELO PRÍNCIPE SÃO ÚTEIS OU NÃO

Alguns príncipes, para manter seguramente o Estado, desarmaram os seus súditos, outros dividiram as cidades conquistadas conservando facções para combater-se mutuamente, outros alimentaram inimizades contra si mesmos, outros dedicaram-se à conquista do apoio daqueles que lhe eram suspeitos no início de seu governo, alguns outros edificaram fortalezas, outros, ainda, as arruinaram. E, se bem que todas estas coisas não se possam julgar em definitivo, se não se examinarem as particularidades dos Estados onde se tivesse que tomar qualquer destas deliberações, falarei, contudo, de um ponto de vista geral, compatível com a própria matéria.

Nunca um príncipe novo desarmou os seus súditos, antes, sempre que os encontrou desarmados, armou-os. Essas armas ficarão tuas e se tornarão fiéis aqueles que te eram suspeitos, mantêm-se fiéis aqueles que já o eram, e de súditos se transformam em teus auxiliares. E como não se pode armar a todos os súditos, uma vez

que beneficies àqueles a quem armas, podes agir mais seguramente com relação aos outros. A diferença de tratamento para com aqueles obriga-os para contigo, e os outros irão te desculpar julgando necessário que maior recompensa tenham os que estão expostos a maiores perigos e estão mais ligados a ti por efeito mesmo dessas obrigações.

Desarmando-os, principias por ofendê-los, mostrando que duvidas deles, seja porque és covarde, seja porque não confias neles. Qualquer destas opiniões criará ódio contra ti. E como não podes ficar desarmado, convém que te voltes para a milícia mercenária, cujas qualidades acima referi. Mesmo que fosse boa, não pode ter tanta força suficiente para te defender dos inimigos poderosos, e dos súditos suspeitos. Como disse, um novo príncipe, num principado novo, sempre organizou a força armada. Destes exemplos a história está cheia. Mas, quando um príncipe conquista um novo Estado que seja anexado aos domínios, então é necessário desarmar aquele Estado, exceto aqueles que tenham colaborado contigo para que o conquistasses e mesmo a estes é necessário, com o tempo, tornar apáticos e amolecidos, de modo que todas as armas desse Estado estejam com teus próprios soldados, que viviam junto de ti no Estado antigo.

Os nossos antepassados, e aqueles que eram tidos como prudentes, costumavam dizer que Pistoia tinha de ser mantida pela divisão dos partidos, e Pisa pelas fortalezas, e assim agiam de maneira diversa nas cidades conquistadas para poder conservá-las mais facilmente. Essa era a política mais sábia provavelmente, naqueles tempos em que a Itália estava de certo modo equilibrada, mas não creio que possa servir hoje como preceito; não acredito que as divisões trouxessem qualquer bem; antes, pelo contrário,

acontece que, quando o inimigo se avizinha, as cidades divididas perdem-se logo, porque a parte mais fraca aderirá às forças externas e a outra não se poderá manter. Os venezianos, obedecendo, como creio, às razões mencionadas, costumavam fomentar as facções guelfas e guibelinas nas cidades que estavam sob o seu domínio. E, se bem que não os deixassem chegar até a luta, alimentavam essas discordâncias, para que, ocupados os cidadãos naquelas suas diferenças, não se unissem contra eles. Isso, como se viu, não lhes deu bons resultados, porque, tendo os venezianos sido desbaratados em Vailá, algumas daquelas cidades tomaram ânimo e lhes arrebataram todos os territórios. Tal política revela, portanto, fraqueza do príncipe, porque, num principado poderoso, jamais se permitiam semelhantes divisões; elas são proveitosas apenas nos tempos de paz, podendo-se mediante esse sistema governar os súditos mais facilmente. Em vindo a guerra, porém, percebe-se a sua falácia. Os príncipes se tornam grandes, sem dúvida, quando superam as dificuldades e a oposição que se lhes movem. Assim, a fortuna, máxime quando quer engrandecer a um novo príncipe, o qual tem mais necessidade de conquistar reputação do que um hereditário, suscita-lhe inimigos que o guerreiam a fim de que tenha ele a oportunidade de vencê-los e subir mais, valendo-se daquela escada que os próprios inimigos lhe estendem. Muitos julgam, por isso, que um príncipe sábio, quando tiver ocasião, deve fomentar com astúcia certas inimizades contra ele mesmo, a fim de que, pela vitória sobre os inimigos, mais se possa engrandecer. Os príncipes, e principalmente os recentes, têm encontrado mais fé e maiores utilidades nos homens que no início do seu governo lhes eram suspeitos do que naqueles que, naquela ocasião, lhes haviam inspirado confiança. Pandolfo Petrucci, senhor

de Siena, dirigia o Estado mais com o auxílio daqueles de quem suspeitara do que daqueles em que tivera confiança. Mas de tal matéria não é possível estabelecer regras gerais, pois variam muito as circunstâncias de cada caso. Direi apenas que os homens que foram hostis à fundação de um novo governo, para manter-se, carecem eles mesmos de apoio, o príncipe sempre poderá conquistá-los com grande facilidade. Eles, por sua vez, são forçados a servi-lo com tanto maior lealdade quanto reconheçam a necessidade de anular, pelas ações, aquela péssima opinião que tinha o príncipe a seu respeito. Assim, a este aproveitam mais os serviços dos antigos adversários do que os daqueles que, por ter demasiada segurança, negligenciam os interesses do príncipe.

Agora, como a matéria mesmo o proporciona, não quero deixar de lembrar aos príncipes que tenham tomado recentemente a direção de um Estado, mediante o favor da população, que considerem bem que razão os terá levado a favorecê-los: e se ela não for afeição natural para com eles, e sim o descontentamento com o antigo governo, ao príncipe só muito dificilmente será possível conservar a amizade daqueles, pois será impossível satisfazê-los. E considerando bem, com os exemplos que há das coisas antigas e modernas, relativamente à razão deste fato, veremos que ao príncipe é muito mais fácil conquistar a amizade daqueles homens que estavam contentes com o regime antigo, sendo, portanto, seus inimigos, do que a daqueles que, por descontentes, fizeram-se seus amigos e aliados, ajudando-o na conquista do Estado.

Tem sido hábito dos príncipes, para poder manter mais seguramente o seu Estado, edificar fortalezas que sejam o bridão e o freio dos que tivessem a intenção de atacá-lo e possuir um refúgio seguro no caso de sofrer um ataque inesperado. Louvo este modo

de agir, porque é usado desde os tempos remotos; apesar disso, “messer” Niccolò Vitelli, em nossos tempos, viu-se na contingência de destruir duas fortalezas na Cidade do Castelo para poder manter aquele Estado. Guido Ubaldo, duque de Urbino, reconquistando o seu domínio, de onde fora expulso por César Bórgia, destruiu, desde os alicerces, todas as fortificações daquela província e julgou que sem elas seria mais difícil perder o Estado novamente. Os Bentivoglio, regressando a Bolonha, tiveram o mesmo procedimento. As fortalezas, portanto, são úteis ou não, segundo as circunstâncias, e se te fazem bem, por um lado, arruínam-te por outro. Pode-se explicar este fato da seguinte maneira: o príncipe que tiver mais medo do seu povo do que dos estrangeiros deve construir fortificações, mas aquele que tiver mais temor dos estranhos do que do povo não deve preocupar-se com isso. O castelo de Milão, edificado por Francesco Sforza, foi e será maior motivo de perturbações para a casa dos Sforza do que outra coisa naquele Estado. Mas ainda a melhor fortaleza que possa existir é o não ser odiado pelo povo, pois que, se tiveres fortificações e fores odiado por ele, elas não poderão salvar-te, pois não faltam nunca aos povos rebelados príncipes estrangeiros que desejem ajudá-los. Em nossos tempos, observa-se que as fortalezas não deram proveito a nenhum príncipe, a não ser à condessa de Forli, quando morreu o conde Girolano,<sup>[82]</sup> seu esposo, porque, graças às fortalezas é que pôde escapar à fúria popular e esperar socorros de Milão, conservando assim o seu Estado. E a época era tal que os de fora não podiam socorrer o povo. Sem embargo, também à condessa de Forli as fortalezas pouco adiantaram, quando César Bórgia lhe assaltou o Estado e o povo, inimigo daquela, formou ao lado do conquistador. Portanto, quer nessa ocasião, quer antes,

teria sido mais seguro para ela não ser odiada pelo povo do que possuir fortalezas. Considerando-se, pois, todas estas coisas, louvarei os que construírem fortalezas e também os que não as construírem, e lamentarei aqueles que, fiando-se em tais meios de defesa, não se preocuparem com o fato de serem odiados pelo povo.

## CAPÍTULO XXI

### O QUE A UM PRÍNCIPE CONVÉM REALIZAR PARA SER ESTIMADO

Nada faz estimar tanto um príncipe como os grandes empreendimentos e o dar de si raros exemplos. Temos, nos nossos tempos, Fernando de Aragão, atualmente rei da Espanha. A este príncipe pode-se chamar quase que de novo, porque de um rei fraco se tornou, pela fama e pela glória, o primeiro rei cristão; e se considerardes as suas ações, vereis que são todas altíssimas, havendo algumas extraordinárias. No começo de seu reinado, assaltou Granada e esse empreendimento constituiu a base de seu Estado. Primeiro, agiu despreocupadamente e com a certeza de que não seria impedido: os barões de Castela, com a atenção presa na guerra referida, não cogitavam fazer inovações. Fernando conquistava, então, naquele meio, reputação e autoridade sobre eles, que disso não se apercebiam. Com dinheiro da Igreja e do povo, pôde manter exércitos e, por uma longa guerra, assentar as bases do seu próprio renome como militar. Além disso, para poder lançar-se em maiores empresas, servindo-se sempre da religião,

dedicou-se a uma piedosa crueldade, expulsando e livrando seu reino dos “marranos”, exemplo extremo de piedade. Sob essa mesma capa de religião, assaltou a África; levou a efeito a expedição da Itália; mais tarde, assaltou a França, e assim sempre fez e urdiu grandes coisas, que mantiveram sempre em suspenso e cheios de admiração os ânimos de seus súditos, empolgados pela espera do sucesso final desses feitos. E nasceram estas suas ações de tal modo que, entre uma e outra, nunca deu tempo aos homens de poder agir contra ele. É ainda muito conveniente a um príncipe dar raros exemplos quanto ao seu governo (semelhante àqueles que se narram de “messer” Bernabó de Milão); quando alguém tenha realizado qualquer coisa de extraordinário, de bem ou de mal na vida civil, para premiá-lo ou puni-lo, o príncipe deve agir de modo tal que dê margem a largos comentários. E, sobretudo, deve um príncipe trabalhar no sentido de, em cada ação, conquistar fama de grande homem. É ainda estimado um príncipe quando sabe ser verdadeiro amigo e verdadeiro inimigo, isto é, quando, sem qualquer preocupação, age abertamente em favor de alguém contra um terceiro. Esse partido será sempre mais útil do que o conservar-se neutro, porque se dois poderosos vizinhos teus se puserem a brigar, ou são de qualidade que, vencendo um deles, tenhas que temer o vencedor, ou não. Em qualquer caso ser-te-á sempre mais útil descobrir-te e fazer guerra de fato, porque no primeiro caso, se não te descobrires, serás sempre presa de quem vencer, com grande prazer daquele que foi vencido, e não tens razão nem coisa alguma em tua defesa, nem quem te acolha. Quem vence não quer amigos suspeitos e que não ajudem nas adversidades; quem perde nunca te aceitará porque não quiseste, de armas na mão, correr a mesma sorte. Foi Antíoco para a Grécia a chamado dos etólios para

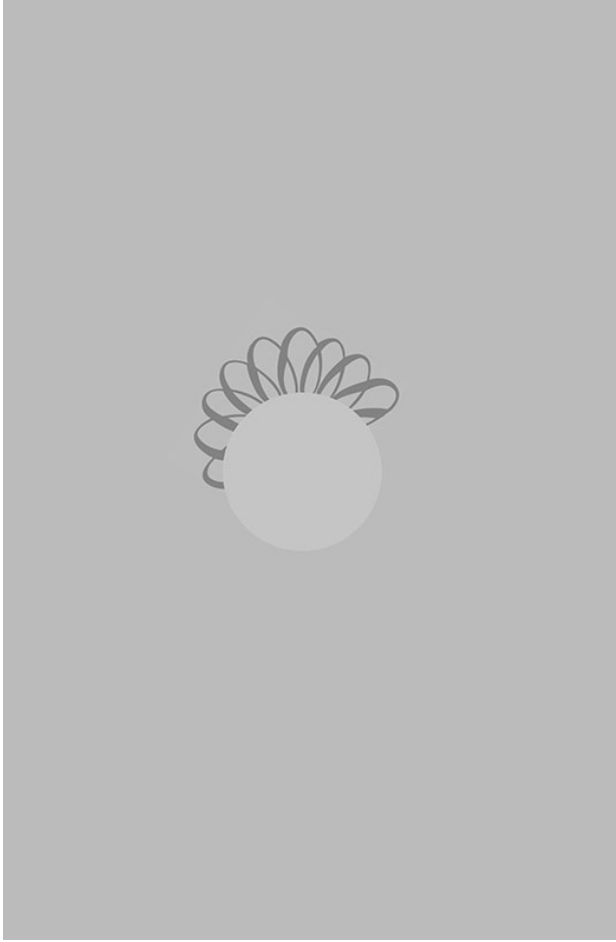
expulsar os romanos. Antíoco enviou embaixadores aos aqueus, que eram aliados dos romanos, para concitá-los a se manterem neutros; por outro lado, os romanos tratavam de persuadi-los para que tomassem armas contra aquele. Esta matéria veio a discutir-se no concílio dos aqueus, onde o delegado de Antíoco tratava de fazer com que se mantivessem neutros, ao que o delegado dos romanos respondeu: *“Quod autem isti dicunt non interponendi vos bello, nihil magis alienum rebus vestris est; sine gratia, sine dignitate, praemium victoris eritis.”* [83] E acontecerá sempre que aquele que não é teu amigo pedir-te-á que sejas neutro e aquele que é teu amigo pedirá que tomes de armas abertamente. E os príncipes irresolutos, para se afastarem destes perigos, seguem, as mais das vezes, aquela linha neutra e quase sempre são malsucedidos. Mas, quando corajosamente tomas partido franco por um dos contendores, se aquele com quem te ligaste vencer, ainda que seja poderoso e que fiques à sua mercê, terá ele obrigações para contigo e é compelido a ter amizade por ti; e os homens não são nunca tão maus que queiram oprimir a quem devem ser gratos. Ademais, as vitórias não são nunca tão completas que o vencedor não tenha que levar em conta outras considerações, principalmente de justiça.

Mas, se aquele a quem ajudas perder, serás socorrido por ele quando puder e, nesse caso, ficarás ligado a uma fortuna que pode ressurgir. No segundo caso, quando os combatentes são tais que não tenhas de te arrepear da vitória de qualquer, a tua aliança com um deles é tanto mais prudente quanto assim provocarás a ruína de um com o auxílio de quem o deveria salvar, se fosse sábio, e, vencendo tu, o teu aliado ficará à tua discrição e é impossível que não vença com a tua ajuda.

Note-se agora que um príncipe deve ter o cuidado de não fazer aliança com um que seja mais poderoso, senão quando a necessidade o compelir, como se expôs acima, pois que, vencendo, ficará prisioneiro do aliado; e os príncipes devem evitar o mais que possam a situação de estar à mercê de outrem. Os venezianos aliaram-se com a França contra o duque de Milão e podiam deixar de efetuar tal união; e desse fato resultou a ruína deles. Mas, quando não se pode deixar de fazer aliança, como aconteceu com os florentinos quando o papa e a Espanha foram assaltar a Lombardia pelas armas, então o príncipe deve aderir, pelas razões acima. Não pense nunca nenhum governo poder tomar decisões absolutamente certas; pense antes em ter que tomá-las sempre incertas, pois isto está na ordem das coisas, que nunca deixa, quando se procura evitar algum inconveniente, de incorrer em outro. A prudência está justamente em saber conhecer a natureza dos inconvenientes e adotar o menos prejudicial como sendo bom.

Deve ainda um príncipe mostrar-se amante das virtudes e honrar os que se revelam grandes numa arte qualquer. Além disso, deve animar os seus cidadãos e exercer livremente as suas atividades, no comércio, na agricultura e em qualquer outro terreno, de modo que o agricultor não deixe de enriquecer as suas propriedades pelo temor de que lhe sejam arrebatadas e o comerciante não deixe de desenvolver o seu negócio por medo de impostos. Pelo contrário, deve constituir prêmios para os que quiserem realizar tais coisas e para todos os que, por qualquer maneira, pensarem em ampliar a sua cidade ou o seu Estado. Além disso, deve, nas épocas propícias do ano, proporcionar ao povo festas e espetáculos. E como todas as cidades estão divididas em artes ou corporações de ofício, deve ocupar-se muito destas, indo ao seu encontro algumas vezes, dar

provas de afabilidade e munificência, mantendo sempre integral, contudo, a majestade da sua dignidade, a qual não deve faltar em nada.



## CAPÍTULO XXII

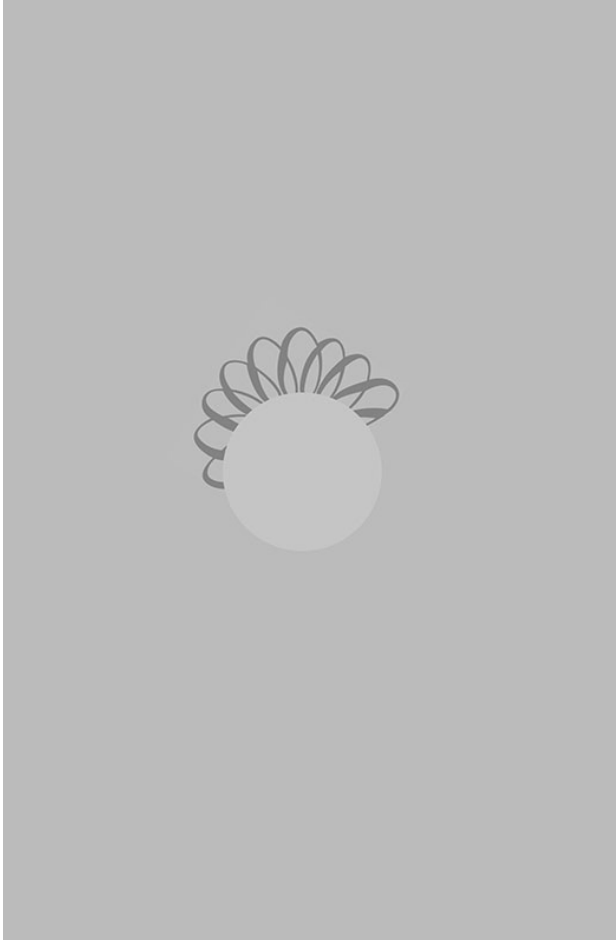
### DOS MINISTROS DOS PRÍNCIPES

Não é de pequena importância para um príncipe a escolha dos seus ministros, os quais são bons ou não, segundo a prudência daquele. E a primeira conjetura que se faz, a respeito das qualidades de inteligência de um príncipe, repousa na observação dos homens que ele tem ao seu redor. Quando estes são competentes e fiéis, pode-se reputá-lo sábio, porque soube reconhecer as qualidades daqueles e mantê-las fiéis. Mas, quando não são assim, pode-se ajuizar sempre mal do senhor, porque o primeiro erro que cometeu está nessa escolha. Não houve ninguém que, conhecendo o “messer” Antônio da Venafro como ministro de Pandolfo Petrucci, senhor de Siena, não julgasse a este um homem de muito valor pelo fato de ter escolhido Venafro para seu ministro. E como há três espécies de cabeças — uma que entende as coisas por si mesma, outra que sabe discernir o que os outros entendem e, finalmente, uma que não entende nem por si, nem sabe ajuizar do trabalho dos outros (a primeira é excelente, a segunda, muito boa e a terceira, inútil) —, estavam todos de acordo, necessariamente, que, se

Pandolfo não estava no primeiro caso, estava pelo menos no segundo. Uma vez que se tem capacidade para conhecer o bem e o mal que outrem diga ou pratique, ainda que não tenha iniciativa própria, reconhecem-se as boas e más qualidades do ministro, exaltando as primeiras e corrigindo as segundas. O ministro, assim, não pode ter esperança de enganar o príncipe e se conserva bom.

Mas, para que um príncipe possa conhecer bem o ministro, há este modo que não falha nunca: quando vires que o ministro pensa mais em si próprio do que em ti, e que em todas as suas ações procura tirar proveito pessoal, podes ter a certeza de que ele não é bom, e nunca poderás fiar-te nele; aquele que tem em mãos os negócios de Estado não deve pensar nunca em si próprio, mas sempre no príncipe e nunca lembrar-lhe coisas que estejam fora da esfera do Estado.

Por outra parte, o príncipe, para assegurar-se do ministro, deve pensar nele, honrando-o, fazendo-o rico, obrigando-o para consigo, fazendo-o participar de honrarias e cargos, de modo que as muitas honrarias não lhe façam desejar outras, as muitas riquezas não lhe façam desejar maiores e os muitos cargos não lhe façam temer mutações. Quando, pois, os ministros, e os príncipes com relação a estes, são assim, podem confiar uns nos outros; de outra forma, o fim será sempre mau para uns ou outros.



## CAPÍTULO XXIII

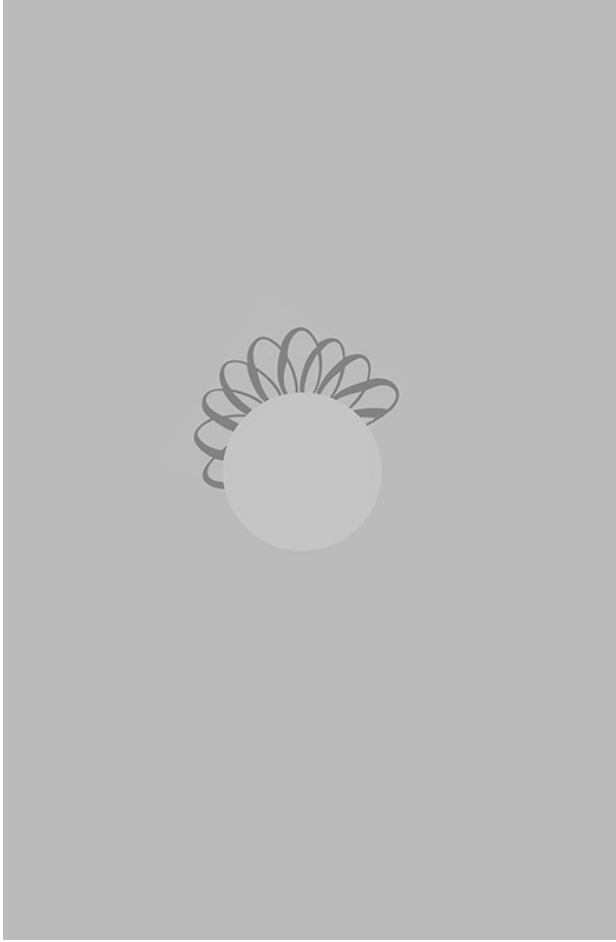
### DE COMO SE EVITAM OS ADULADORES

Não quero deixar de tratar de um capítulo importante sobre um erro do qual os príncipes só com dificuldade se defendem, se não são muito prudentes ou não fazem boa escolha. Refiro-me aos aduladores de que as cortes estão cheias; porque os homens se comprazem tanto nas coisas próprias e de tal modo se enganam nestas, que é com dificuldade que se defendem dessa peste; querendo-se evitá-la, há o perigo de se ser desconsiderado, pois não há outro modo de guardar-se da adulação, senão fazer com que os homens entendam não fazer-te ofensa por dizer a verdade; mas, quando todos podem dizer-te a verdade, irão te faltar ao respeito. Um príncipe prudente deve, portanto, conduzir-se de uma terceira maneira, escolhendo no seu Estado homens sábios e só a estes deve dar o direito de falar-lhe a verdade a respeito, porém, apenas das coisas que ele lhes perguntar. Deve consultá-los a respeito de tudo e ouvir-lhes a opinião e deliberar depois como bem entender e, com conselhos daqueles, conduzir-se de tal modo que eles percebam que com quanto mais liberdade falarem, mais facilmente

as suas opiniões serão seguidas. Procedendo doutro modo, o príncipe ou é precipitado pelos adutores ou varia muitas vezes de parecer; daí se origina a falta de confiança. Quero, a este propósito, aduzir um exemplo moderno: o bispo Lucas, homem de Maximiliano, o atual imperador, falando de Sua Majestade, disse que este não se aconselhava com pessoa alguma, mas também nunca se fiava unicamente no seu próprio juízo; isso se explica pelo fato de ele não seguir nunca o conselho acima, pois o imperador, sendo homem discreto, não comunica os seus desígnios a ninguém e a ninguém pede parecer. Mas, na ocasião de pôr em prática as suas decisões, os desígnios começam a ser conhecidos e manifestos, e, pois, a serem contraditos pelos que lhe estão em torno, e compreende-se então facilmente que o imperador se afasta do que tenha resolvido. Daí resulta que as coisas que faz num dia destrói no outro e que não se saiba nunca o que ele quer e ninguém pode prever as suas deliberações.

Um príncipe deve, portanto, aconselhar-se sempre, mas quando ele entender e não quando os outros quiserem; antes, deve tirar a vontade a todos de aconselhar alguma coisa sem que ele solicite. Todavia, deve perguntar muito e ouvir pacientemente a verdade acerca das coisas perguntadas. Até, achando que alguém, por qualquer temor, não lhe diga a verdade, não deve o príncipe deixar de mostrar o seu desprazer. Muitos entendem que os príncipes que granjearam fama de prudentes devem-no não à sua natureza, mas aos bons conselhos dos que lhe estão ao redor. É um erro manifesto, porque é regra geral que não falha nunca: um príncipe que não seja prudente por si mesmo não pode ser bem aconselhado, se por acaso não acatar o juízo de um só, muito sábio, que entenda de tudo. Este caso podia acontecer, mas duraria

pouco, porque aquele que governasse de fato em breve tempo lhe tomaria o Estado. Mas aconselhando-se com mais de um, um príncipe que não seja sábio não terá nunca unidade de conselhos nem saberá por si mesmo harmonizá-los. Cada um dos conselheiros pensará como quiser e ele não saberá corrigi-los nem ajuizar a respeito. E não pode ser de outra maneira, pois os homens irão te sair sempre maus, se por necessidade não se fizerem bons. O que se conclui daí é que os bons conselhos, de onde quer que provenham, nascem da prudência do príncipe e não a prudência do príncipe, dos bons conselhos.



## CAPÍTULO XXIV

### POR QUE OS PRÍNCIPES DE ITÁLIA PERDERAM SEUS ESTADOS

Se forem observadas prudentemente as coisas referidas, o príncipe novo parecerá de ascendência antiga e se tornará assim mais seguro e firme no Estado, do que se ele de fato aí estivesse há muito tempo. Um príncipe recente é muito mais vigiado em suas ações do que um hereditário, e quando essas ações revelam virtude, atraem muito mais aos homens e os obrigam muito mais do que a antiguidade do sangue. É que os homens são muito mais sujeitos às coisas presentes do que às passadas e, quando encontram o bem naquelas, alegram-se e nada mais procuram, antes, tomarão a defesa do príncipe se este não falhar nas outras coisas às suas promessas. E ele, dessa forma, terá a dupla glória de ter fundado um principado novo e de o ter ornado e fortalecido com boas leis, boas armas e bons exemplos, assim como um antigo príncipe terá a dupla vergonha se, tendo nascido príncipe, perder o Estado pela sua pouca prudência.

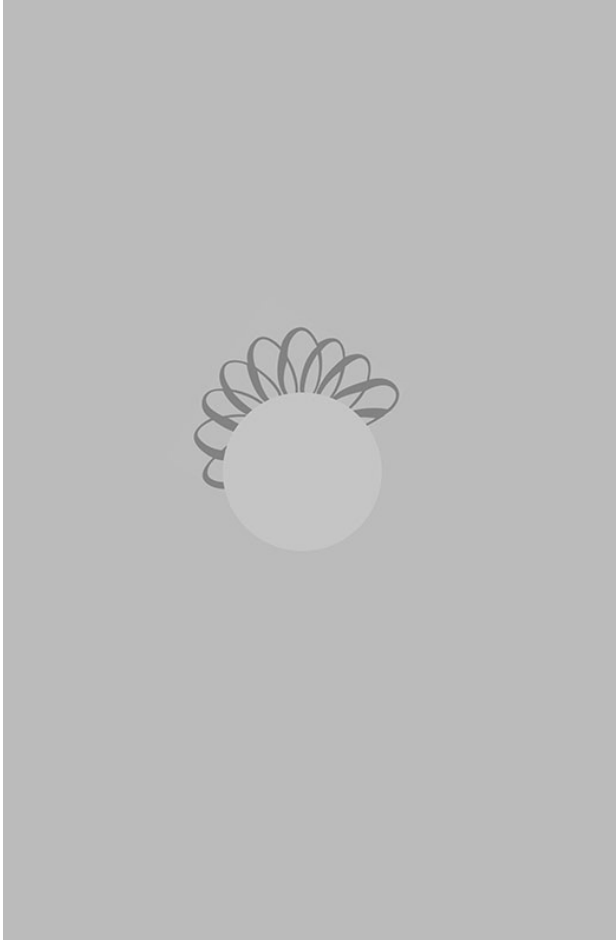
E, se considerarmos aqueles senhores que, em nossos tempos, na Itália, perderam seus Estados, como o rei de Nápoles, o duque de Milão e outros, encontraremos neles, primeiro, um defeito comum quanto às armas, pelas razões já mencionadas; depois se verá que alguns deles, ou foram hostilizados pelo povo, ou, no caso contrário, não souberam neutralizar os grandes, porque sem estes defeitos não se perdem Estados tão fortes que possam pôr um exército em campo.

Filipe da Macedônia, não o pai de Alexandre, mas o que foi vencido por Tito Quinto, não tinha domínios muito extensos, em comparação à grandeza dos romanos e da Grécia, que o assaltaram: apesar disso, por ser um bom militar e homem que sabia não se tornar malquisto do povo e assegurar-se dos poderosos, fez a guerra muitos anos contra aqueles, e se, afinal, perdeu algumas cidades, ficou-lhe contudo o reino.

Assim, esses nossos príncipes que possuíram, por muitos anos, seus principados, para depois perdê-los, não acusem a sorte, mas sim a sua própria ignávia: porque não tendo nunca nas boas épocas pensado em que os tempos poderiam mudar (e é comum nos homens não se preocupar, na bonança, com as tempestades), quando vieram tempos adversos, pensaram em fugir e não em defender-se e esperaram que as populações fatigadas da insolência dos vencedores os chamassem novamente. Esse recurso é bom, mas quando os outros falham; é bem mau, porém, deixar os outros remédios em troca desse.

Não desejarias cair só por creres que encontres quem te levantasse. Isso, ou não acontece, ou, se acontecer, não te dará segurança, porque é fraco meio de defesa o que não depende de ti.

E somente são bons, certos e duradouros os meios de defesa que dependem de ti e do teu valor.



## CAPÍTULO XXV

### DE QUANTO PODE A FORTUNA NAS COISAS HUMANAS E DE QUE MODO SE DEVE RESISTIR-LHE

Não me é desconhecido que muitos têm tido a opinião de que as coisas do mundo são governadas pela fortuna e por Deus, de sorte que a prudência dos homens não pode corrigi-las, e mesmo não lhes traz remédio algum. Por isso, seria possível julgar que não deve alguém incomodar-se muito com elas, mas deixar-se governar pela sorte. Esta opinião é grandemente aceita nos nossos tempos pela grande variação das coisas, o que se vê todo dia, fora de toda conjectura humana. Às vezes, pensando nisso, me tenho inclinado a aceitá-la. Não obstante, e porque o nosso livre-arbítrio não desapareça, penso poder ser verdade que a fortuna seja árbitra de metade de nossas ações, mas que, ainda assim, ela nos deixe governar quase a outra metade. Comparo-a a um desses rios impetuosos que, quando se encolerizam, alagam as planícies, destroem as árvores, os edifícios, arrastam montes de terra de um lugar para outro: tudo foge diante dele, tudo cede ao seu ímpeto, sem poder obstar-lhe e, se bem que as coisas se passem assim,

não é menos verdade que os homens, quando volta a calma, podem fazer reparos e barragens, de modo que, em outra cheia, aqueles rios correrão por um canal e o seu ímpeto não será tão livre nem tão danoso. Do mesmo modo, acontece com a fortuna; o seu poder é manifesto onde não existe resistência organizada, dirigindo ela a sua violência só para onde não se fizeram diques e reparos para contê-la.

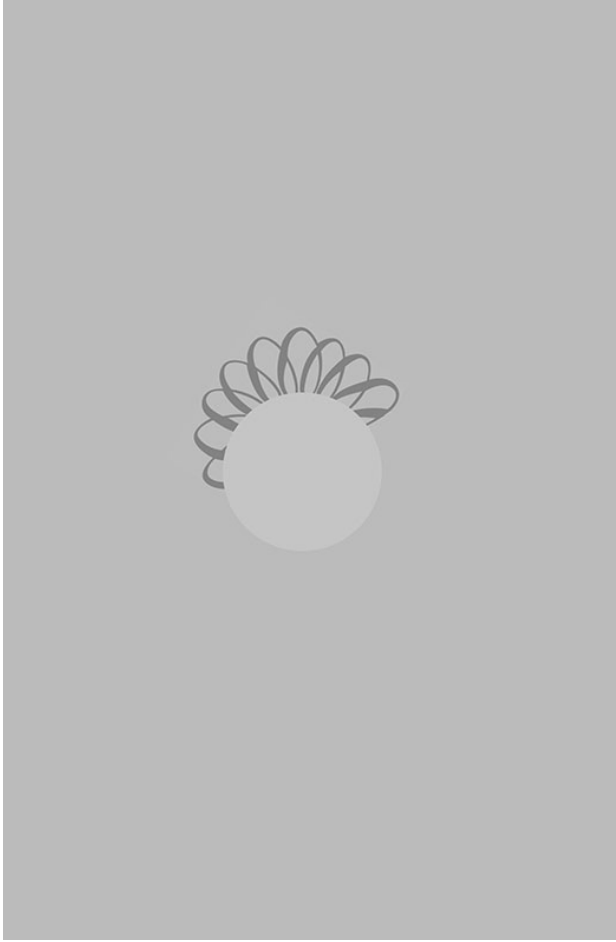
E, se considerardes a Itália, que é a sede e a origem destas revoluções, vereis que é ela como uma região sem diques e sem nenhuma barreira, e que, se fosse convenientemente protegida como a Alemanha, a Espanha e a França, ou as cheias não causariam as variações que há, ou mesmo não se teriam verificado. E com isso creio ter dito bastante acerca dos obstáculos que se podem opor à sorte, em geral.

Mas, restringindo-me aos casos particulares, digo que se vê hoje o sucesso de um príncipe e amanhã a sua ruína, sem ter havido mudança na sua natureza, nem em alguma das suas qualidades. Creio que a razão disso, conforme o que se disse anteriormente, é que, quando um príncipe se apoia totalmente na Fortuna, arruína-se segundo as variações daquela. Também julgo feliz aquele que combina o seu modo de proceder com as particularidades dos tempos e infeliz o que faz discordar dos tempos a sua maneira de proceder. Em relação aos caminhos que os levam à finalidade que procuram, isto é, glória e riquezas, costumam os homens proceder de modos diversos: um com circunspeção, outro com impetuosidade, um pela violência, outro pela astúcia, um com paciência, outro com a qualidade contrária, e cada um por estes diversos modos pode alcançar aqueles objetivos. Vê-se que, de dois indivíduos cautelosos, um chega ao seu desígnio e outro não, e do

mesmo modo, dois igualmente felizes, com dois modos diversos de agir, são um circunspecto e outro impetuoso, o que resulta apenas da natureza particular da época, e com a qual se conforma ou não o seu procedimento. Assim, como disse, dois agindo diferentemente alcançam o mesmo efeito, e, dois agindo igualmente, um vai direto ao fim e o outro, não. Disso dependem também as diferenças da prosperidade, pois se um se conduz com cautela e paciência e os tempos e as coisas lhe são favoráveis, o seu governo prospera e disso lhe advém felicidade. Mas, se os tempos e as coisas mudam, ele se arruína, porque não alterou o modo de proceder. Não se encontra homem tão prudente que saiba acomodar-se a isso, que por não se poder desviar daquilo a que a natureza o impele, quer porque, tendo alguém prosperado num caminho, não pode resignar-se a abandoná-lo. Ora, o homem circunspecto, quando chega a ocasião de ser impetuoso, não o sabe ser, e por isso se arruína, porque, se mudasse de natureza, conforme o tempo e as coisas, não mudaria de sorte. O papa Júlio II procedeu em todas as coisas impetuosamente e encontrou tanto o tempo como as coisas conforme àquele seu modo de proceder, de forma que sempre alcançou êxito. Considerai a primeira expedição que realizou em Bolonha quando ainda vivia “messer” Giovanni Bentivoglio. Os venezianos estavam contra o papa; o rei da Espanha, também. Enquanto ainda discutia com a França a respeito da expedição, começou a executá-la, pessoalmente, com violência e impetuosidade.

Essa atitude fez com que se mantivessem inativos a Espanha e os venezianos: estes, por medo, e aquela pelo desejo de recuperar todo o reino de Nápoles. De outro lado, fez-se seguir pelo rei da França, porque tendo visto que ele começara a mover-se e

desejando conservar a sua amizade para humilhar os venezianos, julgou não poder negar-lhe a sua gente sem com isso cometer uma injúria manifesta. Júlio realizou, portanto, com sua atitude impetuosa, o que nenhum outro pontífice, com toda a humana prudência, poderia realizar, pois se, para partir de Roma, esperasse ter todos os planos assentados e tudo organizado, como qualquer outro pontífice teria feito, jamais teria conseguido o que conseguiu, porque o rei da França teria arranjado mil desculpas e os outros lhe teriam infundido mil receios. Não quero falar das suas outras ações, todas iguais e todas felizes. A brevidade do seu reinado não lhe fez experimentar reveses; se chegasse o tempo de proceder com circunspecção, veríamos a sua ruína, pois que ele nunca se desviaria do rumo para o qual o impelia sua natureza. Concluo, portanto, por dizer que, modificando-se a sorte, e mantendo os homens, obstinadamente, o seu modo de agir, são felizes enquanto esse modo de agir e as particularidades dos tempos concordarem. Não concordando, são infelizes. Estou convencido de que é melhor ser impetuoso do que circunspecto, porque a sorte é mulher e, para dominá-la, é preciso bater-lhe e contrariá-la. E é geralmente reconhecido que ela se deixa dominar mais por estes do que por aqueles que procedem friamente. A sorte, como mulher, é sempre amiga dos jovens porque são menos circunspectos, mais ferozes e com maior audácia a dominam.



## CAPÍTULO XXVI

### EXORTAÇÃO AO PRÍNCIPE PARA LIVRAR A ITÁLIA DAS MÃOS DOS BÁRBAROS

Consideradas, pois, todas as coisas antes referidas, e pensando comigo mesmo se, na Itália, os tempos presentes poderiam prometer honras a um príncipe novo e se havia matéria que desse, a um que fosse prudente e valoroso, oportunidade de introduzir uma nova ordem que lhe trouxesse fama e prosperidade para o povo, pareceu-me que há tantas coisas favoráveis a um príncipe novo que não sei de época mais propícia para a realização daqueles propósitos. E como disse ter sido necessário, para que se conhecesse a virtude de Moisés, que o povo de Israel estivesse escravizado no Egito; para que se conhecesse a grandeza de alma de Ciro, que os persas estivessem oprimidos pelos medas; e para se conhecer o valor de Teseu, que os atenienses estivessem dispersos — assim, presentemente, querendo-se conhecer o valor de um príncipe italiano, seria necessário que a Itália chegasse ao ponto em que se encontra agora. Que estivesse mais escravizada do que os hebreus, mais oprimida do que os persas, mais desunida

que os atenienses, sem chefe, sem ordem, batida, espoliada, lacerada, invadida, e que houvesse, enfim, suportado toda sorte de calamidades. E, se bem que tenham surgido, até aqui, certas providências por parte de alguém, que se teria podido julgar fossem inspiradas por Deus, para a redenção do país, viu-se depois como, no mais alto curso de suas ações, foi abandonado pela fortuna. [84] Assim, tendo ficado como sem vida, espera a Itália aquele que lhe possa curar as feridas e ponha fim ao saque da Lombardia, aos tributos do reino de Nápoles e da Toscana, e que cure as suas chagas já há muito tempo apodrecidas. Vê-se que ela roga a Deus que envie alguém que a redima dessas crueldades e insolências dos estrangeiros. Vê-se, ainda, que se acha pronta e disposta a seguir uma bandeira, uma vez que haja quem a levante. E não se vê, atualmente, em quem ela possa esperar mais do que na vossa ilustre casa, a qual, com a fortuna e valor, favorecida por Deus e pela Igreja — a cuja frente está agora —, poderá constituir-se cabeça desta redenção. Isso não será muito difícil se vos voltardes ao exame das ações e vida daqueles de quem acima se fez menção. E, se bem que aqueles homens tenham sido raros e maravilhosos, foram, todavia, homens, e as ocasiões que tiveram — todos eles — foram menos favoráveis do que a presente: porque os seus empreendimentos não foram mais úteis do que estes nem mais fáceis, nem Deus foi mais amigo deles do que vosso. É muito justa esta minha asserção: *“Justum enim est bellum quibus necessarium, et via arma ubi nulla nisi armis spes est.”* [85] Aqui tudo está disposto favoravelmente; e onde isto se nota, não pode existir grande dificuldade para quem se dispuser a agir como aqueles que propus como exemplo. Além disso, veem-se aqui extraordinárias ações de Deus, como ainda não se teve exemplo: o mar se abriu,

uma nuvem revelou o caminho, da pedra brotou água, aqui choveu o maná; tudo concorreu para a vossa grandeza. O que resta a fazer é tarefa que a vós compete. Deus não quer fazer tudo, para não nos tolher o livre-arbítrio e parte da glória que nos cabe. E não é motivo para maravilhar-se se algum dos já mencionados italianos não pôde fazer aquilo que se pode esperar da vossa ilustre casa e se, em tantas revoluções da Itália, em tantos trabalhos de guerra, parecer sempre que a virtude militar se tenha extinguido no país. A razão disso está em que as antigas instituições políticas não eram boas e não houve ninguém que tivesse sabido arranjar outras; e nunca coisa nenhuma deu tanta honra a um governante novo como as novas leis e regulamentos que elaborasse. Quando estas são bem fundadas e encerram grandeza, fazem com que ele seja reverenciado e admirado: e na Itália não faltam motivos para a realização desse trabalho.

Aqui existe bastante valor no povo, embora faltem chefes. Observai, nos duelos e nos torneios, quanto os italianos são superiores em força, destreza e inteligência. Mas tratando-se de exércitos, essas qualidades não chegam a revelar-se. E tudo provém da fraqueza dos chefes, pois aqueles que sabem não são obedecidos, e todos pensam saber muito, não tendo aparecido até agora nenhum cujo valor ou fortuna seja de tanto realce que obrigue os outros a abrir-lhe caminho. É por isso que em tanto tempo, em tantas guerras que se fizeram nestes últimos vinte anos, todo exército exclusivamente italiano sempre se saiu mal. É o que atestam Taro, depois Alexandria, Cápuia, Gênova, Vailá, Bolonha, Mestre.

Querendo, pois, a vossa ilustre casa seguir o exemplo daqueles grandes homens e redimir suas províncias, é necessário, antes de

mais nada, como verdadeira base de qualquer empreendimento, prover-se de tropas próprias, porque não existem outras mais fiéis nem melhores. E, embora cada soldado possa ser bom, todos juntos irão se tornar melhores ainda, quando se virem comandados pelo seu príncipe e por ele honrados e bem tratados. É necessário, pois, preparar essas armas, para se poder defender dos estrangeiros com a própria bravura italiana. E, apesar de serem consideradas formidáveis as infantarias suíças e espanholas, ambas têm defeitos, de modo que uma terceira potência que se criasse poderia não somente opor-se mas ter confiança na vitória. Os espanhóis não podem fazer frente à cavalaria e os suíços deverão ter medo das forças de infantaria quando as encontrarem tão obstinadas, tão fortes quanto eles nos combates. Já se viu e há de se ver ainda que os espanhóis não podem fazer face a uma cavalaria francesa e os suíços serem derrotados pela infantaria espanhola. E se bem que deste último caso não se tenha tido exemplo direto, teve-se uma amostra na jornada de Ravena, quando a infantaria espanhola enfrentou a alemã, que usa a mesma tática da suíça: os espanhóis, valendo-se da sua agilidade, e com o auxílio dos seus escudetes, haviam-se posto debaixo das lanças dos alemães e estavam certos de vencê-los, sem que estes pudessem ter salvação. E se não fosse o auxílio da cavalaria, todos eles teriam sido chacinados, efetivamente. Pode-se, portanto, conhecendo os defeitos destas duas espécies da infantaria, organizar uma terceira que resista à cavalaria e não tema a sua igual. E disso resultarão a formação de uma geração de guerreiros e a mudança de métodos. E são essas coisas que, reorganizadas, dão reputação e grandeza a um príncipe novo.

Não se deve, portanto, deixar passar esta ocasião a fim de fazer com que a Itália, depois de tanto tempo, encontre um redentor. Não tenho palavras para exprimir o amor e entusiasmo com que seria ele recebido em todas as províncias que sofreram ataques e invasões estrangeiras, nem com que sede de vingança, com que lágrimas. Que portas se lhe fechariam? Que povos lhe negariam obediência? Que inveja se lhe oporia? Qual italiano seria capaz de lhe negar o seu favor? Já está fedendo, para todos, este domínio de bárbaros. Tome, pois, a vossa ilustre casa esta tarefa com aquele ânimo e com aquela fé com que se esposam as boas causas, a fim de que, sob o seu brasão, esta pátria seja enobrecida e sob os seus auspícios se verifique aquele dito do Petrarca:

*Virtù contro a furore*

*Prenderá l'arme; e fia il combatter corto;*

*Ché l'antico valore*

*Nelli italici cor non è ancor morto.* [\[86\]](#)

## APÊNDICE

### CARTA DE MAQUIAVEL A FRANCESCO VETTORI

*Magnifico oratori Florentino Francesco Vettori apud Summum  
Pontificem et benefactori suo.  
Romae.*

Magnífico embaixador. Tardas jamais foram as graças divinas. Digo isto porque me parecia não ter perdido, mas enfraquecido a vossa graça, tendo estado vós tanto tempo sem escrever-me e eu estava em dúvida de onde pudesse vir a razão. E a todas as que me vinham à mente dava eu pouca importância, salvo àquela porque duvidava não houvésseis deixado de escrever-me, porque vos houvesse sido escrito que eu não fosse bom conservador de vossas cartas; e eu sabia que, Filippo e Pagolo exclusive, outros por mim não as haviam visto. Tive pela última vossa de 23 do mês passado, pelo que fico contentíssimo por ver quão ordenada e sossegadamente desempenhais este ofício público e animo-vos a continuardes assim, porque quem deixa seus cômodos pelos dos outros perde os seus e daqueles não recebe satisfação. E como a

fortuna ordena todas as coisas, é preciso deixá-la fazer, deixar-se ficar e não lhe opor embaraço, e esperar o tempo em que ela consista aos homens fazer qualquer coisa e então vos ficará bem trabalhar mais, desvelar-se mais pelas coisas, e a mim partir da cidade e dizer: eis-me aqui. Não posso, portanto, desejando render-vos iguais graças, dizer-vos nesta carta outra coisa que não seja a minha vida, e se julgardes que deva trocá-la pela vossa, ficarei contente em mudá-la.

Permaneço na vila, e como seguiram aqueles meus últimos casos, não estive, para reuni-los todos, mais de vinte dias em Florença. Tenho, até agora, apanhado tordos à mão; levantava-me antes do dia, trabalhava à paina, afastava-me com um feixe de gaiolas sobre mim, que parecia o Geta quando ele voltava do porto com os livros de Anfitrião; apanhava pelo menos dois, no máximo seis tordos. E assim estive todo mês de setembro; depois este entretenimento, ainda que desprezível e estranho, faltou, com desgosto meu, e vos direi qual seja minha vida. Levanto-me de manhã com o sol e vou para um bosque meu onde mando fazer lenha, e ali fico duas horas a inspecionar as obras de véspera e a passar o tempo com os lenhadores, que têm sempre aborrecimento à mão ou entre si ou com os vizinhos. E a respeito deste bosque, eu vos teria a dizer mil belas coisas que me aconteceram, com Frosino da Panzano e com outros que queriam destas madeiras. E especialmente Frosino, que mandou buscar certas quantidades sem dizer-me nada, e ao pagamento queria reter dez liras, que dizia tinha a haver de mim faz quatro anos, que me ganhou no jogo de *cricca* em casa de Antônio Guicciardini. Comecei a fazer o diabo, querendo acusar de ladrão o carroceiro, que ali fora mandado por ele, *tandem* Giovanni Maquiavel entrou no meio e nos pôs de acordo. Battista Guicciardini,

Filippo Ginorio, Tommaso del Bene e certos outros cidadãos, quando aquela ventania soprava, cada um me encomendou uma medida. Prometi a todos e mandei uma a Tommaso, a qual voltou a Florença pela metade, porque para medir havia ele, a mulher, a criada, os filhos, que pareciam o Gabbura quando na quinta-feira com seus rapazes bate num boi. De maneira que, visto em quem estava o lucro, disse aos outros que não tenho mais madeira; e todos disso fizeram questão importante, e especialmente Battista, que enumera esta entre as outras desgraças de Prato.

Saindo do bosque, vou à fonte, e daqui à caçada; tenho um livro comigo, ou Dante ou Petrarca, ou um destes poetas menores, como Tibulo, Ovídio e semelhantes: leio aquelas suas amorosas paixões e aqueles seus amores, lembro-me dos meus, comprazo-me neste pensamento. Vou depois à hospedaria, à beira da estrada, falo aos que passam, pergunto pelas novas das suas terras, ouço uma porção de coisas e noto os vários gostos e diversas fantasias dos homens. Chega enquanto isso a hora de jantar e, com a minha gente, como o que esta minha pobre vila e fraco patrimônio comportam. Terminada a refeição, volto à hospedaria onde está o estalajadeiro e, ordinariamente, encontro-me com um açougueiro, um moleiro, dois forneiros. Com estes eu me entretenho o dia todo jogando *cricca*, *tric-tac*, e depois daí nascem mil contendas e infinitas insolências e injúrias e o mais das vezes se disputa um “quattrino” e somos ouvidos, não raro, a gritar, de San Casciano. Assim mergulhado nesta piolheira, estou com a cabeça mofada, desafogo a malignidade do meu destino, e até me contentaria em que me encontrásseis nesta estrada, para ver se ele se envergonha.

Chegando a noite, de volta a casa, entro no meu escritório: e na porta dispo as minhas roupas quotidianas, sujas de barro e de lama,

e visto as roupas de corte ou de cerimônia, e, vestido decentemente, penetro na antiga convivência dos grandes homens do passado; por eles acolhido com bondade, nutro-me daquele alimento que é o único que me é apropriado e para o qual nasci. Não me envergonho de falar com eles, e lhes pergunto da razão das suas ações, e eles humanamente me respondem; e não sinto durante quatro horas aborrecimento algum, esqueço todos os desgostos, não temo a pobreza, não me perturba a morte: transfundo-me neles por completo. E, como disse Dante, não pode a ciência daquele que não guardou o que ouviu — noto aquilo de que pela sua conversação fiz cabedal e compus um opúsculo *De principatibus*, onde me aprofundo quanto posso nas cogitações deste tema, debatendo o que é principado, de que espécies são, como eles se conquistam, como eles se mantêm, por que eles se perdem; e se vos agradou alguma vez alguma fantasia minha, esta não vos deveria desagradar; e um príncipe, e máxime um príncipe novo, deveria recebê-lo com prazer; portanto eu o dedico à magnificência de Juliano. Filippo Casavecchia o viu; poder-vos-á pôr a par em parte e da coisa em si, e dos argumentos que tive que suprimir, se bem que ainda eu o aumente e corrija.

Vós desejaríeis, magnífico embaixador, que eu deixasse esta vida e fosse gozar convosco a vossa. Eu o farei de qualquer maneira, mas o que me tenta agora são meus negócios certos, que dentro de seis semanas terei concluído. O que me deixa em dúvida é que estão aí aqueles Soderini, aos quais seria forçado, indo aí, a visitá-los e a falar-lhes. Duvidaria que ao meu regresso eu não me pudesse apeiar em casa, e descavalgasse no Bargello, porque, embora este Estado tenha fortíssimas bases e grande segurança, *tamen* ele é novo, e por isto duvidoso, nem aí faltam sabichões que,

para aparecer, como Pagolo Bertini, prejudicariam a outros e me deixariam as preocupações. Rogo-vos que tranquilizeis este meu temor, e depois irei no tempo mencionado a visitar-vos de qualquer modo.

Falei com Filippo sobre este meu opúsculo, se seria conveniente dá-lo a público ou não; caso conviesse, se seria bom que eu o levasse ou que o mandasse. Se o não desse fazia-me duvidar de que não só Juliano não o lesse, mas também de que este Ardinghelli se fizesse as honras deste meu último trabalho. Se o desse me satisfazia a necessidade que me prende, porque eu me estou consumindo e não posso ficar assim por mais tempo sem me tornar desprezível por pobreza. Ainda desejava muito que estes senhores Médici começassem a se lembrar de mim se tivessem que começar a fazer-me voltar uma pedra; porque, se depois não ganhasse o seu favor, eu mesmo me lamentaria, pois que, quando lido o livro, veria-se que, durante os 15 anos em que estive em estudo da arte do Estado, não dormi, nem brinquei; e deveria a cada um ser caro servir-se daquele que à custa de outros fosse cheio de experiência. E da minha fé não se deveria duvidar, porque tenho sempre observado a fé, não vou agora rompê-la; e quem foi fiel e bom 43 anos, que eu tenho, não deve poder mudar sua natureza; e da minha fé e bondade é testemunho a minha pobreza.

Desejaria, portanto, que ainda me escrevêsseis aquilo que sobre esta matéria vos pareça, e a vós me recomendo. *Sis felix.*

*Die 10 Decembris 1513.  
NICOLAU MAQUIAVEL,  
em Florença.*

## GLOSSÁRIO DE NOMES

**Agátocles** (317-289 a.C.). Príncipe de Siracusa. Venceu os cartagineses na África.

**Alberico da Barbiano.** Conde de Cunio. Foi o primeiro “condottiere” de tropas mercenárias, a “Companhia de S. Jorge”, que combateu a favor do papa Urbano VI. Morreu em 1409.

**Albinus, Decius Claudius.** Comandante das legiões nas Gálias, derrotado por Septimius Severus, proclamado imperador pelas legiões do Danúbio.

**Alexandre, o Grande** (356-323 a.C.). Rei da Macedônia, estendeu pela Ásia o seu império.

**Alexandre Severo.** Imperador romano, último da dinastia dos Africanos, morto pela soldadesca, numa sublevação no Reno.

**Alexandre VI, papa.** Rodrigo Bórgia, nascido em 1º de janeiro de 1431, em Xativa, perto de Valência (Espanha), era sobrinho do papa Calisto III e estudou leis em Bolonha. O tio de Rodrigo o fez sucessivamente bispo e cardeal, vice-chanceler da Igreja. Em 25 de julho de 1492, morria o papa Inocêncio VIII. Reunido o conclave em 6 de agosto, a eleição do novo papa assumiu as proporções de um jogo de bolsa, tal era o negócio que se fazia com os votos dos cardeais. Os banqueiros de Roma forneciam o dinheiro para a luta entre os três candidatos mais prováveis: Giuliano della Rovere, apoiado pela França, Ascânio Sforza, irmão de Ludovico, o Mouro, e Rodrigo Bórgia, que, afinal pela compra dos votos de Ascânio, ganhou a partida. Rodrigo Bórgia, riquíssimo, comprara, à exceção de cinco, todos os votos do conclave. Ao papa Inocêncio, sucedeu com o nome de Alexandre VI, o pontífice que passou à história pela fama dos seus crimes. É assim que Pasquale Villari retrata Alexandre VI: “(...) e se bem que não conseguisse sempre dominar as suas paixões, deixando muito facilmente ver-se o seu pensamento, sabia ser, no entanto, ao mesmo tempo, simulador e dissimulador impenetrável. Não era homem de muita energia nem de

propósitos firmes: tergiversava por natureza e por sistema”. “A firmeza e a energia que lhe faltavam ao caráter eram, porém, supridas pela constância das más paixões que o cegavam.” “Ambiciosíssimo de dinheiro, procurava-o por todos os meios e o gastava largamente. A paixão pelas mulheres o dominava sobre tudo; amava loucamente os filhos e queria fazê-los poderosíssimos.” (*Niccolò Machiavelli e Suoi Tempi*, I. cap. VI.) Alexandre VI morreu em 18 de agosto de 1503. No dia seguinte, o seu corpo foi exposto, conforme o costume, em S. Pedro. “Foi o mais feio, monstruoso e horrendo cadáver jamais visto”, diz o embaixador de Veneza, Antônio Giustiniano, “não tinha forma nem figura humana.” Conservaram-no coberto e no mesmo dia o sepultaram quase clandestinamente, de temor da cólera do povo.

**Amboise (D'), Georges** (†1510). Cardeal de Ruão, conselheiro político de Luís XII que o fez governador da Lombardia. O cardeal impôs a Milão um tributo de guerra de trezentos mil ducados sob pretexto de que “era melhor tributar que saquear”.

**Amílcar Barca.** Chefe do exército cartaginês na Sicília.

**Aníbal.** General cartaginês, filho de Amílcar Barca. Comandou os exércitos de Cartago contra Roma.

**Antíoco III, da Síria.** Da dinastia dos Selêucidas, este príncipe projetou restaurar o poderio dos seus antepassados. Concluiu, em 202 a.C., uma aliança com Filipe da Macedônia. Conquistou Éfeso (197 a.C.) e, transpondo o Helesponto, ocupou Sestos e Lismáquia, na Trácia, entrando assim em conflito com Roma. Aníbal, refugiado na corte selêucida, instigava a formação de uma vasta coligação mediterrânea antirromana (Síria, Cartago, Macedônia e os insurretos da Espanha). Antíoco foi completamente batido em Magnésia (189 a.C.) pelos exércitos romanos.

**Aqueus.** A Liga Aqueia, a qual, fundada em 281 a.C., estendeu a sua influência por quase toda a Grécia, tendo por fito combater as tiranias locais e resistir à hegemonia da Macedônia.

**Aquiles.** Herói da mitologia grega. Filho de Peleu e Tétis, participou da Guerra de Troia.

**Baglioni, Giovan Paolo.** Senhor de Perúgia, tomou parte na conspiração de La Maggione contra César Bórgia, que o expulsou (6 de janeiro de 1503).

**Bentivoglio.** Nome da casa dos senhores de Bolonha. Em 1445, Batista Canneschi, da família Canneschi, poderosa rival, assassinou Annibale Bentivoglio e proclamou-se partidário do duque de Milão com o apoio de quem desejava galgar o poder. Giovanni Bentivoglio foi expulso de Bolonha pelo papa Júlio II em 1506, mas o seu filho, o segundo Annibale Bentivoglio, voltou e governou de 1511 a 1512.

**Bispo Lucas Rainaldi.** Embaixador do imperador Maximiliano.

**Bracceschi.** Os partidários de Braccio, rivais dos “Sforzeschi”.

**Braccio di Montone, Andrea** (1368-1424). “Condottiere”. (Ver *Joana II, de Nápoles.*)  
**Camerino (senhor de)**. Giulio Cesare de Varano, feito prisioneiro por César Bórgia (1502) na conquista da Romanha.

**Canneschi**. Família bolonhesa, rival dos Bentivoglio.

**Caracala, Antonius** (211-217). Imperador romano, filho de Septimius Severus.

**Carlos VII** (1422-1461). Rei da França. Pôs termo à Guerra dos Cem Anos, libertando a França da Inglaterra. Organizou o primeiro núcleo do exército nacional francês.

**Carlos VIII**. Rei da França. Invadiu a Itália em 1494, sem encontrar resistência. Nos primeiros dias de março, fez o rei entrada solene em Lião para assumir o comando dos exércitos, cuja vanguarda era comandada por D’Aubigny. Apenas começado o assédio de Sarzana, Piero de Médici rendeu-se incondicionalmente. Florença rebelou-se e Piero fugiu para Veneza. Em 17 de novembro, os franceses entraram na cidade, donde saíram no dia 28, depois de receber um tributo em dinheiro. Em Roma, sob a pressão dos exércitos franceses, o papa Alexandre nomeou cardeal o bispo de S. Malô e concordou em que os franceses avançassem para Nápoles. Aí, Afonso de Aragão renuncia ao trono e foge para a Sicília. Os franceses entram na cidade em 22 de fevereiro de 1495. Os venezianos tomaram então a iniciativa de expulsar os franceses da Itália. A “Liga de Veneza” (Veneza, Milão, Espanha, o imperador da Alemanha e o papa), formada contra ele, forçou-o, depois da batalha indecisa de Fornovo, ou Taro (6 de julho de 1495), a voltar à França. Em 1496, pela intervenção de Fernando, rei da Espanha, os franceses deixaram definitivamente o território de Nápoles. Carlos VIII personifica o início da política francesa de conquista. Até Luís XI a política da França se reduzia à luta contra vassalos poderosos e pela unidade nacional. A conquista da Itália representava para os franceses a hegemonia no Mediterrâneo.

**Carmagnola (conde de), Francesco Bussone** (1390-1432). Combateu por Filippo Maria Visconti, duque de Milão, passando depois, em 1425, ao serviço de Veneza, e chegou a comandar os exércitos de Florença e Veneza, aliadas contra Milão. As forças milanesas, comandadas por Francesco Sforza, foram desbaratadas por Carmagnola em Maclódio (1427). Os venezianos, suspeitando de Carmagnola, tiraram-lhe o comando e o executaram.

**César Bórgia** (1475-1507). Filho de Alexandre VI. Foi criado cardeal de Valência (Espanha) em 1493. Tendo abandonado a carreira eclesiástica, foi feito, pelo rei da França, duque de Valentinois (donde lhe veio o nome que o povo lhe dava, de “Duque Valentino”), quando foi à França levar a bula de anulação do casamento de Luís XII e o chapéu cardinalício para Georges d’Amboise, arcebispo de Ruão (setembro 1498). Logo depois da entrada dos franceses em Milão (outubro 1499), César Bórgia tomou Imola e Forli,

domínios de Caterina Riario Sforza; em 1500, apoderou-se de Rimini (Pandolfo Malatesta) e Pesaro, governada por Giovanni Sforza; em 1501, Faenza (Astorre Manfredi) e Piombino caem sob o seu poder; em 1502, Urbino (Guidobaldo da Montefeltro), Camerino (Giulio Cesare da Varano) e Sinigaglia (Francesco Maria della Rovere). A esse tempo, assumiu os títulos de duque da Romanha, de Valença e d'Urbino, príncipe de Andria, senhor de Piombino, gonfaloneiro e capitão-general da Igreja. A queda de Urbino ameaçava Florença, que apelou para o auxílio dos franceses. Valentino desistiu assim da conquista de Florença. Depois reconciliou-se com Luís XII e empreendia a conquista de Bolonha quando diversos capitães seus, na maior parte pequenos tiranos da Itália central, atemorizados pelos seus progressos, tramaram uma conspiração, dirigida pelos Orsini. Os conjurados, reunidos em La Maggione, combinaram uma liga contra Valentino, chegando as suas tropas a tomar o forte de S. Leão de Urbino e chamaram em seu socorro a República de Florença (1502). As tropas de Valentino foram derrotadas pelos Orsini em Fossombrone. Aquele pediu, então, o auxílio dos franceses, enquanto Florença recusava auxiliar os conspiradores, chegando-se assim a um compromisso de paz, firmado entre o duque e Paolo Orsini. Valentino, pouco depois, vingou-se cruelmente destes. Morto Alexandre VI (agosto, 1503), Valentino deixa Roma para negociar o apoio dos franceses. Sua situação era má. Os Orsini, os Colonna, Gonsalvo, o comandante das forças espanholas no sul, tinham feito aliança contra ele. Rebentaram rebeliões em todas as cidades que conquistara. Voltando a Roma sem ter obtido o auxílio de Luís XII, Valentino viu-se obrigado, por causa da hostilidade dos Orsini, a refugiar-se no Castelo de Santo Ângelo. Também Júlio II, eleito papa com o apoio de Valentino, pôs-se em campo contra este, que estava virtualmente prisioneiro do papa. Em agosto de 1504, foi embarcado para a Espanha, mas, em 1506, tendo escapado, refugiou-se na França. Combateu ao lado do seu cunhado, o rei de Navarra, contra Castela, tendo sido morto, numa escaramuça, em 12 de março de 1507. "Valentino não era grande político nem grande capitão, mas uma espécie de capitão de bando cuja força procedia principalmente do papa e da França. Soubera criar um Estado do nada, inspirando terror a todos, enfim, ao próprio papa. Rodeado de grande número de inimigos poderosos e armados, livrou-se deles com grande audácia e arte infernal." (P. Villari, *op. cit.*, I, cap. V.)

**Cipião (Publius Cornelius Scipio).** General romano, vencedor de Aníbal, já tinha destruído o domínio cartaginês na Espanha, quando, reforçado por Massinissa, príncipe berbere aliado de Roma, desembarcou com quarenta mil homens, na África. Pela vitória de Zama ou Narragara (202 a.C.), os romanos aniquilaram definitivamente o império cartaginês.

**Ciro** (599 a.C.). Fundador da monarquia persa.

**Colleoni da Bergamo, Bartolomeo** (1400-1475). Célebre “condottiere”, chefe dos exércitos de Veneza. Derrotado por Francesco Sforza, em Caravaggia, em 1448.

**Colonna.** Família romana rival dos Orsini.

**Colonna, Cardeal Giovanni.** Inimigo do papa Clemente VII, assaltou e saqueou Roma (1526).

**Commodus Aurelius** (180-192 a.C.). Imperador romano, filho de Marco Aurélio, a quem sucedeu. Foi assassinado.

**Dario I** (521-486 a.C.). Rei da Pérsia. Submeteu a Trácia e a Macedônia.

**Dario III** (337-330 a.C.). Derrotado por Alexandre.

**Davi.** Rei de Israel.

**D’Este.** Nome de família dos duques de Ferrara. 1) Ercole I d’Este (1471-1505), que foi derrotado pelos venezianos (1482-1484); 2) Afonso I d’Este (1505-1534), que foi desapossado de quase todos os seus domínios pelo papa Júlio II (durante a guerra movida por este contra a França (1510-1511)). A casa de Ferrara era talvez a mais antiga casa reinante na Itália.

**Dido.** Rainha de Cartago.

**Epaminondas.** General tebano, futor máximo da hegemonia de Tebas sobre a Grécia. Morreu na batalha de Mantinea (362 a.C.), onde os seus exércitos tiveram a vitória, contudo.

**Etólios.** Constituída em 314 a.C., a Liga Etólia compreendia, além deste povo, grande parte dos povos da Grécia central, da Acarnânia à Tessália meridional, chegando a granjear adesões no Peloponeso e nas cidades ultramarinas. Para intervir na Grécia, Roma explorou as rivalidades locais dos povos helênicos e, assim, formou uma aliança com os etólios e espartanos, para aniquilar o poderio da Macedônia, de quem era aliada a Liga Aqueia. A Liga Etólia foi dissolvida em 189 a.C.

**Fabius Maximus.** Ditador romano no tempo da Segunda Guerra Púnica. Passou à história com o cognome de *Cunctator* pela sua tática temporizadora para com os exércitos de Aníbal, que saquearam durante quase um ano a península Itálica, sem que os romanos lhes fizessem frente.

**Faenza (senhor de).** Astorre Manfredi, filho de Galeotto Manfredi, assassinado com a conivência da mulher, da casa dos Bentivoglio, de Bolonha, que esperavam dominar Faenza. Pela intervenção de Florença foi assegurado o governo a Astorre, menino ainda.

**Fernando, o Católico.** Rei de Espanha (1469-1516). Com o casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela, começa um novo período da história da Espanha. Com a conquista de Granada aos mouros, e da Navarra, completou-se a unidade nacional e expandiu-se a força da Espanha como potência europeia. Fernando interveio na Itália para

fazer valer os seus direitos sobre o reino de Nápoles. Luís XII, da França, firmou, em 1500, com o rei católico um tratado secreto pelo qual foi convencionada entre os dois a conquista do reino de Nápoles, governado, então, por Frederico de Aragão. A partilha prevista no tratado consignava a parte norte do reino a Luís e a parte sul a Fernando. Os franceses, sob o comando de D'Aubigny, marcharam em 1501, sobre a Itália; os aliados romperam o pacto, e os franceses foram derrotados pelos espanhóis, na batalha de Cerignola (1503). Derrotados, pela segunda vez no Garigliano, os franceses desistiram da conquista, e o Tratado de Blois sancionou a posse do reino de Nápoles pela coroa de Espanha (1504).

**Filipe.** Rei da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande. Pela vitória de Queroneia, tornou-se árbitro de toda a Grécia.

**Filipe V, da Macedônia** (221-179 a. C.). Aliado de Aníbal contra os romanos, derrotado pelo côsul Flaminius na batalha de Cinocéfalos (179 a.C.).

**Filopêmenes** (182 a.C.). Chefe do partido nacional grego, que resistiu durante toda a sua vida ao regime de protetorado romano sobre a Grécia.

**Forli (senhora de).** Caterina Sforza, neta de Francesco Sforza, filha ilegítima de Galeazzo Mario Sforza, casou-se com o senhor de Forli, Girolamo Riario, sobrinho do papa Xisto IV. Em 1488, Girolamo foi vítima de uma conspiração. Caterina, usando do estratagema de prometer aos conspiradores que iria induzir as tropas do Castelo de Forli a render-se, conseguiu juntar-se a elas e aí resistiu até chegarem reforços mandados por seu tio, Ludovico, o Mouro, duque de Milão. Em 1499, a população revoltou-se contra Caterina, que resistiu no castelo, até janeiro de 1500, quando César Bórgia atacou Forli.

**Gracos.** Tiberius Sempronius Gracchus e seu irmão Caius, tribunos romanos, chefes da plebe, mortos, respectivamente, em 133 e 121 a.C.

**Guido Ubaldo** ou **Guidobaldo da Montefeltro.** Duque de Urbino, foi expulso por Valentino em julho de 1502, mas conseguiu voltar com o apoio dos Orsini e dos Vitelli. Tendo entrado na conspiração de La Maggione contra Valentino, escapou à vingança deste fugindo para Veneza. Depois do declínio dos Bórgia, voltou para o seu ducado, morrendo em 1508.

**Hawkwood (Sir John).** Cavaleiro inglês que se tornou "condottiere" na Itália. Em 1363, pertenceu à "Companhia Branca", na luta de Pisa contra Florença, permanecendo fiel àquela quando a Companhia passou ao serviço dos florentinos. Depois, em 1390, combateu por Florença contra Milão, tendo sido obrigado a bater em retirada diante das forças de Giovan Galeazzo Visconti, duque de Milão. Morreu em Florença, em 1394.

**Heliogábalo.** Imperador romano, sobrinho e sucessor de Caracala.

**Hierão** (306-214 a.C.). Tirano de Siracusa.

**Joana II, de Nápoles.** Sucedeu ao seu irmão Ladislau, morto em 1414. Casou-se com Jaime de Bourbon, sob a condição de contentar-se ele com o título de príncipe de Taranto. Marido e mulher desavieram-se, e enfim Joana reinou sozinha, tendo tomado a soldo o “condottiere” Múzio Attendolo Sforza da Gotignola. Em 1420, Joana adotou como filho Afonso de Aragão, pois Múzio tentara usurpar-lhe o trono. A rainha tomou a seu serviço Braccio di Montone. Mas Afonso rompeu com a rainha, e Braccio o seguiu. Esta apela mais uma vez para Sforza, que expulsa Afonso de Nápoles.

**Julianus, Marcus Ovidius** (193). Imperador romano.

**Júlio II, papa (Giuliano Della Rovere).** Cardeal de S. Pietro “ad vincula”, eleito papa, em 1503, depois do efêmero reinado de Pio III, sucessor de Alexandre VI, com o apoio de César Bórgia, de quem tinha sido adversário. Nascido em Savona, de origem humilde, tinha sessenta anos, quando foi levado ao papado. Riquíssimo por ter passado por muitos bispados, era homem sem muitos escrúpulos. Tinha a obsessão da potência e grandeza da Igreja. De caráter impetuoso e violento, contrário ao dos Bórgia, adversário implacável destes, não hesitou, porém, em combinar com Valentino a própria eleição, prometendo deixar-lhe o governo da Romanha. Júlio II, para alargar o poderio da Igreja, empreendeu a guerra contra Veneza, organizando, em dezembro de 1508, a Liga de Cambrai, com Maximiliano, imperador da Alemanha, os reis da França, da Espanha e da Inglaterra, os duques de Saboia e Ferrara, e o marquês de Mântua. Na batalha de Vailá (Agnadello), em 19 de maio do ano seguinte, os venezianos foram completamente derrotados pelos franceses, tendo estes ocupado grande parte da Lombardia, e as tropas imperiais avançado sobre Verona, Vicenza e Pádua. O papa apoderou-se da Romanha e das margens do Adriático. Com a retirada de Luís XII da Liga, Veneza recobrou Pádua e Vicenza. O papa, fazendo-se amigo de Veneza, dirigiu-se, em 1510, contra o duque de Ferrara, mas este, com o auxílio dos franceses, derrotou as tropas papais perto de Imola e entrou em Bolonha. Júlio II, para anular a influência da França na península, organizou depois, com a Espanha, Veneza e a Inglaterra, a “Santa Liga”. Abriu-se nova campanha, em 1512, sendo os franceses vitoriosos em Ravena, sob o comando de Gaston de Foix. Não obstante, por pressão da infantaria suíça, os franceses foram obrigados a retirar-se de Milão e abandonar, pouco depois, o território italiano, definitivamente vencidos que foram, em Novara. O papa voltou-se contra Veneza e, aliado à Espanha e Milão, derrotou os exércitos venezianos, na batalha de Vicenza. Sobre as ações de Júlio II, lembre-se a passagem de P. Villari (*op. cit.*, I, cap. XV) que as resume assim: “Não libertara (o papa) a Itália dos estrangeiros. Ao contrário, por obra sua estava ela ocupada, pisada por alemães, espanhóis e suíços; mas tinha expulso os franceses, frustrado o Conciliábulo (de Pisa), reunido o concílio lateranense, estendido e reforçado o domínio temporal da Igreja, a cujas

armas dera reputação, feito de Roma o centro principal dos negócios da Itália e do mundo. A esse ponto, caía doente e morria em 20 de fevereiro de 1503. 'Digno de grande glória', disse Guicciardini, 'se, em vez de ser papa, tivesse sido príncipe secular.'

**Leão X, papa (cardeal Giovanni de Médici)** (1475-1521). Voltando os Médici a Florença, o primeiro cuidado do cardeal foi reformar o governo, no sentido de voltar o estado de coisas existente sob Lorenzo, o Magnífico, isto é, sob a aparência das velhas instituições republicanas, o governo era controlado pelos Médici, que se intitulavam patronos da república. Um contemporâneo diz: "Reduziu-se a cidade a não fazer senão a vontade do cardeal de Médici." À morte de Júlio II, formou-se no conclave um partido dos cardeais novos para elevar o cardeal de Médici ao papado. Adversário dos franceses, favorito do papa defunto, liberal até a prodigalidade, letrado e de feitio diplomático, era um candidato já de antemão vencedor. Foi eleito a 1º de março de 1513 com o nome de Leão X.

**Liverotto de Fermo (Oliverotto Effreducci de Fermo)**. Um dos que, sob a direção dos Orsini, conspiraram contra César Bórgia. Forçado pelas circunstâncias a entrar em entendimentos com os conspiradores, Valentino não se vingou imediatamente, mas, pouco depois, Oliverotto foi estrangulado em Sinigaglia (31 de dezembro de 1502).

**Luís XI**. Rei da França (1461-1483). Iniciador da unidade nacional francesa.

**Luís XII**. Rei da França. À morte de Carlos VIII (1498), extinguiu-se o ramo primogênito dos Valois. Sucedeu-lhe no trono o duque de Orleans, com o nome de Luís XII. A casa de Orleans, pelas suas ligações com os Visconti, tinha pretensões ao ducado de Milão, e isso foi pretexto para que Luís XII continuasse a política de Carlos VIII, de conquista da Itália. Subindo ao trono, Luís repudiou a irmã de Carlos VIII para casar com a rainha viúva Ana de Bretanha. A anulação do casamento com aquela foi conseguida de Alexandre VI, Bórgia, em troca do apoio da França à conquista da Romanha pelo papa, que fez ainda cardeal ao arcebispo de Ruão, conselheiro do rei. Luís XII aliou-se, em 1499, a Veneza para a conquista do ducado de Milão, que deveria ser repartido entre ambos. A França mandou contra Ludovico, o Mouro (Sforza), que governava Milão, um grande exército, sob o comando de Gian Giacomo Trivulzio, milanês, com que se apoderou de Milão, enquanto os venezianos ocupavam o resto dos domínios do ducado. Ludovico refugiou-se na Alemanha, donde voltou à frente de um exército de suíços e alemães, reentrando em Milão em 1500, com o apoio da população descontente com o governo de Trivulzio. Mas, traído pelos suíços, na batalha de Novara, contra os franceses, no mesmo ano, o Mouro foi capturado e enviado para a França, onde morreu, dez anos depois. Luís XII impôs a Milão e às outras cidades pesados tributos de guerra e prometeu a Florença auxílios para a conquista de Pisa, que resistiu ao ataque. O rei rompeu com os florentinos, pois desvaneceram-se as suas esperanças de fazer com que a República pagasse uma parte

das despesas do exército francês. Com os venezianos rompeu depois, entrando na Liga de Cambrai, organizada contra Veneza. Júlio II levantou-se contra o domínio da França na Itália, depois de ter seguido no começo do seu papado a política dos Bórgia, simpática aos franceses. Luís XII tenta reunir um concílio (Conciliábulo de Pisa) que lhe dê licença de fazer guerra ao papa. (Ver *Alexandre VI*, *César Bórgia* e *Júlio II*.) Ao fim do seu reinado, porém, chegou-se ao papa, renunciando ao Conciliábulo de Pisa e submetendo a Igreja galicana ao concílio lateranense. Aliás, já Leão X sucedera a Júlio II. Luís XII morreu em 1515, aos 53 anos, pouco depois de ter-se casado com Maria de Inglaterra, jovem de 16 anos.

**Macrinus** (217-218). Imperador romano.

**Marcus Aurelius** (161-180). Imperador romano.

**Marranos.** Os mouros e judeus, que passavam ao cristianismo para evitar a perseguição, eram assim chamados na Espanha.

**Maximiliano I.** Imperador da Áustria (1493-1519). Filho de Frederico III. Rival das casas reinantes da Espanha. Genro de Carlos, o Temerário, disputou à coroa da França a sucessão deste ao ducado da Borgonha.

**Maximinus, Julius Verus** (225-228). Imperador romano. À morte de Alexandre Severo, inaugura-se a anarquia militar, personificada pelo trácio Maximino, que nem se deu ao trabalho de ir a Roma pedir ao Senado a sua confirmação. Toda a Itália aderiu à insurreição começada na África. Embora assassinado Maximino pelos seus próprios soldados, não pôde ser assegurada a vitória da unidade do Império.

**Médici.** Família que dominou em Florença desde o último quartel do século XIV. Viveram contemporaneamente com Maquiavel e são referidos em *O príncipe* os três filhos de Lorenzo, o Magnífico, dos quais dizia o pai que o primeiro (Piero) era louco, o segundo (Giovanni), esperto, e o terceiro (Giuliano), bom.

**Médici, Giovanni de.** Ver *Leão X, papa*.

**Médici, Giuliano de.** Depois da eleição de Leão X, Giuliano foi feito capitão e gonfaloneiro da Igreja, sendo recebido em Roma com grandes festas. Tornou-se pelo seu casamento duque de Nemours e aliou-se, desde então, ao governo de Florença. “Dado aos prazeres além da medida, e por isso fisicamente enfraquecido, era de índole fantástica, que lhe fazia perder tempo na investigação do futuro; não lhe faltavam, porém, vagas e, às vezes, grandes ambições, nem impulsos generosos” (P. Villari, *op. cit.*, cap. XVI). Recusou o ducado de Urbino, oferecido pelo irmão papa. Terminado *O príncipe*, Maquiavel pensou em dedicá-lo a Giuliano, mas hesitou em fazê-lo, até que sobreveio a morte deste (1516), e endereçou então a Lorenzo a carta escrita a Giuliano.

**Médici, Lorenzo de** (1492-1519). Filho de Piero e sobrinho de Giovanni e Giuliano. Sucessor do duque de Urbino, desapossado por Leão X, que conseguiu depois o casamento de Lorenzo com Madalena de Latour d'Auvergne, da casa real da França (1518). A viagem nupcial de Lorenzo revestiu-se dum fausto que recordava a viagem de César Bórgia à França. Dócil instrumento do papa, que pensava instituir um Estado para Lorenzo, formado de Módena e Parma. O breve governo de Lorenzo em Florença encheu de esperanças a cidade, mas, doente e cansado, foi para Roma, onde morreu, poucos dias depois do nascimento de uma filha a qual foi depois rainha da França (Catarina de Médici).

**Médici, Piero de.** Sucedeu ao *Magnífico* no governo de Florença (1492). Tirano odioso, cuja conduta covarde por ocasião da invasão dos franceses lhe valeu o desprezo unânime dos florentinos. Morreu afogado na passagem do Garigliano (1503).

**Nábis** (205-192 a.C.). Tirano de Esparta.

**Orsini.** Nome de uma das duas mais poderosas famílias de Roma. As lutas dos Orsini com os Colonna foram utilizadas pelos Bórgia em proveito do seu próprio poderio. Os Orsini quiseram fazer frente aos planos de dominação de César Bórgia e foram os principais instigadores da conspiração de La Maggione. Faziam parte da liga contra Valentino o cardeal Orsini, o duque de Gravina, Paolo e Frangiotto, todos membros da família. O cardeal, prisioneiro no Castelo de Santo Ângelo, foi envenenado a mando do papa; Valentino atraiu os outros a Sinigaglia, onde os mandou estrangular.

**Orsini, Niccolò (conde de Pitigliano)** (1442-1510). Comandante das forças de Veneza, derrotado na batalha de Vailá (Agnadello).

**Pesaro (senhor de).** Giovanni di Costanzo Sforza, primeiro marido de Lucrecia Bórgia.

**Pescennius Niger.** Proclamado imperador pelas legiões romanas, em Antióquia, foi derrotado em Niceia por Septimius Severus e executado (195).

**Petrucchi, Pandolfo.** Senhor de Siena, depois de ter mandado assassinar o sogro, Niccolò Borghese. Em 1503, entrou em luta com Valentino, sendo por este expulso de Siena, mas repostado logo depois com o apoio de Luís XII.

**Piombino (senhor de).** Jacopo degli Appiani, que fugiu à aproximação das forças de Valentino, as quais ocuparam a cidade (1501).

**Pirro** (277 a.C.). Rei do Epiro. Conquistou a Sicília por pouco tempo.

**Quíron.** Segundo a mitologia grega, centauro preceptor de Hércules e de Aquiles.

**Ramiro de Orco.** Mordomo de César Bórgia, foi por este último feito governador da Romanha (1501), juntamente com Giovanni Olivieri.

**Riario di Savona, cardeal Raffaele.** Conspirou contra Leão X, que o degradou e privou dos haveres.

**Rimini (senhor de).** Sigismundo Pandolfo Malatesta, “condottiere” famoso pela sua crueldade. Combateu o papa Pio II.

**Roberto de San Severino.** Capitão das tropas de Veneza contra Ferrara e das forças do papa contra Nápoles.

**San Pietro ad Vincula.** Igreja em Roma, da qual Giuliano della Rovere (o futuro Júlio II) tomou o nome para o seu título de cardeal.

**Savonarola, Fra Girolano.** Nascido em Ferrara em 1452, chamado a Florença em 1480, por Lorenzo de Médici. Ao tempo da expulsão destes, organizou a nova república florentina sobre bases democráticas. Em 1498, o partido dos Médici (os “Palleschi”) dirigiu o ataque contra o palácio do “Capitano del Popolo”. Obizzo Degli Alidosi. Abandonado pelo povo, foi preso e executado.

**Septimius Severus** (193-211). Deposto o imperador Pertinax, pela guarda pretoriana, as legiões impuseram os seus candidatos ao império: o exército do Reno aclamou Claudius Albinus, o do Danúbio, Septimius Severus, e o do Oriente, Pescennius Niger. Septimius Severus chegou a Roma em primeiro lugar, dissolveu a guarda pretoriana e depois dirigiu-se para o Oriente, sitiou Bizâncio e, tendo tomado Antióquia, derrotou completamente Pescennius Niger. Voltando depois ao Ocidente, desbaratou o exército de Albinus, numa grande batalha, perto de Lião, restabelecendo assim a unidade do império. Fundou a última dinastia romana — a dos imperadores africanos.

**Sforza, cardeal Ascânio.** Irmão de Ludovico, o Mouro, candidato ao pontificado, vendeu os votos de que dispunha aos Bórgia. Destronado o irmão pelos franceses, o cardeal Ascânio foge de Milão, mas, preso logo depois, é mandado para a França. Voltou a Roma depois da morte de Alexandre VI.

**Sforza, Francesco.** Filho do grande “condottiere” Muzio Attendolo Sforza da Cotignola, a quem sucedeu na chefia dos “Sforzeschi”, facção militar oposta à dos “Bracceschi”. Casado com Bianca Maria, filha de Filippo Maria Visconti, duque de Milão, granjeou grande influência no ducado. À morte de Filippo, formaram-se três partidos em Milão: os adeptos do rei de Nápoles (Afonso); os de Francesco Sforza; e os partidários da constituição de uma cidade livre em Milão. Estes venceram a princípio, mas depois da revolta de Pávia e Parma, os milaneses confiaram a Francesco Sforza a defesa do Estado contra os venezianos, que já se tinham apoderado de Lodi e Piacenza. Sforza derrotou os venezianos na batalha de Caravaggio (1448), ligando-se, porém, logo após, aos vencidos, contra Milão, onde entrou, como duque, em 1450.

**Sforza, Ludovico.** Assassinado o duque de Milão, Galeazzo Maria Sforza (1476), o irmão Ludovico, duque de Bari, usurpou o ducado ao sobrinho Giovanni Galeazzo, menino de oito anos, de quem se fez tutor. O Mouro, como passou à história, ficou senhor de fato

de Milão, mas foi-lhe sempre negado geralmente o direito à investidura ducal. (Ver *Luís XII.*)

**Teseu.** Herói da mitologia grega a quem os atenienses atribuíram a fundação do seu Estado.

**Venafro, Antonio Giordano da** (1459-1530). Famoso jurista e professor na Universidade de Siena. Conselheiro de Pandolfo Petrucci.

**Visconti, Bernabò.** Um dos três candidatos do arcebispo Giovanni Visconti que partilharam a sucessão do tio no governo de Milão (1534). É lendária a figura de Bernabò pela sua crueldade. Foi envenenado em 1585 pelo sobrinho Giovanni Galeazzo, que obteve do imperador Venceslau o título de duque de Milão.

**Vitelli, Niccolò.** Expulso em 1474 da Città di Castello pelo papa Xisto IV, voltou a dominar aí em 1482.

**Vitelli, Paolo.** “Condottiere” que combateu por Florença contra Pisa. Suspeito de traição, foi executado em 1499.

**Vitelli, Vitellozzo.** Irmão de Paolo, senhor da Città di Castello, serviu sob César Bórgia. Foi um dos conjurados de La Maggione, contra aquele. Estrangulado em Sinigaglia.

**Xenofonte.** Autor da *Ciropédia* (*A educação de Ciro*).

**Xisto IV, papa** (Francesco della Rovere). (1471-1484). Apoiou o ataque de Veneza a Ferrara. Depois dos êxitos militares daquela, o papa voltou-se contra Veneza, fundando a “Lega Santissima”, com Nápoles, Florença e Milão.

DIREÇÃO GERAL  
*Antonio Araújo*

DIREÇÃO EDITORIAL  
*Daniele Cajueiro*

EDITORA RESPONSÁVEL  
*Ana Carla Sousa*

PRODUÇÃO EDITORIAL  
*Adriana Torres*  
*Luana Luz de Freitas*

REVISÃO  
*Carolina Rodrigues*

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO  
*Futura*

CAPA  
*Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial*

IMAGEM DE CAPA  
*RonTech3000-Shutterstock*

PRODUÇÃO DE EBOOK  
*S2 Books*

[1] Gustavo Cerbasi é mestre em administração/finanças pela FEA/USP, formado em administração pública pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com especialização em finanças pela Stern School of Business – New York University e pela Fundação Instituto de Administração (FIA), além de lecionar em cursos de pós-graduação e MBAs.

[2] Uma entre as várias unidades de distância chinesas, equivalente a 576 metros.

[3] Nessa passagem, Sun Tzu estava se referindo às notas musicais usadas na China antiga.

[4] *Caminho*: O caráter de Caminho se lê “Michi” em japonês, ou “Do” na escrita de base chinesa. Ele é equivalente ao chinês “Tao” e significa toda a vida do guerreiro, sua devoção à espada, seu lugar na burocracia recendente a Confúcio do sistema Tokugawa. Ele é a estrada para o cosmos; não somente um programa ético para que o artista e o sacerdote orientem suas vidas, mas as pegadas divinas de Deus apontando o Caminho.

[5] *Estratégia*: “Heiho” é uma palavra de derivação chinesa que significa estratégia militar: “Hei” significa soldado e “Ho” significa método ou forma.

[6] *Preito ao céu*: “Tem” ou céu significa a religião xintoísta. Xinto, a palavra composta dos caracteres “Kami” (Deus) e “Michi” (caminho), é a velha religião do Japão. No xintoísmo há muitas divindades, deuses do aço e fermentação, lugar e indústria, e assim por diante, até os primeiros deuses, ancestrais da linhagem imperial.

[7] *Kwannon*: Deus(a) da misericórdia no budismo.

[8] *Arima Kihei*: Da escola Xinto. Veja nota 15.

[9] *Todas elas sem nenhum mestre*: Havia tradições artísticas institucionalizadas para as artes no período Muromachi, um sistema de graus e licenças e antiguidade, que se perpetuaram provavelmente com maior rigidez sob a burocracia dos Tokugawas. Musashi estudou diversas artes em diversas escolas, mas quando, depois de sua iluminação, ele deu curso a seus estudos, já havia um hiato intransponível entre seu método e os ensinamentos tradicionais. Eis suas palavras finais no livro do Nada: “E então você começará a pensar nas coisas sob um ângulo mais aberto, e a entender o Nada como o Caminho, e verá o Caminho como o Nada.”

[10] *Espírito*: “Shin” ou “Kokoro” já foi traduzido como “coração”, “alma” ou “espírito”. Outras possibilidades seriam sentimento, atitude. Diz-se sempre que “A espada é a alma do samurai”.

[11] *A hora do tigre*: Anos, meses e horas recebiam nomes segundo o antigo sistema zodiacal chinês.

[12] *Waka*: O poema de trinta e uma sílabas. A palavra significa “Canção do Japão” ou “Canção em Harmonia”.

[13] *Chá*: A arte de beber chá é estudada em escolas, tal como a esgrima. Ela tem todo um ritual próprio, baseado em regras simples mas refinadas, reunindo algumas pessoas numa sala pequena.

[14] *Arco e flecha*: O arco era a arma principal dos samurais dos períodos Nara e Heiano, sendo posteriormente suplantado pela espada. O arco e flecha é praticado como um ritual, a exemplo da espada e do chá. Hachiman, o Deus da Guerra, é retratado muitas vezes como um arqueiro, e o arco aparece frequentemente como parte da parafernália dos

deuses.

[15] *Da pena à espada*: “Bunbu Itchi” ou “Pena e espada em comum acordo” é um ditado apresentado numerosas vezes em exemplos caligráficos. Os rapazes do período Tokugawa eram educados apenas na escrita dos clássicos chineses e no exercício da esgrima. Na realidade, a pena e a espada abrangiam toda a vida da nobreza do Japão.

[16] *Aceitação resoluto da morte*: Esta ideia pode ser resumida como a filosofia exposta no *Ha Gakure*, ou “Folhas Ocultas”, um livro escrito no século XVII por Yamamoto Tsunenori e alguns outros samurais da província Nabeshima Han, antiga Saga. Sob o governo dos Tokugawas, a imposição da lógica confuciana influenciou a cultura japonesa e assegurou a estabilidade entre os samurais, porém implicou também o abandono de alguns aspectos do Bushido. A disciplina tanto para samurais quanto para plebeus tornou-se mais frouxa. Yamamoto Tsunenori fora conselheiro de Mitsushige, senhor de Nabeshima Han, durante muitos anos, e quando da morte de seu senhor quis cometer suicídio junto com sua família da maneira tradicional. Esse tipo de suicídio estava estritamente proibido pela nova legislação e, roído pelo remorso, Yamamoto retirou-se entristecido para as cercanias de Nabeshima Han. Ali ele encontrou outros que haviam passado pela mesma provação, e juntos escreveram um lamento sobre o que consideravam ser a decadência do Bushido. Sua crítica é um comentário revelador sobre as transformações por que passou o Japão à época de Musashi: “Não há outra maneira de se descrever o que um guerreiro deve fazer, exceto mostrar que ele deve se ater ao Caminho do guerreiro (Bushido).” Constato, porém, que todos os homens fogem dessa obrigação. São poucos os que sabem responder rapidamente à pergunta: “Qual é o Caminho do guerreiro?” E não sabem responder porque o desconhecem em seus corações. Daí vemos que não trilham o Caminho do guerreiro. E pelo Caminho do guerreiro falamos da morte. Ele implica escolher a morte sempre que há possibilidade de escolha entre vida e morte. Ele não significa nada além disso. Ele significa ir até o fundo das coisas, resolvê-las todas. Ditados como “Morrer sem realizar suas intenções é morrer inutilmente” e outros semelhantes são modelos de um Bushido fraco, de Kyoto e Osaka. Há uma dúvida sobre a obediência ao plano original quando surge pela frente uma questão de vida ou morte. Todo homem quer viver. Eles teorizam sem nunca esquecer a vontade de ficar vivos. “O homem que continua vivendo sem realizar sua intenção é um covarde” não passa de uma definição despida de sentimento. E dizer que morrer fracassado é morrer inutilmente é um ponto de vista alucinado. Isso nunca foi vergonha. Isso é o que há de mais importante no Caminho do guerreiro. Quem mantiver o espírito são da manhã à noite, acostumado à ideia da morte e resoluto quanto à morte, e se considerar um corpo morto, formando uma identidade com o Caminho do guerreiro, viverá a vida sem possibilidade de fracasso e desempenhará sua tarefa com propriedade.

“O Servidor deve cuidar atentamente dos negócios do senhor. O homem que pensa assim é excelente servidor. Nessa casa viveram gerações de esplêndidos cavalheiros, e estamos todos profundamente marcados por sua gentileza afetuosa... todos os nossos ancestrais. O que fizeram foi simplesmente abandonar corpo e alma pelo bem de seu senhor.”

“Além do mais, nossa casa se destaca em sabedoria e conhecimentos técnicos. Que alegria, se tudo isso pudesse ser usado para nosso proveito.”

“Até mesmo um homem inadaptável, completamente inútil, será um servidor de toda confiança se nada mais fizer que não pensar atentamente no bem-estar de seu senhor. Pensar apenas nas vantagens práticas da sabedoria e da tecnologia é vulgar.”

“Alguns homens são propensos a ter inspirações súbitas. Alguns homens não têm boas

ideias a todo minuto, mas chegam à resposta por meio de uma lenta ponderação. Se investigarmos o centro da questão, ainda que cada pessoa tenha capacidades diversas das outras pessoas, nunca esquecendo os Quatro Juramentos, quando nosso pensamento se elevar acima da preocupação com nosso próprio bem-estar, a sabedoria, independentemente do pensamento, se manifestará. Quem analisa profundamente as coisas, embora possa avaliar com cuidado o futuro, acabará, no mais das vezes, raciocinando em torno de seu próprio bem-estar. E como resultado desse tipo de pensamento mau, a pessoa só agirá mal. É difícilimo que os vãos e os tolos se elevem acima de seu próprio bem-estar.”

“Portanto, quando você se dedicar a algum empreendimento, antes de se pôr a caminho, fixe sua intenção nos Quatro Juramentos e deixe para trás o egoísmo. Assim você jamais fracassará.”

“Os Quatro Juramentos: Nunca falte ao respeito para com o Caminho do guerreiro. Seja útil ao senhor. Respeite seus pais. Vá além do amor e da tristeza: exista pelo bem do homem.”

[17] *Nossos senhores*: Referência aos daimyos, que empregavam grande número de samurais para sua defesa (veja nota anterior).

[18] *Kashima Kantori*: As escolas originais de Kendo podem ser encontradas nas tradições preservadas em santuários xintoístas. Muitos dos ancestrais da escola estão enterrados na região de Kanto, não muito distante de Tóquio, onde os santuários de Kashima e Kantori se encontram até hoje. Arima Kihei, o samurai que Musashi matou com treze anos de idade, era um esgrimista da escola xintoísta associada aos santuários. A escola Yagyu derivou do estilo Kashima. O xintoísmo era a religião do esforço na vida cotidiana, e os Deuses da Guerra entronizados em Kashima e Kantori são invocados ainda hoje como parte dos exercícios diários da escola xintoísta.

[19] *Dojo*: “Dojo” significa “lugar do Caminho”, a sala onde alguma coisa é estudada.

[20] *Quatro Caminhos*: Veja a Apresentação, onde estão explicadas as quatro classes da sociedade japonesa.

[21] *Carpinteiro*: Todos os prédios do Japão, excluindo-se as muralhas dos grandes castelos, que surgiram algumas gerações antes do nascimento de Musashi, eram de madeira. “Carpinteiro” significa arquiteto ou construtor.

[22] “*Quatro Casas*”: A família Fujiwara possuía quatro ramificações e dominou o Japão no período Heiano. Havia também quatro escolas de chá diferentes.

[23] *Casa guerreira*: As famílias guerreiras que controlaram o Japão durante a maior parte de sua história mantinham exércitos particulares, cada qual com seu comandante próprio.

[24] *Portas corrediças*: Os prédios japoneses usam com máxima liberalidade as portas corrediças, paredes intercambiáveis e painéis de madeira que, no passado, eram postos sobre as aberturas das portas durante a noite ou durante o inverno.

[25] *Tal como o soldado, o carpinteiro afia suas ferramentas, seus instrumentos de trabalho*: O afiamento e o polimento da espada japonesa são um trabalho realizado, hoje, apenas por especialistas, mas provavelmente era uma arte mais difundida nos tempos de guerra. Se a espada for polida com imperfeição e a superfície da lâmina tiver forma incorreta, ainda que muitíssimo afiada, ela jamais conseguirá cortar boas armas e armaduras.

[26] *Pequenos santuários*: Os pequenos santuários dedicados aos deuses xintoístas são encontrados em todos os lares japoneses.

[27] *Cinco livros*: *Go Rin No Sho* significa um livro de cinco anéis. Os “Go Daí” do budismo são cinco elementos que compõem o cosmos (Os Cinco Grandes): terra, água, fogo, vento e nada. Os “Go Rin” (Cinco Anéis ou Cinco Círculos) do budismo são as cinco partes do corpo humano: cabeça, cotovelo esquerdo, cotovelo direito, joelho esquerdo e joelho direito.

[28] *Vento*: O caráter japonês que representa “vento” também significa “estilo”.

[29] *Nada*: O Nada, ou o Vazio, é o nome dado pelo budismo à natureza ilusória das coisas terrenas.

[30] *Duas espadas*: Os samurais usavam duas espadas enfiadas na faixa da cintura com a lâmina voltada para cima pelo lado esquerdo. A espada mais curta, ou espada companheira, nunca era abandonada, enquanto a espada longa só era usada em ambientes abertos. De tempos em tempos, criavam-se no Japão leis regulamentando o estilo e o comprimento das espadas. Os samurais podiam portar duas espadas, mas as outras classes só tinham permissão de usar uma como proteção contra salteadores de estrada (veja a Apresentação). Os samurais deixavam suas espadas curtas à cabeceira da cama quando se deitavam, e havia prateleiras especiais para a espada longa em todo vestíbulo de casa de samurai.

[31] *Lança e alabarda*: As técnicas de luta com lança e alabarda são idênticas às da luta com espada. As lanças adquiriram popularidade pela primeira vez no período Muromachi, acima de tudo como armamento para grandes grupos de infantaria, e mais tarde tornaram-se objetos de decoração nas procissões de daimyos entre seus domínios e a capital no período Tokugawa. A lança era usada para corte e estocada, mas não para arremesso.

A alabarda e outros armamentos semelhantes com lâminas curvas compridas eram usados com eficácia contra a cavalaria, principalmente, e acabaram sendo adotados por mulheres na defesa de seus lares quando da ausência dos maridos e outros homens da localidade. A arte de seu uso é ainda hoje estudada por grande número de mulheres.

[32] *Canhão*: O canhão japonês era do tipo arcabuz, levado para o país por missionários. O arcabuz continuou sendo usado no Japão até o século XIX.

[33] *Dança*: São vários os tipos de dança. Há danças festivas, como a dança da colheita, que possuem características locais e são repletas de cor, das quais participam, às vezes, muitas pessoas. Há o teatro Noh, no qual poucas pessoas representam, e onde são utilizados movimentos estilizados. Há, ainda, a dança do leque e a dança da espada.

[34] *Técnicas de recinto fechado*: A maioria dos Dojos ficava em recinto fechado, cercado de um alto grau de formalidade e ritual, afastados dos olhos curiosos das escolas concorrentes.

[35] *Teruo Magonojo*: O discípulo, às vezes chamado de Teruo Nobuyuki, a quem Musashi dirigiu *Go Rin No Sho*.

[36] *Teste de espada*: As espadas eram testadas por profissionais altamente especializados. A espada era colocada num suporte próprio e faziam-se cortes de teste em corpos, fardos de feno, armaduras, lâminas metálicas etc. Em algumas espadas antigas, encontraram-se marcas indicando a “nota” dada a elas por quem as avaliou.

[37] *Trabalho dos pés*: Escolas diferentes adotavam métodos de movimentação também diferentes. Yin- Yang, ou In-Yo, em japonês, significa fêmea-macho, treva-luz, direita-esquerda. Musashi advoga um estilo de passo de “naturalidade”, embora seja enfático quanto ao significado desses parâmetros; a questão do pé esquerdo e do pé direito surge no Livro do Vento do *Go Rin No Sho*. Antigas escolas de jiu-jítsu advogam a realização do primeiro ataque com o lado esquerdo para a frente.

[38] *O Caminho da espada longa*: O Caminho como meio de vida, como o trajeto natural da lâmina de uma espada. Há um movimento natural da espada associada a um comportamento natural, de acordo com a ética Kendo.

[39] *Leque*: Utensílio carregado por homens e mulheres nos meses quentes do verão. Os militares de armadura às vezes usavam leques de guerra, feitos de ferro.

[40] *Os Cinco Enfoques*: Quem pode entender os métodos de Musashi? É preciso estudar as escolas tradicionais e as técnicas básicas de golpe. Lembre-se sempre de que a técnica de combate pode começar a uma distância maior do que parece à primeira vista. Diz-se que o homem que encarou a morte na ponta de uma espada adquire um conhecimento mais elevado da vida.

[41] *Nenhum Esquema, Nenhuma Ideia*: “Munen Muso” significa a capacidade de agir com calma e naturalmente mesmo diante do perigo. É a harmonia máxima com a existência, o momento em que as palavras e os atos do homem são espontaneamente iguais.

[42] *Golpe das Folhas Vermelhas*: Musashi alude, possivelmente, às folhas mortas que caem das árvores.

[43] *Corpo de Macaco Chinês*: Macaco chinês significa, aqui, um macaco de braços curtos.

[44] *Corpo de Cola e Laca*: O trabalho de laca, que tem seu nome derivado do Japão e é usada para revestir móveis e utensílios domésticos, obras de arquitetura, armamentos e armaduras.

[45] *Há muitos inimigos*: Musashi é considerado o inventor do estilo das Duas Espadas. Sua escola é chamada às vezes de “Nito Ryu” (escola de duas espadas) e outras, de “Niten Ryu” (escola de dois céus). Ele deixou escrito que as duas espadas devem ser empregadas quando o inimigo é numeroso, mas as pessoas treinam com uma espada em cada mão como meio de conseguir vantagens práticas na esgrima. Ressalte-se que Musashi usava ainda a palavra “duas espadas” para indicar o uso de todos os recursos em combate. Ele próprio jamais utilizou as duas espadas em luta com qualquer esgrimista habilidoso.

[46] *Tradição oral*: Outras escolas Kendo também possuem tradições orais paralelas aos ensinamentos transmitidos de maneira formal.

[47] *Um golpe*: Seja qual for o significado desta expressão, vale a pena notar a “Hitotsu Gachi” (uma vitória) da técnica Kiri Otoshi da escola Itto Ryu, em que um golpe representa ataque e defesa, abatendo a espada e o inimigo, e também a “Itachi no Tachi” (espada longa de um) do estilo xintoísta.

[48] *Espada de treinamento, feita de bambu*: Durante a história do Kendo, foram usadas diversas espadas de treinamento. Algumas eram feitas de bambu rachado coberto de pano ou couro de animais.

[49] *Armadura completa*: as palavras “Roku Gu” (seis peças) foram as escolhidas por

Musashi. Este tipo de armadura tem elmo, máscara, proteção para o corpo, proteção para as coxas, proteção para as pernas e manoplas.

[50] *Kamiza*: É a residência do espírito ancestral da casa; o chefe da casa é quem se senta mais próximo do Kamiza, que é em geral uma pequena reentrância na parede contendo um pergaminho, uma armadura ou algum objeto de devoção religiosa.

[51] *Três Métodos para Surpreender o Inimigo*: O grande espadachim, como qualquer grande artista, terá dominado a técnica de surpreender o inimigo. O grande espadachim está sempre “adiante” do ambiente. E isso nada tem a ver com velocidade. Não há como derrotar um grande espadachim, pois no subconsciente ele interpreta a origem de toda ação real. Ainda se veem hoje, em treinamentos de Kendo, velhinhos maravilhosos golpeando lentamente os jovens campeões na cabeça com a maior tranquilidade. Isso revela uma profunda capacidade de penetrar instantaneamente em qualquer situação.

[52] *Prender a Almofada*: Os samurais e as damas japonesas dormiam com a cabeça num pequeno travesseiro ou almofada de madeira cuja forma acompanhava a do corte do cabelo.

[53] *Soltar Quatro Mãos*: “Yotsu te o hanasu” — a expressão “Yotsu te” significa uma atuação em que os dois braços estão entrelaçados nos braços do inimigo, ou um “impasse”. Ela é, ainda, usada para descrever versos, artefatos com os quatro cantos encaixados, como certas redes de pesca, e também uma peça do vestuário feminino formada por um quadrado de pano preso por trás sobre cada ombro e sob cada braço, com um nó no peito.

[54] *Corpo da Pedra*: Aparece no *Terao Ka Ki*, a crônica da casa de Terao. Certa vez, um senhor perguntou a Musashi: “O que é o ‘Corpo da Pedra’?” Musashi respondeu: “Por favor, mande chamar meu discípulo Terao Ryuma Suke.” Quando Terao apareceu, Musashi mandou que ele se matasse cortando o abdômen. No exato instante em que Terao estava prestes a iniciar o corte, Musashi o interrompeu e disse ao senhor: “Isto é o ‘Corpo da Pedra’.”

[55] *Futebolistas*: O futebol era um jogo de quadra no Japão antigo. Há uma referência a ele no *Genji Monogatari*.

[56] *Velho Pinheiro*: *KoMatsu Bushi*, antiga canção para flauta ou lira.

[57] *Portal*: Um aluno, ao se matricular numa escola, teria de passar pelo portal do Dafo. Entrar no portal de um mestre significava iniciar os estudos.

[58] “Aos ricos parecia que *O príncipe* fosse um documento para ensinar o duque a tirar-lhes o que tinham e aos pobres toda a liberdade. Aos Piagnoni, o livro parecia herético; aos bons, desonesto; aos maus, pior e mais bravo do que eles próprios, de modo que todos o odiavam.” (cit. por Villari, *Machiavelli e Suoi Tempi*, vol. II, p. 173.)

[59] Maquiavel refere-se aqui à sua obra *Discorsi Sopra la Prima Deca di Tito Livio*.

[60] Ver no glossário de nomes *D’Este*.

[61] A Normandia uniu-se à coroa da França em 1204; a Gasconha, em 1453; a Borgonha, em 1477, pela morte de Carlos, o Temerário; a Bretanha uniu-se virtualmente à coroa pelo casamento de Ana da Bretanha com Carlos VIII, pois cabia àquela a sucessão, por morte do último representante masculino da linha direta da casa reinante. Oficialmente, porém, foi anexada à coroa da França por ocasião do casamento de Cláudia, filha de Ana e Luís XII,

com Francisco I.

[62] Ver no glossário de nomes *Filipe V, da Macedônia*.

[63] Luís XII.

[64] Carlos VIII.

[65] Ver no glossário de nomes *Fernando, o Católico*.

[66] Ver no glossário de nomes *Amboise (d')*.

[67] Esparta, para assegurar a sua hegemonia sobre os Estados da Grécia, teve de restaurar as oligarquias, isto é, alimentou as antigas facções conservadoras. Assim, em Atenas (404 a.C.), o partido reacionário conseguiu formar um governo provisório composto de trinta membros, o qual inaugurou o terror e era garantido pela ocupação militar espartana. Condições análogas aproximaram Tebas de Atenas, e aliaram-se as duas. O exército espartano (378) voltou a Esparta, sem vitória.

[68] Episódio das guerras romanas.

[69] No mesmo ano em que Carlos VIII invadia a península (1494), Pisa rebelava-se, os piões lançaram ao Arno o “Marzocco” (o escudo da República). Durou a guerra entre Florença e Pisa 15 anos, sendo, por fim, esta obrigada a render-se. Maquiavel teve papel importante nas negociações da paz.

[70] “Que não lhe faltava para ser rei senão um reino.”

[71] Ver no glossário de nomes *Orsini*.

[72] Ver no glossário de nomes: *Júlio II, Colonna (Giovanni), Riario di Savona (Raffaele) e Sforza (Ascânio)*.

[73] Commines, o cronista francês, refere que ao papa Alexandre VI se atribuía o dito que “os franceses, ao invadir a Itália, tomaram do giz para marcar os seus acampamentos, e não de espadas para combater”, querendo significar a falta de resistência dos Estados italianos.

[74] Ver no glossário de nomes *Hawkwood (Sir John)*.

[75] O imperador João Cantacuzene, em guerra contra a facção dos paleólogos, aliou-se, em 1346, com o sultão Orchan. Finda a guerra, os turcos estabeleceram-se em Gallipoli.

[76] “Nada é tão instável quanto a fama de poderio de um príncipe quando não apoiada na própria força.”

[77] Florença fomentava a discórdia entre as facções rivais de Pistoia (Panciatichi e Cancellieri). Em 1502, uma série de motins determinou a ocupação da cidade pelo governo florentino.

[78] “A dura condição das coisas e o fato mesmo de ser recente o meu reinado obrigam-me ao rigor e a fortificar as fronteiras.”

[79] Dizia-se de Alexandre VI que ele nunca fazia o que dizia, ao passo que César Bórgia nunca dizia o que ia fazer.

[80] Alusão a Fernando, o Católico.

[81] “Por direito hereditário.”

[82] Ver no glossário de nomes *Forli (senhora de)*.

[83] “Quanto à opinião de que não deveis intervir na guerra, nada é mais nocivo aos nossos próprios interesses, pois, sem compensação e ingloriamente, sereis presa do vencedor.”

[84] Provavelmente, alusão a César Bórgia.

[85] “Justa, na verdade, é a guerra, quando necessária, e piedosas as armas quando só nas armas reside a esperança.”

[86] “A virtude tomará armas contra o furor e será breve o combate, pois o antigo valor ainda não está morto nos corações italianos.”

PREFÁCIO DE GUSTAVO CERBASI

# A ARTE DA GUERRA

OS TREZE CAPÍTULOS COMPLETOS



SUN TZU

Ediouro

# A arte da guerra

Tzu, Sun

9788520926307

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Milenar tratado militar de Sun Tzu, A Arte da Guerra é tão compreensível e atual que se tornou um texto clássico. Acredita-se, inclusive, que o livro tenha sido usado ao longo dos tempos por estrategistas militares como Napoleão, Adolf Hitler e Mao Tse Tung. Hoje, o livro migrou das estantes dos estrategistas para a dos economistas, administradores, políticos, vendedores, empresários e todos aqueles cuja meta é a vitória – em todos os níveis. Nesta edição, além dos 13 capítulos completos, o leitor vai se aprofundar no tema com a riquíssima introdução dos professores Antonio J. B. de Menezes Júnior e Chen Tsung Jye, ambos do curso de chinês do Departamento de Letras Orientais da USP. Outro diferencial é o prefácio de Gustavo Cerbasi, autor de best-sellers na área de negócios como Casais Inteligentes Enriquecem Juntos e Investimentos Inteligentes.

[Compre agora e leia](#)

Organização e edição de Aniela Jaffé

# MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES

CARL G. JUNG



# Memórias, Sonhos, Reflexões

Jung, Carl G.

9788520932193

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reunidas e editadas poucos anos antes da morte de Jung, por Aniela Jaffé, sua colaboradora, essas memórias se apresentam como uma autoanálise de um dos grandes pensadores da humanidade. Nelas, estão presentes fatos como a pesquisa do inconsciente como caminho do eu interior, as divergências da psiquiatria do princípio do século e as viagens à África.

[Compre agora e leia](#)



*Somos o*  
**Brasil**  
NELSON RODRIGUES  
WE ARE BRAZIL



# Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!"

Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"

EDIÇÃO BILÍNGUE /BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)



RUBEM  
FONSECA

Calibre 22  
*Rubem Fonseca*

# Calibre 22

Fonseca, Rubem

9788520941355

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste novo livro de contos, Rubem Fonseca traz de volta um personagem marcante de sua trajetória literária, o detetive Mandrake, contratado para desvendar quem está por trás de uma série de assassinatos envolvendo o editor de uma famosa revista feminina. Além dessa, a coletânea reúne outras narrativas mais curtas, em que temas caros ao autor voltam à cena, entre eles a desigualdade social e suas consequências muitas vezes trágicas; a violência motivada por racismo, misoginia, homofobia e outros preconceitos; a crítica velada ou escancarada a dogmas religiosos; as atitudes imprevisíveis de mentes psicopatas. Tiros certos de um autor do mais alto calibre.

[Compre agora e leia](#)

Nelson Rodrigues

# A PÁTRIA DE CHUTEIRAS



# A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante." Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)